
NUNCA
ME
DEIXE
J. J.
McAVOY

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Sobre a Autora

J.J. McAVOY

NUNCA ME DEIXE

Traduzido por Samantha Silveira

1ª Edição

The GiftBox

2018

Copyright © The Gift Box, 2018
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:
Roberta Teixeira
Gerente Editorial:
Anastacia Cabo
Tradução:
Samantha Silveira
Revisão:
Michele MacCulloch
Diagramação:
Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

M429n

McAvoy, J. J.
Nunca me deixe [recurso eletrônico] / J. J. McAvoy ; tradução Samantha Silveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2018.
recurso digital ; 6 MB

Tradução de: Never let me go
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-52923-41-1 (recurso eletrônico)

1. Romance canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Silveira, Samantha. II. Título.

18-53702
CDD: 819.13
CDU: 82-3(71)

Dedicado àqueles entre nós com os corações confusos e histórias de amor complicadas...

CAPÍTULO 1

Me mate, me salve



DORIAN

01 de maio

Continue lutando.

Por que fez isso com você mesmo?

Como é que vou viver sem você?

Por que fez isso?

Essas eram apenas algumas das coisas que eu queria dizer ao meu irmão gêmeo, Donovan, o observando assinar a ordem “Não Reanimação” enquanto a enfermeira aguardava pacientemente pelo documento. Minha vontade era de tirar aquilo de seus longos – e esqueléticos – dedos e jogá-lo pela janela, talvez até botar fogo no maldito papel.

Ele não se parecia em nada com o irmão que eu conhecia. Éramos gêmeos idênticos; cabelo castanho-claro, pele clara e olhos azuis – azuis da cor do mar –, como nossa mãe costumava dizer. No entanto, pela primeira vez em trinta e três anos, não éramos nada parecidos. Sua pele estava amarelada, os olhos vermelhos e inchados, seu cabelo parecia quase grisalho, e toda vez que o tocava, os chumaços caíam. Estava tão magro que eu seria capaz de pegá-lo igual levantaria a uma criança. O pior de tudo foi que ele fez isso consigo próprio, da mesma forma que a nossa mãe, e o nosso pai. Todos se envenenaram com drogas e álcool.

Éramos uma família de quatro pessoas, nossos pais haviam morrido de cirrose hepática devido ao abuso de bebidas alcoólicas e Donovan seria o próximo. Nossa família — a família Rhys-Gallagher — tinha uma predisposição genética para beber e uma alta taxa de dependência química. Nossa mãe havia nos avisado disso ao mesmo tempo em que tomava Vicodin e se servia de uma taça de vinho. Nós tínhamos apenas seis anos na época. Depois de perder nossos pais, nunca tomei nada alcoólico. Mas Donovan... Donovan, por outro lado, não tinha esse tipo de controle. A vida toda, sentiu atração por coisas que poderiam matá-lo.

— Pare de me olhar desse jeito. — Ele tentou sorrir, encostando-se na cabeceira da cama. Quis passar seus últimos momentos aqui, na casa de praia da

nossa família nos Hamptons, e não no New York General.

— E como eu deveria te olhar? — respondi, mudando de posição na cadeira.

— Não sei, mas não assim. — Ele abaixou a cabeça, olhando para as mãos. — Já estou sentindo dor demais. Não consigo suportar você bravo comigo.

— Não estou bravo...

— Está sim. Posso sentir. Sempre fui capaz de sentir o que você sente, Dorian. Não perca tempo mentindo para mim agora. Além disso, é falta de educação mentir para um homem à beira da morte.

Então não morra.

Se ele soubesse como eu me sentia, se soubesse como eu sempre me senti, desde que éramos crianças, por que estava me deixando? Por que estava dizendo adeus para sempre?

— Dorian...

— Você está certo — sussurrei, piscando as lágrimas. — Estou com raiva, Don. Estou puto pra caralho. E magoado. E frustrado. Mas posso sentir todas essas coisas e ainda amar você. Eu o amo tanto, irmão, que eu gostaria de lhe dar o meu fígado. Você é a única família que eu tive.

Ele sorriu, lutando contra as próprias lágrimas.

— Estou feliz por não ter dado, porque eu também acabaria com ele. E você só é dois minutos mais velho.

— Continuo sendo o mais velho.

Eu não tinha mais forças para falar isso em tom de brincadeira como costumava. Isso não era engraçado. Era uma tragédia. Tínhamos todo o dinheiro do mundo e se havia alguma coisa que eu pudesse fazer ou comprar, teria ido atrás. Nós éramos compatíveis, poderia ter sido um doador. Teria dado a ele qualquer coisa que precisasse. Mas era tarde demais. Muitos de seus órgãos estavam falhando, ele estava além da minha salvação. Todo o seu corpo estava simplesmente morrendo, e nada poderíamos fazer além de deixá-lo morrer. Por quê? Não dava para entender! Por quê?

— Sinto muito. — Sua voz falhou ao tentar falar e, com a mão esquelética, cobriu a minha.

Tudo que pude fazer foi fitá-lo. Era como se eu estivesse me vendo morrer. Pegando a sua mão, apertei gentilmente. Não disse nada. O que eu podia dizer? Não tinha palavras. Só sentia essa dor profunda na garganta. Não era uma ardência excruciante, parecia que tinha um pedaço de madeira queimando lentamente.

— A gente precisa falar do funeral.

Fechando os olhos, balancei a cabeça.

— Tá bom.

— Você sabe o que eu quero, né? É melhor não fazer errado, ou vou... — disse ele pausadamente até parar de falar.

Eu tentei animar nossa conversa, embora soubesse que não faria muita diferença.

— Jogar meu Nintendo na piscina de novo?

Ele sorriu, e eu vi o quanto seus dentes estavam sujos e amarelos.

— Isso é o que você ganha por quebrar minha bicicleta.

— Teve um *recall* dela mais tarde, então você devia me agradecer.

Ele fez cara feia.

— Não me coloque de terno no caixão... Isso nunca... Melhor ainda, me deixe pelado.

— Ah, e que tal *não*? A última vez que eu te ver, não será pelado em um caixão — respondi, tentando ignorar meu sofrimento.

—Tudo bem, mas eu quero...

— Você quer tulipas vermelhas e brancas de hastes longas, radiantes e frescas, como as que a mamãe usou no dela. Na recepção, não importa a quantidade de amigos famosos da família que virão, só preciso me certificar de que não sirvam aquele maldito caviar. Além disso, devo usar apenas fotos espontâneas suas, porque são sempre as melhores. Melhor ainda, aquela em que estava em sua Harley. Não quer se parecer com um engomado de terno. E, por último, mas não menos importante, não devo ficar bravo ou nervoso com isso e servir bebidas alcoólicas. Só porque *nós* temos problema, não significa que todo mundo deveria deixar de se divertir, certo? Você gosta da ideia das pessoas contando histórias a seu respeito com as taças erguidas — recitei as palavras que ele me disse meses atrás, palavra por palavra. — Ainda não sei se a sua memória fotográfica é legal ou assustadora. — Eu ia dizer mais alguma coisa, mas me levantei para pegar a bacia ao seu lado quando ele começou a tossir sangue de novo.

— Ahh... Urh — Ele segurou meu ombro enquanto engasgava em agonia.

— Preciso de ajuda aqui! — chamei a enfermeira, que já vinha com a morfina.

— Por que eu não consegui parar? — lamentou, sangue escorrendo de seu lábio. A enfermeira pegou a bacia da minha mão e o limpou com uma toalha, enxugando suavemente seus lábios rachados. — Eu sinto muito, Dorian. Muito mesmo.

Não pisquei para segurar as lágrimas dessa vez, apenas as deixei cair,

ajudando-o a se deitar e sentando ao seu lado.

— Eu sei. Nada disso é culpa sua. É uma doença, você estava doente. Não estou bravo com você.

Ele apertou a mão, lágrimas escorrendo de seus olhos avermelhados.

— Por que não consegui ser forte igual a você?

— Eu não sou forte, você sabe disso — sussurrei. — Ando por aí como se eu fosse tudo isso, mas você sabe melhor do que ninguém que não sou tão forte quanto as pessoas pensam. Estou com tanto medo do que vai acontecer quando você se for, e estou sozinho.

— Você não vai ficar sozinho. Preciso lhe mostrar uma coisa. — Ele tentou alcançar a gaveta do criado-mudo.

— Deixa que eu pego. — Eu o ajudei a se acomodar na cama antes de abri-la. Dentro havia uma caixa de charutos de madeira. — Isso não é do papai?

— Ele me deu antes de morrer. Disse que eu deveria colocar as melhores coisas aí dentro. Abra.

Eu não queria. Parecia que se eu o fizesse, ele desistiria de lutar.

— Por favor, Dorian.

Dentro havia uma foto. Ao tirá-la da caixa, eu congelei, coração disparado, e tudo o que eu pude fazer foi olhar para ele de novo.

— Donovan.

— Sim. — Ele deu um sorriso radiante de tão feliz que ficou ao ver a imagem. — É um menino.

Meus olhos voltaram para a foto embaçada de ultrassom em preto e branco.

— Você tem um filho? Quando? Com quem?

Ele pegou a foto da minha mão, com os olhos marejados e molhados.

— Foi há quatro anos, você não sabia porque não estávamos nos falando na época. Você disse que não podia me ver enquanto eu me matava. Foi provavelmente o meu momento mais sombrio. Mas eu conheci uma garota. Ela era um verdadeiro amor e uma tremenda guerreira, também. Ela fez o melhor que pôde para me salvar. Fiz o que sempre faço e estraguei tudo. Eu a traí mais de uma vez. Quando ela me contou que estava grávida, eu disse para abortar. Ela me deu um soco na cara. Nós brigamos e eu fui embora, mas não antes de pegar todo o dinheiro... Porra, cara. — Sua mão tremia ao cobrir a boca. — Eu simplesmente saí e a deixei sem nada. Ela não tinha família nem amigos, ninguém. Sequer sabia quem eu era, mas me amava.

— Qual era o nome dela?

Ele finalmente levantou o olhar.

— Luella. Todos a chamavam de Lulu, e eu me sinto um idiota porque

não consigo me lembrar de mais nada. A lembrança que tenho dela, de tudo, está tão ferrada. Passei a maior parte do tempo em que estive com ela no Brooklyn. Sempre quis encontrá-los, dizer que não era homem suficiente para ficar. Por favor, Dorian, prometa que vai encontrá-los. Descubra o que aconteceu com Lulu e com meu filho. Eles precisam saber que sinto muito. É tudo o que peço.

— Eu juro. — Não sabia mais o que dizer.

— Você acha que ele se parece comigo? Com a gente? — perguntou, e eu deitei ao lado dele do jeito que fazíamos quando éramos criança. Ele falou de como gostaria de ter seguido um caminho diferente para a sua vida. Até que fechou os olhos para sempre, levando também uma parte de mim com ele.

9 de maio

O funeral de Donovan foi do jeito que ele queria, uma grande e feliz comemoração para todos, exceto para mim. Os convidados riram, celebraram e contaram histórias dele que eu nunca tinha ouvido. Nesses momentos, eu o vi claramente feliz, cheio de vida, e então, tudo acabou e todos foram embora. Enquanto caminhava pela casa, percebi o quanto tudo estava frio e vazio agora que ele tinha morrido.

Por que eu trabalhei tão duro?

Qual era o motivo de viver agora?

O que devo fazer?

Estou sozinho!

Antes mesmo de perceber o que estava fazendo, comecei a jogar no chão tudo que estava sobre a velha mesa do escritório do meu pai, pegando a luminária de canto e a arremessando do outro lado da sala. Se podia não fosse fixo, eu agarrava e jogava, sacudia e quebrava. E, talvez, fosse um sinal, talvez fosse o diabo esfregando na minha cara, zombando de mim. Afinal, quais eram as chances de uma garrafa de bebida rolar de trás das pilhas de livros enquanto eu as chacoalhava. Eu a encarei por um momento, o líquido claro dentro, e todas as antigas razões para nunca tocar, nunca beber, pareciam não importar mais.

Abaixando-me, eu a peguei. Estava farto. Cansado. Só queria que a dor parasse. Então, tirei a tampa e quando estava prestes a colocá-la na boca, ouvi alguém dizer:

— Por favor, não.

Por um segundo, pensei ter imaginado a voz. Quando olhei para trás, vi uma mulher com belos olhos castanho-esverdeados, pele impecável e convidativa, e cabelo castanho-escuro longo e ondulado. Ela estava para nas portas de correr, usando uma camisa preta simples e saia. Em suas mãos havia bandejas e uma tigela grande. *Uma das empregadas?* Ela as colocou no chão antes de correr até mim. Pegando a garrafa da minha mão, ela abriu a janela e a

soltou, deixando a garrafa se quebrar em mil pequenos pedaços no chão.

— Entendo que está sofrendo, mas não se sentirá melhor depois de beber isso, acredite em mim — afirmou ela.

— E se eu não estiver querendo me sentir melhor? — perguntei.

Ela franziu a testa e pareceu sinceramente magoada por minhas palavras.

— Ninguém quer se sentir pior. Todos nós queremos nos sentir melhor, mas, às vezes, não sabemos como.

Por algum motivo, eu apenas ri. Quero dizer, o que mais eu podia fazer a não ser rir dela?

— Meu irmão está morto. Minha mãe está morta. Meu pai, adivinhe, também está. Não há nada neste mundo que me faça sentir melhor. Então, deixe que eu me sinta mal. Deixe que eu sinta alguma coisa. — O pessoal da limpeza ainda tinha que recolher todos as taças da sala de estar. Fui até lá e peguei uma. Ela passou por mim e pegou tudo, até derramando um pouco em sua camisa, depois correu de volta para o escritório e as jogou pela janela.

Fiquei ali por um momento, atordoado, antes de segui-la.

— Você enlouqueceu, caramba?

— SIM! — gritou ela com o corpo inteiro tremendo e os olhos se enchendo de lágrimas. — Se você se autodestruir, quem vai se lembrar da sua família? Quem vai se lembrar dele? Quem vai colocar flores no túmulo dele e contar histórias...

— ISSO NÃO É DA SUA CONTA!

Ela respirou fundo, como se alguém a tivesse esfaqueado, e seus olhos se arregalaram. Parecia que ela estava se esforçando para falar, para respirar.

— Você o conhecia? — sussurrei, e ela desviou o olhar. — Você conhecia meu irmão?

— Conhecia — respondeu com a voz trêmula.

— De onde?

Respirando fundo, ela olhou para mim e eu esperei que ela falasse. Mas, em vez disso, ela acabou com distância entre nós e seus lábios cobriram os meus. Seus seios roçaram meu peito e suas mãos foram para o meu rosto, agarrando o cabelo. Ela tinha gosto de caramelo e eu abri a boca, querendo mais dela. Minhas mãos seguraram seu quadril, depois desceram e agarraram sua bunda por baixo da saia.

— Por favor, me desculpe. Eu vou embora — disse ela em pânico, quando nos separamos, ambos arfando. Ela tentou se afastar, mas eu não queria soltá-la.

Eu voltei a beijá-la, abraçando-a. Ela congelou por um momento antes de relaxar. Passei suavemente a língua contra a dela e não consegui segurar o

gemido. Pela primeira vez em não sei quanto tempo, eu me senti livre da dor.

— Isso me fez sentir melhor — sussurrei. Nenhum de nós se moveu. Ela me olhou nos olhos, e dava para sentir seu peito subindo e descendo contra o meu. Lentamente, ela se afastou, e eu também. Pensei que ela fosse embora.

Ao invés disso, ela deu um passo para trás e desabotoou a camisa, seus olhos nunca perdendo o contato com os meus. Tirei a gravata, lambendo os lábios com a ideia de beijar sua pele. Sua saia caiu no meu instante que meu cinto. Ela ficou ali, usando nada além de um sutiã amarelo vivo e uma calcinha.

— Pare — mandei antes que ela os tirasse. — Eu quero fazer isso.

— Tudo bem. — Ela abaixou as mãos.

Se isso era um sonho, eu ia aproveitar ao máximo. Eu a virei e soltei o sutiã, deslizando-o por seus ombros. Segurei seus seios com uma das mãos e ela pulou, respirando fundo.

— Por que está fazendo isso? — sussurrei em seu ouvido antes de o morder suavemente. — Eu nem a conheço.

— Ahh... — Ela gemeu quando belisquei os mamilos. Minha outra mão desceu entre suas coxas. — Porque me faz sentir melhor, também.

Essa mulher não pode ser real.

As mulheres sempre se jogavam aos meus pés por duas razões.

— O que você quer? Dinheiro...?

— Pode ficar com seu dinheiro. — Sua mão alcançou dentro da minha calça, agarrando meu pau. — Eu só quero me sentir melhor, e não estar sozinha agora. Não é isso que você quer também? Não pense muito além disso. Então, não me diga o seu nome e pode ficar com o seu dinheiro. Agora, por favor, me diga que você tem uma camisinha.

Eu não conseguia entendê-la. Mas não tinha força de lutar contra isso. Demorei um pouco antes de soltá-la para pegar um preservativo na gaveta da mesa. Ela nunca desviava o olhar do meu. Vi o desejo e a luxúria em seus olhos que, sem dúvida, correspondiam aos meus. Eu a empurrei contra a estante, abrindo suas pernas. Eu a beijei novamente. Desta vez, não tão gentil quanto ela me beijou. Este beijo era indecente, molhado e sexual, nossas línguas brincando, empurrando uma contra a outra.

Agarrando suas coxas, eu empurrei e sorri maliciosamente de como ela reagiu a mim, arqueando as costas.

Ela gritou de prazer quando beijei seu pescoço, afundando em sua boceta molhada. Ela me apertou com força, os seios balançando.

Nenhuma palavra proferida entre nós, apenas grunhidos e gemidos. Descontei toda a raiva e frustração na coitada da sua vagina, enfiando com tanta força que os livros ao nosso redor caíram da estante. Tudo que eu conseguia

sentir era caramelo, e tudo que eu ouvia era o som do nosso prazer e da nossa pele se batendo. Ela correspondia a cada impulso meu.

— Sim — gritou e agarrou na estante. Peguei um mamilo entre os dentes, apertando sua coxa com mais força.

Ela gritou ao gozar, seus olhos castanho-esverdeados vidrados.

Ela me deu um tapa forte na bochecha, e meu rosto ardeu.

Por um segundo, fiquei atordoado. A bochecha ardeu e depois formigou, e se espalhou por todo o meu corpo.

Eu olhei para ela.

— Faz de novo.

Ela sorriu, batendo na outra bochecha.

A dor e o alívio daquilo eram bons.

Saindo dela, meu pau pulsou e se contraiu com a necessidade. Mas tinha que satisfazer outro desejo por completo.

— Segure-se à mesa — ordenei.

Sem questionar, ela virou e se apoiou na mesa de madeira escura, sua bunda redonda e lisa virada para mim.

— Assim? — perguntou sedutoramente, inclinando-se ainda mais.

— Gosta de apanhar tanto quanto gosta de bater? — Passei a mão em sua bunda.

— Por que não descobre?

PLAFT.

Suas mãos apertaram a mesa, e ela estremeceu – e o melhor de tudo – seus lábios abriram ao gritar de prazer.

— Parece que tenho a minha resposta — sussurrei, colocando seu cabelo sobre os ombros.

Ela engoliu em seco e pude perceber que estava cada vez mais excitada.

— O que fará agora?

PLAFT.

PLAFT.

— Porra! — gritou, baixando a cabeça, e eu havia deixado marcas vermelhas em sua bunda.

— Chegaremos lá, mas quero ver o quanto é capaz de aguentar.

PLAFT.

Suas pernas tremeram.

PLAFT.

Ela ofegou, suas costas subindo e descendo a cada respiração profunda.

PLAFT.

— Mais forte.

PLAFT.

Senti dor na mão daquela vez, mas ela ainda não me pediu para parar. Sua bunda estava tão vermelha que eu tinha certeza de que teria me implorado para acabar com isso. Mas não, ela mordeu os lábios e seus olhos viraram na minha direção, atrevidos.

— De novo.

PLAFT.

Ela gritou:

— Por favor, por favor, me foda.

Ela não precisou pedir duas vezes. Beijando as nádegas vermelhas, agarrei sua cintura e deslizei para dentro dela. Meus olhos reviraram de tão molhada e apertada que estava para mim.

— Você parece um sonho. — Empurrei profundamente enquanto beijava suas costas.

— Você... tão... gostoso. — Sua voz tremeu comigo dentro dela, e era música para meus ouvidos. Ela estava me deixando louco.

Não aguento mais.

Estava de pau duro por ela desde o momento em que me beijou, precisei de toda minha força para me segurar.

— Puta que pariu — grunhi, finalmente gozando.

Foi muito melhor do que qualquer bebida teria sido.

10 de maio

Trimmmmmmm

— Umm... — Suspirei, rolando na cama. Tentei fechar os olhos e desligar o telefone conforme ele tocava para eu voltar a dormir.

Trimmmmmmm

— Droga — gemi, pegando-o e atendendo. — Que foi?

— Bom dia para você também, você e sua hóspede querem café da manhã?

Hóspede? Só então que me lembrei dela. Olhei no outro lado da cama. Lá estava ela, deitada nua, respirando suavemente, o cabelo bagunçado no rosto. Parecia tão inocente, delicada e bonita.

— Café da manhã...

— Mais tarde — sussurrei, hipnotizado por ela. Tanto que, na verdade, nem ouvi o que ele disse depois. Em vez disso, desliguei e deitei de novo, olhando para ela. Estendendo a mão, tirei alguns fios de cabelo de seu rosto. Quando fiz isso, ela sorriu, inclinando-se contra a minha palma. Seus olhos se abriram e assim que me viu, lágrimas caíram, e mesmo assim sorriu. Aquilo me deixou sem fôlego, e como não consegui falar primeiro, ela falou.

— Donovan — sussurrou e estendeu a mão, acariciando meu cabelo também. — Você continua quebrando meu coração, e eu continuo vindo atrás de mais... Eu te odeio, mas isso não significa que você tinha que morrer.

As lágrimas escorriam pelo seu rosto e ela mordeu os lábios para conter um soluço. Não entendia o relacionamento dela com o meu irmão, não entendia nada, só sabia que ela estava sofrendo... igual a mim, e estendi a mão e a abracei. Ela soluçou no meu peito. Suas lágrimas pareciam queimar. Eu beijei seu rosto, o topo de sua cabeça, tentei dar a mesma força que ela me deu na noite passada.

Mais calma, ela olhou para mim com o rosto vermelho e os olhos inchados, e me beijou – e o que eu poderia fazer a não ser beijá-la? Essa era a única maneira que conhecíamos para superar a dor. Acho que no fundo eu sabia que aquilo não era inteligente, mas não me importava; fora desta cama, fora dela, ferido, não estava pronto para voltar à realidade.

Nós nos beijamos.

Nós gememos.

Nós nos entregamos um ao outro.

Minha mente estava em uma névoa, embaçada pela luxúria, por ela, e por este paraíso que estávamos criando juntos. Cada gemido nosso parecia clamar pela mesma coisa...

Salve-me.

Por favor, salve-me da dor.

CAPÍTULO 2

O Carniceiro do Demônio & A mulher de 250 mil dólares



DORIAN

Um ano depois

— Seu filho da puta imundo! — gritou ele, tentando me atacar, mas o segurança o impediu. Ele se debateu tanto que as costuras de seu terno estavam começando a abrir.

— Sr. Edmund, isso não é maneira de agir na frente do conselho administrativo, é? — perguntei, entrelaçando as mãos atrás das costas.

As trinta e oito pessoas que formavam o conselho, sentadas ao redor da mesa da sala de conferência, murmuraram entre si, algumas até afastando o olhar do homem alto, de cabelo loiro e olhos castanhos à minha frente. Nós éramos amigos de faculdade. Na verdade, colegas, eu não tinha amigos. Mas tinha certeza de que depois de hoje, ele seria um qualquer.

— Sr. Edmund? — continuou gritando de raiva. — Nós fomos para Harvard juntos, Dorian, e você me ferra assim? Minha família começou esta empresa há quatro gerações. Você sabe o que isso significa. Você foi um dos padrinhos do meu casamento. Como pôde fazer isso?

Em minha defesa, eu não queria ser padrinho do casamento dele. Sua mãe ligou sem parar para o meu maldito escritório até eu prometer que iria.

— A questão é: como você foi capaz de permitir que eu fizesse isso? Você arruinou esta empresa e agora quer me culpar? Tenha pelo menos um pouco de dignidade, já que não tem inteligência, Hugh. — Eu nem me dei ao trabalho de um segundo olhar em sua direção, acenando para segurança levá-lo.

— Você me pagará por isso.

— Entre na fila junto com todos os outros — respondi quando as portas duplas de madeira se fecharam. Caminhei até a frente da sala de conferências. Puxei a cadeira à cabeceira da mesa, desabotoando o terno, e me sentei. Todos se endireitaram, alinhando as roupas, ligando os *tablets* ou pegando uma caneta. Deixei meu olhar vagar sobre eles por um momento antes de falar.

— Como muitos de vocês sabem, meu nome é Dorian Rhys-Gallagher, CEO da Rhys-Gallagher National Holdings. Também sou conhecido como “O Carniceiro do Demônio”, ou “aquele filho da puta”, ou “aquele filho da puta

imundo”. A lista continua. Tenho certeza de que no momento em que eu sair daqui, vocês acrescentarão algo mais colorido nela. Fiquem sabendo que não dou a mínima para as suas políticas, tradições ou linhas de conduta coorporativa. A única coisa que me interessa é ganhar dinheiro. Se abrirem a boca, e eu não puder tirar proveito disso, como o novo dono da Edmund Enterprises, não só os demitirei, mas farei vocês passarem vergonha. Estamos entendidos?

Eles assentiram, não desperdiçando uma única palavra.

— Maravilha, vamos começar. — Meu assistente me entregou um tablet antes de colocar um arquivo na minha frente. Tirando uma caneta do bolso do terno, repassei tudo mais uma vez.

— Edmund Enterprises será dissolvida até o final do ano. O setor financeiro se unirá à RG National, juntamente com o grupo tecnológico. No entanto, o resto será dividido e oferecido a quem pagar mais, um setor de cada vez. Alguma pergunta? — Olhei ao redor da sala. Estavam boquiabertos.

— O que você quer fazer? — Um senhor de bigode grosso e olhos escuros olhou para mim quando se levantou, as mãos trêmulas. Não tinha certeza se era devido à raiva ou à idade.

Sempre tinha um.

— Não vou me repetir — eu disse, olhando para o meu tablet.

— Você quer pegar uma empresa que existia antes de você ser o queridinho do seu pai e desmembrá-la por dinheiro? Você ficou ficou maluco, rapaz?

O queridinho meu pai? As pessoas ainda diziam isso?

— Não comecei essa reunião afirmando que meu único objetivo era ganhar dinheiro? Qual parte você não entendeu? Por que mais eu compraria ações em uma Oferta Pública de Ações hostil? É chamado de *hostil* por um motivo. Sou invasor corporativo, não médico. Esta empresa está na UTI há meses, e está na hora de desligar os aparelhos. Você também ganhará muito mais...

— Não é só sobre dinheiro, rapaz. Quase duzentas mil pessoas trabalham para a Edmund Enterprises. Você não pode...

— Eu já fiz — explodi. Esses idiotas sabiam como me deixar extremamente irritado. Quem eram eles para me interromper? — E, além disso, é meu direito. Os empregados desta empresa sofrerão sim, mas não é problema meu, nem culpa minha. É seu, Sr. Jacobs. Você não estava reclamando quando estava em Miami, trepando com a noiva de seu ex-CEO em uma praia particular, estava?

Cliquei no tablet, enviando a imagem de como ele passou as férias na primavera passada. Seus olhos se arregalaram ao vê-la.

— Tenho certeza de que está muito contente que o Sr. Edmund não esteja mais na sala, embora saiba de que ele também descobrirá isso. No entanto, Sr. Jacobs, eu realmente não me importo como gasta sua riqueza, todos temos gostos diferentes, mas não use seus funcionários como uma desculpa para a sua raiva. Cada um de vocês é um cretino egoísta que decidiu reformar a casa, ou comprar um jato ou iate, ou o que quer que seja para massagear seus malditos egos. Mas o tempo das vacas gordas agora acabou, e estou aqui para desmembrar o que resta dessa empresa antes que apodreça ainda mais. Isso é o que eu faço. Vocês receberão seus últimos pagamentos e, então, quem vocês conseguirem para bancá-los, não é problema meu. Lembrem-se que, por lei, não estão autorizados a divulgar qualquer informação a respeito da Edmund Enterprises. Duvido que queiram ser processados e destruídos. E, assim, acabarem sem nada, como um "zé-ninguém". — Abotoando o terno, eu me levantei, não querendo perder mais tempo com eles.

Cheguei à porta e parei, virando-me para o sr. Jacobs, que não conseguia desviar o olhar da foto.

— Eu avisei que faria vocês passarem vergonha e os demitiria, não foi?

Ele levantou o olhar.

— Como?

— Você. Está. Demitido. O que significa que qualquer quantia que seja recebida, você não verá nem a sombra desse dinheiro, visto que não é mais membro do conselho.

— Você não pode fazer isso, eu tenho ações.

— Que não valem nada — respondi antes de sair.

Caminhando até os elevadores, senti seus olhos em mim. Os funcionários sempre eram os mais afetados. Mas isso não era responsabilidade minha. Eles estavam esperando que o novo dono de alguma forma subisse a bordo e salvasse o Titanic. O que era um conto de fadas. O Titanic afundaria não importava o quê. Sua melhor chance era de pular do navio.

— O carro está esperando —me informou Goldie quando entramos no elevador.

Marigold "Goldie" Tate era minha assistente. Seus óculos vermelhos estavam na ponta do nariz, e o cabelo loiro claro, puxado em um coque apertado. Ela era tudo o que eu precisava: inteligente, focada e, acima de tudo, insensível. Executava seu trabalho quase à perfeição e fazia com que todos fizessem o mesmo.

Quando saímos, parei para sentir a brisa quente do verão. Se Donovan ainda estivesse vivo, estaria me ligando agora para corrermos no parque. Ele sempre dizia que nos dias ensolarados e quentes em Nova York, era quando

milagres aconteciam. Era agosto e logo tudo estaria coberto de gelo outra vez. Eu preferia assim. À espera de nada, a não ser da neve.

— Senhor? — Goldie chamou quando eu não entrei no carro.

Olhei para o horizonte mais uma vez antes de entrar e o motorista fechou a porta. Descansei a cabeça no assento de couro.

— Relatórios desta manhã. — Ela os entregou para mim.

Eu os peguei, mas não me dei ao trabalho de examiná-los. Estava com enxaqueca. Como se soubesse, ela me deu dois comprimidos.

— Obrigado. — Eu os engoli sem água, fechando os olhos quando ela colocou a "Primavera" de Antonio Vivaldi, de "As Quatro Estações".

Eu estava começando a relaxar, a dor de cabeça desaparecendo lentamente, quando paramos de repente. Olhei para fora e vi o que um dia foi o bar favorito de Donovan fechado, apenas o nome "Shameless" ainda escrito na janela. Queria sorrir, pensando que ele foi – provavelmente – a única razão pela qual o bar ficou aberto, já que sempre pagava rodada para todos. No entanto, eu não sorri. Não sabia mais como fazer isso.

— Goldie.

— Pois não, senhor?

— Cancele todos os meus compromissos de segunda-feira. — Observei o bar desaparecer atrás de nós.

— Sim, senhor. Vai tirar o dia de folga?

— Vou ver minha família — respondi. Ela não perguntou mais nada além disso quando chegamos ao edifício espelhado com meu sobrenome no topo.

Saindo, eu não disse uma palavra, nem dei um minuto sequer de atenção a qualquer funcionário enquanto cruzava o saguão até os elevadores, com Goldie bem atrás de mim. Quando as portas à minha direita se abriram, dois rapazes saíram, tirando suas gravatas e carregando as pastas, desgostosos.

— Que se dane a Rhys-Gallagher. Como ele pôde colocar o secretário para nos entrevistar? Eu me formei em quarto lugar na minha turma em Yale — bufou o primeiro e sua voz parecia a de um porco grunhindo.

— Ah, é? E eu que recebi não duas, mas três, cartas de referência dos melhores analistas financeiros do país. Agora, um mexicano qualquer de gravata-borboleta que ganha a vida atendendo como telefonista vai me dizer que não sirvo? Faça-me o favor — reclamou o segundo entredentes, olhando ao redor do saguão.

— Esquece este lugar. Ouvi dizer que a Edmund Enterprises está contratando.

— Senhores — chamei. Eles vivaram e ficaram boquiabertos quando me reconheceram. Em qualquer outro dia, ou outro cenário, tenho certeza de que

isso teria sido cômico. — Desejo-lhes boa sorte na Edmund Enterprises. No entanto, a partir desta manhã, tornou-se parte da RG National.

Goldie, que estava segurando as portas abertas para mim, deixou que se fechassem quando eu entrei.

— Descubra quem são eles e certifique-se de que não encontrem um emprego na área executiva nesta costa.

— Pois não, senhor.

Cartas de referência uma ova.

No último andar, as portas se abriram para revelar o "mexicano de gravata-borboleta", meu secretário, Rafael Morales; vestido com calças azuis, camisa branca e gravata-borboleta verde e branca que combinava com seus suspensórios.

— Temos um problema — anunciou ele, seguindo-me enquanto eu caminhava.

— Você pode me dizer por que aqueles dois idiotas sequer conseguiram uma entrevista? — perguntei, abrindo as portas de vidro da minha sala que ficava de canto no andar. Tudo era em três cores: prata, branco e azul marinho. A única coisa que não combinava era a fileira de bolas de beisebol autografadas alinhadas contra a janela, junto com minha coleção de vinis clássicos pendurados na parede.

— Quem? Não, quero dizer um problema de verdade.

— Não gosto de problemas de verdade, Rafael, eles custam caro. — Suspirei, sentando-me atrás da mesa. Goldie trouxe água para mim.

— Ainda bem que você é rico.

Eu olhei para ele.

— O que foi?

Seus olhos castanhos se voltaram para Goldie, que estava ao lado da minha mesa.

— Você poderia nos dar alguns minutos a sós...

Ela olhou para mim e eu assenti. Depois de pegar sua papelada, ela saiu; seus saltos ecoando no chão antes de fechar a porta.

Eu me virei para Rafael.

— O que aconteceu?

— Sr. Sinclair adiantou a reunião em algumas semanas.

— Estamos falando de quantas semanas? — perguntei lentamente.

— Cinco semanas a partir de agora.

Droga! Nós ainda não tínhamos as informações para apresentar, não quando tínhamos mais sete semanas, pelo menos.

— Deveria ter me ligado horas atrás. Peça para Goldie voltar aqui.

Precisamos repassar o plano...

— Eu já liguei para o escritório de análise e Goldie recebeu um e-mail. Nós conseguiremos isso com o novo prazo. Disse para eles que não seria um problema...

Este era o grande problema que ele decidiu soltar em cima de mim?

— Agora, me dê uma única razão pela qual eu não deveria demiti-lo.

— Nós somos amigos?

— Desde quando?

— Agora você está me ofendendo. — Ele colocou um arquivo na frente do meu rosto. — Eu sei o que isso significa para você. Se conseguir o Grupo Sinclair, terá alcançando um nível totalmente novo, e a Rhys-Gallagher National será o que seu pai sonhou. Roman Sinclair adiantou as entrevistas para provoca-lo. Não permita isso.

E foi assim que a minha dor de cabeça voltou.

— Então, você concordou mesmo sabendo que não tenho um planejamento estratégico?

— Você tem sim. Eu já vi e vai dar certo. O que você precisa é da confiança de Roman. Ele é um velho preconceituoso, que acredita que o Grupo Sinclair se trata de “família”. E é por isso que o verdadeiro problema é que você não emana assim uma vibração de “homem de família”. Ele dará alguns jantares e festas até lá. O primeiro é na próxima segunda. Você precisará de uma acompanhante. Então, andei procurando e talvez tenha encontrado um jeito de você poder, pelo menos, fingir...

— Reze por tudo que é mais sagrado para que você tenha sido sábio o bastante para não ter contratado uma prostituta pra mim. — Eu ia matá-lo. Só ainda não sabia como. Queria saber se dava para colocá-lo em uma caixa e enviá-lo de volta para a casa de seus pais. Seu pai definitivamente o mataria.

— Não — respondeu ele. Não relaxei porque ele não costumava responder com frases de uma só palavra.

— Não?

— Não, eu não arrumei uma prostituta, estava procurando uma acompanhante. Existe um serviço que atende a todas as necessidades, encontrando a pessoa certa para a situação. São discretas, mas é verdade...

Pude enxergar em seus olhos, mas ainda não conseguia acreditar.

— Saia da minha sala.

— Bem, não diga que não tentei — murmurou, colocando a papelada na minha frente. — Por favor, assine o documento, senhor.

Peguei o papel bruscamente dele. Quando as pessoas o conheciam, sempre se perguntavam como ele e eu podíamos trabalhar juntos. A resposta

simples era que eu confiava nele.

Rafael Morales e eu crescemos juntos na escola. Seu pai, o Superintendente de Polícia Angelo Morales, trabalhou muito para subir na hierarquia da polícia e chegar aonde estava agora. Ele conseguiu alcançar o "sonho americano". Teve condições de mandar os filhos para as melhores escolas do país, onde puderam se misturar e se associar com crianças como eu, que cresceram com muito dinheiro. Tinha toda a vida de Rafael planejada. Então, Rafael se assumiu para os pais no último ano do ensino médio, para o desânimo de sua família espanhola muito religiosa.

O superintendente Morales podia se sentar diante de traficantes de drogas, assassinos e coisas do tipo, mas encarar o filho gay? Ele o deserdou mais rápido que o disparo de uma bala, fazendo com que Rafael viesse morar comigo e com meu irmão antes de se mudar para o exterior. Ele voltou, me pediu um emprego e eu dei. Noventa e nove por cento do tempo, ele era ótimo no trabalho, mas acima disso, Rafael havia crescido com policiais e repórteres, naturalmente sabia o que estava acontecendo na cidade e, o mais importante, era leal a mim.

Goldie bateu no vidro.

— Sr. Rhys-Gallagher, seu próximo agendamento chegou.

— Mande-o entrar, já terminamos por aqui, a menos que você tenha outro plano secreto que gostaria de me revelar? — Olhei para Rafael.

Ele sorriu, ajustando a gravata-borboleta.

— Por favor, me avise se...

— Saia.

Ele riu, dando um passo para o lado quando o investigador que eu contratei há quase um ano entrou. Ele tinha o físico forte, do tipo que parece ter capacidade de estar em qualquer área militar. Ele era um ex-oficial da espionagem militar. Ainda usava o cabelo preto raspado e conquistou sua posição sendo capaz de descobrir as sujeiras escondidas debaixo do tapete para mim. Ele parou na minha frente, as mãos atrás das costas.

— Encontrou alguma coisa, Finnick?

— Encontrei, Sr. Rhys-Gallagher. Demorei um pouco, já que seu irmão era praticamente um nômade. Nunca ficava em um mesmo lugar por muito tempo...

— Vamos ao que interessa. — Eu me sentei, o coração batendo acelerado. Sabia que levaria algum tempo para encontra-los. Nós só tínhamos o primeiro nome. Sem localização. Nem mesmo uma data exata. Mas ele os encontrou.

— O nome da mulher é Luella "Lulu" Thorne, 26 anos. Ela passou de um lar adotivo para outro até se formar na North Valley High School, terceira da

turma. Ela conheceu seu irmão Donovan enquanto trabalhava como garçonete em um bar na cidade. O nome do filho dela é Alaric Ryan Thorne, ele tem cinco anos e nasceu em 9 de outubro. Ainda moram no Brooklyn.

Ele colocou uma foto de um menininho com cabelos castanhos e olhos azul-claros na minha frente. Ele abraçava forte a mulher ao seu lado com um sorriso largo que mostrava uma janelinha. Era igualzinho ao meu irmão e a mim quando tínhamos essa idade. Era quase idêntico e, por mais impressionante que fosse vê-lo, não conseguia desviar o olhar da mulher que ele estava abraçando.

É ela!

Minha cabeça gritou não acreditando. Era a mulher com quem dormi quase um ano atrás. Na manhã seguinte, ela foi embora. Transamos mais uma vez e, quando acordei, ela tinha sumido. Nenhum nome, ou número, nada. Aliás, foi perfeito demais. Bem o que eu precisava. Então, por um segundo, um lado meu pensou que realmente tinha que ter sido um sonho, mas Russell me disse que ela pediu um táxi e foi embora... Igual a um filme, aquilo se repetia na minha cabeça. Olhei a lista de convidados e funcionários, e não consegui descobrir quem diabos ela era. Depois daquela manhã, sabia o motivo de ela ter me impedido de beber e a razão de ter permitido que eu transasse com ela – era porque eu parecia com meu irmão... Ela estava me usando da mesma forma que eu a usava. Eu sabia, mas não queria encarar isso naquele momento.

— Tem mais.

— O quê? — Olhei para cima.

— Seu irmão a deixou cheia de dívidas. Contas de bar, agiotas etc. Parece que o estresse foi tão alto que Alaric nasceu prematuramente, o que o deixou surdo. Até os dois anos, ele frequentava muitos hospitais.

Porra, Donovan! Eu juro que às vezes ele realmente tinha talento para ferrar tudo que tocava.

— Ela pagou a maior parte da dívida e das contas do hospital, no entanto... — Ele fez uma pausa breve, olhando para mim.

— Por favor, não me diga que ela foi obrigada a se tornar *stripper*. — Porque se fosse esse o caso, eu ia acabar com as coisas do meu irmão à marretada. Tivemos uma péssima mãe, e agora ele estava fazendo a mãe de seu filho parecer ruim também.

— Não. Ela se tornou acompanhante. A empresa é um pouco misteriosa. Quem quer que esteja no comando as mantém sob rédeas curtas, ficando com mais de oitenta por cento do dinheiro que elas ganham.

Isso não era “um pouco misterioso”. Era uma verdadeira desonestidade. Recostando-me na cadeira, levei as mãos para trás da cabeça. Teria preferido se ela fosse *stripper*.

— Ela ainda está trabalhando com isso?

Ele assentiu.

— Pelo que pude perceber, está tentando parar. Ela não faz depósitos de valores altos há meses e trabalha meio período em um restaurante.

— Quanto fica para tirá-la desse lugar?

— Depende de quanto ela vale para quem quer que esteja no comando do serviço de acompanhantes. Mas tenho certeza de que custará um bom dinheiro, e se você pagar para tirá-la de lá, levantará suspeitas. Pelo que ouvi sobre o serviço, parece que eles se especializaram em combinar casais perfeitamente, então consegui-la pode ser um problema. Ela não usa o nome verdadeiro, e se você o expor, bem, poderia causar mais problemas.

Olhei através das portas de vidro para Rafael enquanto ele digitava no computador, e o chamei pelo interfone.

— O que eu posso...

— Venha aqui. — E desliguei. Ele franziu o cenho e entrou, fechando a porta.

— Qual é o nome do lugar das acompanhantes que estava falando? — perguntei.

— “The House of L”. — Ele pegou um cartão preto com um único “L” dourado, colocando-o na minha mesa.

— É este o lugar? — perguntei a Finnick. Ele assentiu. — Se eu quisesse alguém em particular, poderia pedir por ela?

Rafael deu de ombros.

— Não vejo por que não, mas acredito que elas não usam seus verdadeiros nomes nesse tipo de lugar...

Eu entreguei a foto a ele.

— Descreva essa mulher a eles. Fale que eu quero ficar com ela por uma semana.

Seus olhos se arregalaram quando percebeu quem ela era, ele sabia que eu estava procurando por eles. Sem alarde, ele voltou para sua mesa, pegou o telefone e discou.

— Você acha que acreditarão que eu me apaixonei por ela depois de uma semana e que quero ficar com ela para sempre? — perguntei a Finnick. Era a única desculpa que eu conseguia pensar para tirá-la de lá discretamente.

— Dinheiro suficiente faz as pessoas acreditarem em qualquer coisa.

Meu telefone tocou e eu atendi.

— Consegui.

Isso foi bem rápido.

— E?

— Disseram que só tinham uma mulher que se encaixa nessa descrição. Tem que ser ela.

— Ótimo...

— Dorian, ela custa duzentos e cinquenta mil dólares.

Duzentos e cinquenta mil por uma acompanhante? Eles são malucos? Se Finnick estava certo, ela não estava ganhando tanto assim, a empresa que estava. Qualquer que fosse o preço, não importava.

— Dorian?

— Faça. Não estou preocupado com isso. — Não quando se trata de algo assim.

— Tudo bem, mas lembre-se, se estão cobrando tudo isso por uma semana, imagine o quanto tentarão arrancar de você para tirá-la de lá.

— Não. Estou. Preocupado. Com. Isso — repeti.

Eu a tiraria de lá, não importava o quanto me custasse. Tinha que consertar todos os erros do meu irmão. Era mais do que isso. Precisava fazer isso pelo meu sobrinho. Precisava fazer isso por ela, Luella Thorne, também, porque eu pessoalmente tinha uma dívida com ela.



LUELLA

— Tenha um bom dia, Lulu — meu chefe e o resto da equipe disseram para mim enquanto pegavam suas coisas na frente do restaurante.

— Vocês também. — Acenei, pegando a última caixa de copos e levando para a cozinha. Coloquei-a nos fundos e respirei fundo, encostando na grande pia.

Meus olhos vagaram por cada panela nova de aço inoxidável, a bancada recentemente polida, as geladeiras de porta dupla, e os melhores amigos de um *chef*, as facas. Era tudo lindo, e um dia eu, Luella Thorne, seria dona do meu próprio restaurante. Por enquanto, eu era apenas mais uma cozinheira de sopa no Serendipity. Mas uma mulher podia sonhar, certo?

O fim de semana de inauguração seria daqui a uma semana apenas e eu esperava começar a construir minha reputação como *chef*. Tinha parado com os estudos, então esta era uma grande oportunidade para mim.

Isto é só o começo.

Voltando para o salão principal, ouvi as portas se abrirem novamente.

— Será que esqueceram alguma coisa... — Congelei, olhando para o diabo quando ela entrou, vestida com um terno vermelho escuro e camisa branca, de óculos escuros e salto preto da Prada.

— Faz bastante tempo que não nos vemos. — Sorriu, tirando os óculos do rosto.

— Não o suficiente, saia — respondi, rispidamente.

Ela se sentou a uma das minhas mesas.

— Não é assim que se trata um cliente. Você, de todas as pessoas, deveria saber disso, minha cara. Sente-se, vamos colocar o papo em dia.

— Acho melhor não.

— Fique à vontade. Quanto custa um copo de vinho?

— Ainda não estamos funcionando. — E mesmo se estivéssemos, eu não a atenderia.

— Nem mesmo para uma velha amiga?

— Você é velha, mas com certeza não somos amigas.

Ela sorriu, e as rugas sob seus olhos se destacaram. O diabo, ou "Madame L", como eu costumava chamá-la, já tinha mais de sessenta anos, embora não parecesse ter mais do que quarenta. Costumava dizer às garotas que o segredo de sua aparência jovem era ter uma ótima vida sexual e um cirurgião plástico ainda melhor, mas o bilhete premiado era encontrar o cirurgião plástico e ter uma ótima vida sexual com ele. Ela tinha longos cabelos castanho-acinzentados, lábios rosados e olhos castanho-esverdeados. Ela poderia passar por minha mãe ou irmã. Sendo órfã, uma vez perguntei se ela era minha mãe por causa da semelhança. Por sorte, Deus não era assim tão distorcido.

— Tenho um cliente para você — informou ela, e aquilo fez minha pele arrepiar.

— Talvez tenha se esquecido, mas eu avisei que ia pagar o resto da minha dívida da maneira correta.

Ela cruzou as mãos sobre a mesa.

— Não sei porque estava com tanta pressa de parar quando estava indo tão bem. Se você esperasse mais alguns meses; estaria livre da dívida, teria o próprio restaurante e eu a deixaria em paz.

— Eu já paguei tudo que devia a você. Ou pelo menos, deveria ter pago, levando em consideração o dinheiro que ganhou comigo. Você nos usou. Tá bom. Tanto faz. Não vou brigar com você sobre isso. Mas ganharei dinheiro igual a todo mundo. Da maneira correta.

— Igual a todo mundo? Da maneira correta? — Ela riu. — Você realmente se recusa a ver a verdade, né? Todo mundo está infeliz e não existe maneira certa ou errada de ganhar dinheiro.

— A lei discordaria de você.

— A menos que transe com congressistas e, então, do nada, a lei mude. Engraçado como esse mundo é inconstante, não? — retrucou.

— Mesmo que todo mundo esteja infeliz, pelo menos são capazes de sair por aí sem se sentirem imundos. Ao menos, não são *prostitutas*. — Assim que eu disse aquilo, sua postura mudou, e eu logo me arrependi.

— Prostitutas? — Ela lentamente se levantou e caminhou até mim. Não recuei. Eu a enfrentei cara a cara. — Agora, Luella, não fale de você mesma desse jeito. Homens estão dispostos a pagar milhões por uma noite com você. O que deveria fazer com que se sentisse bonita e poderosa. Além disso, não vamos nos enganar, o verdadeiro motivo que fez com que você parasse foi o dinheiro, não a vergonha.

— Eu parei porque quis. — Argh, eu a odiava. — Mas você está certa, em partes. E parei quando percebi que você não era nada além de uma ladra e não a mãe atenciosa que finge ser. Você dizia para nós que tudo era dividido meio a meio e que ficava lá para só para garantir a nossa segurança. Fez com que acreditássemos que entendia nossa dificuldade, mas você não está nem aí. Sabia porque eu precisava daquele dinheiro e ainda assim trapaceou. Você me enganou e acabei com mais dívidas ainda. Colocou a palavra “caro” no meu nome só para eu nunca sair dessa vida, assim poderia ganhar dinheiro às minhas custas para sempre. Só porque usa produtos de marcas e fala bonito, não quer dizer que não seja uma cafetina. Vou pagar tudo do meu jeito. Não passei nem um segundo pensando em você e no seu bordel.

Seus olhos castanhos esverdeados se estreitaram.

— Você não sente falta dessa vida?

— Não.

— Você está mentindo.

— Não me interessa o que você pensa. Saia!

— Pode mentir para o mundo, mas não conseguirá mentir para mim. Eu conheço você. Lembro-me de como era há quatro anos, ingênua, falida e desesperada para salvar alguém, mesmo que se matasse no processo. Admirada, eu vi como você se refez. Era a única das minhas garotas que tinha clientes permanentes. Uma noite com você, e não queriam mais ninguém. Lembro que um dos seus clientes ficou tão chateado que você estava reservada para outro que ofereceu pagar o triplo. Você pode não ser minha filha, mas você é igual a mim, amava essa vida. Não há nada de errado em ser boa no sexo e receber por isso.

— Vá se foder, de preferência longe de mim.

Eu a odiava porque sentia que ela falava com o meu lado mais sombrio, a parte quebrada em mim que gostava de ser assim, desejada desesperadamente. Ela sempre foi a cobra no meu jardim, e não importava o quê, eu sempre comia a fruta.

Não dessa vez.

— Não — retruquei. — Não para a antiga Luella e não para o cliente. Não sabe mais o que a palavra “não” significa?

— Então, iremos fazer isso do jeito difícil? — Todo o seu comportamento mudou, e lá estava ela, o verdadeiro monstro. O verdadeiro diabo. — Como está o seu filho, Alaric? Ainda falando com as mãos?

Cerrei o punho.

— Envolva o meu filho nisso, e eu vou acabar com a sua raça.

— Eu me pergunto o que vai acontecer com ele se o mundo descobrir quem é sua mãe? O que ela fez? Acha mesmo que deixarão que fique com ele?

— Saia!

— Você realmente quer que ele seja levado pelo Conselho Tutelar? Você, de todas as pessoas, deveria saber como é, né? Acha que uma criança deficiente aguentará por quanto tempo? Vou me certificar de espalhar seu rosto em todo lugar. Vou garantir para que seus sonhos sejam massacrados. Então poderá sair e, assim que ficar conhecida, os grandes clientes não vão mais desejá-la. Aí sim, precisará se tornar uma prostituta.

Fiquei com vontade de gritar, chorar, de matá-la, de apenas mandá-la embora. Em vez disso, fiquei ali, em silêncio e parada.

— Ah, não fique triste, Luella. — Seu sorriso era cruel. Ela tirou um chocolate da bolsa e o deslizou entre os lábios, levantando a cabeça como se estivesse orgulhosa. — Pense pelo lado positivo. Depois de todos esses meses de descanso, deve estar bastante tensa. O mundo real não deve tratá-la tão bem. Eu fui legal, dei espaço para você, e além disso, ruivas e morenas estão em alta, então não preciso de você. No entanto, este cliente pediu especificamente por você. Então você irá, ou eu me certificarei de que seu chefe e qualquer outra pessoa que você até mesmo pense em pedir ajuda, dê um pé na sua bunda. Você me entendeu? Pode viver nesse mundo de fantasia, se quiser, mas preciso que atenda esse cliente.

Meu Deus, quando isso ia acabar?

— Quando? — perguntei entredentes.

— Começa amanhã à noite, e você vai ficar com ele o restante da semana.

— Não atendo por semana. Meu filho...

— Ele não vai querer você o dia inteiro. Faça o que sabe fazer e o seduza para que a deixe sair por algumas horas. Diga a ele que quer ir às compras. Faça o que for preciso para dar certo. Ele nem hesitou com o valor. — Ela sorriu e colocou os óculos, deixando um cartão sobre a mesa.

Quando ela se levantou, as portas se abriram e Alaric entrou correndo, segurando um aeromodelo.

“Mamãe, olha”, disse ele usando a Língua de Sinais.

— Oi. Tão bonitinho. — Madame L se aproximou dele, mas eu corri entre eles, envolvendo Alaric nos braços. Ela riu e caminhou na direção da porta para ir embora.

Suas palavras de despedida foram:

— Não o desaponte, Luella.

“Quem era ela?”, Alaric perguntou com sinais.

“Não sei, ela estava procurando pelo chefe. Você se divertiu hoje?”, respondi, me esforçando para sorrir.

Ele sorriu de volta e levantou o brinquedo para me mostrar.

A tia Eva me ajudou.

“Eu sei, não sou ma-ra-vi-lho-sa”, Eva disse através da Língua de Sinais ao se juntar a nós. Tinha o cabelo preto cortado na altura dos ombros. Vestia jeans boca de sino e um top curto que expunha as sardas na barriga que combinavam com as do rosto.

Alaric assentiu, fazendo voando o avião ao redor das mesas.

Eva perguntou:

— Por que o diabo estava aqui?

— Por que outro motivo a não ser me tentar a pecar de novo? — Forcei um sorriso, fazendo um “joinha” com os polegares para Alaric, o elogiando por suas habilidades de voo.

— Lulu...

— Eu sei.

Ela suspirou, sem saber o que mais poderia dizer. Eva Sotiropoulos era minha única amiga. Também trabalhou para Lady L, no entanto, conseguiu pagar suas dívidas, pegando quantos clientes fosse possível e até mesmo trabalhou como *stripper* para pagar as despesas da escola. Ao contrário de mim, ela matinha a cabeça erguida com orgulho, não importava o quê. Ela agora trabalhava como assistente jurídica na cidade. Até abriu uma poupança para Alaric.

— Por quanto tempo? — ela finalmente perguntou.

— Uma semana.

— Luella! Pelo amor a Alaric, que seja a última vez que fique ausente por tanto tempo. Ele está ficando mais velho, vai começar a perceber.

— Eu sei. — Eu me virei para observar Alaric, espantada com o quanto estava feliz. — Mas ela sabe do nosso passado. Prefiro fazer isso do que deixar que ela acabe comigo publicamente. Dá para imaginar o que aconteceria com ele? Poderiam levá-lo embora. O que poderia arruinar o resto da vida dele. Não permitirei que isso aconteça. Quero que ele cresça tendo uma vida normal e

feliz.

— Eu fico com ele a partir de amanhã, arrume algum tempo para vê-lo durante a semana. — Ela suspirou.

— Obrigada, eu te ligo. — Eu a abracei apertado antes de correr até Alaric, pegando-o e girando no ar.

Ele riu e era o som mais bonito do mundo. Tudo isso era por ele, para que jamais precisasse sofrer.

CAPÍTULO 3

Bem depois da esquina



LUELLA

— Alô? — atendi.

— Boa noite, Sra. Thorne, aqui quem fala é o Sr. Mead, tomo conta do departamento de ensino da Ford Academy, nós recebemos o depósito referente a matrícula do seu filho, no entanto...

— Certo. — Merda. — Precisa do pagamento do primeiro semestre, correto? — perguntei, já me mexendo para pegar minha carteira.

— Sim, senhora, o prazo foi até esta manhã. Não poderemos inscrevê-lo se não recebermos o pagamento.

— Eu entendo, você aceita débito, certo? Posso fazer esse pagamento agora mesmo — avisei, já com o cartão na mão.

— Excelente, pode me passar o número quando quiser — respondeu ele, e eu passei o número, vendo Alaric erguer o sabonete roxo de espuma para me mostrar, um sorriso no rosto. Fiz que não com a cabeça, guardando o cartão, equilibrando o telefone entre o ombro e ouvido.

"Por favor", pediu através dos sinais.

"*Não, guarda isso onde você pegou, está na hora de dormir"*, respondo usando os sinais, e ele fez beicinho para mim.

— Sra. Thorne?

— Sim, estou aqui.

— Sinto muito, mas o cartão foi recusado, vou confirmar o número — ele os repetiu, e eu coloquei o telefone no viva-voz para verificar o extrato da minha conta. — Está correto esse número?

— Está sim.

— Tentei mais uma vez, e foi recusado. Você teria outro cartão que eu possa tentar? — perguntou, assim que o aplicativo do banco abriu, mostrando aquele maldito sinal negativo em vermelho, e que não deveria estar lá... No entanto, porque Madame L era o diabo em pessoa e queria ter certeza de que eu sentisse suas garras em volta do pescoço, descontou um dos cheques que eu tinha dado a ela para pagar a minha dívida, mesmo não tendo dito que tinha fundos ainda. Eu havia economizado só para pagar a escola, junto com o aluguel

e, em um segundo, ela limpou a minha conta, apenas para garantir que eu lembrasse que ela me esmagaria se eu não fizesse o que ela pedisse.

— Sra. Thorne?

Soltando a respiração, sentei na cama de Alaric, colocando a mão na testa.

— Será que eu poderia fazer o pagamento amanhã de manhã? Por favor.

— Eu sinto muito, Sra. Thorne, temos uma lista de espera...

— Amanhã você terá um cheque no valor do ano inteiro — garanti rapidamente, e fiz o máximo que pude para manter a voz firme... para soar como uma das felizes mães dondocas. — Houve uma confusão com as nossas contas, pedirei para alguém deixar esse pagamento aí amanhã. Às nove da manhã, está bom?

— Se não recebermos amanhã...

— Perfeito. Muito obrigada, Sr. Mead. O pagamento estará no seu escritório amanhã de manhã às nove. Tenha um bom dia.

— Você também, Sra. Thorne — ele se despediu, e quando desligou, desabei na cama de Alaric, colocando a mão sobre o rosto. *Eu teria o suficiente para pagar o ano todo da escola, mas e a nossa casa? O pagamento do aluguel era para daqui a três dias, além disso, ainda precisávamos comprar o seu uniforme...* E foi assim que acabei presa nesse maldito ciclo, usando a maioria das minhas reservas para pagar as despesas médicas de Alaric. Mas agora eu tinha a Madame L me pressionando. Não importava o quanto eu ganhasse, o quanto eu trabalhasse, tinha a sensação de que estava jogando dinheiro em um buraco sem fundo. Estava tão cansada.

— Só quero paz — sussurrei... Só um pouco. Como eu podia ser tão azarada? Como foi que uma situação acabou levando a outra cada vez mais complicada? Estava cansada!

SPLASH!

Meus olhos se abriram de novo, e eu olhei para a porta do banheiro, ouvindo a água correr e espirrar. Levantando da cama, fui rapidamente até lá e o vi com bolhas até na altura das orelhas; sorrindo sozinho e com água por todo lugar, encharcando as roupas que tinha tirado. Ele se virou para mim e eu o olhei. Levantei as mãos, mas antes que eu pudesse sinalizar, ele foi mais rápido.

“Dez minutos! Por favor! Já estou aqui mesmo.” Ele juntou as mãos como se estivesse rezando, o que só fez as bolhas se agitarem ao seu redor... Ele riu, e aquele som levou embora minha pequena resistência.

“Cinco minutos”, respondi, pegando a toalha da prateleira perto da porta, e jogando-a no chão ao lado da banheira antes de me sentar no vaso e fechar a torneira.

“Cinco minutos é muito pouco”, retrucou e pegou seus brinquedos no fundo da banheira.

Eu bati na cabeça dele suavemente, e ele colocou as mãos na cabeça e depois apontou para mim, fazendo cara feia. Eu devolvi a cara feia para ele e sinalizei.

“As mamães que fazem as regras.”

“Mamães quebram as regras também”, você disse nada de chocolate à noite, mas come...

Estendi a mão e comecei a fazer cócegas nele, Alaric esperneou e tentou se soltar, rindo. Olhando para ele, o pestinha já estava discutindo comigo. Quando ele se soltou, pequei uma toalha e limpei a espuma de seu rosto. Ele me deixou limpá-lo e então sorriu. Ele era um menino tão feliz, seus risos e sorrisos sempre faziam com que eu me sentisse muito melhor... Como se eu não fosse a pior mãe do mundo.

“Quanto eu te amo?”, perguntei.

Ele abriu os braços o máximo que pôde e eu neguei com a cabeça, abrindo mais os braços. Ele fez outra cara feia e depois respondeu.

“Foi o que eu disse.”

“Meus braços são maiores.”

“Achei que isso significava o mundo inteiro?”, perguntou.

“Ah, é?”, fingi que não entendi. *“Eu te amo tanto que ultrapassa o tamanho do mundo.”*

“Eu também, mamãe”, disse ele e voltou a pegar seus brinquedos. Fiquei sentada, olhando para ele... E quanto mais eu o olhava, menos cansada me sentia. Queria dar tudo a ele. Queria garantir que ele ficasse feliz assim para sempre.

Pegando outra toalha, eu a estendi para ele, que a enrolou no corpo. Nós voltamos para seu quarto. Pegou o pijama e enxugou o cabelo, tudo sozinho. Estava crescendo tão depressa. Em alguns anos, eu estaria me estressando por causa da faculdade, e eu não via a hora. Levantando as cobertas, ele deitou junto com seu avião de pelúcia, ajeitando-se no travesseiro. Sentei-me de lado na cama enquanto ele bocejava.

“Mamãe”, ele sinalizou, seus olhos já começando a fechar. Um banho quente e ele sempre apagava.

“Sim?”

“O papai ainda está doente?”

Eu congelei, encarando suas mãos, e ele olhou para mim, esperando. Meu coração bateu mais forte; eu podia trabalhar e dar tudo que ele precisasse, mas ele não sabia nada a respeito disso... Ele só queria o pai... a única coisa neste

mundo que eu não seria capaz de dar para ele. Mas como eu podia dizer que seu pai tinha morrido? Fazia só um ano. Ele nunca teve a chance de conhecê-lo. Eu esperava, rezava, para que Donovan voltasse. Não por mim, eu não precisava dele, mas pelo nosso filho. Assim ele podia vê-lo apenas uma vez.

— Sim — sussurrei e assenti.

Ele franziu a testa e abraçou forte o travesseiro. Eu me inclinei e beijei sua cabeça, cheirava a romãs.

"Talvez se fizermos uma visita, ele vai melhorar mais rápido", insistiu.

"Vamos ver. Agora, dorme. Eu te amo."

Ele acenou e eu esperei até seus olhos fecharem. Devia simplesmente dizer que ele tinha morrido. Mas antes eu queria dar esperança a ele, a mesma que eu tinha... E, agora... Levantando da cama, peguei a toalha e voltei para o banheiro. Dobrei e guardei a toalha, depois me ajoelhei e comecei a limpar a banheira. Lutei contra a dor dentro de mim e me esforcei para pensar em todas as coisas positivas.

Donovan costumava dizer: *Sorria, porque você não sabe que tem um milagre bem depois da esquina?*

Não, Donovan... não sei mesmo.



DORIAN

Quando entrei na cobertura, fui recebido por nada além da escuridão, o suave brilho do aquário era a única luz que irradiava na sala.

— Verificarei o quarto, senhor — avisou Finnick, já entrando para verificar a cobertura. Quem ele achou que me seguiria ou esperaria por mim aqui estava além da minha compreensão, mas não discuti. Não tinha força.

Entrei, tirando o paletó e me sentando no sofá bem na frente das janelas que iam do chão ao teto, com vista para a cidade. Queria relaxar, mas não sabia como, então fiz o que sempre fazia e peguei meu tablet na pasta para concluir o que ficou pendente daquele dia. Goldie disse que cuidaria das pendências, mas era tudo o que eu podia fazer para me acalmar.

— Sra. Tate já trouxe suas coisas para a cobertura e também abasteceu a cozinha...

— Desnecessário — sussurrei quando ele veio até mim. — Meu objetivo é garantir que ela não tenha mais nada com o que se preocupar. Espero que ela me deixe fazer parte da vida de seu filho.

— Naturalmente, senhor.

— Está dispensando pelo resto da noite.

Não precisei olhar para ver que ele tinha ido, a porta apitou depois que saiu. Esfregando os olhos, levantei e caminhei em direção à cozinha. Mais uma vez, eu me vi querendo poder beber, talvez fumar, mas em vez de fazer tudo isso, abri dois saquinhos de chá de camomila... Se tivesse sorte, uma xícara me faria dormir.

Esta é a sua vida. A minha vida. Eu trabalho, volto, tomo chá e durmo para voltar a trabalhar. Não sabia mais o que fazer. Parecia que eu estava morrendo por dentro...

Talvez eu devesse trazer meus cachorros?, pensei. Mas lembrei que um deles estava doente. Tudo estava morrendo em mim aparentemente... Todos menos ela. Tomando o chá quente, peguei sua foto... Luella. A mulher que meu irmão feriu. A mulher que o amava mesmo assim. A mulher que eu não conseguia esquecer depois de um ano. Ela ainda estava sofrendo, também? Ela me deixaria participar da vida de Alaric? Tinha o direito de pedir aquilo? Eu não sabia, mas ia pedir de qualquer maneira porque o silêncio... essa solidão ia me comer vivo um dia.

Este encontro com ela amanhã... era a minha chance.

CAPÍTULO 4

Milagres que eu não mereço



LUELLA

Todas as minhas partes foram depiladas.

Meu cabelo foi escovado e cacheado, e a maquiagem feita.

Meus saltos clicaram no piso de mármore quando cruzei o saguão do Van Thorp Hotel. Não olhei para ninguém levando minha mala de rodinhas comigo. Parei no elevador e o homem ao meu lado se endireitou. Foi muito difícil não sorrir. Não podia negar que era bom saber que alguém reparava em mim a ponto de se ajeitarem só porque eu estava por perto.

— Depois de você. — Ele me deixou entrar primeiro, e entrou atrás de mim, ficando no fundo do elevador. Por causa do reflexo no vidro, pude ver seus olhos descerem até a minha bunda.

Apertei o botão da cobertura. O Van Thorp era um dos hotéis mais caros da cidade, o que significava que todos aqui funcionavam à base de uma única coisa: o dinheiro. É como mediam a autoestima. E parecia que também era assim que homem ao meu lado atraía as mulheres, mas pela maneira que seus ombros cederam, ele parecia já ter desistido.

Quando ele saiu, parou por um instante, obviamente pensando se deveria ou não dizer alguma coisa.

— Eu...

— Demorou muito — comentei com as portas já se fechando em seu rosto.

A cada andar que passava, eu sentia a batalha interna que acontecia dentro de mim. Precisava deixar de sentir autoaversão. Tinha que ser forte, sexy e confiante. Um cliente não ligava para os problemas pessoais, a razão pela qual pagavam tanto dinheiro era porque queriam que todos os momentos juntos fossem focados neles. Queriam despejar seus problemas em mim e não o contrário.

— Cobertura — anunciou o elevador, e as portas se abriram, revelando uma grande porta dupla a poucos metros de distância.

Verifiquei o código de novo no meu telefone, mas quando dei um passo mais perto, percebi que a porta já estava aberta.

Você consegue fazer isso, Lulu.

— Olá? — chamei assim que passei pela porta. — Uau.

Já estive no Van Thorp, mas nunca na cobertura. Na minha frente, havia uma janela do teto ao chão, com vista para a cidade de Nova York. O interior da sala era clássico, mas com um toque moderno, em tons prateado, branco e azul-marinho. Uma lareira crepitava à direita. Tirando meu casaco, eu o coloquei em cima da mala e a levei para o canto antes de entrar. À esquerda, havia um luxuoso aquário, enorme e redondo, cheio de peixes grandes e pequenos, que subiam até o segundo andar pelo meio da escada. Era como uma pornografia arquitetônica e de design de interiores, não sabia para onde olhar. Caminhei até o aquário e, parecendo uma criança, pus a mão no vidro. Tocando uma vez, todos nadaram para longe.

— Você os assustou — alguém disse atrás de mim.

Merda. Esqueci porque eu estava aqui.

— Desculpa. Acabei um pouco fascinada... Ah, meu Deus. — Arfei quando o vi do outro lado da sala, profundos olhos azuis da cor do mar, cabelo castanho claro espesso, mandíbula marcante, dedos compridos e ombros largos. Exatamente como eu me lembrava.

— Donovan? — Incapaz de acreditar, dei um passo para longe dele, e minhas costas pressionaram contra o vidro. Meu coração disparou, e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Não sou ele — afirmou ele suavemente. — Eu sou o Dorian, o irmão gêmeo. Nós nos conhecemos no ano passado, lembra?

Eu estava em choque. Não conseguia lembrar nem o que comi naquela manhã, muito menos no ano passado. Ele deu um passo na minha direção e, sem ter para onde ir, só pude observá-lo.

— Provavelmente não se lembra, mas na noite depois do velório dele, você entrou no escritório e nós...

— Transamos — Como pude me esquecer de como ele me possuiu contra a estante, em cima da mesa e no quarto dele?

— Eu me perguntei o porquê naquela época. Agora percebi que era por causa do meu rosto. Você queria estar com meu irmão outra vez, né?

— Você é o meu cliente? — perguntei, mudando de assunto e tentando me recompor. — Como é que me achou?

Agora que eu sabia que ele não era o Don, podia ver as pequenas diferenças entre eles. A primeira delas sendo o terno e o decoro com que se portava, com orgulho e confiança. Don vivia de jaqueta de couro, camiseta e jeans, sem mencionar que sempre andava com a postura relaxada. E por último, Don sorria. Podia ter acabado de martelar o próprio dedo, mas sorria mesmo

sentindo dor.

— Podemos conversar durante o jantar? — pediu.

Eu não queria. Olhar para ele doía. Trazia muitas lembranças para mim, mas tão pouco podia sair. Ele era o cliente.

Fiz que sim com a cabeça, seguindo-o até a sala de jantar, que também tinha vista para a cidade. Ele puxou a cadeira ao lado da sua para mim.

— Obrigada. — Coloquei o guardanapo no colo.

— De nada. — Ele se sentou.

Na mesa havia de tudo, de lagosta a sopa, como um banquete.

— Não sabia do que você gosta. Por favor, coma o quanto quiser ou pouco.

— Ou pouco? — Olhei para ele, mas essa era uma péssima ideia. No momento em que seus olhos encontraram os meus, afastei o olhar e peguei minha colher.

— Não quero que se sinta pressionada a comer.

Tradução: ele estava tentando ser atencioso?

Com um suspiro, aceitei e me concentrei na sopa.

— Você disse que queria conversar?

— Luella... Argh... — Ele colocou os cotovelos sobre a mesa. — Tinha todo um discurso planejado. Ensaiei até. Na verdade, posso ver palavra por palavra na cabeça, mas não consigo dizer nada. Isso é constrangedor.

Concordei com a cabeça, me obrigando a olhar para ele.

— O que, exatamente, é constrangedor? A parte em que pagou para ficar comigo por uma semana ou ser idêntico ao meu ex-namorado? Ou talvez por termos transado uma vez. Não sei dizer. Tudo em mim diz para eu fugir.

Ele parecia quase em estado de agonia, enfiou a mão no bolso e tirou um cartão preto, colocando-o na minha frente.

— Abri um conta sem limite para você. Seja lá as dívidas que tiver, pague-as no final da semana com isso e, se quiser, pode ir para onde desejar. Se preferir, posso depositar o dinheiro na sua conta.

Peguei o cartão. Aqui estava aquilo que sonhei: paz, o bilhete premiado, meu ticket de saída do inferno. E me incomodou tocá-lo por diversas razões. Porque ele, automaticamente, me fez pensar em *perigo*. Nada neste mundo era livre. Ninguém era gentil a troco de nada. Então aquilo significava que havia um preço. Eu já estava atolada até o pescoço. Não precisava dever a ele, também.

— Por quê? — perguntei lenta e suavemente. — Por que diabos quer me ajudar? Não pode ser por causa do Don. Ele disse que não estavam mais se falando.

Não sabia nada a respeito do irmão de Don, além de serem gêmeos que

ficaram sem contato por anos.

— Meu irmão e eu nos reconciliamos antes de ele falecer. — Dorian pegou o copo de água, bebendo como se tivesse acabado de sair do deserto. — Em seus momentos finais, ele me falou de você e do filho... do filho *dele*, a quem abandonou. Ele me implorou para encontrar os dois, dizer a você que se arrependia por tê-la machucado tanto. Meu irmão estava doente, mas o que ele fez com você...

— Eu sei. — Limpei as lágrimas. — Sabia que estava arrependido e que estava doente. Não a princípio. No começo, ele era apenas Don, o cara bonitão que pedia uma rodada de cerveja para todos no "Shameless". Depois do colegial, fui trabalhar lá de garçonete, economizando para fazer o curso de gastronomia. Don me chamou para sair todos os dias por um mês, mas eu o ignorei. Em parte, eu achava que era impossível alguém feito ele se interessar por mim. Ele era mais velho, charmoso, o "bad boy" de Harley-Davidson. Uma noite, ele mandou meu chefe me ligar. Não tinha ninguém lá além dele e uma mesa para dois. Ele disse: "Lulu, quando é que você vai se casar comigo?" Eu caí feito um patinho. Os primeiros meses foram o paraíso e, então...

— Ele começou a beber muito? — terminou a frase, me dando um copo de água. — E você ficou.

— Sim e não. A gente se separava o tempo todo. Ele corria atrás de mim e eu voltava. Nós conversamos da sua família e como o álcool acabou com ela, junto com sua autoaversão. Ele conseguia fingir que estava feliz para todos, menos para mim. Eu estava tão apaixonada por ele, como não voltar? Ele estava um caco, mas me amava e continuava tentando ficar sóbrio por minha causa. Sabia que não era tudo culpa dele, e não queria deixá-lo. Daí eu engravidei e, quando contei para ele, Don disse para eu me livrar do bebê. Suas palavras exatas foram: *"Você ficou maluca, caralho? Quer trazer uma criança pra esta grande orgia? Mal consegue cuidar de si própria e olhe pra mim. Lulu, você estaria fazendo um favor a esse bebê. Poupe-o da infelicidade de ter que nos chamar de pais."* Fiquei com tanta raiva que dei um soco nele e quebrei os nós dos dedos na porcaria do seu queixo.

Tentei parar as malditas lágrimas, mas elas continuaram rolando pelo meu rosto. Ele me entregou um guardanapo e eu o peguei avidamente, enxugando-as. Quando olhei para o tecido, estava todo machado de maquiagem.

— Eu devo estar medonha. — Eu ri.

— Completamente o oposto, na verdade.

— Não seja gentil — respondi, apertando o guardanapo com força. — Você está certo. Mesmo depois que ele me deixou, levando quase todo meu dinheiro, eu ainda o amava. Então, fui à sua casa nos Hamptons depois de ler a

nota de falecimento dele no jornal. Fiz todos as comidas que ele mais gostava e implorei a uma empregada para me deixar entrar na cozinha. Queria dizer adeus, mas não tive forças para ir embora. Todos pensaram que eu fazia parte da equipe de funcionários. Então eu vi você e era tão parecido com ele. Tirei vantagem da sua dor e transei com você porque eu o desejava. Não seja legal comigo. Não sou uma boa pessoa.

— Você me salvou — disse ele, olhando para a comida que nenhum de nós tinha tocado. — Estava morrendo por dentro. Estava tão perdido. Daí você veio até mim e eu descontei toda a minha frustração em você... no seu corpo. Eu também usei você e sempre quis agradecê-la pessoalmente.

— Eu...

— Você...

Nós dois tentamos falar ao mesmo tempo. Rindo, balancei a cabeça e apontei para que ele falasse primeiro.

— Eu já falei mesmo.

— Por que sente tanto a falta dele? — perguntou, parecendo genuinamente confuso. — Ele não tinha dinheiro, eu me certifiquei disso. Provavelmente nem trabalhava direito, você o amava e ele tirou tudo de você.

Queria muito que ele não tivesse perguntado aquilo, porque eu não sabia como responder sem parecer uma idiota.

— Não tem que res...

— E-Ele foi gentil — respondi, torcendo para que ele não tenha notado como a minha voz falhou. — Ele tinha muitos defeitos, mas eu também. Durante toda a minha vida eu fui... Conheci pessoas verdadeiramente horríveis. Aprendi que quando você não é alguém, você é ninguém. Eu não existia para as pessoas. Ninguém precisava de mim. Então eu o conheci e ele me tratou como se eu fosse ouro. Ele me fez rir, e sempre queria a minha atenção. Eu me sentia bem e confiante com ele. E não estava sozinha. Você não tem ideia de como é bom acordar e saber que não está sozinho. Saber que alguém ama você, precisa de você, quer você. É viciante.

—Você está certa. — Ele franziu o cenho, desviando o olhar. — Eu sempre estive sozinho, portanto, eu não sei.

— Você é Dorian Rhys-Gallagher, tem muitas pessoas ao seu redor o tempo todo...

— “Ao redor” não é a mesma coisa. — Ele forçou um sorriso. — É lamentável que eu tenha ficado vivo, que tenha herdado tudo, mas tenho certeza de que ele teve uma vida muito mais feliz por ter tido você.

Eu zombei daquilo.

— Eu não era o sol dele, nem nada assim.

— Em seus últimos instantes, ele falou de você — disse ele, e senti um nó na garganta. — Como desejou ter sido um homem melhor para você, que tipo de vida poderia ter tido com você. Ele riu, sorriu e morreu, feliz pensando em você. Obrigado por isso, também.

Respirando fundo, enxuguei as lágrimas dos olhos antes de forçar um sorriso.

— Falar sobre tudo isso sóbria é um pouco torturante.

— Você quer...

— Não — respondi rapidamente. — Quis essa vida que ele falou e, em vez de me dar isso, ele se foi e disse para você enquanto morria e, nem sequer me procurou... Eu o amei e o odiei.

— Eu também.

Nós ficamos em silêncio. Ele não desviou o olhar do meu rosto um segundo sequer e, em seus olhos, vi sua dor e solidão. O peso do mundo estava sobre seus ombros.

— Naquela noite, eu estava desolado. Não conseguia sentir ou pensar em nada além de dor. E você estava certa, eu queria me sentir melhor, mas não acreditava que fosse possível. Não achei que me sentiria melhor. Naquele momento, você me fez sentir vivo. Se não estivesse lá, não sei o quão fundo eu teria caído, se até mesmo teria chegado vivo na manhã seguinte. Agora também quero ajuda-la.

— Obrigada, mas não quero ser o seu caso de caridade — retruquei, colocando o cartão na mesa.

— Não é caridade, é direito seu — respondeu ele. Dorian se levantou, pegou um tablet e se aproximou, mostrando-o para mim.

— O que é isso? — perguntei, olhando para a lista e os gráficos.

— Donovan e eu brigamos, e cortei não só o contato, mas também o acesso ao dinheiro da família na esperança de que voltasse para pedir ajuda. Ele não voltou, mas jamais toquei em sua herança. Eu a guardei para que ele não acabasse com tudo. No final, ele deixou para você e Alaric. Não é caridade. É seu. Por lei. Foi o único desejo em seu testamento.

— Como é que é? — Suspirei.

Ele riu, voltando a mostrar o aplicativo para mim.

— Vê esse oito e todos os zeros atrás dele? É seu, junto com os carros e a casa...

— Pare. Estou sonhando? — Cobri os olhos com a mão. — Coisas assim não acontecem comigo.

— Mas deviam. — Ele me abraçou, e foi tão acolhedor, tão gentil, que eu não queria me afastar. Quando nos separamos, a cabeça dele estava perto da

minha.

Era errado e estúpido, e mostrava que pessoa horrível que eu era, mas me inclinei.

Ele se afastou um pouco, mas não me soltou.

— Não a trouxe aqui para isso... para usá-la outra vez. Tudo o que eu quero é que seja feliz e, quem sabe, me deixe conhecer e visitar Alaric, se possível.

— Em toda a minha vida, apenas duas pessoas me disseram que queriam que fosse feliz. E você é uma delas. Obrigada...

Seus lábios cobriram os meus antes que eu pudesse reagir. Não queria que ele parasse. Ele me levantou da cadeira enquanto se levantava. Abri a boca para ele, minha língua explorando cada centímetro de sua boca.

— Não — disse ele, ofegante, afastando-se. — Isto é errado. Não quero te tratar como...

— Uma acompanhante? Mas eu sou uma.

— E agora não precisa ser mais. Além disso, você é a mulher do meu irmão. Não sabia disso da última vez, contudo...

— Só que eu sabia. Já fizemos isso uma vez. Não fica mais vergonhoso se repetirmos.

— Mesmo assim. — Ele fechou os olhos e abaixou a cabeça.

— Peço desculpas... Não queria passar a impressão de estar tão... desesperada. Devo parecer bem deprimente... — Tentei me afastar dele, mas Dorian me segurou contra a mesa. — Você não está me soltando.

— Porque eu não quero. Eu me sinto culpado por querer você nesse instante. Esta não é a razão pela qual eu a procurei, e ainda não consigo me esquecer da última vez. Nem posso ignorar o quanto está linda. Eu desejo você, só que isso deixará as coisas confusas e bagunçadas.

— A escolha é sua. Farei o que você quiser — afirmei, e pude sentir sua protuberância contra mim.

— Tire a roupa pra mim. — Sua voz era quase um sussurro, e seus olhos estavam cheios de luxúria.

Dando um passo para trás, afastei seu braço, tirando os sapatos e chutando-os de lado. Desabotoei minha camisa lentamente.

— Nossa, por que você é tão bonita? — murmurou baixinho como se estivesse aborrecido consigo mesmo... ou com Deus. Não tinha certeza, mas era uma graça.

— E agora? — perguntei, tirando a calcinha até ficar completamente nua na sua frente. Seu olhar fez minha pele esquentar. Ele lambeu os lábios e precisou respirar pelo nariz.

— Você está me matando, Luella.

— Lulu — eu o corrigi. — Me chame de Lulu.

— Quero você, Lulu — respondeu. — mas possuí-la pode acabar com a nossa relação daqui pra frente.

— Tudo bem então. — Eu sorri, e quando me inclinei para pegar minhas roupas, Dorian segurou meu braço e me puxou para ele.

— Vai ficar até de manhã? — perguntou ele, levantando a mão para tirar alguns fios de cabelo do meu rosto. — Ou fugirá outra vez?

— Eu estarei aqui — respondi. Tirei o cinto e ele não me impediu. Caindo de joelhos, abri suas calças e a desci. Segurando seu pau duro, eu o acariciei com as mãos e lambi a cabeça.

— Porra — gemeu, segurando a mesa.

Quando eu o lambi outra vez, ele se contorceu e eu sorri.

— Nós... Ah... — Ele tentou falar quando eu o coloquei na boca. Ele agarrou um punhado do meu cabelo, empurrando fundo. — Lulu.

Quando fechei os olhos, ele parecia o Don.



DORIAN

Este não era o plano.

Eu ia dar o dinheiro, pedir para visitar Alaric e tentar ter um relacionamento respeitável com a mãe do meu sobrinho. Em vez disso, eu estava enfiando o pau na sua boca doce. Aquilo estava errado. Nem sei explicar como foi que aconteceu. Em um minuto, ela estava preenchendo as lacunas do passado; eu estava sentindo a sua dor, e no outro, ela estava tirando o sutiã e a calcinha. Ela era uma mulher linda, não tinha como negar.

— Jesus. — Cerrei os lábios, olhando para ela. Sua boca era pecaminosa e a língua, Santo Deus, que língua. Ela me lambeu inteiro. Se continuasse daquele jeito, ia gozar no fundo de sua garganta. Esse pensamento me excitou ainda mais.

— P-pare — mandei, mas ela não deu ouvidos. Saí de sua boca e a levantei, limpando o canto de sua boca.

Pare já com isso, Dorian.

Mas não queria.

— Você não tem ideia do quanto eu quero te foder agora.

Ela enfiou a mão na bolsa e tirou uma camisinha.

— Nada está impedindo isso, além de você.

Nada além da minha culpa e vergonha, e que foram surpreendentemente

fáceis de derrubar.

— Você está certa.

Tirei o resto das minhas roupas antes de acabar com o espaço entre nós e a beijei. Ela pulou, envolvendo as pernas na minha cintura. Conforme ela beijava meu rosto, pescoço, mordia a orelha, eu subi com ela pelas escadas. Meu pau duro pulsou, sentindo seus seios pressionarem contra meu peitoral e os lábios percorrendo minha pele. Nunca na minha vida pareceu demorar tanto para chegar no quarto.

Finalmente, chegamos, e mais uma vez, toda a razão pela qual eu não deveria fazer isso foi embora.

— Deite na cama.

Ela se desembaraçou de mim e fez o que eu pedi sem hesitação, me excitando ainda mais.

— Se toque para mim — ordenei, parando ao pé da cama para observá-la. *Mas que porra tinha de errado comigo? Por que eu estava agindo feito um maníaco descontrolado por sexo com ela?* Eu não sabia, e quanto mais eu a observava, menos me importava.

Ela lambeu dois dedos e os deslizou lentamente pelo corpo. Suas costas se arquearam quando eles entraram em sua boceta ávida. Ela puxou um mamilo, apertando-o com força.

— Oh... — Ela acelerou o ritmo dos dedos, com as pernas abertas para que eu pudesse ver a umidade em suas coxas.

— Por favor — implorou. — Eu preciso de você.

A questão era: ela precisava de mim ou do meu irmão? Não tinha certeza, mas sabia que eu precisava dela. Não conseguia desviar o olhar dela.

Ajoelhando na cama, peguei as mãos dela e chupei as pontas dos dedos. Passei a língua pela coxa, beijando sua pele até chegar no clitóris. Eu o lambi e ela estremeceu.

— Seu gosto é divino. — Deslizei os dedos dentro dela ao mesmo tempo em que chupava e beijava. Ela apoiou as pernas nos meus ombros enquanto eu a comia.

— Oh-ah! — Ofegou, sacudindo contra a minha língua.

Aquilo era uma palavra? Não sabia dizer, mas gostei de ouvir.

Eu a fodi com o dedo mais forte, mais rápido. Na minha língua, pude sentir seu tremor, ela estava tão perto e tinha um gosto tão doce.

— Minha nossa! — ela gritou, incapaz de se controlar ao gozar.

Beijando ambas as coxas, eu me sentei, tirei os dedos dela e os limpei com a boca. Ela me observou por um instante antes de se sentar e colocar meus dedos na boca, limpando-os também. Seus olhos castanhos esverdeados nunca se

afastaram dos meus, nem os meus dos dela.

— Me beija — sussurrou ela, e eu beijei, permitindo que sentisse o próprio gosto na minha língua. Meu comprimento roçou na sua boceta e nos esfregamos um no outro. Segurei suas coxas enquanto seus lábios foram para o lado do meu queixo.

— Não se segure. — Ela enfiou a mão entre nós, colocando o preservativo em mim. — Tudo o que está sentindo, me faça sentir também.

Segurei firme a sua garganta, olhando para ela.

— Por que me tenta desse jeito?

— Eu é que deveria te perguntar isso — respondeu ela, e bem quando eu achei que ela já havia acabado comigo, que já tinha feito eu perder qualquer autocontrole que ainda me restava, ela disse:

— Me foda, por favor.

Paraíso... Tudo isso era o paraíso para mim.

Empurrando-a na cama, dei o que ela queria. Separei suas pernas e entrei com tudo. Suas costas se arquearam na cama.

— Meu Deus, isso. — Ela sorriu, agarrando os lençóis. — Isso mesmo, baby, mais forte.

Era conhecido pelo meu autocontrole. Tudo que eu fazia era com a cabeça fria. Pensava, planejava e executava tudo quase à perfeição.

Mas com ela, nada disso existia. Uma parte de mim que eu não conhecia apareceu para ela.

— Oh... Porra — gemeu ela entredentes, segurando a cabeceira com força. Suas pernas me envolveram quando a possuí furiosamente.

A cama inteira balançava. Sua boceta estava tão apertada, me prendendo, e seu corpo se movia em sincronia com o meu, os seios saltando livremente sob mim. Poderia me perder nela para sempre e mais um dia e jamais reclamaria.

— Mais forte — mandou ela, suas mãos vagando pelo meu peito.

Prendi as mãos dela acima da cabeça.

— O que vai quebrar primeiro, a cama ou você?

Ela riu.

— Faça com que seja eu.

Eu saí só um pouco e PLAFT.

— Porra, assim.

PLAFT.

— De novo.

PLAFT.

— Por favor, deixa eu tocar em você. — Ela tentou se soltar, mas não deixei.

PLAFT.

Seus lábios se abriram de novo.

— Ahhhh....

Senti-la era tão bom que minha vontade era gritar. Meu coração batia acelerado e eu não consegui mais segurar seus pulsos.

Eu a fodi selvagem e impiedosamente. O suor pingava na ponta do meu nariz, minha visão borrou.

Ela gritou mais uma vez, gozando para mim.

— Porra, Lu... — grunhi, alcançando o meu clímax.

Depois de sair dela e jogar o preservativo no lixo, deitei ao seu lado.

O quarto cheirava a sexo, e a cada respiração intensa que dava, a realidade voltava a me perturbar.

Mas que inferno, Dorian.

Pela segunda vez, transei com a mulher do meu irmão, a mãe do filho dele, e desta vez foi totalmente consciente. Eu a comprei e a comi. Uma parte em mim sabia que era bem provável que ela tenha pensado no Donovan o tempo inteiro. Esse pensamento me incomodou mais do que o fato de que eu tinha escolhido transar com ela.

— Isso, não pode voltar a acontecer — afirmei. Luella estava olhando para o teto, seu cabelo grudado no corpo suado.

— Você soa como se estivesse me implorando. — Ela se virou para me encarar. — Mas quem tem o controle é você.

— Tenho? — retruquei. Porque ter controle era a última coisa que eu sentia ao estar com ela.

— Você pagou por mim e eu sei das suas boas intenções. Mas quando descobriu quem eu era, poderia tranquilamente ter vindo me ver. Em vez disso, você me mandou vir para sua cobertura — respondeu ela com aquele olhar de quem sabe de algo que eu não sabia.

— Fiquei com medo do que aconteceria se aparecesse na sua porta. Pensei em simplesmente lhe dar o dinheiro e ficar longe da sua vida, mas quero conhecer Alaric. Quero conversar com você...

— Então, você pagou para ficar comigo. — Franzi o cenho ao ouvir aquilo, mas ela não. Luella rolou e colocou a mão no meu rosto. — Não estou chateada. Se quer participar da vida de Alaric, acho que devemos, pelo menos, estar de acordo em sermos honestos... ou tão honestos quanto possível um com o outro. Por que você pagou por mim?

Ela não desviou o olhar, e quanto mais eu a encarava, mais hipnotizante ela se tornava.

— Porque eu queria ajudar...

Ela beijou meus lábios suavemente e depois se afastou.

— Por que pagou para ficar comigo e me trouxe para um hotel?

— Eu...

Ela me beijou de novo e se afastou depressa demais.

— Por que o jantar?

— Para conversar...

Novamente um beijo, e desta vez minha mão descansou em seus quadris, e de novo o beijo foi rápido demais.

— Por que se aproximou?

Beijo.

— Por que não soltou?

Beijo.

— Por que me pediu para tirar a roupa?

Já chega. Subindo em cima dela, suas mãos enlaçaram meu pescoço, e eu a olhei fixamente, percebendo porque raios ela valia 250 mil dólares. Depois que um homem ficava preso nessa armadilha, não havia esperança de se libertar.

— Dorian, me diga a verdade,— sussurrou. — Você queria me ajudar, mas também queria...

— Estar com você de novo — concluí por ela. — Eu paguei para tê-la por vários motivos. Eu realmente achei que poderia ajudá-la, mas eu também a queria outra vez. Eu a trouxe para um hotel porque parece reservado e digno ao mesmo tempo, e mandei preparar o jantar para que pudéssemos conversar, para que eu pudesse conhece-la e você pudesse se sentir confortável. Eu cheguei perto porque você está sofrendo. Não soltei porque eu estou sofrendo. Pedi para tirar as roupas para que nós dois sentíssemos algo além do sofrimento.

Ela sorriu maliciosamente, e lá estava, luxúria em seus olhos. Eu me inclinei para beijá-la e ela colocou o dedo nos meus lábios.

— Pensei que você tivesse dito que isso não podia acontecer de novo.

Agora eu entendi aonde ela queria chegar. Ela era inteligente. Muito inteligente. Queria que eu enxergasse que, se estivéssemos perto um do outro, isso provavelmente seria o resultado final.

— Aparentemente, não sabia quem eu estava enfrentando — respondi e senti o mesmo sorriso no rosto.

— Eu só quero que sejamos honestos — comentou suavemente, inclinando-se para me beijar.

Ela me fez acreditar que eu tinha todas as escolhas, que estava completamente no controle – tudo para que eu acabasse fazendo o que ela queria.

Eu, o Carniceiro de Wall Street, aquele filho da puta, aquele maldito, o

homem que sempre pensava dois passos à frente e evitava qualquer escândalo, tinha caído feito um patinho na armadilha dela.

E eu gostei de cair.

CAPÍTULO 5

É tudo um pouquinho confuso



DORIAN

Ela deitou no meu peito, e seu corpo parecia tão macio e quente contra o meu que eu não queria me mexer. Passei as mãos pelo cabelo dela, a cabeça sem pensar em absolutamente nada, algo que jamais experimentei antes. Sexo tão bom que fiquei em um estado de euforia.

— Ninguém nunca me chamou de Lulu ou até mesmo de Luella quando eu... — Sua voz se calou, e eu esperei para que continuasse falando. Como não continuou, falei o que eu sabia que ela não queria dizer.

— Quando estava trabalhando como acompanhante?

Silêncio.

Demorou um segundo até que a senti assentir com a cabeça no meu peito.

— Já assistiu a "Uma Linda Mulher"?

— Não, mas ouvi falar. É de uma prostituta e um empresário rico que se apaixonam um pelo outro, né? — Não era muito de assistir filmes.

— Sim, esse mesmo. — Ela riu e o som fez cócegas na minha pele. — Todo mundo adorou esse filme quando foi lançado. Julia Roberts foi nomeada para ganhar um Oscar por causa dele. As pessoas ainda o assistem e acham que é fofo e romântico. Mas quando conhecem uma acompanhante ou uma prostituta na vida real, é como se tivéssemos a palavra "Adultério" escrita na nossa testa. Mulheres e homens julgam, e deixamos de ser pessoas e nos tornamos brinquedos sexuais. As pessoas não acreditam que podemos ter uma experiência sexual genuína com alguém.

Ela levantou a cabeça, apoiando o queixo no meu peito, e olhou para mim ao mesmo tempo em que eu a olhava.

— Está tentando me dizer que o que acabamos de fazer foi uma *experiência sexual genuína*?

— Sim — respondeu. — Assim como a Julia Roberts em "Uma Linda Mulher" não deixava nenhum homem beijá-la na boca, eu não deixo ninguém me chamar de Lulu.

— Você não precisa me falar nada — eu disse a ela, sendo sincero. — Seu passado não me ofende ou me perturba. Assim como em "Uma Linda

Mulher", sou um homem de negócios rico que não se importa, e além disso, você não é mais acompanhante, ou alguém que não tem dinheiro. Você não tem nada a ganhar por estar aqui comigo, então como eu poderia pensar que não foi sincero? Quem quer que você fique sou eu. E não só você, mas também...

— Alaric — completou ela.

Concordei com a cabeça, olhando para o teto. As luzes da cidade refletiam nele através da janela.

— Sabia que, biologicamente, eu poderia ser o pai dele, falando em termos técnicos? Donovan e eu éramos gêmeos idênticos.

— Eu sei, e foi por isso que não fui atrás de você no começo. Fiquei com medo de que você o tirasse de mim. Se Donovan não me achava capaz de ser mãe, o que iria dizer o seu irmão bem de vida? Você disse que não tem mais nenhum familiar. Achei que se descobrisse sobre Alaric, você o desejaria desesperadamente. Com todo o dinheiro e poder que tem, sabia que o levaria se quisesse. Eu era uma mulher falida só com o diploma do ensino médio e prostituta ainda por cima. Poderia brigar por ele e o levaria. E eu morreria.

Em nenhum momento pensei em tirá-lo dela. Mas agora, ao pensar nisso, ela estava certa. Se eu quisesse, poderia ter conseguido.

— Não vou tirá-lo de você — garanti. — Eu quero estar na vida dele, só isso. Você não é uma prostituta. Não para mim. Você é uma mãe que fez tudo o que pôde pelo filho. Eu sei porque precisava do dinheiro. Sei que ele estava doente. Nada disso foi culpa sua, e se alguém faz você se sentir como se não tivesse nenhum valor, eu os corrigirei com prazer. Um homem que paga por mulheres é muito pior do que a mulher que tem que se vender.

— Eu me apaixonei pelo gêmeo errado.

Eu ri descaradamente daquilo.

— Talvez você não tivesse sofrido por causa de dinheiro se tivesse sido eu, mas eu a teria magoado também. Todas as mulheres com quem fiquei sempre foram embora. Sou incapaz de amar, aparentemente. — E também nunca duvidei das afirmações delas. — Eu faria de tudo por Alaric, é claro — acrescentei rapidamente, não querendo dar um tiro no próprio pé.

Ela sorriu, um sorriso de verdade.

— Tudo bem.

— Tudo bem? — perguntei um pouco impaciente.

— Você pode conhecê-lo.

— Sério?

Ela riu.

— Sério.

E simples assim, meu mundo ficou um pouco mais iluminado.



LUELLA

O relógio marcava 4h06 quando abri os olhos. A cama ao meu lado estava vazia. Puxando os lençóis, sentei e notei que minha mala estava no quarto. Mas peguei a camisa dele do chão em vez de procurar algo para vestir.

Eu tropecei, as pernas pareciam gelatina quando tentei me levantar. Ele realmente tinha acabado comigo e, com toda a honestidade, eu me sentia maravilhosa.

Pare com isso, Luella. Foco.

O brilho do aquário era a única luz que iluminava o caminho enquanto eu descia a escada caracol.

Ele estava sentado na sala de estar, só de calça de pijama de seda, bem na frente das grandes janelas, digitando no notebook. Com os óculos na ponte do nariz. Bem, tinha certeza de que ele não teria me notado se o último degrau da escada não tivesse rangido. Ele olhou para cima, ajeitando os óculos antes de tirá-los de vez.

— Lulu.

— Está tudo bem. Não precisa se levantar. — Ergui as mãos como se fosse usá-las para o empurrar de volta no lugar, mesmo que houvesse uma boa distância entre nós. Ele lentamente se acomodou de novo, mas continuou olhando para mim. — Não quero incomodar você, só queria pegar um pouco de água.

Na verdade, eu queria saber onde ele estava. Mas ele não precisava saber disso.

— Fique à vontade. — Ele acenou para a cozinha.

— Obrigada. — Sorri, pensando em como ainda era gentil.

Ele transou comigo três vezes e eu implorei a ele na primeira vez. No entanto, ele não me olhava igual aos outros. Aqueles que sabiam o que eu fazia para ganhar a vida olhavam para mim de duas maneiras: com absoluta luxúria, ansiosos para gozar, me obrigando a fazer o que queriam; ou como se me odiassem. Eles se excitavam ao me humilhar enquanto me usavam, dizendo o quão repugnante e inútil eu era, e eu só tinha que aceitar aquilo.

Ele me via como mulher, exatamente como ele dissera ontem à noite.

Entrando na cozinha, notei que a comida do jantar havia sido guardada. Nas portas internas da geladeira estava cheio de água e sucos. Eu servi um copo de suco de laranja para mim e um para ele.

— Eu menti — confessei, voltando para a sala de estar.

— Sobre?

— Não vim só para tomar água. Queria conversar, mas se estiver ocupado, eu posso...

— Vamos conversar. — Ele fechou o notebook, colocando-o na mesa.

Entreguei o copo para ele e sentei no sofá. Tentei pensar no que dizer, mas eu não conseguia raciocinar direito.

— Droga. — Suspirei, colocando o cabelo atrás das orelhas. — Juro que eu queria muito falar com você, mas minha cabeça está uma zona.

— Não precisamos começar pelos assuntos difíceis. — Ele bebeu o suco e recostou-se.

Eu estou fazendo ele perder tempo. É uma pessoa importante e eu...

— Você pode me falar do Alaric — pediu ele, e não pude deixar de ficar animada.

Colocando meu copo na mesa, eu me virei para ficarmos de frente um para o outro.

— Ele é incrível, e sei que estou sendo tendenciosa porque sou sua mãe, mas ele é sim. Nasceu cabeludo e com olhos azuis claros. Parecidos com os de vocês, na verdade. Ele é charmoso também, adora sorvete de baunilha e de doces. Quando vamos à sorveteria, ele bate os cílios para as garotas atrás do balcão e elas se derretem e dão uma colher dupla de graça para ele. Além disso, ele é superdotado. Tenho tudo documentado, quando ele começou a fazer exercícios de sexta série na creche, eu o levei para fazer um daqueles testes de QI. Não havia como negar que meu bebê era um pequeno gênio. Matemática, ciências, literatura – não fazia diferença. Depois que aprendia, era para sempre. Poderíamos nos perder no meio do Central Park que ele era capaz de refazer nossos passos e me contar tudo o que viu em ordem inversa. Os médicos disseram que ele...

— Memória fotográfica. — Ele levantou para se sentar ao meu lado.

— Como sabia?

— Eu também tenho. É raro em crianças, mas ainda mais raro em adultos. Eu me lembro de tudo; até do gosto do meu bolo de aniversário de noves anos — respondeu ele, colocando o copo na mesa também.

— Ele sente dores de cabeça às vezes. Sempre achei que era o implante coclear porque ele tira o aparelho auditivo algumas vezes. Você também tem? Isso acontece porque ele tem tantas sensações? — Franzi a testa, pensando nisso.

Ele assentiu.

— Elas vêm e vão. Era muito pior quando eu era criança. Nunca conseguia esquecer nada, o que era estressante. Sons, cheiros, lugares; passava a maior parte do tempo no quarto, até me acostumar com isso.

— Ele não se esconde, gosta de sair e de brincar. Ama tênis, futebol,

golfe e aviões. Uma tarde, deixei a televisão ligada em um canal de esportes e ele assistiu aos jogos. Ele também gosta muito quando os aviões sobrevoam os campos antes dos jogos. Sempre tem muita vontade de saber tudo. Trouxe um sapo para casa uma vez e queria ficar com ele. Pesquisou tudo o que podia sobre o bicho para ter certeza de que encontraria um bom lugar para ele morar, mas Murphy pulou e fugiu assim que ele o levou para fora. Alaric ficou tão desolado que até procurei o bicho no parque.

— E você achou?

Eu ri, balançando a cabeça.

— Não consegui suportar vê-lo tão triste, então fui até um *petshop* e comprei um. Mas Alaric soube, e disse que não era a mesma coisa. Chegou a explicar a diferença entre os sapos que têm pés palmados e os que não precisam deles, já que vivem em terra. Senti tanto nojo quanto fiquei espantada com a sua palestra. Nós soltamos o sapo "na natureza", e ele voltou a atenção para seu próximo interesse.

— Você é uma boa mãe — afirmou ele com um sorriso nos lábios.

— Sou? — Eu olhei para o meu colo. — Eu o deixei com a minha melhor amiga esta semana, torcendo para que meu cliente não precisasse transar o dia todo e, assim, eu seria capaz de sair para vê-lo. Isso não é ser boa mãe. Esse é o tipo de mãe que marca seu filho para sempre. Estou com medo de que um dia ele descubra e acabe no sofá de um terapeuta, falando de mim.

— Esse não é o pior lugar para se estar. — Ele pegou o copo, segurando-o com força. — Passei três anos no sofá de um terapeuta, falando da minha mãe e do meu pai. Eu não os odeio. Minha mãe jamais falou de mim com metade da animação com que você fala de Alaric. Todas as lembranças que tenho são dela bebendo, bêbada, chorando e brigando com meu pai. Quando ela me abraçava, fedia a bebida e dizia que se arrependia por ter sido tão inútil. Inútil era como meu pai a chamava. Ela queria ser legal e pedia para o motorista nos pegar na escola e nos levar para tomar sorvete e ver filmes. Foi o jeito de ela mostrar que se importava, mas nunca conseguia ver o filme inteiro, sempre capotava antes que ele terminasse. Eu sabia que ela queria ser melhor. De certa forma, ela realmente amava a mim e ao Don. Só não foi o suficiente para fazê-la parar. Na verdade, nenhum dos dois era forte o bastante. Ela morreu quando eu tinha quinze anos, e meu pai durou apenas mais cinco anos. Um ano depois, Donovan seguia o mesmo caminho.

— O que te faz ser tão forte? — perguntei. Ele era o último sobrevivente na sala mais cara da cidade de Nova York.

Ele riu amargamente, olhando para a cidade prestes a acordar.

— Não sou forte. Todo mundo pensa isso, mas na verdade, sinto medo.

Tenho medo de morrer. Receio que o legado da família não será nada além de motivo de piada. Sou um homem impulsionado pelo medo. Mas não tem problema, né? Sou o último Rhys-Gallagher, então quem é que tem o direito de me julgar? Reconstruí a empresa do meu pai e me tornei tão bem-sucedido que as pessoas *me* temem. Dorian Rhys-Gallagher, "o carniceiro". Já acabei com pessoas por dinheiro, também.

Ele abriu o notebook, e me mostrou uma lista com nomes.

— Duzentos e cinquenta mil pessoas estarão desempregadas este ano porque assumi a empresa de outro homem. Memorizei cada sobrenome, e não há nada que eu possa fazer além de indicar algumas oportunidades de trabalho que ajudarão apenas um terço delas. Não há mais nada que eu possa fazer. Todo mundo está ferrando com alguém. Não é só você.

— Não há problema em ter medo — afirmei. — Não fui para a faculdade porque estava com medo. Tenho dislexia e cresci no sistema de adoção. Na escola, meus professores me chamavam para levantar e ler na frente da turma, e eu era chamada de retardada e riam de mim. Gostava de aprender, e queria melhorar, então me esforcei. Era inteligente. Só não conseguia ler igual a todo mundo. Assim, escutava audiolivros e estudava dessa maneira. No colegial, alguns professores faziam prova oral comigo. Eu me formei entre os melhores da minha turma, mas tinha medo de não poder trabalhar e ir para a faculdade. Então eu parei. Todos nós temos medos e, às vezes, eles acabam nos vencendo.

Seus olhos desceram para os meus lábios. Ele se inclinou para mim e eu me aproximei dele.

— Você deveria ir se deitar — disse ele.

— Por quê?

— Porque eu quero beijá-la de novo, e quanto mais tempo conversarmos, pode ser que você me olhe ainda mais e veja o meu irmão, não a mim. Isso é confuso. *Nós* somos uma confusão. Portanto, antes de esclarecermos o que está acontecendo aqui, gostaria de me aproximar de Alaric. Quero fazer parte da vida dele, e isso também significa fazer parte da sua. Tenho a sensação de que acabaremos juntos na cama novamente, mas agora vamos nos concentrar nele.

Eu queria beijá-lo também, nós éramos a própria definição da confusão.

— Mais uma coisa sobre o Alaric. — Eu recuei, lambendo os lábios.

Ele assentiu, sentando-se direito.

— Pode falar.

— Você mencionou que poderia ser o pai biológico dele?

— Porque Donovan e eu éramos gêmeos idênticos. — Ele acenou para eu continuar.

Abri a boca para falar, mas não consegui dizer. Balançando a cabeça,

comecei a me levantar para sair, mas ele se aproximou e pegou minha mão.

— O que foi? — perguntou.

— É besteira.

— Você disse que era sobre o Alaric, duvido que possa ser besteira, o que foi, Lulu? Fala pra mim. Ele está bem?

Sorri ao ver o quanto se preocupava.

— É só que... Ele vem perguntado do pai há muito tempo, e não tive coragem de dizer que seu pai e eu não tínhamos uma boa relação, por isso eu disse que ele estava doente e que estava melhorando. Mas depois Don morreu, e desde então, não consegui contar tudo. Estou tentando explicar isso para ele.

— O pai dele morreu e agora tem um tio que é idêntico ao pai?

Assenti.

— É uma loucura, não se preocupe, vou dizer para ele a verdade.

— O que é uma loucura?

— Hã? — Olhei em seus olhos, e ele estava me olhando tão gentilmente.

— O que é que você acha que é uma loucura?

Abaixei a cabeça.

— Eu... eu, ia dizer que você é o pai dele, por enquanto. No futuro, quando for mais velho, podemos dizer a verdade... Mas isso é...

— Sim. — Ele sorriu, assentindo. — Farei isso.

Ergui a cabeça no susto para olhá-lo.

— Sério?

— Sim. — Ele afirmou com a cabeça. — Conheço a sensação de como é ouvir que seu pai se foi e nunca mais voltará. É uma droga... e nada te prepara para esse sentimento. Não quero que no momento em que ele me conheça, também seja a primeira vez que descubra que o pai morreu. Não quero partir seu coração assim. Ele deve acreditar de verdade que o pai dele está mesmo por perto.

Mordi o lábio, tentando respirar.

— Sim... Ultimamente, ele tem perguntado quase toda semana. Até me pediu para visitá-lo ontem porque acha que isso fará o pai melhorar mais depressa.

— Então não vamos desapontá-lo.

— Obrigada, Dorian... obrigada — sussurrei, abraçando-o forte. E quando ele me abraçou, eu queria soltá-lo.

— Não sei a Linguagem de Sinais, mas aprendo rápido. Você pode me mostrar como dizer algumas coisas? Como “oi” e “é um prazer conhecê-lo”? Procurei online, mas tinha muitas variações — sussurrou no meu ouvido, e eu ri.

Saindo um pouco de seu abraço, abaixei as mãos para pegar as suas,

ignorando o arrepio que subiu pela espinha.

— Isso é “oi”. — Mostrei com as mãos e depois movi seus dedos, repetindo o movimento.

— Oi. — Ele sorriu, encarando as mãos estranhamente.

— É mais fácil falar e sinalizar ao mesmo tempo sempre que estou com Alaric, mas conversando com outra pessoa, faço o melhor que posso para sinalizar, mesmo que ele não esteja na conversa, para deixá-lo mais confortável. Ele consegue ouvir parcialmente por causa de aparelho auditivo, mas não é perfeito. E isso — movi as mãos — é o sinal que quer dizer “Alaric”. Nomes são frequentemente sinais. Por exemplo, para “Luella” aponte para os seus lábios e traga o seu dedo para fora, assim.

— Por quê? — Ele me copiou.

Eu sorri.

— Porque “Luella” se parece com uma música. Então, o sinal do meu nome é esse movimento com um *L*.

— Luella. — Ele fez o movimento de novo, e eu amei não só ver o meu nome, mas ouvi-lo também. — Como é “Dorian”?

— Hmmm. — Eu pensei por um momento. — Tem que ter cuidado com os sinais dos nomes. Uma vez definido, é seu para sempre. Vou soletrar o seu nome para ele e ver o que ele vai inventar.

— O que mais preciso saber?

Ao vê-lo tão ansioso, fiquei com raiva de mim mesma por não tê-lo procurado antes.



DORIAN

Participei de reuniões com governadores, chefes da polícia, lobos de Wall Street e cruzei com algumas celebridades e atletas – caramba, já almocei com Larry King uma vez –, mas nunca fiquei tão nervoso como eu estava agora, prestes a enfrentar um menino de cinco anos de idade.

— Você disse que sua amiga está vindo com ele? — perguntei de novo, abotoando a camisa. Ela estava de vestido azul claro. Não tinha ideia de como era tentador ver suas pernas macias expostas. Era inevitável não me lembrar de tê-las ao meu redor.

Concentre-se, Dorian.

Ela afastou as minhas mãos, desabotoou as mangas e as enrolou por meus braços.

— Relaxe, ele não morde, prometo. Ele não é nenhum pouco tímido.

Pode esperar um monte de perguntas dele. Vou traduzir tudo.

— E a sua amiga? Ela sabe quem eu sou?

— Eva Sotiropoulos é como uma irmã mais velha pra mim. Ela faz tudo que pode para tomar conta de mim, e quando contei a ela tudo o que você estava fazendo por mim, por Alaric, ela respondeu que ficaria do meu lado, independente do que aconteça. — Ela riu, afastando as mãos. Sentia falta do toque dela.

— Como se conheceram?

Ela suspirou.

— Eu ainda trabalhava no "Shameless", onde voltei a trabalhar depois que Don me deixou. Alaric tinha saído do hospital, e eu usei todo o dinheiro que tinha para pagar o máximo de contas que pude. Meu chefe até me deixou ficar no quarto de cima de graça. Parecia mais um armário, mas caramba, era melhor que nada. Um dia, Eva entrou no bar e todos aplaudiram e bateram nas mesas. Ela foi para trás do balcão como se fosse dona do lugar, preparando bebidas igual a um barman profissional. Ela não se parecia com um, no entanto. Estava usando um vestido de festa e sapatos de marca. Todos ficavam dizendo o quanto estavam orgulhosos por ela estar finalmente subindo na vida. Perto da hora de fechar, ela me viu tirando o lixo e meu chefe contou a ela minha história. Então ela me deu o cartão da "House of L".

Fiz cara feia, olhando para ela com raiva.

— Ela é a razão de você estar nisto?

— Não. — Ela tentou sorrir. — Eu sou a razão pela qual estou nisso. Quando ela me contou a respeito, fiquei horrorizada. Mas dois anos depois, o "Shameless" fechou. Eu não tinha para onde ir e Eva me acolheu. Não tinha dinheiro, nem casa, e vi como ela vivia. Ela conseguiu 20 mil dólares em uma noite. Eu ainda tinha contas de hospital, sem contar os cuidados que Alaric precisava. Então eu entrei nisso. Eva me passou um de seus clientes, ele parecia razoavelmente bom. Só não percebi o quanto até que já estava há algum tempo lá. Chorei depois, peguei o dinheiro e comprei roupas novas para Alaric. Comprei tudo novo para ele. Os primeiros três anos foram bastante fáceis. Mas sei que Eva se arrepende amargamente de ter me dado aquele cartão.

Sua amiga deveria se arrepender. Não se balança comida na frente de uma pessoa faminta e espera que ela não coma. Amigos não colocam amigos nessas situações.

— Você está chateado — comentou ela.

Pode apostar.

— Estou bem.

— Agora você está mentindo. — Ela riu baixinho, estendeu a mão e

apertou o dedo na minha sobrancelha. — Sua sobrancelha se contorce igualzinho a de Don quando está irritado.

Afastei a mão dela, mas não a soltei.

— Você estava vulnerável. Não tinha muitas opções...

— Somos todos vulneráveis, é assim que nos envolvemos. Ninguém cresce sonhando em ser uma acompanhante. Sua vida começa a descarrilar e você acaba assim. Não seja tendencioso a meu favor porque conhece a minha história. Eva também tentou me tirar de lá.

Eu suspirei, assentindo. Alguém bateu na porta. Meu coração bateu mais rápido.

— Deixa que eu abro — disse ela, com um sorriso que mal cabia na boca, em seguida, abriu a porta. Eu vi um borrão azul e verde quando o menino correu na direção dela. Ela o pegou, girando-o no ar. Quando ele tocou o chão, seus tênis acenderam, ela pegou a mão dele e ficou de lado para que eu pudesse vê-lo claramente.

Ele era igualzinho a mim – e a Don —quando crianças. Seu cabelo era castanho escuro, mas os olhos, o nariz, era tudo dos Rhys-Gallagher. Ela se ajoelhou ao lado dele, soltando sua mão para falar através da Linguagem dos Sinais.

“Alaric, este é o seu pai, D. O. R. I. A. N.”

Seus olhos se arregalaram e ele olhou para mim antes de se virar para ela, sinalizando.

Ela riu, afastando carinhosamente o cabelo dele do rosto.

“Sim, é verdade.”

Ele correu direto para mim, abraçando as minhas pernas. Seus óculos caíram, mas ele não se preocupou com isso, só me segurou. Aquilo me desfez. Meus olhos se encheram de lágrimas e elas transbordaram. Tentei me afastar, mas ele não me soltou.

— Alaric. — Luella, também chorando, esfregou suas costas.

Ele soltou um pouco e eu me ajoelhei na sua frente. Ele enxugou as lágrimas com os braços.

“Oi. Alaric. Estou. Muito. Feliz. Em. Te. Conhecer.”, sinalizei bem lentamente, para não errar.

Ele sorriu, sinalizando em resposta mais rápido do que jamais poderia sonhar em acompanhar.

Luella disse, chamando sua atenção:

“Alaric, querido, mais devagar. Ele não conhece todos os sinais ainda. Sabe quando tenta ler os lábios, mas as pessoas estão falando rápido demais? Você está fazendo a mesma coisa.”

Alaric sinalizou de novo, e percebi porque ela falava e sinalizava. Ver duas pessoas conversando sem nenhuma maneira de entendê-las era difícil e frustrante.

Ele respirou fundo e olhou para mim.

— Oi. Eu. Sou. Alaric — disse ele, sua voz mais alta que o normal. Ele começou a falar novamente, mas ficou frustrado e se virou para sua mãe.

“Não se preocupe”, ela sinalizou, então olhou para mim.

— Ele não gosta do jeito que fala. Consegue ler os lábios muito bem, mas falar é difícil. — Ela se virou para ele.

“Estou aqui e vou traduzir. Ele aprende rápido e, com professores como nós, vai aprender a sinalizar rapidinho.”

Ele sorriu, conversando com as mãos.

— Ele diz que isso é sério, então tenho que fazer certo.

— Sem pressão — respondi, esperando.

Ele sinalizou devagar, apontando para mim uma vez, e ela baixou a cabeça, puxando-o para um breve abraço antes de se levantar.

— O que ele disse? — perguntei, ansioso.

— Ele perguntou se está melhor agora, e se ficará doente de novo?

Eu o peguei no colo e o abracei, esperando que ele soubesse que eu estava aqui para ficar.

E torcia para que meu irmão me perdoasse por pegar tudo o que ele deixou para trás.

CAPÍTULO 6

Justo e injusto.



LUELLA

Tenha cuidado e me diga como foi tudo.

Se precisar de ajuda, me ligue!

Não percebi que Eva tinha ido embora até que recebi sua mensagem. Mandando um breve “Obrigada”, voltei para a sala onde Alaric estava agarrado ao pescoço de Dorian. Dizer que não sonhei com esse momento seria uma mentira. Sempre me perguntava como teria sido se Don tivesse ficado. De certa forma, Dorian transformou esse sonho em realidade. Vê-lo preocupado com Alaric foi mais do que eu esperava. Alaric estava tão feliz que quase chorou. Jamais me esqueceria desse momento ou faria qualquer coisa para arruiná-lo. O que significava que eu precisaria descobrir como não pular em cima de Dorian Rhys-Gallagher toda vez que eu o visse.

Já fiz isso duas vezes até agora.

Eu o pressionei.

Uma vez em sua casa e depois aqui neste quarto de hotel. Eu deveria ser madura, feito uma mãe, mais inteligente. No entanto, toda vez que ele olhava para mim, eu ficava sem fôlego. O que mostrava que pessoa horrível que eu era. Na primeira vez, eu o usei porque parecia uma realidade alternativa, em que Donovan e eu ficámos juntos e ele estava vivo. Na segunda, eu não sabia direito. Minha cabeça ficava toda confusa quando eu estava com ele. Não queria que pensasse que eu estava apenas o substituindo pelo irmão. Donovan me abandonou anos atrás. Quando conversava com Dorian, eu podia ver claramente a diferença. Mas na cama... mais uma vez, tudo era confuso. Dorian disse que estava me usando da mesma forma, ele também queria se sentir melhor, mas... tudo era confuso. Se continuássemos agindo como adolescentes excitados, complicaríamos tudo e arriscaríamos a única chance de Alaric ter uma grande família. Não queria fazer isso.

Eu ia agir como um ser humano respeitável pelo menos dessa vez.

— Lulu, ele está tentando dizer alguma coisa. — Dorian olhou para mim

de olhos arregalados, descendo Alaric. A rapidez com que ambos voltaram a atenção mim para conseguirem conversar foi um pouco engraçada.

“O que foi, meu amor?”, perguntei, sentando no sofá.

“Quero fazer perguntas a ele”, respondeu o menino, e eu repeti a mesma coisa para Dorian, que se sentou ao meu lado.

— Claro, pode perguntar — disse ele.

“Tudo bem”, eu disse para os dois. *“Finjam que não estou aqui e conversem normalmente. Vou traduzindo, tá bom?”*

Eles assentiram.

“Posso te chamar de pai?”

Dorian sorriu.

— Sim.

“Vou te ver todos os dias?”

Dorian olhou para mim e eu respondi rapidamente.

— Não aqui.

— Sempre que você quiser me ver, peça a sua mãe para me ligar, e podemos nos encontrar, tá legal?

Alaric sorriu, sentado na mesa de café, as pernas balançando para frente e para trás. Ele animadamente sinalizou tão rápido quanto conseguia pensar as perguntas.

“Podemos ir ao parque? Ao cinema? Jogar golfe? Todos os garotos da minha escola dizem que jogam golfe com seus pais. Vai me ensinar como dar nó em gravata? Só posso usar gravata com nó pronto e de presilha. Gosta de sorvete de baunilha? Podemos sair para tomar sorvete de baunilha?”

— Ei. — Dorian riu, colocando as mãos para fora, e Alaric parou. — Uma pergunta de cada vez. Sim, podemos ir ao parque, ao cinema e jogar golfe. Claro, vou ensinar a você como dar nó em gravata, mas temos que conseguir as perfeitas. E sim, adoro sorvete de baunilha, mas não precisamos sair. Podemos pedir para entregar.

“Sério? Não pode brincar a respeito de sorvete.”

— Jamais faria isso.

“Então, por favor, sim. Com granulado colorido.”

Dorian pegou o celular e discou.

— Quero pedir sorvete de baunilha com granulado colorido para ser entregue aqui na cobertura. Quanto? O suficiente para fazer um menino de cinco anos ficar maluco.

“Caramba!”, Alaric aplaudiu super animado.

“D.O.R.I.A.N.”, eu o interrompi.

Ele sorriu e piscou para mim. Balançando a cabeça para ele, olhei para

Alaric, que fez o sinal da palavra “porta”.

“Porta?”, perguntei intrigada.

“Não. O sinal do nome dele. D.O.R.I.A.N. Igual porta mas assim”, explicou, fazendo o sinal da palavra “porta” e acrescentando um nó na palma da mão.

— Ah. — Copiei o movimento, mostrando o homem ao meu lado. — Esse sinal significa você.

Ele repetiu e Alaric fez o sinal positivo para ele, com os polegares para cima.

— Terminou com as perguntas, Alaric? — perguntou ele.

Alaric colocou as mãos no queixo, pensando.

“Não consigo pensar em mais nenhuma no momento, posso perguntar mais depois?”

— Claro — respondeu ele, sentando-se na borda da cadeira. — Mas quero te dizer uma coisa.

“Diga.”

Dorian alcançou as mãos de Alaric.

— Peço desculpas por ter ficado longe de você e de sua mãe por tanto tempo. Eu sei que deve ter sido difícil, e se um de vocês chorou por minha causa, eu peço desculpas. Vocês são as pessoas mais preciosas do mundo para mim. Vocês são família e todo mundo precisa de uma. Não sei como ser pai, então precisará me ensinar, mas os melhores alunos são aqueles que querem aprender. Prometo nunca mais deixá-lo e amá-lo o melhor que puder. Tudo bem?

“Eu também te amo, pai.”, ele sorriu, estendendo a mão para abraçá-lo.

Houve uma batida na porta e eu me levantei rapidamente.

— Serviço de quarto.

— Eu atendo. — Precisava de um segundo de qualquer maneira. Não queria me tornar um desastre emocional.

Esperava uma bandeja de sorvete, mas tudo que pude ver foi uma montanha de sorvete de baunilha em uma grande bandeja.

— Caramba — arfei, abrindo espaço para que o garçom entrasse.

— Está do seu gosto, senhora? — perguntou ele.

Alaric correu até nós e ficou de queixo caído igual a mim.

— Sim, era essa a expressão que estava querendo ver. — Dorian riu, entregando uma gorjeta para o homem.

— Aproveitem. — Ele se curvou, e fechou a porta ao sair.

“Vocês dois sentirão dor de barriga comendo isso tudo”, exclamei.

“Mamãe, não podemos desperdiçar esse sorvete todo.”

— Sim, deve ser comido imediatamente — Dorian respondeu, pegando

uma tigela. — Me diga quando parar, Alaric.

"Você só para quando a tigela estiver vazia", ele olhou para mim como se estivesse confuso por Dorian não saber disso.

— Evidentemente. — Dorian entregou uma tigela para ele e até segurou o pote de granulado para colocar no sorvete.

— Espere... — Comecei a dizer, mas foi tarde demais. Ele pegou o pote de Dorian e despejou tudo em seu sorvete. — Alaric...

Dorian sacudiu a cabeça para mim, o sorriso em seu rosto era gigante conforme Alaric voltava para a sala.

— Não pegue no pé dele hoje. — Ele me entregou uma tigela de sorvete.

— Dorian, obrigada. Bem, "obrigada" não chega nem perto do que isso tudo representa.

Ele segurou meu queixo.

— Sou eu quem deveria agradecer, Lulu. Eu não estou mais sozinho.

Senti falta de sua mão quando me soltou, seguindo Alaric com a própria tigela de sorvete. Alaric abriu espaço para ele e Dorian sentou-se alegremente. Pegando um controle remoto, Dorian apertou um botão e uma televisão saiu do chão em frente às janelas. Com uma colher na boca, ele ligou o PlayStation, e se Alaric já não estava no paraíso, no momento em que Dorian lhe entregou o controle, ele certamente chegou lá.

Enchi a boca de sorvete, apreciando a maneira com que derreteu na garganta e me refrescou.

Alaric sorriu para mim antes de olhar de volta para a TV, Dorian dava uma batidinha em sua cabeça de vez em quando.

Aquilo era bom demais para ser verdade, não é?

Nada na minha vida, com exceção de Alaric, havia acabado tão bom assim alguma vez.



DORIAN

— Isso não parece higiênico — eu disse a eles quando pararam a poucos metros de um *food truck* do lado de fora do Central Park.

Nós estávamos morrendo de fome. Conseguia pensar, em pelo menos, uma dúzia de outros lugares que preferiria comer do que o trailer prateado de hambúrguer. Jamais entenderia esse fascínio por *fast-food* quando podia se dar ao luxo de ir a um restaurante.

"Ele está com medo", Luella sinalizou para Alaric, que olhou para mim como se dissesse "sério isso", colocando a mão no quadril e inclinando a cabeça.

— Não estou com medo — respondi. Por alguma razão, não acreditei que ela traduziu isso corretamente, pois tive a impressão de que ela fez mais do que alguns sinais.

"Não", disse ele, cruzando as mãos e marchando até mim. Ele sinalizou algo bem devagar.

"Meu. Papai. Não. Pode. Sentir. Medo. De. Comida."

Ela caiu na risada atrás dele.

Ignorando-a, eu o peguei no colo, caminhando até o *food truck* para restaurar a minha honra. Ele abraçou meu pescoço.

— Quero um hambúrguer, com picles, cebola, sem mostarda, metade do pão com maionese, o outro com molho picante, ketchup e alface — pedi. Luella me encarou de um jeito estranho. — O que foi?

— Como sabia o que ele queria?

Troquei Alaric de lado, que ansiosamente pegou o hambúrguer.

— Eu não sabia. Fiz o pedido para mim. Já ia perguntar o que ele queria.

Don e eu tínhamos o mesmo gosto para comida... *e mulheres.*

— É quase esquisito — disse ela, depois pediu mais dois.

— Lulu, pode deixar que pago — avisei, parando-a quando tentou pegar a carteira.

— Não posso deixar que pague tudo. — Ela entregou o dinheiro.

— Se isso significa tanto para você...

— Sim — Ela me passou um hambúrguer. — Se ele estiver pesado, pode colocá-lo no chão.

— Está tu...

"Alaric, não", ela sinalizou depressa, mas já era tarde demais. Ele pegou seu lanche e uma gota grande de maionese e ketchup caiu no meu peito.

Seus olhos se arregalaram e ele acenou com a mão. Eu me lembrava desse símbolo.

Significava "me desculpa" e ele continuava repetindo aquilo.

"Alaric", ela fez o sinal do nome dele e eu o coloquei no chão, ele abaixou a cabeça.

— Está tudo bem. — Coloquei a mão em sua cabeça, fazendo com que ele olhasse para cima. Mostrei os polegares para cima a ele.

— *Sinto muito, Dorian* — repetiu Luella, pegando o lanche para limpar as mãos dele.

— Tenho cem camisas. Está tudo bem. Vai fazer com ele se sinta mal de novo. — Ajoelhei-me e batemos os punhos.

— Vocês querem ir a outro lugar? — perguntei.

Luella deu uma mordida desajeitada, ainda tentando traduzir. Eu tinha me

esquecido por um segundo que ela era a única maneira de nos comunicarmos.

“Podemos jogar na sua TV de novo?”, Alaric perguntou e Lulu traduziu, depois de engolir, sem perceber que tinha um pouco de sujeira no canto dos lábios.

Alaric riu, apontando para sua boca.

“O que foi?”, ela tentou limpar o rosto, mas acabou piorando.

Alaric riu ainda mais e eu me esforcei para me controlar.

“Ei, menino, não dê risada da sua mãe.”

— Acho que ele merece um desconto — respondi, limpando sua boca com um guardanapo. Quando a toquei, ela congelou e parei de respirar. Quem diria que eu seria capaz de gostar de uma ação tão singela?

Engolindo, dei um passo atrás e lambi o polegar.

— Meu motorista está esperando — avisei, tentando me concentrar no celular. Mas não conseguia desviar o olhar dela, vendo como eles conversavam enquanto seguravam seus lanches.

Ela era linda. Meus olhos percorreram suas pernas e coxas, lembrando de como eram macias ao meu toque. Com a minha memória, não importa o quanto eu tentasse, nunca me esqueceria de como era vê-la embaixo de mim, com o cabelo espalhado, o suor brilhando. Mas não podia. Eu a queria. Eu a desejava desesperadamente de novo.

— Senhor? — A voz de Finnick veio na linha.

— Oi? — Eu tossi, tentando recuperar a compostura. — Ah, sim. Estamos prontos para ir embora, estamos na Rua 59 com a Sexta Avenida, na saída sul do Central Park.

— É pra já, senhor. — Ele desligou.

— Tudo certo? — perguntou ela.

— Está tudo bem, ele chegará em breve.

Ela repetiu para Alaric.

“Não ferre com isso, Dorian.”



LUELLA

“Eu amo meu pai”, Alaric sinalizou para mim, seus olhos quase fechados e as cobertas enfiadas ao redor dele.

Ele fez de tudo para ficar acordado porque estava bastante animado, mas assim que o relógio marcou nove horas, sua cabeça balançou para trás. Tinha planejado levá-lo para casa, mas Dorian o levou para o quarto de hóspedes. Parte de mim queria acreditar que ele não estava preparado para o dia acabar.

“Estou muito feliz que você o ama”, respondi.

“Ele vai ficar com a gente, né?” Pelo menos foi o que eu pensei que ele disse antes de abrir um bocejo enorme e suas mãos cobrirem a boca.

Eu beijei as pequenas mãos e depois a testa.

“Você vai vê-lo amanhã, portanto, durma.”

“Eu te amo”, e dormiu.

“Eu te amo dobrado”. Sentei na beira da cama, que era tão grande que ele podia rolar à vontade que não ia cair.

Trimmmm

Meu telefone tocou alto, e eu entrei em pânico, pegando rapidamente antes de perceber que não importava a altura com que tocava. Mesmo depois de todos esses anos, ainda me esquecia.

— Eva. — Eu sorri, levantei e fui até a janela.

— Nada de conversa fiada, como foi hoje? — despejou e eu sabia que ela estava escovando os dentes. — Eles se deram bem?

— Sim. Eva, pareceu um sonho. Ele foi perfeito.

— Estou feliz por você, mas, por favor, tenha cuidado. Você e eu sabemos que não existe essa coisa de homem perfeito.

— Ainda acha que ele pode querer tirá-lo de mim? — Mesmo que ele tenha dito que não faria isso, eu continuava com medo.

— Não sei. Só você pode avaliar isso. Só não quero que qualquer um de vocês se machuque. Especialmente você que está atraída por ele.

— Isso não é nada. Estávamos os dois confusos e encontramos conforto um no outro.

Ela bochechou antes de cuspir a água.

— Por que parece que está tentando se convencer e não a mim? Estabeleça algumas regras com ele.

— Eva...

— Não só para o sexo...

— Não haverá mais sexo.

— Se você está dizendo, mas pelo menos estabeleça regras sobre o Alaric. Quais dias são melhores para Alaric ir ficar com ele e por quanto tempo? Ou vai acabar indo morar com ele agora? E, por favor, diga “não” a essa última pergunta.

— Não — respondi com firmeza. — Não vou me mudar. Converso com você depois.

— Se cuida.

— Sempre. Tchau. — Desliguei, voltando para perto de Alaric.

Queria deitar na cama com ele, mas lembrei que a minha mala ainda

estava no quarto principal.

Podia dormir de vestido mesmo, pensei, mas meus pés já estavam me levando até a porta e pelo corredor. Andei na ponta dos pés, passando levemente a mão na parede. O quarto inteiro estava escuro, com exceção do brilho azul que vinha do aquário. Tinha acabado de chegar à porta e estava prestes a abri-la, mas parei quando ouvi Dorian falando.

— Goldie, é isso mesmo, preciso que desmarque o jantar de amanhã. — Pausa. — Eu entendo, mas algo mais importante surgiu. — Outra pausa. — Eu sei, mas de jeito nenhum conseguirei desaparecer por uma semana para impressionar esse idiota nos Hamptons. Não vou simplesmente ser um fantoche. Quando ele estiver pronto para ter uma conversa séria, nós a teremos.

Ele fez outra pausa e, por algum motivo, prendi a respiração.

— Diga a ele que meu filho e sua mãe precisam que eu não desapareça de suas vidas agora. — Ele riu, e eu me senti esquisita só de estar escutando escondida. É claro que, quando me virei para sair, bati o dedão do pé no maldito aparador que ficava no corredor, tão forte que o vaso balançou na direção do chão.

— Ah, merda! Não! — Pulei em um pé por um segundo antes de mergulhar para pegar o vaso antes que caísse. Foi assim que ele me encontrou quando saiu do corredor; abraçando seu vaso com uma das mãos e segurando o dedão latejando com a outra.

— Oi. — Foi tudo que eu consegui pensar em dizer.

— Goldie, converso com você amanhã. — Ele tentou não rir quando desligou. — Você está bem?

— Meu ego está ferido, mas, além disso, estou bem. Não estava bisbilhotando. — Eu coloquei o vaso de volta na mesa. — Isso é mentira, eu estava escutando escondido. Mas vim buscar a minha mala, então ouvi você conversando... Então, sim.

— Se você está bem, por que parece que está prestes a chorar? — perguntou. Um dos cantos de sua boca subiu. Dava para dizer que ele estava rindo de mim por dentro.

Minha nossa, ele é sexy. Ele estava na porta, o cabelo escuro bagunçado e ainda um pouco molhado, uma toalha sobre os ombros, a calça preta de moletom caída perfeitamente nos quadris. E como se quisesse me torturar, simplesmente decidiu que uma camiseta não era necessária, me permitindo ver todos os músculos.

— Lulu?

Merda! Se recomponha.

— Desculpa, o que disse? — perguntei, voltando a dar atenção ao que ele

disse. Coloquei meu pé dolorido no chão e me endireitei. — Sou do Brooklyn, Dorian. Nós não somos chorões. Na verdade, algumas pessoas ficariam chocadas com a quantidade de lágrimas que eu deixei cair só neste fim de semana. Eu, definitivamente, não vou chorar de novo.

— E a sua desculpa para tentar fugir? Poderia ter entrado, até que parece que nunca esteve aqui dentro. — Sua voz estava calma, e eu queria saber o que estava se passando pela sua cabeça enquanto estava ali parado, parecendo o sonho molhado de toda mulher heterossexual.

— Não estava fugindo.

— Então, você só não viu a aparador? — Ele levantou uma sobrancelha, estava se divertindo muito às minhas custas.

Respirei fundo e cruzei os braços sob os seios. Eu só notei aquilo porque o olhar dele desceu por um segundo.

— Preciso de um advogado hoje à noite, Sr. Rhys-Gallagher?

Ele não disse mais nada e chegou para o lado, obviamente me deixando entrar no quarto sozinha. Fiz isso de cabeça erguida, ainda sentindo dor no dedo.

— Você está...

— Perfeita — respondi quando peguei a mala que estava perto janela e da mesa de cabeceira.

— Vai ficar com Alaric?

Virei para ele, sem saber o que dizer quando ele estava me encarando daquele jeito. A luxúria emanava dele, seus olhos focados só em mim, apesar da distância entre nossos corpos.

— Onde pensou que eu dormiria?

— Onde quisesse.

Ele não estava jogando limpo. Eu podia sentir o clima pesando, o calor se acumulando em mim ao pensar no que aconteceria se eu escolhesse ficar naquele quarto.

Aguente firme, Lulu. Aguente firme. Não importa o quanto ele era sexy, ou como ele me encarava... ou como era bom de cama.

Droga.

— Dorian... Eu... Você... — Não tinha palavras. Mas ainda precisava que ele me ouvisse. — As últimas horas têm sido muito esmagadoras. Meu mundo foi sacudido por sua causa. Nada disso foi culpa sua, e mesmo assim, você assumiu total responsabilidade por tudo. Você não parece real para mim, nada disso parece real para mim, e estou com medo de agourar. Gostei muito de ver você com Alaric hoje, e quero que isso continue assim, exatamente como você disse antes. Não quero deixar as coisas ainda mais confusas. Então você realmente não pode me tentar. Já sabe que me sinto atraída por você. Pare de me

encarar desse jeito... É injusto.

— Injusto? — Ele repetiu, depois suspirou. Afastando-se da parede, ele se aproximou de mim e parou na minha frente. — Eu vou te dizer o que é injusto, descobrir que a mulher que eu passei um ano querendo reencontrar não é apenas a ex-namorada do meu irmão, mas a mãe do filho dele. É injusto eu ter me interessado antes de saber quem ela era para ele. É injusto que eu tenha que te perseguir, enquanto ele foi embora, algo que não consigo entender. Tudo o que eu sempre quis, ele teve e deu as costas, e agora ele se foi e você está aqui, Alaric está aqui. Tudo o que eu quero está bem na minha cara, mas agora há essa culpa que eu sinto. Estou absurdamente feliz por você estar aqui, por vocês dois estarem aqui, e ainda assim, parece que se eu ficar muito feliz, se eu gostar muito disso, se eu te tocar de novo, estarei insultando meu irmão. Eu não fiz nada, mas estou sendo torturado. Ela me quer? Ou ela quer o meu irmão? Devo conhecê-la melhor ou manter distância para não complicar as coisas com Alaric? *Isso* é que é injusto.

Senti um nó na garganta, e eu queria me estapear por pensar que sabia o que era justo ou injusto. Suas palavras, o olhar em seus olhos azuis, o cheiro fresco vindo dele, tudo isso estava tornando pensar ainda mais difícil. Eu só queria ficar ao seu lado.

— Nós nos encontramos uma vez, há um ano — sussurrei, a distância entre nós era tão pequena que precisei lutar contra o desejo de tocá-lo. — E de novo ontem. Reconheço que dormimos juntos nas duas vezes, mas como pode ter certeza de que me queria antes de saber da minha conexão com sua família? Duvido que tenha passado o ano inteiro pensando em mim.

— Você não tem ideia do que fez, não é? — perguntou ele, levantando a mão como se fosse me tocar, mas parou.

— Além de abalar seu mundo? — brinquei, tentando diminuir a tensão sexual que estava crescendo.

— Exatamente. — Ele tinha mesmo que dizer aquilo.

Mas que maldito!

— Dorian...

— Minha família tem predisposição a vícios, eu tenho esse problema, e é por essa razão que eu não bebo, jogo, ou levo todas as mulheres que se jogam em cima de mim para cama. Nem faço compras para mim, porque se eu gostar, se fizer eu me sentir bem, não conseguirei parar de comprar. O que acha que aconteceu quando, no pior momento da minha vida, você apareceu e fez com que eu me sentisse melhor? — perguntou, e fiquei boquiaberta, sem conseguir acreditar.

— Está dizendo que ficou viciado em mim?

— Se não fiquei antes, com certeza fiquei depois de ontem. — Ele parecia confuso e franziu a testa. — Não estou contando isso para forçá-la a nada nem para perguntar qualquer coisa a seu respeito. Quer dizer, eu não espero que você faça nada mais do que já tem feito. Só não me diga para parar de olhar para você, é o único alívio que eu poderia sentir. Não tem lógica, a gente mal se conhece, mas...

Eu o beijei, praticamente pulando em cima dele. Sua boca se abriu para mim e a minha ele, e nossas línguas se enroscaram. Ele me levantou e eu o envolvi com as pernas enquanto ele nos levava para a cama. Assim que estava deitada e o senti em cima de mim, eu o empurrei o mais forte que pude para que nos separássemos. Dorian gemeu frustrado, e eu ri, virando e tentando alcançar a penteadeira, mas ele agarrou as minhas coxas e me puxou em direção aos seus quadris.

— Dorian! — Ofeguei no momento em que ele se inclinou, rasgando meu vestido só para chupar um mamilo em sua boca quente.

— Pega... a camisinha... — Tentei lembrá-lo quando ele tirou a minha calcinha e a jogou de lado antes de voltar a beijar meu seio. E vendo que ele não se moveu para pegar uma, agarrei seu cabelo e puxei a cabeça.

— Estava gostando de te chupar. — Ele me lambeu, as mãos apertando meu peito. Gemendo, eu o beijei, e quando se aprofundou, eu me afastei. — Lulu.

— Preciso que você me coma — eu disse a ele, soltando seu cabelo e me sentando. Passei os braços em volta de seu pescoço. — Preliminares nos seios podemos fazer mais tarde, mas agora preciso que me foda, muito, até que eu veja as estrelas do céu.

Ele exalou pelo nariz antes de dizer:

— Não será capaz de andar mais tarde.

— Maravilha — respondi. Ele enfiou a mão na gaveta, retirando um dos preservativos. E, em um piscar de olhos, abriu a embalagem e revestiu seu pau grosso e latejante. — Bem, você não está... uhmm.

Antes que eu dissesse outra palavra, ele me empurrou de volta contra os lençóis, levantando minha perna sobre o ombro.

— Podemos começar, então? — disse. Minha boca abriu e as costas se levantaram da cama quando ele empurrou o pênis profundamente dentro de mim.

Ele se afastou, só entrou com tudo de novo. Ele me observou enquanto meu corpo se contorcia para frente, satisfazendo-se tanto quanto eu com aquilo.

Sorrindo e tentando, mas sem conseguir conter a excitação, eu gritei:

— Mais rápido!



DORIAN

Ah... tão... apertada...

— Isso! Assim! Dorian! — ela gritou no meu ouvido enquanto estocava nela. Luella me segurou como se sua vida dependesse disso. Os seios pulavam contra o meu peito.

— Ah... — arfei com o prazer e a dor quando suas unhas arranharam as minhas costas. Ela tremeu nos meus braços infinitas vezes nesta noite. Não sabia ao certo quando tínhamos morrido e ido para o céu, porém, estávamos ocupados demais para fazer qualquer comentário sobre isso. Meu coração parecia que ia explodir.

Estava viciado nela?

Sim. Porque até agora ela tinha sido a única a me fazer abandonar a razão, a decência, o que fosse para estar dentro dela. Eu passara o dia sem conseguir me concentrar com ela sorrindo e rindo e me tocando sutilmente no carro, na rua. Tive que me esforçar para afastar esses pensamentos. Quem disse que não queria complicar as coisas tinha sido eu, mas no momento em que a vi no corredor, eu a queria – não, precisava estar dentro dela.

Sexo com ela era diferente do que com qualquer outra mulher que já fiquei. Com ela, senti que não precisava usar qualquer filtro. Pela primeira vez, eu podia ser livre, indomável.

— Fique de joelhos — mandei conforme a levantava de mim.

Ela se posicionou, ficando de bunda para cima.

— Desse jeito?

— Perfeito — respondi antes de entrar sem pressa em sua bunda redonda. Ela agarrou os lençóis e, com uma das mãos no seio e a outra na cintura, eu desfrutei da liberdade, do prazer e da paz.

CAPÍTULO 7

Vamos nos apaixonar



LUELLA

— Nós não conseguimos ficar sem fazer isso nem ao menos por vinte e quatro horas — eu disse, enchendo a boca com uma colherada de sorvete de baunilha, sentada na cama ao lado dele, usando um dos muitos *baby-dolls* que eu trouxe para esta semana.

— Em nossa defesa, sabíamos que não íamos aguentar — respondeu ele, pegando uma maçã da bandeja repleta de biscoitos, frios, frutas e sorvetes que estava entre nós, por cima do novo conjunto de lençóis. Ele descansou contra a cabeceira cinza da cama e deu uma mordida, vestido só de cueca boxer preta.

— Mesmo sabendo, a gente deveria ter se esforçado mais, em vez de apenas desistir e ter...

— Feito sexo selvagem, incrível, ao estilo Kama-Sutra? — perguntou ele com um sorriso safado no rosto e foi contagiante.

— Sr. Rhys-Gallagher, mostre um pouco de decoro, por favor. Você está na presença de uma dama — disse eu, levantando a cabeça e enchendo a boca de sorvete outra vez.

Ele se inclinou um pouquinho e disse com um sotaque britânico:

— Perdoe-me, *milady*, será que preferes o termo *Relações Imorais*?

Fiquei o encarando, um enorme sorriso no rosto porque não podia acreditar que era ele, não mesmo.

— Sabe, você é completamente diferente do homem que eu vejo nos jornais e nas notícias.

— Você me viu nos jornais? — questionou ele, antes de dar outra mordida na maçã.

— A pergunta certa seria quem em Nova York não ouviu falar de Dorian Rhys-Gallagher, CEO da Rhys-Gallagher National, o Carniceiro do Demônio de Wall Street — declarei em uma voz profunda e me inclinei, parecia que eu estava contando a história de Freddy Krueger. Ele ficou olhando, achando graça, e com a sobrancelha erguida. — Você é meio que famoso. Já até apareceu na revista Times...

— Então, você seguia os meus passos? — perguntou ele. Estendendo a

mão, pegou minha colher e tomou um pouco de sorvete antes de devolvê-la.

Revirei os olhos com a pergunta.— Não está me ouvindo direito? É meio difícil de não saber ou ver sobre você.

— Então, como é que esse “Carniceiro do Demônio” se parece para o resto do mundo? — perguntou, limpando o sorvete do canto da boca, mas isso só piorou ainda mais... e porque estávamos quebrando todas as regras, eu me inclinei e lambi aquele lugar. Ele ficou surpreso por cerca de um segundo e depois recostou-se com um sorriso. — Obrigado.

— Não sei bem como o resto do mundo vê, mas para mim, você parecia... morto por dentro — respondi. Ele parou de mastigar por um instante para me lançar um olhar que eu não entendi. Ele riu antes de voltar a comer.

— O que foi? — Cruzei as pernas e me virei para encará-lo. — Por que essa cara?

— É só que... — Ele pausou de novo.

— O quê?

— Sempre me perguntei de onde veio o “Demônio” nesse apelido. Nunca fez sentido, agora entendi. — Ele riu e deitou, acomodando-se nos travesseiros.

— É verdade que foi nisso mesmo que pensou? — Ele não podia estar falando sério e, no entanto, estava realmente curioso.

— Bem, antes eu não podia perguntar, né?

Não pude deixar de rir.

— Que engraçado, posso imaginar você, vestindo ternos extravagantes naquele seu grande escritório elegante, olhando bravo para todo mundo, e eles provavelmente rezando para saírem intactos, e você com a cabeça no próprio mundo, pensando no seu apelido.

— Que bom que está se divertindo, logo verá como é lidar com pessoas que a enganam diariamente, só para conseguir algo de você — disse ele, colocando o miolo da maçã na bandeja.

— Logo eu verei?

— Você é rica, Lulu — explicou, e eu demorei muito mais do que deveria para lembrar do que ele estava falando.

— Puta merda, sou rica — sussurrei, e ele riu de mim.

— Bem-vinda ao clube — brincou ele, pegando uma garrafa de água para mim. —Espero que goste de caviar, porque é isso que será oferecido a você assim que entrar em qualquer encontro social nesta maldita cidade.

— Não acho caviar ruim, na verdade — confessou.

Ele se encolheu e balançou a cabeça.

— Quem quer que tenha rotulado as ovas de um peixe fêmea uma iguaria internacional deveria ser jogado no mar.

— Sr. Rhys-Gallagher, nos conte como você realmente se sente! — Isso era hilário. *Ele* era hilário e tão relaxado. Não queria mais parar de falar dessas coisas, nunca mais... Era simples. — Então, só para recapitular, você não é assustador, carniceiro do demônio, faminto por dinheiro, você é, na verdade, um homem gentil, carinhoso e engraçado que odeia caviar?

Nós dividimos um olhar, e ele estava mais calmo. Na verdade, não tão animado seria uma escolha melhor de palavra.

— Sou ambos, Lulu. Eu sou um monte de coisas para muitas pessoas diferentes. Assim como você, e assim como todo mundo. Todo mundo é complicado.

Uma quietude caiu sobre nós e eu não gostei.

Colocando o sorvete na bandeja antes de colocá-la no criado-mudo, eu me virei para ele, e parecia que ele já sabia o que eu ia perguntar, e foi engraçado porque eu nem sabia como colocar em palavras o que eu queria falar.

— O que acontece agora? — perguntou ele. — Agora que dormimos juntos de novo, apesar de todas as razões pelas quais não deveríamos, e sabendo que mal nos conhecemos, o que acontece agora? Como faremos daqui para frente?

— Por favor, não fale que a decisão é minha — respondi, tendo a sensação de que eu sabia onde ele queria chegar. Um pequeno sorriso aparecendo naquela boca. — Dorian, você não pode simplesmente jogar tudo isso para cima de mim. Tem mais coisa envol...

— Não importa o que você diga, ou faça, se ficarmos juntos ou não, não importa o seu passado, eu sempre estarei ao seu lado — assegurou ele, deitando na cama. Fui olhar para ele, mas Dorian fechou os olhos enquanto falava. — Somos família, viramos família no dia em que Alaric nasceu, então nunca fique preocupada, pensando que irei me afastar dele. Não vou. Quanto a você e a mim? Prefiro continuar dormindo com você.

— Você prefere, né? — perguntei, contornando o perfil do rosto dele com o dedo.

— Prefiro. — Ele beijou meu dedo. — Mas também não quero que pense que não tem escolha. É por isso que eu ia dizer que a decisão é sua. Afinal, a parte mais forte sempre negocia os termos.

— Não sou a parte mais forte entre nós.

— Você não percebeu isso? — Seus olhos se abriram quando eu deitei e me aninhei ao lado dele. Ele virou de lado, e começou a acariciar minha coxa. — O que exatamente eu posso lhe dar que você não tenha? Dinheiro? Você tem isso...

— Por sua causa...

— Por causa de Donovan. Não por minha causa. Fui apenas o mensageiro — corrigiu ele.

Tentei pensar em outra coisa que ele pudesse me dar, e uma palavra me veio à cabeça. Mas não tive coragem de dizer. Em vez disso, perguntei:

— Bem, Sr. Rhys-Gallagher, grande homem de negócios, o que eu, a parte mais forte, deveria exigir?

— Tudo que ia pedir agora mesmo e mudou de ideia? — respondeu.

— Como sabia que eu estava pensando em alguma coisa?

— Que *grande homem de negócios* não sabe ler uma expressão? Especialmente uma tão bonita quanto a sua. — Ele riu dissimuladamente, repetindo meu movimento de antes e traçou o dedo pelo meu nariz até os lábios. — Nós já conhecemos os segredos um do outro. Já perdemos a batalha contra a nossa luxúria, nos sentimos culpados por isso e fizemos tudo outra vez. Então, vamos desistir do que achamos que devemos fazer e simplesmente fazer o que queremos. Quem pode nos impedir, além de nós?

Estava começando a enxergar como, aos trinta e três anos, ele era considerado um Titã no mundo dos negócios. Ele disse que a escolha era minha, mas tive a impressão de que ele estava soltando migalhas de pão na frente de uma mulher faminta, levando-a bem para onde ele queria.

— O que você quer, Lulu? Melhor ainda, o que posso lhe dar para contrabalancear com o que você me dá? Não pense, nem se sinta culpada, apenas diga.

— Amor — soltei, engolindo o nó na garganta. Tudo saiu como se uma represa tivesse rompido e, quando comecei a falar, não consegui parar. — Apaixone-se por mim. Seja obcecado por mim. Me respeite e se preocupe comigo. Fique louco de saudade quando eu não estiver por perto. Mas sempre esteja por perto. Nunca faça com que eu me sinta inferior ou imunda. Tente não me fazer chorar. Não tenha mais ninguém além de mim. Seja paciente comigo quando eu fizer besteira. Me tire da solidão. Me deixe tirar a sua. Me mostre o seu melhor e o seu pior. Me diga que é seguro eu me apaixonar por você.

Meu coração doeu e bateu tão rápido no peito que meus ouvidos começaram a tinir. Não conseguia nem olhar nos olhos dele e pude sentir meu rosto esquentar. Não conseguia acreditar que tinha dito tudo isso.

— Só? — perguntou ele, levantando meu queixo para que eu o olhasse. — Se você puder ver a mim, só a mim. Não meu irmão ou qualquer outra pessoa. Pode me ver apenas como Dorian?

— Eu posso, e eu vou.

Ele sorriu, foi um sorriso genuíno de verdade, e nada bom para o meu coração já fraco.

— Então temos um acordo, Srta. Thorne. Vamos nos apaixonar.



DORIAN

Ela dormiu nos meus braços e eu também senti o sono querendo me levar. A única coisa que me manteve acordado foi uma quantidade absurda de alegria e aquela pequena pontada de culpa no meu subconsciente. Eu ia fazer isso. Ia ficar com a mulher do meu irmão, com o filho dele, com tudo o que ele jogou fora, porque eu queria que essa alegria ficasse. Era o mínimo que eu merecia. Então, por que a culpa? Achei que era só porque eu a desejava demais. Mas não era tão simples assim.

Desde que Donovan morreu, fiquei pensando no quanto queria tê-lo encontrado mais cedo, ter chegado até ele antes que ficasse tão doente. Quis que ainda estivesse vivo inúmeras vezes. Mas agora que eu a tinha em meus braços, não consegui querer a mesma coisa, pelo menos de uma forma tão genuína quanto antes. Se ele estivesse vivo, jamais poderia ficar com ela desse jeito. Se eu tivesse o encontrado antes e ajudado, ele estaria aqui, e provavelmente com ela. Minha culpa veio do terrível fato de que eu não estava mais triste por ele ter morrido. Eu amava meu irmão, e sentia falta dele, mas aparentemente não o suficiente para desejar que ele ainda estivesse aqui.

Ela murmurou, se curvando ainda mais contra mim.

Não queria desistir disso porque sabia que ela e Alaric eram minha última e única chance de escapar da solidão entorpecedora. Fiquei pensando no porquê de ela ter pulado em cima de mim quando eu contei que estava viciado nela. No entanto, depois de seu pedido, percebi que era porque ela, também, sentia essa solidão entorpecedora. Alaric tinha sido sua salvação, mas ela queria mais, queria ser amada por quem era, e eu não podia culpá-la.

Se alguém dissesse o contrário – que a maneira com que ela disse e demonstrou o que sentia e queria – fosse algo falso, era um mentiroso.

CAPÍTULO 8

Coisas legais



DORIAN

— Não, espere.

Lulu? Eu a ouvi sussurrar antes do colchão afundar.

Abri os olhos, mas pisquei por causa da luz. Virei de lado, e logo senti uma pequena mão macia me cutucando na bochecha. Alaric abriu um lindo sorriso antes de sinalizar “bom dia”, que entendi porque Luella interpretou.

— Bom dia? — Copiei o sinal que ele fez, dando bom dia para ele. Alaric bateu palmas, fazendo-me o sinal positivo com os polegares.

— Ótimo — disse ele com a voz alta, sorrindo.

“Obrigado”, respondi com os sinais, afastando o cabelo dele do rosto. Ele olhou para a mãe, sinalizando algo rapidamente, e eu segui seu olhar, Luella estava com um alegre vestido florido que ia até o meio da coxa. Seu lindo cabelo castanho estava amarrado, destacando o rosto. Fiquei tão hipnotizado que quase não percebi a bandeja em suas mãos ou o olhar surpreso que ela me deu.

“O que foi?”, sinalizei para os dois, sorrindo e me sentei contra os travesseiros.

Ela colocou a bandeja no meu colo antes de sinalizar, dizendo:

“Alaric acha que você nasceu para isso.”

“E por que isso?”, perguntei.

Alaric estava prestando atenção em mim agora.

“Porque você me copiou e acertou de primeira.”

Abri um enorme sorriso. Quem diria que um elogio tão pequeno fosse significar tanto?

“Obrigado, meu amigo. Então isso significa que vai ser meu professor?”

Seu rosto se iluminou quando leu os sinais de Luella, e concordou com a cabeça vigorosamente antes de responder:

“Primeiro, você tem que saber o ABC, não se preocupe, eu vou lhe ensinar tudo.”

“Antes de ele começar as aulas, que tal deixamos ele comer primeiro?”, Luella perguntou, e disse em voz alta, acenando para o grande café da manhã na minha frente. *“Nós queríamos fazer algo para você.”*

“No seu prato, encontrará ovos mexidos, feitos com leite de amêndoa, tomate, calabresa grelhada e espinafre, e um pouco de cebola. Tem também queijo cremoso, banana e baguete com canela polvilhada por cima. E por último, iogurte integral de morango” — disse ela, sinalizando ao mesmo tempo de forma impressionante.

Alaric levantou a mão para chamar a atenção antes de dizer:

“Eu que bati os ovos e misturei o morango e o iogurte.”

Ambos se sentaram ao meu redor, ansiosos e olhando fixamente. Alaric até me entregou o garfo. Eles pareciam desesperadíssimos para que eu gostasse, e era exatamente por isso que – não importa o gosto que tivesse – com certeza ia dizer que gostei. Com o garfo, peguei o máximo de ovo que pude antes de enfiar na boca. Eles se inclinaram ao mesmo tempo, e eu tentei não rir, independente de ele ter herdado a personalidade de Luella.

“Está bom”, pensei, olhando para os ovos e dando outra mordida. *“Inacreditavelmente bom.”*

— Você que assou isso? — Eu olhei para ela, levantando o pão para comer.

Mas Alaric sinalizou de novo para receber o mérito.

“Eu que bati a massa.”

“Sim, nós que fizemos hoje cedo. Você gostou?”

Ela não estava me vendo comer? Eu sorri, assentindo.

— Está maravilhoso, melhor do que qualquer café da manhã de hotel que já pedi antes. Onde conseguiu tudo isso?

“A geladeira está lotada, e mesmo que nesses tipos de lugares, eles nunca pensem que você usaria a cozinha, não pude resistir.”

Eu tinha esquecido que ela trabalhava em um restaurante. Finnick disse que ela sonhava ter o próprio restaurante um dia. Fazendo a comida desse jeito, mostrava ter talento para isso.

“Mamãe é uma chef de cozinha”, Alaric sinalizou, e Luella o interrompeu fingindo choque e raiva. Ele apenas sorriu e continuou. *“Mamãe ama comida, muito. Ela come de tudo e tenta cozinhar qualquer coisa. Titia Eva diz que é difícil sair com ela para comer porque se a comida estiver ruim, mamãe tenta arrumar para que melhore o gosto. Se estiver gostoso, ela tenta adivinhar como foi feito. Se estiver supergostoso, ela fica triste porque não sabe fazer igual. Todo mundo fica impressionado por ela não ser tão grande quanto uma casa...”*

— Eii! — Luella o interrompeu, dando uma colherada cheia de iogurte para ele. E ele, de fato, aceitou, lambendo a colher. — Desculpe, ele está um pouco animado.

— É mesmo? — perguntei. — Porque me pareceu que você acabou de impedi-lo de me contar tudo sobre o seu profundo amor pela comida, dando comida pra ele.

E enquanto estávamos conversando, Alaric se ajeitou para tomar mais iogurte. Deve ter sido porque ela parou de fazer os sinais enquanto falava comigo, ele magicamente se tornou invisível a ponto de simplesmente levantar a pequena tigela sem que nós percebêssemos.

Ela acenou com a mão em seu rosto, e ele congelou como se tivesse sido pego no flagra.

"Alaric, você já tomou o seu."

Quando ele se virou para ela e fez beicinho, eu caí na risada. Ele foi tão sincero com tudo.

— Boa tentativa... Ei! — Ela dirigiu a última parte para mim quando dei meu iogurte para ele.

— Olhe para esse rosto. Como pode dizer não a ele? — perguntei antes de morder a baguete, e agora, uma parte minha também ficou curiosa para saber qual era o sabor daquele iogurte. Cada coisa tinha o gosto melhor que a outra.

"Sim, mamãe. Como pode dizer não para mim?", Alaric acrescentou antes de voltar a se sentar contra os travesseiros ao meu lado e começar a comer. Ela o olhou brava e ele fez o sinal positivo.

Ela balançou a cabeça antes de olhar para mim, sorrindo.

"Viu o que você fez? Se prepare para ter toda a sua comida roubada por ele. Posso ser chef de cozinha, mas ele é um monstrinho devorador de comida!"

— Então, uma cozinha bem abastecida é a chave para abrir o coração dos dois? — brinquei.

Antes que ela pudesse responder, notou que Alaric sinalizava:

"Por que seu coração precisaria de uma chave?"

Eu olhei para ela e ela me olhou. Era tão inocente e tão profundo. Como poderíamos não ficar maravilhados?

"Já acabei, mamãe", sinalizou ele e levantou a tigela para ela ver. Ele tinha que ser um monstro porque ele comeu tudo. *"Preciso ir no banheiro."*

"Tudo bem", ela pegou a tigela dele. *"Não se esqueça de lavar as mãos!"*

Ele assentiu e acenou para mim antes de sair. Foi só quando ele saiu que eu percebi que tinha acabado de experimentar algo que não fazia há muito tempo. Tomar café da manhã com outras pessoas.

— Espero que não tenhamos sido sufocantes demais — disse ela com delicadeza. — Não sei bem como é o seu ritual matinal, mas é sempre assim comigo e com Alaric... Bem, não na cama, mas na cozinha.

— Parece legal, e *aqui* foi legal. Você cozinha bem.

— Obrigada, ainda tenho muito o que aprender e fazer. Mas antes que vá embora para me tornar uma *chef* de cozinha, queria perguntar o que você gostaria de fazer?

— O que eu gostaria de fazer? — repeti, sem saber direito o que ela queria dizer.

— Bem, eu tirei folga do trabalho durante a semana para vir aqui, antes de saber que era com você que eu ia me encontrar. Eu voltaria para casa, já que tenho permissão para ir embora, mas quero passar a semana com Alaric. Esta é a última semana de férias de verão dele antes de começarem as aula na primeira série. Não sei o que você planejou, mas tenho certeza de que ele ficaria animado em passar um tempo com você.

Percebi naquele instante que estava experimentando outra coisa nova – nós, pessoas, prestávamos atenção às estações. Coloquei a bandeja de lado antes de puxá-la para o meu colo.

— Só ele? Você não ia ficar animada, também? — perguntei, envolvendo sua cintura com os braços.

— Ficaria *muito* animada — sussurrou, colocando os braços em volta do meu pescoço. — De que outra forma farei você se apaixonar por mim primeiro?

Levantei uma sobrancelha.

— Primeiro? Por que tenho que me apaixonar primeiro?

— O primeiro a se apaixonar corre atrás da pessoa por quem se apaixonou.

— Ah-uh — Franzi o cenho. — Então, tudo isso faz parte do seu plano de mestre para me fazer correr atrás de você. Já posso começar a cumprir minha pena?

Ela revirou os olhos.

— Tá bom, só estava tentando deixar o trabalho mais fácil pra você. Agora você tem que me fazer morrer de amores por você, me fazer ver as estrelas e todo aquele *frisson* primeiro. Não será fácil.

— Eu sou Dorian Rhys-Gallagher, nada do que fiz jamais foi fácil. — Eu a lembrei, e antes que ela pudesse responder, eu a beijei suavemente. — Prepare-se, no final da semana, pode ser que você esteja me pedindo em casamento.

— Ah, tá, tudo bem, boa sorte. Vou ver como está o Alaric. — Ela riu, beijando minha bochecha antes de se levantar. Na hora que ela se afastou, eu senti sua falta, mas tinha que levantar de qualquer jeito.

— Lulu — eu a chamei antes que ela chegasse à porta.

Ela se virou para mim.

— Sim?

— Nada, eu só queria dizer o seu nome.

Ela quase riu de mim e depois fez beicinho, o que explicava de onde Alaric aprendeu isso.

— Que sutileza, Sr. Rhys-Gallagher, mas que sutileza.

Não era uma cantada barata. Eu realmente gostava de dizer o nome dela.



LUELLA

— Vamos fazer o quê? — ele me perguntou, completamente confuso enquanto abotoava os botões da camisa.

"Vamos passear por Nova York!", respondi, e a última parte saiu um pouco mais empolgada, como se eu estivesse na Broadway, acenando as mãos feito uma dançarina. Alaric só bocejou parecendo já entediado com a mãe esquisita.

— Não somos todos de Nova York, por que passear na cidade em que você nasceu? — questionou Dorian, ajeitando a gola da camisa. Ainda não tinha entendido.

"Já esteve dentro da Estátua da Liberdade?"

— Não.

"Já caminhou ou andou de bicicleta pela ponte do Brooklyn?"

Ele franziu a testa, sabendo exatamente aonde eu queria chegar.

— Não, não fiz nenhum dos dois.

"Correu através das fontes do Píer 84?"

— Não, posso dizer que não fiz isso também... — Antes que ele pudesse terminar o que estava dizendo, ele olhou para Alaric, que parecia completamente mortificado, puxou o punho da camisa e depois sinalizou para ele.

— Ele quer saber por que você não se diverte — eu disse, sorrindo.

Dorian olhou para nós e simplesmente suspirou.

— Acho que vamos passear pela cidade.

Quando Alaric olhou para mim, eu fiz o sinal positivo, e ele respondeu com o mesmo sinal antes de pegar as mãos de Dorian e levá-lo na direção das portas. Dorian deu risada, olhando para mim, e o que mais eu podia fazer além de dar de ombros? Quando contei a Alaric o que íamos fazer, ele ficou fora de si de tanta alegria. Não via a hora de sair.

Ao passar pela porta, olhei para trás, pensando na rapidez com que a vida poderia mudar. Como podia esperar uma coisa e acontecer outra completamente diferente. Algo muito melhor sem nunca pedir ou esperar por isso.

— Lulu?

Voltando a atenção para eles, Dorian e Alaric estavam olhando para mim perto do elevador. Bem, Dorian estava me encarando. Alaric sinalizava para que eu andasse logo quando as portas do elevador se abriram e ele começou a entrar.

"Estou indo!", sinalizei para ele, balançando a cabeça para não gargalhar assim que cheguei no elevador.

— Devo ligar, pedindo o carro...

— Não, podemos caminhar ou ir de metrô. — O olhar no rosto de Dorian era quase tão engraçado quanto o de Alaric. Aquilo me deu vontade de levá-lo para sair ainda mais. Queria que ele fizesse coisas normais e casuais, especialmente agora que não estava lutando contra a nossa atração.

No entanto, na hora que Alaric pegou minha mão e segurou a de Dorian, não pude deixar de sorrir. Subi sozinha e agora estava descendo com uma família, atravessando o saguão como se não houvesse nada do que me envergonhar, e com pessoas sorrindo e acenando para nós enquanto passávamos. Era tudo tão singelo, tão normal. Mas nada no mundo parecia melhor.

Meu passado não significa que eu não podia ter coisas legais, certo? Eu poderia aproveitar aquilo.

— Sr. Rhys-Gallagher? — Uma voz feminina nos chamou assim que saímos do hotel. Ela saiu de uma Mercedes preta, o motorista abrindo a porta para ela. Ela estava de vestido bordô e tinha cabelo loiro claro com luzes na altura dos ombros. Seus olhos verdes desceram para Alaric antes de me encararem.

Dorian parou, olhando para ela.

— Goldie?

A mulher com quem ele estava falando no telefone?

— Bom dia, Sr. Rhys-Gallagher. Não sabia que estava aqui, tive uma reunião com o Sr. Stone, mas estou feliz por encontrá-lo — respondeu ela e colocou a mão dentro da bolsa. Ela entregou alguns papéis para ele. — Aqui estão os relatórios financeiros, juntamente com uma prévia de suas ideias. As entrevistas estão marcadas e os candidatos foram avisados por e-mail. Sr. Sinclair está esperando por você, não tenho certeza se pode ser adiado.

Dorian respirou fundo e, então, ao olhar para nós, sua expressão suavizou.

— Luella, esta é a minha assistente pessoal, Marigold "Goldie" Tate. Vou te dar o número dela. Se precisar de alguma coisa, ela será capaz de providenciar. Goldie, esta é Luella Thorne e o nosso filho Alaric.

O jeito que seus olhos se arregalaram, a maneira como ofegou, me fez ter certeza de que ela parou de respirar. Parecia uma esposa que acabara de pegar o marido com outra mulher, chocada demais para chorar ou até mesmo gritar.

Simplesmente presa em seu próprio pesadelo.

Ela era apaixonada por Dorian.

Eu sabia disso porque era assim que eu ficava quando pegava Donavan com outra.

Alaric puxou minha mão antes de sinalizar.

“O que foi?”

— Desculpa. — Fiquei tão ocupada observando a sua linguagem corporal, que me esqueci de colocar ele a par da conversa.

No entanto, ela foi mais rápida. Ela se inclinou e sorriu gentilmente, surpreendendo a mim e a Dorian ao dizer através da Linguagem de Sinais:

“Oi, Alaric. Meu nome é Goldie, trabalho para o seu pai. Prazer em conhecê-lo.”

Alaric sorriu para ela e acenou.

— Você sabe a Linguagem de Sinais? — perguntou Dorian.

“Minha avó era surda. Aprendi quando era adolescente”, respondeu e sinalizou.

“Você é bonita”, Alaric a elogiou, obviamente colocando em prática aquele seu charme.

“Obrigada.” Ela sorriu mesmo estando sofrendo, e se eu não conhecesse aquele tipo de dor, teria acreditado em sua encenação.

— Preciso ir para os Hamptons, e não sei quanto tempo vai demorar — avisou Dorian, fazendo cara feia.

— Está tudo bem, podemos fazer um passeio pela cidade depois? — Eu sorri, colocando a mão na cabeça de Alaric. Tanto esforço em ter um bom dia, para nada. — Nós ainda estaremos por aqui.

Ele olhou para Alaric, e percebi que estava desapontado, mas eu tinha certeza que Dorian ainda o veria.

“Alaric, você gosta de praia?”, Goldie perguntou a ele.

Ele assentiu animadamente.

“Olha, no Hamptons tem algumas das melhores de todos os tempos!” E então, ela se dirigiu a mim.

— Não sei o que tinha planejado, mas me sinto mal por invadir o dia em família. Por que não vão todos?

Dorian olhou para mim, sem saber o que dizer.

— Podemos passar na sua casa e pegar tudo o que possam precisar. Os Hamptons ainda fazem parte de Nova York, ainda podemos passear — disse ele.

Alaric puxou meu vestido de novo, e quando olhei para baixo, ele estava me mostrando um daqueles beicinhos famosos dele.

“Por favor, mamãe!”

“Acho que estou em desvantagem. Tudo bem.” Concordando com a cabeça para eles.

— E a casa nos Hamptons? — perguntou Dorian a Goldie, folheando os arquivos rapidamente.

— Eu já informei o pessoal. Estará tudo limpo e pronto quando chegarem lá — respondeu ela, aprumando a postura. — Estarei de plantão caso haja qualquer outra coisa que precise que eu faça.

— Obrigado. Espero não precisar novamente de você mais tarde — respondeu ele, e era como se ele a tivesse apunhalado bem no coração. Porém, mais uma vez, ela sorriu assentindo, mesmo sofrendo. — Então vamos. Goldie, quero que o escritório me envie atualizações da situação e diga ao Rafael para encaminhar apenas as ligações urgentes. — Ele foi na direção da Mercedes que ela tinha saído. O motorista acenou para ele e segurou a porta aberta para nós. Alaric soltou da minha mão e entrou no carro antes de mim.

Dei um passo à frente, mas parei e olhei para ela.

— Obrigada.

— Sem problemas. É o meu trabalho — respondeu educadamente, dando um ligeiro passo para longe de mim. Sem dizer mais nada a ela, fui até o carro e entrei, sentando ao lado de Alaric.

— Ligarei antes da primeira entrevista. — Foi tudo o que Dorian disse para ela antes de entrar atrás de mim, e o motorista fechou a porta.

Não pude deixar de olhar para ela através do vidro fumê. Ela ficou plantada no meio-fio onde ele a deixou. Era como assistir a uma versão melhor, mas ainda apaixonada de mim mesma. Quão distorcido era aquilo? Não importa quem você fosse, não importa que tipo de vida vivesse, ainda podia, facilmente, ter o coração estilhaçado e ser deixado para trás na sarjeta.

“O que foi?”, ele conseguiu sinalizar, me fazendo sorrir. Ele estava mesmo observando nossas mãos.

— Há quanto tempo Goldie é sua assistente? — perguntei. Alaric não estava mais interessado em nós, mas sim na mesa anexa ao assento na frente dele.

— Cerca de nove anos, estudamos em Harvard juntos e, quando assumi o comando da Rhys-Gallagher National, precisei de alguém em quem pudesse confiar. Ela já havia se candidatado, então deu certo. Por quê?

Dei de ombros.

— Por nada, ela parece legal.

— Muitas pessoas no escritório discordariam. — Ele riu, olhando a papelada em suas mãos.

Não devia contar a ele. Não era da minha conta. Mas tinha a sensação de

que ela ficou esperando pela atenção dele por todos aqueles nove anos. Uma parte de mim sentiu ciúmes, mas outra parte sentiu-se mal por ela, porque a pessoa que amava mais frequentemente era a que se machucava. Queria conversar com ela. Era maluco que eu quisesse ser amiga dela?

CAPÍTULO 9

Amigos e Guardiões



RAFAEL

Ela marchou até mim, seus saltos estalando no piso de mármore, olhos verdes implacáveis e cheios de raiva... e dor. Coloquei o telefone no gancho e me levantei. Ela agarrou meu braço e me puxou, passando pela sua sala, pelos elevadores até me empurrar para o banheiro feminino.

— Que mer...

— Todo mundo, fora! — gritou ela, e quando Goldie “O Tiranossauro Rex” Tate rugia, todos ouviam, corriam o mais rápido que podiam. Ela empurrou todas as portas das cabines para ver se alguma pobre e desafortunada alma tinha se atrevido a desafiá-la.

Felizmente, todos preferiram manter a cabeça no devido lugar hoje.

Seus olhos se voltaram bruscamente para mim.

— Goldie...

— Ele tem um filho! — gritou ela.

Como? Dorian, o que foi que você fez?

— Você sabia e não me contou nada?

— Não era coisa mi...

— Sim, era sim. Você sabe o que eu sinto por ele, Rafael. Eu o amei por nove anos. Eu me tornei assistente dele. Eu, formada em Harvard, e Ex-presidente da Zeta Phi, com outros três empregos engatilhados. Você deveria ter me cont...

— Eu contei! — retruquei aos berros. — Eu lhe disse. Falei que se não esquecesse desses seus sentimentos por ele, Dorian continuaria lhe machucando. Você não me escutou. Ficava escolhendo vestidos de noiva na cabeça e imaginando como “Goldie Rhys-Gallagher” ficaria em sua porta.

— Nunca disse...

— Ah, por favor! Você estava tão profundamente envolvida que tenho certeza absoluta de que ainda imaginou toalhas com monograma em seus devaneios.

Ela não disse nada.

— Goldie! — Céus, até onde foi o seu delírio? Ele não a amava, e era

bastante claro a respeito disso.

Ela colocou o cabelo atrás das orelhas.

— Não faz sentido... esse menino deve ter o que, seis anos?

— Cinco — corrigi, e ela olhou.

— Quando? Quem é ela? No começo, achei que ele não poderia ser filho de Dorian, mas eu os vi juntos. Eles se parecem muito. Além disso, Dorian teria feito um teste de DNA. O Dorian Rhys-Gallagher que eu conheço é um *workaholic*. Eu nunca o vi com uma mulher e, agora, de repente, ele tem um filho? Nada disso faz sentido.

— Goldie — Eu segurei seus ombros. — Só porque não o viu com uma mulher, não significa que ele não tenha estado com uma. Você sabe que ele mantém a vida pessoal bem guardada. Ele não se abre com as pessoas.

— Ele está *com* ela. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu vi. Dorian olhou para mim como... como se eu fosse a assistente pessoal dele, mas quando sua atenção se voltou para ela, foi diferente. Era um lado dele que eu nunca tinha visto. Eles pareciam tão bonitos juntos, igual a um pôster de propaganda da família perfeita. Todos felizes e belos. Ela é bonita, Rafael... Não, ela é linda, com longos cabelos ondulados, pernas lindas e olhos exóticos e sensuais. Ela é modelo? Foi assim que se conheceram? O que eu faço agora?

Todos achavam que conheciam Goldie, que ela era uma megera sem coração. Mas ela era tão insegura quanto todos os outros. Dorian não a amava, e isso não era culpa dele. Ela o amava e isso não era culpa dela. Não podíamos evitar que o mundo fosse confuso e, como amigo, não podia fazer nada além de consolá-la como tal.

— Você, Goldie Tate, formada em Harvard e Ex-presidente da Zeta Phi's, continuará sendo a melhor assistente pessoal da Rhys-Gallagher National. Vai superar seus sentimentos por ele e encontrará alguém que acha que você é bonita e que tem olhos sensuais. — Eu limpei suas lágrimas. — Só me prometa uma coisa?

— O quê? — Ela respirou fundo de cabeça baixa.

— Só me prometa que não se transformará na "Bruxa Má do Leste".

— Você não quer dizer a "Bruxa Má do Oeste"? — Ela fungou. — A Bruxa Má do Leste é aquela que a casa caiu em cima.

— Exatamente. Se tentar estragar a felicidade de Dorian com o filho ou se intrometer entre ele e Luella, será a pessoa esmagada por uma casa.

Ela riu, sem muito ânimo.

— Você realmente precisa ver outro show além de "Wicked, o outro lado de Oz".

— Não até "Cats" voltar. Vem, vamos assustar alguns dos parceiros antes

de você ir embora. Fará com que se sinta melhor. — Eu a peguei pelo braço.

Ela e Dorian eram meus amigos mais próximos. Queria que eles fossem felizes. Dorian ansiava por uma família – correção, uma família funcional. Esta era a sua chance. Provavelmente foi por isso que ele concordou em se passar por pai do menino.

Querido Deus, aqui quem fala é Rafael Felipe Esteban Diego Alejandro Morales, por favor, permita que o drama acabe aqui. Deixe que tenham esse "felizes para sempre", eu lhe imploro. Amém. Ah, e me desculpe por aquela coisa... Você sabe.



DORIAN

Não era uma suíte de cobertura, mas o apartamento de Luella e Alaric era encantador, limpo e, o mais importante, seguro. As paredes eram de um tom amarelo aconchegante e coberto de fotos. Tudo o que emitia som tinha luzes: o telefone, as portas, o fogão. Não tinha pensado nisso, mas era assim para chamar a atenção de Alaric. Ela se certificou de que a casa não fosse apenas segura, mas acessível para ele. Sabia que não era estranho. Era o que a maioria das mães faziam. Colocam seus filhos em primeiro lugar. Se fosse minha mãe ou meu pai, teriam me obrigado a aprender a me adaptar, eles teriam me dito para deixar o que estava errado comigo menos perceptível. Qualquer coisa menor que a perfeição não era tolerada para um Rhys-Gallagher. Passei a vida inteira seguindo essas regras e agora eu era o Rhys-Gallagher. O que vem depois?

— Você está bem? — Afastei os meus pensamentos e olhei para ela. Ela sorriu. —Parecia aborrecido por um segundo.

— Desculpa. — Eu ri. — Às vezes eu me perco nos meus pensamentos.

— Ah, tudo bem. Nós já voltamos, precisa de alguma coisa? — perguntou ela, colocando a bolsa na mesa.

— Não, obrigado. Pode ir.

Ela desapareceu e eu caminhei em direção a uma parede cheia de fotos. Era ela e Alaric, junto com outra mulher. Havia algumas de Alaric com seus amigos, também.

Eu vi o flash pelo canto do olho e virei quando uma mulher de cabelo castanho curto e sardas entrou. Ela estava revirando a bolsa à procura de alguma coisa.

— Lulu, foi nos Hamptons que transou com ele pela primeira vez, tem certeza de que isso é uma boa ideia?

— Acho que iremos descobrir — respondi, e ela olhou surpresa para

mim. Presumi que era Eva, a amiga. Era a primeira vez que a via cara a cara. Quando ela deixou Alaric na cobertura, eu a vi rapidamente de relance. Estava tão nervoso e focado em Alaric. Quando me dei conta, tinha ido embora. Agora ela estava na minha frente com os olhos arregalados.

— Oh. — Ela congelou. — Você está aqui.

— Estou.

— Isto é esquisito.

— Por quê?

Ela franziu a testa.

— Porque não confio em você e nesta encenação de cavaleiro da armadura brilhante que está fazendo. Se for um pingo parecido com o seu irmão...

— Também não confio em você. — Não queria ouvi-la falar sobre Don. Canalha ou não, ele era meu irmão.

— Por que não confia em mim? — Ela cruzou os braços.

— Porque não importa o quanto eu tente, não consigo entender como você poderia dizer a uma mãe desesperada para *transar* por dinheiro.

Seu corpo inteiro ficou tenso, e parecia que ela queria me dar um soco.

— Não entende porque jamais *passou fome* ou *quase morreu de frio* no inverno. Nunca recebeu os olhares severos de outras pessoas, que acreditam que você é uma sanguessuga quando vai ao refeitório comunitário ou ganha um prato de comida. Vocês moram em casa de milhões de dólares, com seus *chefs*, mordomos e empregadas... Não pode nem começar a imaginar o estado em que ela estava depois que o *seu irmão* fugiu feito um *covarde*. Se machucar minha amiga ou meu afilhado, eu juro que vou acabar com a sua raça.

Dei um sorriso triste, porque ela estava certa. Não sabia como era estar em uma situação como aquela.

— Ela disse que você era como uma irmã mais velha pra ela. Agora eu entendo o porquê.

Ela não relaxou, mas parou de me encarar brava.

— Para deixar claro, você não tem ideia de como eu sinto muito por arrastá-la para tudo isso. Por outro lado, ela não tem muitas opções também.

Lembrei-me do que Luella disse sobre ninguém crescer sonhando em ser acompanhante. Fiquei pensando o que atrapalhou a vida de Eva.

— Não sou nada parecido com o meu irmão. Nós temos a mesma aparência e, caramba, nós até gostamos de algumas das mesmas coisas, só que no final das contas, Donovan era Donovan, e eu sou eu. Não consigo imaginar prejudicar qualquer um deles, mas, se o fizer, receberei com prazer qualquer castigo que tiver para dar — concluí, não querendo prosseguir muito mais com

aquilo.

Agora ela relaxou.

— Está tudo bem por aqui? —perguntou Luella, aparecendo com duas malas de rodinha e uma mochila sobre um ombro. Alaric estava com um avião vermelho nas mãos.

— Está tudo bem. — Eu me aproximei e peguei uma das malas. — Pegou tudo de que precisa?

"Sim, peço desculpas por demorar tanto. Alguém não sabia qual avião de brinquedo levar." Ela deu a Alaric um olhar carinhosamente exasperado, mas ele apenas sorriu, erguendo o avião para ela ver.

"Onde está o meu abraço de tchau", perguntou Eva antes de abrir os braços. Alaric avançou nela, que o apertou com força. *"Quero que se divirta, mas não muito, porque alguém tem que ficar de olho na mamãe."*

"Ei, eu estou bem aqui", sinalizou Luella.

Alaric fez o sinal positivo para ela.

"Vou ficar de olho nela, e no papai, também", traduziu Luella, olhando para mim, os cantos de sua boca subindo.

Não pude deixar de sorrir. Ficar de olho em nós por quê?

Assim que esse pensamento me veio na cabeça, pensei nela gemendo embaixo de mim.

— Vou descer com as malas — comentei, já indo em direção à porta. Precisava de um segundo para me acalmar e respirar.



LUELLA

— Terra para Lulu, alguém aí?

Piscando, parei de olhar para as costas dele quando saiu e me concentrei em uma Eva ansiosa de braços cruzados.

— O que foi?

— Querida, não faça isso. — Ela franziu a testa. — Principalmente se está tentando substituir Donovan.

— Não estou. — Não era mentira, porque eu não sabia o que estava fazendo. — Eu sei que ele não é Don, porém...

— Porém você gostaria que Don fosse igual a ele. Queria que essa pudesse ter sido a sua vida. Sim, dá pra perceber. Mas lembre-se, vocês vêm de mundos diferentes. Tudo isso que está fazendo é por Alaric. Não queira que ele seja mais do que um pai para Alaric.

Certo. Isso era por causa de Alaric, não por mim. Só que ainda queria

que fosse por mim, também. Era errado?

Ajoelhando na frente dele, eu sorri.

“Preparado para ir à praia?”

“Sim!” Ele estava tão animado, pulava sem parar.

Meus desejos não podiam superar os dele, mas eu podia ter vontade de querer as mesmas coisas para mim.

CAPÍTULO 10

Você chama isso de drama, eu chamo de vida



LUELLA

Ele estava tremendo, murmurando algo baixinho, as mãos se contraindo. Não queria incomodá-lo. Ele não tinha dormido muito a noite passada, mas não podia simplesmente ver aquilo e não fazer nada.

— Dorian... Dorian, acorde. — Eu o sacudi.

— Hã? — Ele se sentou rapidamente, com os olhos arregalados.

Toquei seu rosto.

— Você está bem? Parecia que estava tendo um pesadelo.

Ele ajustou a gravata antes de se sentar e respirou fundo.

— Estou bem. Odeio os Hamptons — murmurou ele, a última parte em voz baixa. Um Alaric adormecido caiu contra ele quando o carro deu uma volta.

— Ele não tem medo de cães, né? — perguntou, olhando para ele.

— Não, ele os ama. Tanto que está implorando por um. Por quê?

— Nós... Eu tenho dois Beagles. Um deles é muito ativo, mas a outra está doente. Câncer. Ia, finalmente, sacrificá-la quando estivesse aqui.

— Ah, não. Sinto muito. — Franzi o cenho e acariciei a bochecha de Alaric. — Ele se apega tão fácil, vai ficar arrasado.

— Não só ele — sussurrou, olhando pela janela.

— Eu sei que esta é uma pergunta idiota, mas tem certeza de que está bem? Esse lugar...

— Traz de volta muitas lembranças, sim. Ficarei bem. E quanto a você? A última vez que veio aqui foi para... — Sua voz vacilou enquanto ele olhava pela janela.

Por sorte, não precisei responder porque paramos em frente a uma mansão clássica branca. Quando Goldie disse que os funcionários estariam aqui para nos receber, não estava esperando que cinco empregadas, três mordomos, a equipe da cozinha e dois Beagles estivessem do lado de fora. Dorian arrumou a gravata de novo e verificou as abotoaduras quando o motorista deu a volta para abrir a porta.

Graças a Deus não coloquei jeans. Tinha pensando nisso no apartamento, mas não quis perder mais tempo.

— Pronta? Os funcionários são os mesmos desde que eu era adolescente, então me sinto confortável — avisou ele quando acordei Alaric. Dorian saiu primeiro, depois Alaric e finalmente eu. Senti o cheiro da brisa do mar. Alaric esfregou os olhos, olhou em volta e sorriu quando viu os dois Beagles marrom e branco. Afastando-se de mim, ele correu até eles e, para a surpresa de todos, os abraçou. Eles lamberam o rosto dele com entusiasmo, e ele riu.

O mordomo, um homem mais velho que imaginei estar na casa dos sessenta anos, deu um passo à frente.

— Bem-vindo de volta, Sr. Rhys-Gallagher.

— Luella, este é Russell, ele supervisiona a casa o ano todo. Russell, esta é Luella Thorne e o nosso filho, Alaric. Por favor, cuide para que ambos tenham qualquer coisa que precisem.

Ele assentiu ligeiramente.

— Bem-vinda, senhora. Se alguma coisa não estiver do seu agrado, por favor, me avise.

— Pode me chamar de Luella. — Uma empregada estava tentando dizer oi a Alaric, mas ele não estava prestando atenção. — Ele não está te ignorando, ele é surdo.

Eu me movi e agitei as mãos na frente do seu rosto, e ele olhou para mim.

“Não seja mal-educado. Diga oi a todos.”

Todo mundo ficou olhando para ele, e já que ele amava ser o centro das atenções, não ficou nem um pouco incomodado por isso. Ele sinalizou:

“Oi, pessoal, sou o Alaric.”

Eles acenaram e sorriram, mas alguns olhares foram trocados.

— Russell, por favor, providencie a contratação de mais um funcionário e que ele saiba a Linguagem de Sinais, e que o restante entenda alguns dos principais sinais — mandou Dorian, aproximando-se de Alaric, levantando-o.

— Pois não, senhor.

Ele estendeu a mão para mim. Eu a peguei, acompanhando-o para dentro.

— Irá força-los a aprender a Linguagem de Sinais? — sussurrei.

— O trabalho deles é cuidar dessa casa e de todos nela. Como podem fazer isso se não conseguem entender o que ele diz?

“Alaric, vai devagar, tá bom?”

Ele assentiu, não dando muita atenção. Ele encontrou seus novos melhores amigos.

“Eu quero os cachorros.”

Ele se contorceu nos braços de Dorian e desceu para o piso de mármore branco. Como queria, os cães estavam voltando para a casa e ele foi até eles,

caindo de joelhos para esfregá-los na barriga.

— Você está certa, ele se apega. — Dorian franziu a testa e pude perceber claramente qual deles estava doente.

Embora ela estivesse animada por ver um rosto novo, a fêmea não rolou igual ao macho. Ela só deixou que Alaric a tocasse brevemente antes de se afastar e se sentar enquanto Alaric e o cão macho brincavam no chão.

— Hércules é o macho e Bronwyn, a fêmea, ela era a cachorra de Donovan. Está doente há algum tempo. — Ele olhou para eles mais uma vez antes de desviar o olhar. — Preciso fazer alguns telefonemas, por que não desfaz as malas?

Ele não me deu a chance de responder e logo saiu em direção a outra parte da casa. *Talvez isso não tenha sido uma boa ideia!?*

— Senhora...

— Russell, me chame de Luella ou Lulu. Acredite, não sou uma "senhora".

Uma sobrancelha grisalha subiu.

— Isso soou errado. Sou uma mulher, só que não... Vou parar de falar agora antes de fazer papel de boba. — Desisti de tentar explicar.

Seu sorriso foi gentil. Mais ou menos do jeito que você esperaria vindo de um vovô.

— Sra. Luella, obrigado por estar aqui.

— Por que está me agradecendo?

Ele olhou para Alaric, que estava rindo feito um louco ao lado dos cachorros.

— Não escuto risadas nesta casa há tanto tempo, eu quase me esqueci de como soavam. Seu filho me lembra muito o Dorian quando menino.

— Há quanto tempo trabalha aqui?

— Trabalho aqui desde que ele tinha seis anos. É quase estranho como eles se parecem — comentou ele, com um sorriso genuíno. — Ele e esta casa viram muita dor. Mas, com sorte, vai mudar agora que vocês dois estão aqui.

— Russell, Dorian vai ficar bem? — perguntei baixinho.

Ele deu um sorriso triste.

— Só não o deixe sozinho e ele ficará bem.

— Como é que ele poderia ficar sozinho com tantas pessoas na casa? — Vi os funcionários trazendo nossas malas.

— Senhorita, o pessoal que trabalha aqui pode ser como uma família, mas jamais seremos realmente uma família. Afinal, todos estão aqui porque são pagos para estar aqui.

Uma empregada se aproximou de nós.

— Os quartos estão prontos.

— Por favor, lhes mostre o caminho. Vou verificar se o Sr. Rhys-Gallagher não precisa de alguma coisa. Se precisar de alguma coisa, Sra. Luella, por favor, não hesite em pedir. — Ele desapareceu na mesma direção que Dorian foi.

— Por aqui, senhorita — ela disse. Alaric tentou levantar os dois cães nos braços antes de desistir e deixar que subissem as escadas. Ele continuou olhando para ter certeza de que estavam seguindo.

— Esse é o quarto do Dorian? — Apontei para as portas duplas que ficavam do outro lado do segundo andar da casa.

— Não, senhorita, aquele quarto pertencia a seus pais. Ele pediu que permanecesse sempre fechado. — Ela se inclinou ao dizer aquilo, como se fosse algum tipo de segredo sombrio.

— Este será o quarto dele. — Ela abriu uma porta para o quarto dos sonhos de um garoto.

Eu entrei, e a atenção de Alaric finalmente deixou os cães e mudou para um dos navios em uma garrafa de vidro. Ele olhou para ele como se fosse encantado.

“Como foi que ele parou lá dentro?”

“Tem pessoas que fazem isso. Bem legal, né?”

“Demais. Quero fazer um.” Ele se sentou na cama, olhando fixamente para a garrafa.

Eu olhei para a mesa e vi um porta-retratos. Eu diria que estava olhando para Alaric em poucos anos, com dez, talvez. Os gêmeos, vestidos com roupas iguais, estavam em um veleiro com a mãe e o pai. Todos pareciam tão felizes.

— Minha mãe gostava de nos vestir com roupas iguais. — Dorian se inclinou contra o batente da porta.

A empregada fez uma reverência antes de sair.

— Pensei que tinha telefonemas para fazer?

— Eu menti. — Ele deu de ombros. — Só precisava de alguns minutos para me recompor, mas Russell praticamente me puxou pela orelha e me disse para lhe mostrar a casa.

— Você e Russell são próximos?

— Ele foi a única pessoa consistente ao meu lado enquanto eu crescia, então, sim.

Alaric saiu da cama e correu para ele, segurando a garrafa.

“Como é que você fez isso?”

Ele se abaixou e sinalizou devagar.

“Quer. Aprender. Como. Faz?”

Alaric assentiu com a cabeça tão depressa que parecia uma bola quicando.

— Eu... — Dorian olhou para mim. — Qual é o sinal para “prometo”? — Eu mostrei a ele.

“Prometo te mostrar.”

Eu entrei na conversa.

“Depois de desfazer as malas e quando ele não estiver ocupado, tá bom?”

Seus olhos azuis flutuaram para outra coisa para brincar.

— Estou feliz que ele tenha gostado daqui. — Dorian se endireitou. — Era o antigo quarto de Don. Não mudei quase nada nesta casa. Quando minha mãe adoeceu, paramos de vir aqui. Ele não voltou até o dia em que morreu... Desculpe, não pretendo ser depressivo.

— Prefiro que você fale comigo disso do que simplesmente vá embora. Eu aguento.

— Você vai me acompanhar no jantar do Sr. Sinclair esta noite?

— Claro. Ah, mas e quanto a Alaric?

— Goldie estará aqui até lá. Tenho certeza de que ela não se importaria de tomar conta dele.

— Tem certeza? Isso não faz parte do trabalho dela. — A última coisa que eu queria era tacar sal em suas feridas.

— Ela ficará bem, não se preocupe. — Suas mãos permaneceram um pouco mais tocando meu rosto antes de ele ir até Alaric.

Dorian pulou na cama ao lado dele, eles não precisavam conversar para aproveitar a companhia um do outro.



DORIAN

Era tão estranho estar de volta ao escritório da família. Passei a mão pela borda da mesa, lembrando como Luella se agarrou a ela, e olhei para a estante de livros...

— Tem certeza de que não precisa falar da proposta?

— Hã? — Goldie estava do outro lado da mesa. Ela chegou para garantir que tínhamos tudo. — Certo, a proposta. Está perfeito. Eu sei de cor. Mas tenho a sensação de que o Sr. Sinclair não vai querer ouvi-la. Hoje à noite, ele vai criticar.

— Então faça ele querer. Explique que o Grupo Sinclair veio da Rhys-Gallagher National, e faz todo o sentido voltar ao grupo. — Ela parecia mais

frustrada do que eu.

Eu ri.

— Farei o melhor que puder.

— Sua gravata está torta — disse ela e, imediatamente, a endireitou.

Luella estava na porta, usando um longo vestido vermelho com os ombros à mostra só que envolvia cada centímetro do seu corpo. Engoli em seco, olhando fixamente sua pele macia e atraente.

Jesus, é linda.

— Vocês acabaram? — Ela apontou, e foi só então que percebi o quanto Goldie e eu estávamos próximos.

— Ela estava me ajudando com a gravata — expliquei, puxando-a nervosamente.

Luella disse:

— Obrigada, Goldie, e obrigada também por tomar conta de Alaric. Ele está dormindo, mas se precisar de alguma coisa, por favor, me avise.

— Claro. Tenham um bom jantar. Ligarei se acontecer alguma coisa.

Segurei a mão de Luella, que estremeceu com meu toque.

— Vou dar uma olhada em Alaric antes de irmos — avisei. Sempre odiei como meu pai nunca se despedia quando eu era novo. Não queria repetir o mesmo erro.



GOLDIE

Você quer ser a Dorothy e não a "Bruxa Má do Leste".

— Goldie?

— Sim! — Fiz o máximo que eu pude para demonstrar alegria.

A expressão de Luella dizia que ela conseguia me enxergar por dentro.

— Eu sei que você gosta dele — revelou ela tão diretamente, que fiquei atordoada por um segundo.

— O quê? Não. Não! Por favor, não interprete mal a coisa da gravata — tentei explicar.

— Tudo o que eu quero é que Dorian seja feliz. Ele merece isso — disse ela como se eu já não soubesse disso.

— Nada está acontecendo entre nós. Só pareceu algo assim quando você entrou. — Não queria sorrir, mas senti os cantos da minha boca subirem. — Já entendi que você está aqui para me passar o sermão "não toque no meu homem"?

— Não é assim — respondeu ela. — Eu só... Se você é importante para

ele, não quero que sinta que temos que ser inimigas ou algo assim.

— Você gosta dele, não é?

— É complicado. — O fato de ela não poder responder claramente me destruiu. Ela não sabia. Enquanto isso, aqui estava eu. — Os sentimentos das pessoas não são muito simples. Estamos nos concentrando simplesmente em tentar pelo bem de Alaric agora. Normalmente eu não diria nada, mas você vai tomar conta dele esta noite, e quero ter certeza de que está bem com isso.

— Claro. Não sou uma daquelas mulheres malucas que ficam com ciúmes. Estou bem. É só uma paixão.

— Bom, porque se alguma coisa acontecesse ao meu filho, não hesitaria em mostrar a você ou a qualquer outra pessoa a definição de uma mulher maluca. — Ela sorriu, mas tive a impressão de que ela não quis dizer aquilo como piada ou brincando.

— Juro que ele ficará bem. Desculpa perguntar, mas como vocês se conheceram? — Como pude deixar de notá-la todos esses anos? Ela era deslumbrante e elegante. De que família ela era? Thorne? Não conhecia nenhum Thorne.

Ela olhou pelo escritório.

— Nós nos conhecemos aqui.

Quão complicadas poderiam ser as coisas entre eles se o olhar dela ficava tão confuso só de olhar em volta? O que aconteceu entre eles? Por que eu me importo tanto? Por que me incomodou tanto saber que ela não era uma megera metida? Ela parecia realmente legal, e eu não podia ser ruim com alguém assim.

Antes que eu pudesse perguntar mais alguma coisa, Dorian estava de volta.

— Acho que ele te enganou. Ainda está acordado, mas tenho certeza de que vai dormir logo.

— Eu devia ter percebido. — Ela se juntou a ele.

Ele mudava quando estava com ela. Quando eu o toquei, ele endureceu e se esforçou para me tolerar, mas ele ansiosamente procurou pela mão dela, como se isso o fizesse se sentir melhor.

Que merda.

— Tchau. — Acenei quando saíram para o carro que esperava.

Ele a ajudou a entrar, com a mão respeitosamente em sua cintura e eu não podia mais ver aquilo. Fechei a porta e me encostei contra ela.

“Oi.” Alaric estava sentando na escada, vestindo pijamas do Thor, me encarando com grandes olhos azuis.

“Oi, você não deveria estar dormindo?”

“Sem sono, posso tomar sorvete?”

“O que a sua mãe diria?”

Ele fez beicinho.

“Não sei. Podemos guardar segredo? Divido com você.”

Dei risada.

“Tá bom.”

Sim! Ele deu um soco no ar.

“Posso fazer uma pergunta sobre a sua mãe?”

Sim. Ele me seguiu até a cozinha.

“Onde ela trabalha?”

“Ela cozinha. A comida da mamãe é supergostosa. Até os legumes.”

“É mesmo, e a sua família? Conhece algum deles?”

Abri o freezer e peguei o sorvete.

Ele fez uma pausa, pensando.

“Tem eu, a mamãe, o papai e a titia Eva.”

“Eva do quê?”

“Não sei dizer o sobrenome dela, é difícil.”

Ele pegou a colher e tomou o sorvete alegremente. Eu me recostei no balcão, observando-o.

Estava tão desesperada assim que apelei para o filho deles para conseguir informações?

Sim.

Eu amava Dorian desde que ele me abriu a porta da sala de Economia pela primeira vez. Ele não era igual aos outros homens. Era gentil e respeitoso, mas ainda tinha algo diferente nele. Dorian era como um mistério sem fim. Um mistério que agora estava sendo resolvido por outra pessoa. Doía. Eu me senti mal, mas uma parte em mim esperava, rezava, para que eles não dessem certo, que algo os destruísse.

“Uau, você dobrou a colher”, sinalizou ele, olhando para a colher na minha mão.

— Oops. — Pegando meu celular, mandei uma mensagem para Rafael.

Preciso de ajuda, estou enlouquecendo. Estou dobrando colheres agora.



LUELLA

Quando chegamos à mansão Sinclair, sabia que estava ferrada. Não tinha certeza até esse momento, mas sabia, sem dúvida alguma, que estava destinada a ser infeliz.

— Sr. Sinclair — Dorian disse, cumprimentando o homem.

Roman Sinclair não era nada como o senhor que eu imaginei. Tinha a postura altiva, cabelos castanhos com fios grisalhos, sardas no nariz e olhos castanhos esverdeados. Deveria ter sessenta e poucos anos. Usava um terno escuro e lenço vermelho no bolso. Ele era alguns centímetros mais baixo que eu, mas isso não parecia incomodá-lo. Uma mulher magra, de cabelos ruivos e curtos, usando um colar de pérolas brancas, estava ao lado dele, elegante e soberba.

Ele ignorou Dorian e pegou minha mão, beijando-a.

— Quem é você, minha querida?

— Sr. Sinclair, conheça Luella Thorne, minha acompanhante hoje à noite.

O Sr. Sinclair não lhe deu atenção.

— Como conhece esse bastardo? Pensei que ele gostasse de garotos.

Agora eu fiquei irritada. Afastando-me, eu sorri.

— Sou a mãe do filho desse bastardo, e estou muito feliz por não tê-lo trazido hoje à noite.

Suas sobrancelhas se levantaram e ele finalmente olhou para Dorian, que ficou ali sem demonstrar qualquer emoção, como se já estivesse mais do que pronto para encerrar aquela noite.

— Você tem um filho?

— O nome dele é Alaric, e tem cinco anos.

— Por que todos nós não nos sentamos — sugeriu a mulher ao lado dele.

Nós os seguimos para dentro da grande sala de jantar de carpete vermelho, com a enorme cascata de pedra como pano de fundo atrás da nossa mesa. Dorian puxou minha cadeira, que estava de frente para Hugh.

— Sra. Thorne, gostaria que conhecesse minha esposa, Laura, meu futuro genro, Hugh Edmund, e minha filha, Portia. — Sr. Sinclair apontou para a esposa, depois para Hugh, e depois para uma linda ruiva que estava sentada ao lado dele, com olhos castanhos escuros iguais aos da mãe.

— É um prazer conhecer todos vocês. — Não era.

— Igualmente. — Ele provavelmente quis dizer isso.

Eu não o conhecia como Hugh Edmund. Eu o conhecia como Zeus, um ex-cliente bastante opressivo. Hugh olhou para mim uma ou duas vezes do outro lado da mesa, e o sorriso mais maligno cruzou seus lábios. Ele chutou meu pé debaixo da mesa. Desviei o olhar, olhando para minha faca.

Ele olhou para Dorian, balançando a cabeça como se estivesse se segurando para não rir. Toda vez que olhava em outra direção, ele me chutava até eu encontrar seus olhos. Queria contar a Dorian, mas ele estava conversando

com o Sr. Sinclair.

Eu estava no inferno e não podia nem gritar.

CAPÍTULO 11

Deuses, Monstros e Homens



LUELLA

Havia um roxo na minha perna, eu tinha certeza disso. Recuei a cadeira, com a esperança de ficar fora do alcance de Hugh, e ele olhou para mim com tanta raiva que eu fiquei assustada.

— Ouvi dizer que você comprou a Edmund Enterprises e a estilhaçou em mil pedacinhos — disse Sinclair, girando o vinho em seu copo antes de o inalar.

— Acredito que “mil” é um pouco exagerado — respondeu Dorian, cortando seu bife.

— Como posso confiar o Grupo Sinclair a você se tudo o que quer é retalhar as empresas e vende-las para quem pagar mais?

— Faço isso com o que não pode ser salvo. Se o Sr. Edmund tivesse feito a coisa certa pela empresa dele, jamais teria interferido.

— Continue com essa conversa, Gallagher. Vai ter troco, e será tarde demais quando se der conta. Você acaba com o meu negócio e eu acabarei com tudo ao seu redor. — Embora Hugh não tenha olhado para mim, senti que o comentário foi direcionado a mim.

— E aqui estava eu pensando que isso era sobre negócios, não pessoal.

Hugh deu uma risadinha.

— Se realmente acha isso, é mais canalha do que eu pensava. Você roubou o legado da minha família. Mas não se preocupe, continue puxando o saco do meu sogro.

— Senhoras, peço desculpas pelo show de testosterona. — Sr. Sinclair se sentou, correndo os olhos por nós ao redor da mesa.

— Na verdade, eu gosto muito disso. Parece uma batalha de gladiadores. — Portia bateu palmas e pôs a mão no ombro do noivo.

— Gladiadores? Que tal deuses gregos. E Zeus sempre governa. — Hugh beijou a mão dela.

— O que você acha, Luella? — perguntou Sr. Sinclair.

Enfiei um pedaço de lagosta na boca para não falar, mas ele esperou por uma resposta.

— Não conheço muito bem sobre gladiadores ou deuses gregos. Empresa

é coisa séria, com pessoas que trabalham duro. Isso é motivo mais do que suficiente para ser passional. Não deveria ser sobre legado, poder ou dinheiro. Deve ser sobre as pessoas, aquelas que não podem comprar lagostas de cem dólares porque, no final das contas, sem elas não existe empresa.

Quando terminei, todos estavam me olhando, com exceção de Hugh, que estava com ódio.

— Ai que bonito. — Portia riu.

— Gostei muito disso, viu. Querida, você deveria falar com jornalistas desse jeito — acrescentou a Sra. Sinclair.

Dei de ombros.

— Não liguem para mim. Posso dizer isso, mas não tenho ideia de como administrar uma empresa.

— Você está bem? — Dorian se inclinou, sua mão nas costas da minha cadeira. Ele não tinha ideia de como eu *não* estava bem agora.

— Estou bem. Com licença, onde fica o banheiro? — Peguei minha bolsa e me levantei. Dorian também se levantou, ajudando-me com a minha cadeira.

— No final do corredor à direita. — Sra. Sinclair apontou.

— Obrigada. — Andei o mais rápido que pude naquela direção. Quando abri a porta, era um armário de casacos. Eu me virei e dei de cara com Hugh.

— Ela sempre confunde essas portas, culpe os comprimidos.

— Hugh...

Ele enfiou a mão dentro do meu vestido e me empurrou contra o casaco de pele, a outra mão tentando agarrar meu peito.

— Você sabe meu nome, sua puta imunda... É Zeus.

Mordi a mão dele.

— Sua filha da puta. — Ele me deu um tapa no rosto. Meus dentes cortaram o lábio e a boca encheu de sangue.

Ele agarrou minha cabeça, puxando um punhado de cabelo.

— Quer que eu te ensine outra lição? Quanto Dorian está pagando? É verdade essa história de filho? Espere, não me diga que ele engravidou uma prostituta anos atrás.

— Me solta ou eu vou gritar.

— Grite, e contarei a todos como você costumava cavalgar meu pau igual a um peão de rodeio. Não vou parar por aí, também. Arruinarei Dorian Rhys-Gallagher, contando para o mundo que ele paga por suas mulheres. Eu já estou ferrado, mas ele vai passar vergonha, como o resto da porra de sua família. Então grite, querida. Grite como se eu estivesse dentro de você. — Ele agarrou meu peito e me mordeu no ombro.

Lutando para conseguir colocar a mão dentro da bolsa, finalmente

consegui pegar meu revólver.

— Fique. Longe. De. Mim.

Ele recuou.

— Você não ousaria.

— Quer arriscar? — perguntei, apontando para o rosto dele. — Se está morto, não pode falar. Direi a eles que me assediou, o que você fez.

— Como é que se assedia uma prostituta? Me desculpe, tenho que pagar antes de tocar, não é? Encontre-me no Hotel Rosewood, quarto 301, à meia-noite, ou eu abrirei a boca.

Comecei a apertar o gatilho.

— Cinco, quatro, três...

Depois que ele saiu, eu desabei no chão; ofegante e limpando a saliva do pescoço.

Respire.

Respire, Luella.

Que merda, não chore.

Pare de tremer.

Quando a porta voltou a abrir, levantei a arma e apontei, com as mãos tremendo, pensando que ele tinha voltado, mas era Dorian.

— Luella? — Ele se agachou na minha frente, suas mãos cobrindo as minhas. — Solte.

Fiz que não com a cabeça.

— Ele ainda está lá fora.

— Quem?

Queria falar, mas não consegui.

— Luella, quem?

— H-Hugh. Ele era um cliente. Eu-eu só o atendi uma vez, s-sete meses atrás... foi há sete meses... Alguns homens gostam de sexo selvagem, mas ele quebrou t-três c-costelas minhas e m-meu braço. Ele queria me machucar. Nunca fiquei tão a-assustada na vida. É por causa disso que tentei parar de fazer programa.

— Solte a arma.

Mais uma vez, neguei com a cabeça.

— Ele queria que eu ficasse com ele de novo. Não posso! Mas ele ameaçou v-você, então t-tenho que fazer isso.

Ele tirou as mãos das minhas e acariciou meu rosto.

— Você nunca, jamais, vai chegar perto dele outra vez. Não estou nem aí para o que ele disse. É conversa fiada, e eu farei tudo o que puder para proteger você e Alaric. Acredite em mim mais do que tem medo dele, tá bom?

Concordei com a cabeça, a arma caindo das minhas mãos.

Ele a pegou, colocou a trava de segurança e a guardou no bolso.

— Vá ao banheiro, ficarei do lado de fora enquanto você se arruma. Então vamos pra casa.

Eu o abracei.

— Desculpa, acabei com a sua noite — disse eu.

Ele me abraçou forte.

— Sinto muito por não ter reparado que você estava sofrendo.



DORIAN

Era ela.

Ela era a única coisa que me impedia de matá-lo. Estava com vontade de meter uma bala no peito dele, mas agora precisava levá-la para casa. Quando Luella saiu do banheiro, sua maquiagem estava arrumada, e ela sorria animadamente como se eu não tivesse acabado de vê-la desmoronar no armário. Foi por isso que não fui capaz de perceber que algo estava errado.

Pegando o casaco, coloquei-o sobre seus ombros e peguei sua mão.

— Não solte.

Ela me apertou.

— Prometo.

Eu a levei de volta para a sala de jantar. Sr. Sinclair e Hugh estavam rindo – sabe-se lá de quê – e aquilo me irritou profundamente.

Aja naturalmente por ela.

— Sr. Sinclair, obrigado pelo jantar, mas precisamos ir.

— Sério? Já desistiu de puxar o meu saco?

Uma empregada trouxe uma caixa de charutos cubanos.

— Nosso filho não está se sentindo bem, por favor, nos perdoe. Sra. Sinclair, obrigado por nos convidar para sua linda casa.

— É claro, querido. Por favor, venha nos visitar novamente.

Sem chance.

— Espero que nos encontrarmos de novo, muito em breve. — O olhar de Hugh se dirigiu a Luella.

Seu desgraçado do caralho.

Nós nos viramos para a porta.

— Obrigado por terem vindo — disse o mordomo.

Não respondi. Meu motorista já estava esperando com a porta aberta para nós.

Ela estava segurando minha mão como se sua vida dependesse daquilo. Foi só quando a porta se fechou que ela respirou fundo várias vezes. Eu a puxei para perto, encostando a bochecha em sua cabeça. Ela estava tremendo.

— Tenho medo de aranhas — confessei.

— O quê?

— Morro de medo delas. É horrível, e palhaços... Caramba, odeio palhaços. Fui a um parque de diversões uma vez com o Russell e caí. Bem ali, na minha frente, estavam aqueles pés gigantescos, e quando olhei para cima, tudo que vi foi uma boca vermelha gigante e olhos assustadores. Gritei até ficar rouco. Cheguei a ordenar que fossem banidos da Rhys-Gallagher National depois que alguém mandou entregar um cartão de aniversário.

Ela riu e eu fiquei aliviado. Queria que ela se sentisse segura e confortável outra vez.

Cantarolei enquanto voltávamos, e ela estava tão cansada que adormeceu mesmo o trajeto sendo curto.

— Chegamos? — perguntou ela serena, sem abrir os olhos. Eu a ajudei e a carreguei para dentro.

— Sr. Rhys-Gallagher. — Russell fez uma cara estranha para a expressão no meu rosto, mas sacudi a cabeça, não querendo falar do assunto.

— Você já voltou. — Goldie parou, surpresa ao ver Luella nos meus braços.

— Não quero mais o Grupo Sinclair — avisei a ela, indo em direção às escadas.

— Como?

Levei Luella para o único lugar que sabia que a faria se sentir melhor. No quarto de Alaric. Quando a coloquei na cama, ela abriu os olhos, viu o filho e afastou o cabelo dos olhos dele.

— Luella, onde ele queria encontrá-la?

— Por quê?

— Apenas me diga.

— Por favor, não faça nada estúpido por minha causa, é tudo culpa minha...

— Não ouse... — Mordi meu lábio. — Ele bater em você não é sua culpa. Nunca diga isso para mim, ou vou enlouquecer.

— Você sempre teve que cuidar das pessoas ou vê-las desmoronar ao seu redor. Não quero ser a próxima pessoa complicada em sua vida, Dorian. Vamos pensar em algo onde você ainda possa estar com Alaric, mas não pode continuar me salvando.

— Por quê? Nomeie uma pessoa neste planeta que não precise ser salva

de alguém ou de algo? Aponte para uma pessoa que não seja uma confusão, que não tenha problemas ou passado? Se eu bebo, tenho uma grande chance de me tornar viciado, e se ficar viciado, seria capaz de beber até me matar. Tenho pavor de morrer sozinho, mas tenho o mesmo medo de deixar as pessoas se aproximarem, porque posso machucá-las. Então, devemos nos afastar um do outro? Isso não resolve nada. Agora, nesse exato momento, tudo o que quero fazer é protegê-la, então, por favor, deixa eu fazer isso. Você estava disposta a ver Hugh para me proteger, não posso nem imaginar isso. Fale comigo! Me diga!

— Rosewood Hotel, quarto 301.

Beijei sua testa.

— Descanse um pouco. Está a salvo aqui.

Ela se deitou, abraçando Alaric enquanto eu me levantava.

— Dorian.

— Sim?

— Por favor, se cuide.

— Sempre.

Fechando a porta ao sair, desci as escadas, enrolando as mangas nos antebraços.

Goldie estava no pé da escada, esperando pacientemente.

— Agora não.

— Sinto muito, mas você quer simplesmente se afastar de Sinclair depois de meses de planejamento? Não consigo entender...

— Goldie, você não precisa entender, só tem que executar as minhas ordens. Está decidido. Não quero mais. Se Sinclair ligar, pode dizer isso a ele. Não quero e nem vou explicar mais do que isso. — De jeito nenhum eu me envolveria. Se eu o fizesse, Hugh estaria sempre por perto.

Ele precisava pagar.

— Tenho uma reunião agora.



Peguei um rolo de dinheiro e entreguei ao mensageiro. Ele bateu uma vez.

— Serviço de quarto.

Olhei para a mesa com jantar para dois, junto com a garrafa de champanhe. Ele iria alimentá-la primeiro para abusar dela depois?

Hugh abriu a porta vestindo um roupão.

— Finalmente, eu pedi isso...

Peguei a garrafa e a quebrei em sua cabeça. Ele tropeçou para dentro do

quarto e caiu de bunda, atordoado.

— Vá — mandei entredentes o mensageiro, que já estava indo embora.

— Você ficou maluco? — gritou ele, apertando a testa ensanguentada, o sangue manchando o robe branco. Ele tentou se levantar, mas eu o chutei na barriga, não deixando.

— Se eu enlouqueci? Não sei, Hugh. — Agachei-me e soquei sua boca sem parar. — Mas o que eu sei é que se arrependerá de ter colocado a mão nela.

Deixei que ele se soltasse, e Hugh cuspiu alguns dentes enquanto se arrastava na direção de seu telefone.

— Quantas costelas dela você quebrou? Ela me disse que foram três, mas a dor deve ter sido de quatro ou cinco, né? — Dei a volta por ele, peguei o telefone e o joguei contra a parede.

— Dori...

Abaixei e o agarrei pelo cabelo.

— E tenho certeza que deu alguns tapas nela, também. Você é tão baixo assim que fica batendo em mulheres porque isso faz com que se sinta forte?

Esmaguei seu rosto contra o vidro, que quebrou. Esperei que o vidro o cortasse e depois o soltei. Ele caiu no chão.

— Pare...

— Não vamos esquecer do braço. — Segurei o grande abajur do lado da mesa e o usei como taco de beisebol, batendo em seu braço sem parar.

— Por favor... Por favor! Socorro! Pare!

— Tenho certeza que ela também gritou isso! Você parou? — Bati no seu cotovelo e ele gritou feito o merdinha covarde que era. — Fiz uma pergunta: ela gritou assim também?

Dando um passo para trás, deixei cair o abajur. Ele estava deitado no canto, coberto do próprio sangue.

— Ela era só uma *prostituta*. — Ele cuspiu sangue e eu senti vontade de estrangulá-lo. — Foi bem paga, não foi? Agora vai se lamentar com o papaizinho dela?

Agarrando-o pela garganta, eu o levantei.

— Continue falando e vou te matar.

— Não, não vai. Vai me bater um pouco, mas não vai me matar. Você realmente quer colocar sua carreira em jogo por causa de uma *vagabunda*? A Rhys-Gallagher National vai...

Eu o virei bruscamente, prendendo-o com um mata leão.

— Cansei de ouvir você falar, então preste atenção no que vai acontecer. Se chegar perto de Luella, de mim ou de qualquer outra pessoa do meu meio, você já era. Você pagou por uma mulher e bateu nela. Se eu vir qualquer coisa a

respeito dela na mídia, vou reverter isso para fazê-la parecer uma santa. Tenho dinheiro e favores mais do que suficiente para que isso aconteça. Mas você sempre será a porra da escória.

Seu rosto estava ficando vermelho. Ele bateu no meu braço. Quando eu soltei, ele caiu no chão, ofegando e respirando com dificuldade.

— Vá embora dos Hamptons, fique fora do nosso caminho, Hugh. — Eu virei para sair e, como esperado, ele esperou até que eu estivesse de costas viradas para me bater. Vi o reflexo dele no espelho.

Eu me virei e o joguei no chão. Ele caiu com força. Apertei meu pé no pescoço dele.

— Nunca vai conseguir me bater. Não conseguiu na faculdade e não consegue agora.

Hugh gritou quando eu desloquei o dedo dele.

— Aproveite a sua estadia, Sr. Edmund.

Até que foi bom. Mas queria mesmo era tê-lo matado. O fato de que ele estava por perto, de que poderia assustá-la novamente... não podia permitir isso. Nunca.



LUELLA

Usando short e camiseta, sentei-me na escada, esperando-o voltar. Todos estavam dormindo, com exceção de Bronwyn, a cachorra doente de Donovan. Ela subiu no meu colo, ganindo baixinho enquanto eu acariciava seu pelo marrom e branco.

— Sinto muito que esteja sofrendo — sussurrei, em seguida, levantei a cabeça quando a porta se abriu e Dorian entrou. Olhei para as mãos ensanguentadas dele.

Nenhum de nós disse nada. Bronwyn ganiu mais alto e devagar. Ele andou até os fundos da casa e eu o segui com Bronwyn. Ao lado das portas duplas de vidro, que levavam à praia, tinha uma mesa de canto que Dorian destrancou com uma chave que eu não tinha percebido em sua mão. Ele tirou uma seringa de lá e a olhou por um tempão.

— Troca comigo. — Eu passei a cachorra para ele e ele me deu a agulha. Dorian abriu as portas, tirou os sapatos e saiu para a areia.

O céu da noite estava sem estrelas, apenas a lua cheia pairando sobre o mar agitado, e ele se sentou. Não disse nada, apenas afagou o pelo dela, olhando para a água conforme as ondas quebravam. Ela lambeu as mãos dele e só latiu uma vez, como se estivesse dizendo “adeus” primeiro.

— Faça — pediu ele finalmente, e apontou para o lugar onde queria que eu injetasse a seringa em Bronwyn. Não demorou muito para ela fechar os olhos pela última vez. — Chega de dor, Luella. Vamos tentar não permitir que o mundo continue nos machucando. Apesar do seu passado, independente do meu presente, nosso futuro é inegável. Por Alaric, por você, eu sempre estarei aqui, de qualquer jeito que precise de mim.

Ele era um bom homem. Quando todo mundo estava tentando ser algo maior, ele era apenas um bom homem.

— E nós estaremos aqui por você. Se é o que deseja, se é o que precisa.

CAPÍTULO 12

O nosso infinito momento



LUELLA

— Ah! — gritei quando eles atiraram água em mim, tentando fugir. Apontei a pistola de água para trás, atirando cegamente neles. No entanto, eles me alcançaram e me cercaram, girando e me encharcando. Eu parei, fechando os olhos e rindo. Quando a enxurrada de água finalmente parou, dei uma espiada neles.

"Você se rende?", sinalizou Alaric.

Dei um sorriso malvado, levantando minha pistola de água.

— Vocês estão descarregados, né?

— Porcaria. — Dorian pegou na mão de Alaric e eles saíram correndo.

— Vingança — gritei, atirando em suas costas, perseguindo de volta para a casa.

Alaric riu alto quando Dorian o usou como escudo.

"Você ganhou", sinalizou ele, e eu finalmente parei de disparar água.

Dorian o colocou no chão.

"Você. Se. Rendeu?"

Ele não era perfeito em fazer os sinais, mas como poderia ser em tão pouco tempo? Só que se esforçava muito para aprender. Perguntava os sinais de muitas palavras e frases comuns e agora as combinava.

Ele deu de ombros.

"Você não consegue vencer a mamãe."

"Olha só pra ele. Eu fiz dele um sábio." Sorri orgulhosa, correndo e dando um beijo em sua bochecha.

"Sim, mas você tem que ague..."

— Sr. Rhys-Gallagher — interrompeu Russell, parado na porta que dá para os fundos da casa.

Ao lado dele havia um homem corpulento, de cabelo preto curto e olhos castanhos, vestido ligeiramente menos formal que Russell. Dorian, Alaric e eu estávamos com roupas de banho. A comparação foi divertida. Estava tentando me concentrar em outras coisas além do peito exposto de Dorian e a água que escorria por seu abdômen esculpido.

Dorian pegou uma toalha com uma das empregadas e colocou-a na cabeça de Alaric.

— Luella, este é Finnick Washington, ele cuidará de nós a partir de agora.

— Cuidará de nós? — perguntei lentamente. — Tipo um guarda-costas?

— Sim, senhorita Thorne.

E disse através de sinais para Alaric.

"Prazer em conhecê-lo, chefinho."

Alaric sorriu.

"Chefinho? Mamãe, sou chefe."

"Esse é você", respondi. *"É um prazer conhecê-lo, Sr. Finnick. Meu nome é Luella."*

"Igualmente, senhora, e me chame de Finnick."

"Pode me chamar por Luella. Nada de 'senhora'."

— Parece que todos estão à minha frente na Linguagem de Sinais. — Dorian franziu a testa. Ele estava frustrado, apesar de estar indo muito bem. Ele não era acostumado a ser o único incapaz de fazer algo perfeitamente. Estava até abrindo mão do sono para aprender, além de memorizar todos os sinais que eu fazia. Nesse ritmo, ele realmente aprenderia até o final da semana. Por outro lado, Alaric aprendeu bem rápido, também.

Quando Dorian foi falar com Finnick, Alaric chamou minha atenção.

"Mamãe, o que aconteceu com a Bronwyn?", perguntou quando Hércules se aproximou. Ele sentou, esfregando a cabeça do cachorro.

Não sabia o que dizer. Ainda não tinha contado que a cachorra morreu.

"Bem, Bronwyn estava doente, e ela quis ir embora, então papai e eu a deixamos ir ontem."

"Ela vai voltar?"

"Não, querido."

Ele se levantou e foi até Dorian.

"Alaric..."

Ignorando-me, ele puxou o short de Dorian.

— O que foi? — perguntou ele devagar, permitindo que Alaric lesse seus lábios.

Alaric o abraçou com força.

— Não fique doente.

Dorian olhou para mim, confuso.

— Contei da Bronwyn.

Ele o pegou no colo, abraçando-o apertado. Alaric parecia tão triste, e me doía vê-lo tão chateado. Ele estava apavorado.

“Por que não vamos jogar tênis?”, sinalizou Dorian.

“Sério?”

“Sou muito bom.” Ele sorriu com orgulho. *“Vai dar conta?”*

“Mas, mamãe, eu não tenho roupa para jogar tênis.” Ele entrou em pânico. Eu repeti em voz alta para Dorian.

— Por que não almoçamos primeiro, e Russell vai providenciar tudo de que você precisa? — sugeriu ele.

Alaric pensou no assunto.

“Preciso estar cheio para vencer você.”

Dorian sorriu, colocando-o no chão.

“O que você quer comer?”

“Sopa de espinafre da mamãe.”

“Fechado.”

Alaric pegou Hércules e entrou.

— Acha que seu cozinheiro vai achar ruim se eu roubar a cozinha dele? — perguntei a Dorian.

Ele sorriu. E eu quis muito que ele não tivesse sorrido, porque me tirou o fôlego.

— Tenho certeza de que gostará de uma folga. Ele recebe pagamento de qualquer jeito. — Ele tirou a areia da bermuda e do cabelo. Não conseguia tirar os olhos dele, observando seus movimento como se estivesse vendo em câmera lenta. — Preciso de um banho.

Pelo amor de Deus, Luella, pare de encarar o homem. Ele é gostoso. Supere.

Ele parou na porta.

— Você vem?

— Desculpa, sim.

Estou ferrada.



DORIAN

— Faça com que ele coloque isso quando terminar. — Luella me entregou o aparelho auditivo de Alaric em um estojo à prova d’água. — Comporte-se bem — disse ela a Alaric, que respondeu algo, já tirando a camisa e entrando em seu quarto. Ele queria que eu o ajudasse a se preparar, e não ela.

— O que ele disse?

— Que ele sempre se comporta. — Ela revirou os olhos mesmo sorrindo, era um sorriso que nunca deixava seu lindo rosto. — Vou tomar banho antes de

descer. Provavelmente terminarei antes de vocês dois.

— Por quê?

— Ele gosta de banhos de espuma. Na verdade, qualquer banho, bolhas de sabão não são um requisito. — Ela riu, colocando o cabelo atrás da orelha.

Olhando fixamente em seus olhos castanhos esverdeados, senti uma necessidade de tocá-la, e talvez eu fizesse isso se Alaric não tivesse saído... pelado.

Ela não ficou nem um pouco surpresa.

"Alaric, o que foi que eu disse?"

— Só no banheiro — falou ele, me puxando para o banheiro e pulando na banheira.

"Água primeiro", sinalizei.

Ele negou com a cabeça.

Eu o encarei.

"Sem água?"

Ele apontou para as minhas mãos e disse em voz alta.

— Sem sinal para conversar.

Ele abriu a torneira da banheira. Derramei o sabão, fazendo espuma subir em volta dele. Verificando a temperatura da água, sentei ao lado da banheira e bati em seu ombro. Nossos olhos se encontraram.

— Por que você não quer que eu faça os sinais? — perguntei devagar para que ele pudesse ler meus lábios.

— Não — ele respondeu com as mãos. — Não o tempo todo.

— Por quê?

— Quero que me ensine a falar melhor... por favor.

Fiquei surpreso de como ele já falava tão bem, considerando que não podia ouvir a si próprio.

— Por que, Alaric? Não gosta de sinalizar? — perguntei devagar para que ele me entendesse.

— Não conta para a mamãe? — Ele desligou a água.

Esperei que ele me olhasse.

— Pode deixar.

"Eu não quero que zombem de mim", disse e sinalizou antes de empilhar bolhas na cabeça, sorrindo, mas consegui perceber que ele estava fazendo igual a ela — escondendo seu sofrimento atrás do sorriso.

— Quem zomba de você, Alaric?

Ele deu de ombros.

— As crianças na escola.

— Não têm outras crianças como você lá?

— Tem. — Ele se esforçou para falar e eu, para entender. — Dão risada da minha voz. As mamães e os papais deles pagam professores de conversação para eles.

Fonoaudiólogos. Agora que parei para pensar nisso, Luella o colocou na melhor escola de Nova York para alunos surdos. Havia um total de sessenta alunos e todos eram de famílias abastadas. Finnick me deu um relatório completo de tudo relativo aos dois. Qualquer dinheiro que Luella ganhava era gasto pagando dívidas ou cuidados para Alaric. Sua voz não era tão ruim assim, era alta, e ele arrastava algumas das palavras, mas com a prática, isso acabaria.

— Não falei para a mamãe porque não quero que ela trabalhe mais.

Entrei em pânico, e me sentei direito.

— Você sabe o que ela faz? — Ele não entendeu direito o que eu disse, então repeti.

— Ela cozinha, mas às vezes, precisa sair e ficar fora por muito tempo.

Eu ouvi a porta do quarto se fechar. Dei uma espiada pela porta do banheiro e vi que roupas limpas foram colocadas na cama para ele.

Ela tinha ouvido.

Sentei do lado de fora da banheira.

Ele me olhou, confuso.

— O que foi?

— Nada. Você e eu vamos conversar todas as noites, usando as bocas e as mãos.

Ele estendeu a mão e apertamos as mãos.

— Quando começar a escola, eles se arrependerão por terem brincado com o meu filho. Mas não fique triste por fazer os sinais.

Ele sorriu, flexionando os músculos do braço pra eu ver, e não pude deixar de rir.

— Eles são bons, mas... — Bati em sua testa. — É assim que você faz as pessoas não mexerem com você. Seja sempre esperto.

Olha quem está falando. Minhas mãos ainda doíam por ter batido em Hugh, mas era uma dor que valeu a pena.

Ele ficou por mais alguns minutos antes de eu enrolar uma toalha nele e ajudá-lo a se vestir. Quando ele colocou o aparelho auditivo, achei que ia descer, mas ele me seguiu até o meu quarto, Hércules trotando atrás dele. Ambos subiram na minha cama, onde ele disse que ficaria esperando por mim.

Nunca tomei um banho tão rápido na vida. Era estranho ter pessoas – família – esperando por você. Quando saí, ele estava no meu armário com meus sapatos no pé. Ele se divertia com a diferença de tamanho. Podia ficar olhando admirado para ele o dia todo. Peguei uma calça jeans e uma camiseta branca

para vestir antes de mexer nele para que ele me visse.

— Vamos lá, homenzinho — chamei e sinalizei.

Ele me mostrou como sinalizar direito.

— Chefinho.

— Ora, perdoe-me.

Ele desceu as escadas segurando no corrimão, com Hércules ao seu lado. Acenou para as empregadas limpando a parte da frente da casa antes de correr para a cozinha, Hércules correu junto.

— Uau — murmurei quando entrei no que uma vez tinha sido minha cozinha imaculada.

Na maior parte, era só para as aparências, o cozinheiro usava uma outra cozinha. Nunca tinha visto alguém cortar cebolas tão rápido, colocando-as na panela antes de girar e despejar a massa nas formas de *cupcakes*.

"Sopa e bolinhos?", sinalizou Alaric, boquiaberto.

Ela abaixou a tigela.

"Sim. Cupcakes de baunilha para a sobremesa. Vá brincar. Eu te vou buscar quando terminar."

Ele abraçou as pernas dela. A comida era realmente a chave para o coração dele. Ele correu com Hércules.

Assim que ele saiu, ela se virou e colocou uma bandeja no forno, depois pegou as cenouras e as cortou tão rápido quanto as cebolas. Não dava para negar que ela estava deslumbrante. Ela tinha sujeira de massa no rosto, no avental e nas mãos, mas parecia uma mãe. Uma mãe desesperada.

— Lulu, eu sei que você ouviu o que ele disse lá em cima.

Ela congelou, segurando a faca de corte com força.

Talvez eu não devesse distraí-la.

— Tiraram sarro de mim por ler devagar. Eles me chamavam de retardada e me empurravam, e até hoje, consigo lembrar de todos seus rostos. — Ela voltou a picar com raiva. As coitadas das cenouras não tiveram a menor chance. — Quando chegou a hora de mandá-lo para a escola, eu disse a mim mesma que não me importava o quanto custasse ou o que eu precisaria fazer, meu filho teria a melhor educação possível. Na Ford Academy, todos os professores atendem crianças surdas. Caramba, metade dos professores são surdos. São um pouco esnobes, sou a única mãe que trabalha, enquanto a maioria vem de famílias ricas e tem motoristas particulares. Mas eles ajudam seus alunos a se sentirem parte da sociedade tanto quanto os demais. Mas agora ouvi que ele está sendo intimidado. Não deveria tê-lo colocado lá.

Ela afundou a faca na tábua de cortar. Contornando a ilha da cozinha, segurei sua mão.

— Lulu, crianças são intimidadas, até mesmo os valentões são intimidados. Alaric se preocupou mais com você do que com eles...

— Dorian, ele nunca disse mais do que poucas palavras para mim a respeito disso, e eu jamais o pressionei. Daí eu entro no quarto, e ouço a voz dele, é gloriosa para mim. Ele parece tão incrível, e saber que alguns pirralhos ricos fizeram com ele sentisse vergonha de si mesmo está me deixando louca. Você o ouviu. Ele foi tão bem. Meu bebê estava falando.

— Ele foi. — Coloquei as mãos em seus ombros. — Ele me deixou impressionado. Alaric é inteligente e gentil e tudo o que imagino para um bom menino. Não se preocupe. Você criou um ser humano incrível. Então, respire.

Ela inalou uma grande quantidade de ar e foi impossível não sorrir.

— Exale.

Ela soltou devagar a respiração.

— Muito bem, agora o que está cheirando tão bem?

Ela apontou para a panela e abriu a tampa. Colocou as cenouras dentro, e mexeu. Com a colher, ela me ofereceu um pouco, soprou antes de aproximá-la dos meus lábios. Eu abri a boca, sorri e afirmei com a cabeça.

— Está muito bom. É sopa de espinafre? — Lambi os lábios. Junto com o espinafre tinha arroz e tomate. Dei a volta por ela para pegar mais, mas ela deu um tapa na minha mão.

— É sopa italiana de espinafre com macarrão para ser mais exata, e ainda não está pronta.

— Tudo bem, me tenta com sua comida e depois me deixa morrer de fome.

— Rei do drama.

— Diz a mulher que descontou sua frustração nas cenouras e na minha tábua de cortar. — Gesticulei para a marca de faca.

— Ei! — Ela rapidamente a tampou com a mão. — Eu estava tendo um surto de mãe ursa. Agora estou bem.

— Um surto de mãe ursa?

— Quando sente que seu filho está em perigo, você se torna um pouco...

— Assustadora?

— Também vai acontecer com você. Na hora em que sentir que ele está sendo prejudicado, entrará em ação imediatamente, assim como fez com o...

— Não diga o nome dele. — Não queria pensar nisso.

— Quero te agradecer.

— Você agradece demais.

— Impossível.

Eu a encarei por muito tempo antes de limpar seu rosto sujo de massa.

Mas mesmo depois de tudo limpo, não consegui soltá-la. Sua pele era tão macia. Seus olhos me fitavam fixamente, e passei o polegar suavemente por seu lábio.

Beep.

Um temporizador soou, abaixei a mão e dei um passo para trás.

— Quem te ensinou a cozinhar?

— Uma das minhas mães adotivas adorava o canal de comida. Ela dormia assistindo o tempo todo. — Ela desligou o forno e tirou a panela para outra boca.

— Quantos pais adotivos você teve?

— Bem poucos. Mudei de uma casa de acolhimento para outra. Não sei o que aconteceu com meus verdadeiros pais. Minha mãe me deixou em um posto de bombeiros com meu primeiro nome preso no cobertor. Acho que deve ter sido muito difícil para ela. Ela se preocupou a ponto de me dar um nome, mas não podia ficar comigo. Pensando em como seria difícil me separar de Alaric, não consigo imaginar o que ela passou. Se algum dia eu a encontrasse, diria que estava bem, naquela época e agora. — Ela tentou pegar os pratos no armário, mas eu os peguei para ela.

— Obrigada.

— Sem problemas. Deve ter sido difícil ser criança e ficar mudando a todo momento.

Ela serviu a sopa nos pratos.

— Foi difícil, mas nunca fui maltratada. Meus pais adotivos nos mantinham seguros, aquecidos e alimentados. Eu tinha que mudar só quando a casa ficava muito cheia ou um dos pais adotivos não podia mais cuidar de tantos filhos. Um deles até me deu permissão para trabalhar em um restaurante quando eu tinha catorze anos. Você está olhando para a melhor lavadora de louça que o Flounder já teve.

— Você trabalha desde os catorze anos?

— Sim, todos os dias depois da escola.

Quando eu tinha catorze anos, estava descansando em iates ou indo a jogos de basquete. Eu me lembro de trabalhar só depois que meu pai faleceu.

— Você está bem? Juro que minha infância não é uma história triste e deprimente. Tenho várias boas lembranças e cresci com muitas crianças boas. E também é por isso que adoro cozinhar. Não importa qual fosse a nossa história, ou o nosso problema, todos podiam se sentar juntos e comer felizes.

— Acho que fiquei com um pouco de ciúmes. — Tirei os pratos cheios de suas mãos. — Vamos comer na sala de jantar?

— Claro, você pode ir buscar o Alaric? Vou colocar os *cupcakes* no freezer para esfriar.

Em parte, ainda estava admirado de como ela era feliz e acolhedora depois de tudo que passou na vida.

Luella era uma mulher especial.



LUELLA

“Que delícia.” Alaric me mostrou seu famoso polegar para cima antes de encher a boca. Dorian não estava muito diferente, comia com a mesma rapidez.

“Fico muito feliz por todos terem gostado”, sinalizei.

— O cozinheiro pode ter motivos para se preocupar. — Dorian olhou para mim. E continuou olhando, e eu gostaria que ele parasse porque não fazia ideia de como aquilo me fazia sentir. Quando ele tocou meu rosto, lutei contra a vontade de beijá-lo, tocá-lo também.

“Por que não está comendo?”, perguntou Alaric.

“Estou comendo, estou comendo.” Segurei minha colher.

Alaric e Dorian conversaram sobre tudo e praticamente só escutei, participando da conversa de vez em quando. Alaric queria fazer de tudo. Golfe, tênis, jogar videogames e ver filmes. Dorian disse sim para tudo. Ele não parecia entediado ou incomodado com o quão rápido Alaric estava sinalizando. Ele só olhava para mim quando precisava de tradução.

Depois do jantar, levantei para recolher e limpar os pratos e parei Dorian quando levantou para me ajudar.

— Sente. Terminem de conversar. Vou buscar os *cupcakes*.

“Sim.” Alaric sorriu.

Na cozinha com as mangas arregaçadas, Russell já estava limpando.

— Russell, pode deixar que eu cuido disso, você não precisa...

— Por favor, eu sou o empregado, afinal. — Ele pegou os pratos da minha mão.

— Você é mais que isso para Dorian. Você representa o Alfred do Batman para ele.

— Como sabia?

Nós dois rimos.

— Como eram Dorian e Donovan quando crianças? — Se alguém sabia, era ele.

— Encrenqueiros. Na verdade, Dorian era o criador do caos, e Donovan o acompanhava.

— Sério mesmo?

Ele assentiu e eu peguei o copo que ele tinha acabado de lavar para secar.

— Dorian queria atenção, e ele fazia qualquer coisa para conseguir. Foi só depois que a mãe morreu que Dorian se tornou mais sombrio e Donovan, o oposto. Dorian passou a levar a família e a empresa a sério. Donovan decidiu que esta vida era muito sufocante. Acho que foi a primeira vez que se estranharam.

— Deve ter sido difícil não poderem contar um com o outro mais. — E o relacionamento deles não melhorou até ser tarde demais.

— Mantive contato com Donovan depois que ele foi embora. Ele estava muito animado quando me disse que conheceu alguém com lindos olhos castanhos esverdeados. — Ele cuidadosamente evitou olhar para mim quando disse isso.

— Você sabia?

Ele assentiu.

— E você não acha ruim que Dorian assuma Alaric como filho?

— Por que acharia? Alaric precisa de um pai e, como eu disse, é bom ouvir risadas nesta casa de novo. Dorian...

Dorian entrou na cozinha.

— Acho que já chega, Russell.

— A culpa é minha. Eu que fiquei perguntando as coisas — afirmei, torcendo para não ter causado problemas a Russell.

O senhor riu.

— Não se preocupe. Não mostrei a ela a "Batcaverna".

Eu sorri, e Dorian olhou para nós, confuso.

— A "Batcaverna"?

— Nada, não se preocupe. — Eu mudei de assunto. — Alaric está bem?

— Não, porque alguém esqueceu dos *cupcakes* para fofocar a meu respeito. — Ele foi até a geladeira.

— Oh, sim... Ei! — reclamei quando ele colocou um inteiro na boca, a cobertura sujando os lábios.

— Sim, definitivamente não preciso de um *chef*. — Ele deu outra mordida. — Russell, diga...

Eu tampei a sua boca.

— Russell, por favor, diga ao *chef* que eu agradeço a ele por ter deixado que eu usasse a cozinha dele.

— A cozinha é minha — disse Dorian, pegando outro *cupcake*. Tirei a bandeja dele.

— A cozinha pertence a quem cozinha nela.

Com um sorriso no rosto, ele estendeu o braço ao meu redor para alcançar os *cupcakes*. Rindo, eu o empurrei um pouco para trás, mas um de seus

braços me envolveu e me puxou para perto.

Alaric entrou.

“Oi.”

— Pegue os *cupcakes* — disse Dorian, me prendendo. Alaric deu um pulo e pegou a bandeja da minha mão e correu com ela. Dorian me girou algumas vezes.

— Ele vai ficar com cárie nele até o final da semana.

— As cáries são a prova de uma infância bem vivida. Além disso, uma semana de prazer nunca machucou ninguém. Vamos, só será justo se você comer um pouco também.

Ele pegou minha mão e corremos atrás de Alaric. Este momento foi tão simples e, no entanto, não queria que ele acabasse mais.



DORIAN

Luella, Alaric e Hercules se cobriram com o cobertor na praia. Afastei o cabelo dos olhos dele e coloquei a mão em seu rosto.

Ela deitou, levantando os braços e fingindo segurar uma arma.

— O que você está fazendo?

— Quero uma estrela cadente para fazer um desejo, e já que nenhuma passou esta noite, estou resolvendo esse problema eu mesma. — Ela fechou um olho e disparou. Soltando as mãos, ela fez um desejo.

Dei risada.

— E isso funciona de verdade?

— Demora um pouco, mas funciona. Meu filho é feliz e eu sou feliz. Dá certo.

Deitei ao lado dela, levantei as mãos e fiz um desejo.

CAPÍTULO 13

Ordinariamente Extraordinário



DORIAN

Abri a porta para sair para uma corrida e lá estavam Luella e Alaric, vestindo jeans e camisetas com sorrisos gigantes nos rostos. Dei um passo para fora do quarto.

— O que foi?

— Feliz aniversário — eles gritaram, estourando um tubo de serpentina e confete em cima de mim. Alaric correu, segurando um cartão para eu ver, as palavras “feliz aniversário, papai” escritas em grandes letras amarelas. Demorei muito mais do que deveria para eu processar o que estava acontecendo.

A última vez que comemorei meu aniversário foi... dez anos atrás?

Luella estava segurando um *muffin* de chocolate com uma vela em cima.

— A gente queria fazer uma surpresa, se estiver ocupado...

— Não. — Eu apaguei a vela. — Não estou ocupado, obrigado.

“Organizamos tudo”, traduziu Luella para Alaric, embora eu tenha entendido.

— Ah, é? E qual é o plano? — Dei uma mordida no *muffin*. — Você que fez?

“Sim, gostou?”

Coloquei o resto na boca, e Alaric riu quando eu o peguei no colo.

— Você está rindo de mim?

Ele assentiu.

“Você é o monstro do muffin.”

“Diz o menino que comeu dois”, sinalizou Luella.

“Você comeu três, mamãe.”

— Três? — Eu olhei para ela. — O verdadeiro monstro aqui é você.

“Você entregou a sua mãe?”. Ela ofegou antes de fazer cócegas nele. Eu o tirei do alcance dela, tentando protegê-lo.

“Mamãe”, Alaric riu.

— Poupe o menino — eu disse a ela.

“Tudo bem, mas só porque temos muito o que fazer hoje”, sinalizou e disse ela.

— O que vamos fazer? — perguntei.

Ela sorriu.

“Lembra de como ficou com medo do food truck...”

— Não fiquei com medo, apenas cauteloso — interrompi.

Ela revirou os olhos.

“Tá bom. Cauteloso. Para o seu aniversário, vamos passar o dia fazendo coisas normais e divertidas do cotidiano.”

— O que é normal?

“É surpresa”, disse Alaric enquanto eu o colocava no chão.

— Está pronto?

— Só me dá um segundo para eu tirar essa roupa de corrida...

— Não. Você está bem assim. — Ela pegou um braço e Alaric pegou o outro, puxando-me para fora do quarto. — Estamos expandindo seus horizontes.

— E eu que pensei que era bem versado no mundo — murmurei.

Finnick estava esperando, em seu terno.

Luella pulou – sim, pulou – bem na frente dele.

— Você pode tirar o dia de folga.

— Senhora, onde quer que seja, posso levá-los lá — respondeu ele.

— Não dá. Quero tirar o rei do castelo para que ele possa ver o mundo, e não será capaz de fazer isso sendo conduzido por você.

— Espera, você me chamou de “rei”? — perguntei, imaginando se ela tinha perdido a cabeça. — Além disso, Finnick deve estar por perto apenas para o caso... por segurança.

Ela suspirou.

— Finnick, você serviu no exército, certo?

Ele assentiu uma vez.

— Então significa que conseguiria nos seguir sem que percebêssemos. Ainda pode nos proteger.

Ele olhou para mim e eu assenti. Colocando a mão no bolso, ela tirou as chaves.

— Já arrumei uma carona para hoje. — Ela abriu a porta da frente. Russell estava ao lado de uma caminhonete azul bem velha da Ford.

— Por que isso está na frente da minha casa?

Ela me ignorou e foi até Russell, que lhe entregou as chaves.

— Obrigada por me emprestá-la. Juro que a trarei de volta inteira.

— Divirta-se hoje, Sra. Luella. Por favor, tire fotos das reações dele para mim.

— Claro.

— Minhas reações? — Para onde estávamos indo? Marte?

— Não vai me dizer o que está acontecendo? — perguntei a Russell

— E ficar sob a ira da Sra. Luella? Certamente pode perceber que ela é uma mulher em uma missão.

— Eu também — Alaric disse em voz alta. *"Mamãe e eu estamos em uma missão juntos."*

Luella sorriu para mim, fazendo um "*high-five*" com Alaric. Ela abriu a porta.

"Depois de vocês, senhores."

— Só para você saber, Alfred jamais conspiraria contra o Batman — critiquei para Russell, que riu.

— Ainda bem que não sou Alfred e você não é o Batman. Além disso, você já está se divertindo. Aproveite seu dia. — Ele caminhou de volta para a casa.

Não pude negar que estava curioso para ver o que a tinha deixado toda animada e gostei de saber que ela planejou isso para mim.

Entramos no caminhonete, Alaric no meio.

— Você sabe dirigir com câmbio manual? — perguntei a ela.

"E todos não sabem? Posso te ensinar, se quiser."

— Costumava correr. Sei como é. — Não conhecia muitas mulheres que dirigiam carros com câmbios manuais. Ela parecia desapontada, no entanto. Devia ter dito que não sabia, teria sido interessante.

"Ensina para mim", sinalizou Alaric.

"Quando seus pés alcançarem os pedais." Ela bagunçou o cabelo dele.

Quando ela deu partida, soou igual a um idoso ofegando e tossindo a princípio, e então se transformou em um zumbido suave. Ela deu a volta na fonte de água e saiu pelo portão da frente.

— Abra o porta-luvas — pediu ela, e ligou o rádio bem alto.

Três pares de óculos de sol estavam dentro. Alaric colocou os seus e recostou-se.

— Quando você planejou isso? — Entreguei seus óculos cor-de-rosa antes de colocar os meus.

— Apenas aproveite, aniversariante. — Ela começou a sacudir a cabeça, o cabelo voando para todos os lados e Alaric a copiou.

Demorou só alguns segundos para começarem a cantar, acabando com a letra, mas não estavam nem aí.

— Você não está cantando — gritou Alaric.

"Eu. Não. Conheço. A. Letra."

"E daí? Invente uma."

Ele pronunciou qualquer coisa aleatória que veio à cabeça. Eles estavam

cantando completamente errado, mas pareciam se encaixar na música mesmo assim. Se não pode vencê-los... abri a boca e cantei.



Eu li a placa do pequeno lugar.

— Boliche?

Estávamos a uns bons quinze minutos dos Hamptons e longe de todas as casas de praia de milhões de dólares. Aqui era uma cidade normal.

— Nunca veio aqui, né?

Nunca tinha jogado boliche, e não tinha muita vontade de jogar, também. Quando entramos, o lugar cheirava a queijo. Estava praticamente vazio, com a exceção de algumas senhoras com camisas rosa de boliche combinando.

— Que tamanho de sapato você usa?

— Quarenta e três, por quê?

Alaric colocou o pé do lado do meu.

“Seus pés são enormes.”

— Dê tempo ao tempo, e logo estará encomendando sapatos sob medida — respondi, e ele olhou para mim, confuso.

“Deixa pra lá”, sinalizei.

— Aqui, toma. — Ela levantou um par de sapatos vermelhos e cinza desgastado, que ela conseguiu com o adolescente cheio de espinhas e de aparelho na boca, atrás do balcão de aluguel de sapatos de boliche.

— Você não pode estar falando sério.

Ela entregou um par para Alaric, que já estava com seus sapatos na mão. O adolescente entediado os pegou para guardar e entregou um ticket a ele. Alaric passou para Luella antes de calçar os sapatos alugados. Ele olhou para mim como se não tivesse ideia do porquê de eu estar me opondo.

— Devemos adicionar sapatos à lista de coisas que Dorian Rhys-Gallagher tem medo? — O sorriso em seu rosto aumentou enquanto ela me entregava os sapatos.

Eu os calcei, franzindo o cenho.

— Você é tão corajoso, agora precisa escolher uma bola de boliche. — Ela apontou. Alaric ficou parado em profunda reflexão.

Escolhendo uma qualquer, eu o segui até a pista ao lado das senhoras. Alaric, sendo o conversador que era, caminhou até elas, para a animação de todas. Ele até apontou para uma delas com aparelho auditivo e depois para o seu.

— Seu filho é tão fofo — elogiou uma delas para Luella.

— Minha tia me chama de destruidor de corações — disse ele em voz

alta, eu fiquei orgulhoso por ele se sentir mais confortável usando a voz.

— Ainda estamos trabalhando nessa coisa de vaidade — respondeu Luella, colocando as mãos na cabeça dele.

— Você deveria estar se gabando. Que família bonita que você tem. — Outra desceu os óculos na ponta do nariz e olhou para mim. Agora podia riscar da minha lista de coisas que me deixam desconfortável, ser conferido pela avó de alguém em uma pista de boliche.

— Obrigada, senhora, divirta-se em seu jogo — disse Luella. Ela sentou atrás do monitor e digitou nossos nomes. Alaric, você quer que eu coloque as barreiras?

"Não sou bebê, mamãe", sinalizou e disse ele.

— E você, Dorian?

— Acho que dou conta. Tudo o que tenho que fazer é derrubar os pinos com a bola, não é?

Quão difícil isso podia ser?



LUELLA

Ele foi péssimo.

Era quase engraçado de ver como ele era ruim. Até Alaric desviou o olhar quando sua bola caiu na canaleta.

"Talvez devêssemos colocar as barreiras", sinalizou Alaric para mim, compadecido.

Estalei os dedos e pescoço, fingindo bravura, antes de ir para o lado dele.

— Sou péssimo nisso. — Ele sorriu, totalmente surpreso, pegando a bola de novo.

Coloquei a mão em seus ombros e empurrei para baixo.

— Você está muito duro. Ter boa postura é ótimo, mas precisa relaxar. Mexa os braços.

Ele me encarou como se eu fosse doida.

— Assim. — Eu mostrei a ele e tirei a bola de suas mãos.

— Lulu...

— Mexa, Dorian. — Eu até que gostava de dar ordens para ele.

Ele agitou as mãos.

— Próximo?

— Não, agite pra valer.

— Papai, assim. — Alaric se mexeu como se estivesse dançando.

— Tá, pensa em algo que te faz relaxar completamente. — Depois de

alguns segundos, sua linguagem corporal mudou. — É isso aí.

— Estou pensando em algo que me deixa relaxado — revelou, seus olhos nunca se afastando dos meus.

Ignorando como meu coração começou a bater acelerado, entreguei a ele a bola.

— Igual você atira pedras sobre um lago, você joga.

— Atirar pedras?

— Você também não fez isso? — Ofeguei.

— Só estou brincando. — Ele riu para mim.

Desta vez, a bola correu no meio perfeitamente, conseguindo marcar um strike. Você pensaria que ele tinha ganhado o campeonato de boliche mundial com o soco no ar ele que deu, algo que ele aprendeu com Alaric – tinha certeza disso.

"Mamãe. Não pode ajudar ele a ficar tão bom assim. Agora como eu vou ganhar?" Alaric fez beicinho.

— O que ele disse? Tudo o que consegui entender foi "eu vou ganhar?" — Dorian perguntou.

"Nada", respondeu Alaric.

— Não pareceu com nada. — Ele olhou para mim.

— Se não percebeu, Alaric é um pouquinho competitivo.

— Sim, ele é um Rhys-Gallagher. Minha família gosta de duas coisas: ganhar e comemorar uma vitória.

— Bem, irei derrotá-los para que possam prezar a derrota e aprender a sorrir mediante à dor. — Levantei minha bola.

— Vai acabar comigo no meu aniversário? Você é fria, Sra. Thorne.

Alaric sorriu.

"Estou ganhando."

— Por enquanto. — E mostrei a língua antes de ir jogar.

Segundos antes de soltar a bola, Dorian gritou:

— Cuidado.

A bola voou para a canaleta. Alaric e Dorian deram um "*high-five*".

— Ah, é assim? — Cruzei os braços.

Dorian deu de ombros.

— Também sei ser frio.

— Está valendo.



DORIAN

— Você não tem vergonha — perguntei a ela, no caminho do nosso próximo destino.

Ela sacudia a cabeça e assobiava a música. Na sua camisa tinha um broche escrito “vencedor” que ela ganhou depois de fazer Alaric e eu cairmos do cavalo.

Alaric cruzou os braços.

“Quero revanche.”

— Eu apoio — acrescentei.

“Ganhar não é tudo, Alaric. Prometo que vou torcer sempre por você.”

— E quanto a mim? — perguntei.

“Vou torcer por você, também.”

— Ótimo. Para onde vamos agora? — Estiquei a mão pela janela, curtindo a brisa.

— Chegaremos lá em alguns minutos. Não se preocupe, poderá ficar com seus sapatos dessa vez.

Se voltarmos lá, vou comprar meu próprio sapato para usar. Ela riu como se adivinhasse o que eu estava pensando.

— Chegamos. — Ela estacionou.

— O aquário?

— Eu me lembrei do aquário na cobertura.

“Tem tubarões e jacarés?”, sinalizou Alaric animadamente antes de tirar o cinto de segurança.

“Sim, e você pode até tocar nos jacarés.”

Luella pagou os ingressos enquanto Alaric puxava a minha mão, impaciente.

Dentro, a maior parte da luz vinha dos tanques que cobriam as paredes. A primeira coisa que vimos foram filhotes de focas. Alaric encostou o rosto no vidro e uma foca parou na frente do rosto dele. Ele riu, acenando para elas. Olhei para um pequeno cardume de peixes arco-íris passando na altura do meu rosto.

— Papai. — Alaric puxou meu braço.

— Uh?

Ele apontou para uma cúpula. Nós entramos e ficamos ali, parecia que estávamos debaixo d’água, dessa vez olhando para as focas nadando acima.

“Aquilo é estranho. O que é?”, ele apontou.

— Uma água-viva. — Não sabia o sinal para isso. — E não é estranho, só é diferente.

“Água-viva”, sinalizou para mim. *“Igual do Bob Esponja? Mas elas são cor-de-rosa.”*

Eu realmente não tinha ideia de como ia contar a ele que Bob Esponja

não era uma boa fonte de informação aquática.

“Tem algumas que são cor-de-rosa também”, respondi. Ele passou os braços em volta do meu pescoço, descansando a cabeça no ombro.

Meu coração se encheu de alegria naquele momento, e soube que realmente o amava, independente do que acontecesse. Ele era meu.

“Podemos ir ver os jacarés agora?”

— Jacarés? — Eu me lembrei do sinal que eles usaram na conversa de antes. — Onde ficam?

Quando saímos da cúpula subaquática, Luella tirou uma foto nossa.

“Não estávamos prontos.” Alaric tentou se ajustar.

— Eu sei, é por isso que tirei. As fotos espontâneas são as melhores.

“Espontâneas?”, Alaric olhou para mim.

— Fotos que você não sabe que estão sendo tiradas.

“Então quando vai saber a hora de sorrir?”

Lulu traduziu, mas eu já conseguia acompanhar muito melhor agora.

“O truque é estar sempre sorrindo”, disse antes de tirar outra foto.

— Podemos ver os jacarés ou você precisa de mais fotos? — perguntei.

— Não posso fazer as duas coisas? — Ela sorriu, e era uma graça.

Obrigando-me a olhar ao redor, vi a fila da exposição. Por sorte, não havia tantas pessoas esperando, e Alaric correu assim em que viu uma mulher de bermuda cargo, segurando um filhote de jacaré.

— Podem ir sem mim — disse Lulu. Quando me virei, ela estava parada na entrada encarando os répteis, completamente aterrorizada.

— Você está com medo?

— Não — mentiu.

— Então por que está parada aí?

— Queria tirar mais algumas fotos dos peixes.

— Podemos voltar depois. — Eu peguei a mão dela, puxando-a para dentro.

Ela se assustou quando viu a exibição de cobra, o rosto enrugado de nojo.

— Dorian...

Dei risada.

— Vem, você está a salvo.

“Mamãe, olhe.” Alaric veio com uma aranha nas mãos, e eu dei alguns passos para trás, tremendo com repulsa.

— É, estou me sentindo bastante segura — murmurou ela.

“Podemos ficar com ela?”

— Não — Luella e eu dissemos juntos.

Ele fez beicinho e se afastou.

— Não acredito que você tem medo de aranhas. — Ela balançou a cabeça. — Tem uma cobra atrás de você.

Ela pulou, agarrando-se a mim.

— Tire isso de mim!

Quando eu ri, ela me encarou feio, mas continuou agarrada em mim.

— Você fica de olho nas aranhas, e eu nas cobras, fechado?

Ela estendeu a mão.

— Gosto do seu jeito de pensar, Sr. Rhys-Gallagher.

— Eu *sou* um gênio — rebati, apertando sua mão.

Revirando os olhos, saiu atrás de Alaric. Assim que se afastou, senti um frio estranho no braço.

— Sua esposa deixou isso cair. — Um dos funcionários me entregou a câmera dela. Como foi que ela nem percebeu?

— Obrigado. — Peguei a câmera e me dei conta de que não tentei corrigi-la, não tinha passado pela minha cabeça.

Parecia errado reivindicá-la, principalmente depois de tudo que ela passou, mas de certa forma, eu a sentia como minha, também.

Você está lascado, Dorian.

E estava pouco me importando.



LUELLA

Queria levá-lo a mais um lugar, mas Alaric estava exausto, então dirigi de volta para casa. Quando estacionei, Dorian saiu com Alaric no colo, e então, reparei na Mercedes que parou atrás de mim, Finnick.

— Ficou com a gente o dia todo? — perguntei quando ele desceu do carro.

— Sim, senhora, do boliche ao aquário e depois no almoço.

Eu tinha me esquecido totalmente dele.

— Pode me chamar de Luella ou Lulu mesmo. — Eu o lembrei.

— Sim, senhora. — Ele sorriu e eu desisti.

— Por favor, fique à vontade, não vamos sair mais. Tenho a sensação de que o arrastei o dia todo e você não se divertiu.

— Com toda a sinceridade, senhora, não precisa se preocupar comigo.

Eu entrei, e Russell estava esperando. Devolvi a chave da caminhonete e entreguei minha câmera para ele.

— Obrigada mais uma vez.

— De nada. — Caminhei em direção às escadas. — E, senhora?

— Sim? E já falei que você pode me chamar de Lulu.

Ele olhou para mim gentilmente, balançando a cabeça.

— Não tenho certeza se posso, especialmente quando se pareceu muito como a dona da casa hoje. Fico feliz por vê-la de cabeça erguida.

Antes que eu pudesse responder, ele já estava indo embora.

A dona da casa? Como a Sra. Rhys-Gallagher?

Tentei não pensar naquilo. Em vez disso, subi silenciosamente as escadas para não acordar Alaric. No quarto dele, Dorian tirou seus sapatos e meias, depois o colocou debaixo das cobertas. Com delicadeza, tirou o aparelho auditivo, pois sabia que Alaric odiava dormir com ele. Eu tinha feito esse ritual tantas vezes, era quase surreal ver outra pessoa cuidar dele.

Fui fechar a janela do quarto e parei para apreciar as minúsculas flores chamadas mosquitinhos brancos ao longe. Parecia um tapete branco no quintal. Mesmo no escuro, eram deslumbrantes.

— Lulu? — sussurrou Dorian, aparecendo do meu lado. — O que foi?

— Seu jardim é lindo. Mas por que mosquitinhos?

Ele ficou em silêncio por um longo tempo antes de gentilmente colocar a mão sobre a minha no peitoril da janela.

— Eram as flores preferidas da minha mãe. Está ficando frio, vamos. — E me levou pelo corredor. — Ele se divertiu muito hoje.

— Estou feliz, mas espero que também tenha se divertido. Eu sei que não foi nada de mais, mas...

— A única coisa que poderia melhorar o dia é isso. — Ele me beijou.

Quando seus lábios tocaram os meus, passei os braços em volta do seu pescoço e ele envolveu minha cintura, me abraçando apertado. Quando ele mordeu meu lábio inferior, eu gemi, abrindo os lábios para ele. Sua língua entrou na minha boca e nós recuamos até que senti as costas pressionadas contra a parede. Suas mãos deslizaram pela lateral do corpo até segurar meus seios, apertando-os por cima da camisa.

— Não quero parar — murmurou ele.

— Nem eu. — E não queria, não *mesmo*.

Seus olhos encontraram os meus.

— Só mais um beijo.

Desta vez, não pude deixar de agarrar seu cabelo. Ele apertou minha bunda e se pressionou contra mim. Deu para sentir como estava duro, o quanto queria aquilo. Queria a mim.

— Isso foi um erro. — Ele se afastou. — Beijar você só me faz desejá-la mais. Eu quero você de maneiras que nem consigo começar a descrever. Quero saber tudo a seu respeito, ao mesmo tempo, explorar cada centímetro do seu

corpo com a minha língua.

— Então, me mostre, não fale — pedi baixinho, beijando-o. Ele sorriu e me jogou por cima do ombro. — Dorian! — Eu ri.

— Boa noite, senhor — Russell disse do andar de baixo.

Meu Deus!

— Boa noite! — Dorian respondeu. Eu bati nas costas dele, cobrindo o rosto, rindo descontroladamente. De repente, senti as costas baterem na cama e ele por cima de mim.

— Está com vergonha, Sra. Thorne?

— Não — menti, colocando os braços em volta do seu pescoço.

— Mentirosa. — O sorriso em seu rosto aumentou antes de voltar a me beijar. Sua língua entrou na minha boca, eletrizando meu corpo inteiro. Puxando sua camisa, ele se afastou só um pouco para que eu pudesse tirá-la enquanto suas mãos começaram a descer minha calça. Peça por peça, entre beijos, tiramos as roupas um do outro até ficarmos nus, pele contra pele.

Ele beijou meu rosto carinhosamente, antes de beijar do pescoço até o peito, beijando os dois antes descer pela barriga. Seus beijos eram suaves, tão carinhosos, que me fizeram arrepiar. Quando ele beijou entre as minhas coxas, foi impossível segurar o suspiro, meu corpo arqueando da cama. Ele não parou por aí. Senti seus lábios nas pernas, e até nos pés.

— Dorian... — sussurrei, e me sentei, sem saber porquê.

— O que foi? — perguntou, olhando para mim.

Só consegui balançar a cabeça e estender a mão para puxá-lo para outro beijo. Como conseguiria explicar algo se nem eu sabia por que estava assim? Conforme seus braços me envolviam, meu coração bateu forte; tudo parecia confuso, era como se eu estivesse sonhando – o mais doce dos sonhos.

Oh, não.

— Merda — sussurrei, o que era nada romântico. Totalmente.

— O que foi?

Eu olhei para ele, minha boca ligeiramente aberta, o coração acelerado, e apenas falei a verdade.

— Acho que estou me apaixonando primeiro. Teria pensando que eu seria um pouco mais cautelosa a essa altura.

Fechei os olhos, sem coragem de encará-lo, mas ele simplesmente acariciou a minha cabeça.

— Acredite em mim, Lulu, você não é a primeira.

Quando ele encostou a testa na minha, eu abri os olhos, só para vê-lo esperando. Seus lindos olhos azuis não olhavam para nenhum outro lugar além de mim. Com a mão no meu quadril, nossos lábios pairando um sobre o outro,

ele me penetrou dentro de mim. Segurei seus ombros e apertei quando senti ele me preencher.

Beijei sua mandíbula antes de sussurrar:

— Feliz Aniversário, Dorian.

— Obrigado — respondeu antes de empurrar. Envolvi os braços e pernas ao redor dele, e Dorian fez amor comigo.

CAPÍTULO 14

Aquela palavra de quatro letras



DORIAN

Seu corpo nu estava enrolado ao meu enquanto dormia. Eu sentia cada centímetro dela contra mim. Esta noite foi diferente. Nós não tínhamos transado, não como havíamos feito antes. O que essa mulher tinha que me levava à beira da insanidade, de tantas maneiras diferentes? Apesar de estar exausto, eu a desejava novamente. Queria mais. Queria fazer amor com ela. Queria transar com ela. Queria vê-la dar risada, cozinhar, ficar vermelha de vergonha. Eu queria mais, simples assim.

Gentilmente, tirei sua perna de cima da minha e me levantei, cobrindo-a com o lençol antes de vestir uma boxer e sair do quarto. Só precisava pensar, respirar sem sentir o cheiro que produzimos do nosso tempo juntos e sem o seu corpo nublando meus pensamentos por completo. Dei uma conferida em Alaric e, surpreendentemente, ele dormia igual a mãe, um braço e uma perna abraçados ao travesseiro. Impossível não sorrir, deixei a porta aberta só um pouco antes de descer as escadas. Porém, a cada passo, não conseguia parar de pensar nas palavras dela.

Acho que estou me apaixonando primeiro.

Como podia dizer algo tão inocentemente? Ela até parecia um pouco envergonhada por falar aquilo. Foi uma graça. Ela era uma graça, linda e sexy de uma vez só, e cada lado seu me tentava. Como isso podia ser justo, cacete? Como podia já ter tanto controle sobre mim?

Queria ouvi-la gemendo por mim outra vez. Queria acordá-la e me enterrar nela de novo.

— Mas que diabos está acontecendo comigo? — murmurei, abrindo a geladeira para pegar uma garrafa de água.

— Quer mesmo falar disso?

— Puta merda. — Dei um pulo, a água escorregando da mão. Russell colocou a bandeja que estava segurando no balcão antes de me jogar uma toalha de pano. — Obrigado, por que ainda está acordado?

— Podia te perguntar a mesma coisa. — Ele levantou um garfo para polir. — Mas eu já sei a resposta para isso.

— Sabe? — Sentei-me à sua frente e peguei uma colher. Ele bateu nas minhas mãos.

— Luvas. — E me deu um par.

— Você sabe que não tem necessidade de fazer isso, Russell. Não preciso ver meu rosto na prataria — murmurei, colocando as luvas brancas.

— Desde quando? — Ele riu. — O Dorian Rhys-Gallagher que eu conhecia era extremamente detalhista. Não despediu uma empregada por estragar acidentalmente um de seus ternos?

— Era um William Westmacott feito sob medida. Custou mais do que ela ganhava em um ano.

— Quando descobriu que ela era viúva, mãe de duas crianças, você a contratou no Van Thorp e deu assistência médica para ela — declarou presunçosamente, fingindo inspecionar o garfo, mas estava me inspecionando, na verdade.

— Não foi um dos meus melhores momentos.

— Qual momento? Aquele em que a demitiu ou o que deu outro emprego para ela?

Continuei polindo e não respondi.

— Essa é uma das muitas coisas erradas com você.

— O que isso quer dizer? — perguntei.

— Quer dizer que você não sabe qual Dorian Rhys-Gallagher ser; o empresário implacável que se importa só com dinheiro e status, ou o homem compassivo que secretamente doa boa parte desse dinheiro para dezenas de instituições de caridade ao redor do mundo.

Parei de olhar para o meu reflexo na colher.

— Preciso ser brutal nos negócios, você lembra o que fizeram com meu pai quando ele ficou doente. Todo mundo estava tentando roubar a Rhys-Gallagher National bem na cara dele. Foram no hospital para convencê-lo a abrir mão de suas ações e transferir seus fundos de investimentos. Compaixão é fraqueza.

— Tudo o que vi em você na semana passada foi compaixão, especialmente com a Sra. Thorne.

Balancei a cabeça.

— Isso é diferente. Ela merece compaixão.

— E por quê? Porque está apaixonado por ela?

— Eu-eu não sei do que você está falando — murmurei, mas nem eu fiquei convencido.

— Vai mesmo mentir para mim agora? — zombou, balançando a cabeça para mim. — Com certeza se esforçou muito para encontrá-la.

— É complicado, e não, não sou bom com ela porque se sinto atraído. Ela passou por muita coisa.

— Converse com alguém e perceberá que também tiveram que lidar com as coisas.

— Russell — resmunguei, frustrado. — Podemos parar de falar nela?

— Do que mais gostaria de conversar, Sr. Rhys-Gallagher? Do clima? Do seu portfólio de negócios? Você e eu sabemos que ela é a única coisa na sua cabeça.

— É complicado — voltei a dizer.

Ele colocou a faca de lado.

— Porque ela já namorou Donovan?

Eu parei, chocado por um momento antes de falar de novo.

— Quem te disse isso?

Ele riu.

— Eu conheço o senhor. De jeito nenhum que teria engravidado uma mulher e só descobriria cinco anos depois. Além disso, lembro que ela esteve aqui para o velório de Donovan e desmoronou em um dos banheiros.

Fiquei em silêncio, concentrando-me na prataria à minha frente.

— Espero que não esteja se sentindo culpado.

— E por que eu não deveria me sentir culpado? É tão confuso. Podemos acabar machucando um ao outro. — Sabia que essa era a verdade, mas também sabia que não conseguiria desistir dela.

— Tive uma vida muito longa, então lhe contar um pequeno segredo com você. Relacionamentos confusos são os que mudam nossas vidas para sempre. As pessoas escrevem músicas, filmes e livros deles. São eles que todos nós secretamente queremos. Quem quer uma história de amor banal? Para quem serve de inspiração?

— Você não acha que devemos ir devagar? Mal nos conhecemos. — Isso não era um filme. Não tinha como nos apaixonarmos, mesmo que tivéssemos falado que iríamos. Não em tão pouco tempo.

— Que disparate!

— Como?

Ele levantou o garfo para verificar e o soprou uma vez antes de explicar.

— Eu disse: “que disparate”. Ninguém realmente quer ir devagar com o amor. As pessoas só dizem isso quando estão com medo de se machucar. Quer ir com calma porque tem medo dela.

— A última coisa que tenho medo é...

— Você era próximo de sua mãe e ela morreu. Tentou ser um bom filho para o seu pai e ele morreu. Então seu irmão foi embora, voltou e morreu. Não é

porque você perdeu as pessoas que amava, uma a uma, que deva ir com calma ao amar outra pessoa. Pode ser mais fácil ir devagar porque pode planejar sua saída antes de se machucar outra vez.

Ele não estava poupando palavras.

— Como sabe se é amor verdadeiro e não só duas pessoas desesperadas implorando para que o outro nunca a deixe?

Ele riu.

— Você percebeu que acabou de me perguntar: “como sabe se é amor verdadeiro ou amor verdadeiro”, não é?

— Estou falando sério.

— Eu também. O que é amor, senão duas pessoas, por qualquer razão, dizendo: “nunca me deixe”?

Suspirei e murmurei:

— Quanto estou pagando por essa sessão de terapia?

— Você não quer tocar no assunto do meu salário. Talvez eu exija um aumento.

Eu zombei.

— Você deve ser o mordomo mais bem pago do estado, e que diabos faria com mais dinheiro? Não sai nem tem, uh...

— Alguém? — Ele sorriu. — Eu tenho... Acredite em mim.

— Quem? — perguntei, atordoado. Ele nunca disse nada em todos esses anos que eu o conhecia.

— Isso é assunto meu. Você realmente acha que eu passo o dia aqui sentado, esperando por você? Tenho uma vida também. Estou só esperando. — Ele colocou a prataria de lado.

— Esperando pelo quê?

— Você. — Ele ficou completamente sério. — Estou esperando que seja feliz, muito feliz, então, quando eu for embora, não sentirá que outra pessoa o deixou. Estou esperando que seja tão feliz, que vá querer que eu seja tão feliz quanto você.

— Russell...

— Sra. Thorne. — Ele sorriu por cima do meu ombro, e eu me virei para encontrar Luella vestida com minha camisa, que quase não a cobria direito, deixando suas belas pernas longas expostas para mim.

— Voltamos com o “Sra. Thorne”, Russell? Estou magoada. — Ela cruzou os braços e eu queria muito que ela não tivesse feito isso, porque não tinha como deixar de notar seus seios subirem.

— Sinto muito, senhora, por favor, me perdoe. Aqui estava eu, pensando que todos tinham ido dormir.

Eles trocaram um olhar. Luella, por algum motivo, pareceu envergonhada e colocou o cabelo escuro atrás da orelha.

— O que foi isso? — perguntei, tirando as luvas.

— O que foi o quê? — perguntou ela, indo até a geladeira, e pegando uma garrafa de água.

— Esse olhar que vocês dois trocaram.

— Não foi nada — respondeu ela, mas o jeito que evitou meus olhos passou impressão do contrário. Eu me perguntei o que, exatamente, Russell estava dizendo a ela a meu respeito.

— Você está bem?

— Estava sentindo muito calor para dormir. — Ela bebeu a água e se abanou.

— Calorões? — Abri um grande sorriso.

— Diz o homem de cabelos grisalhos.

— O quê? Eu não... — Estava prestes a pegar o telefone para verificar quando ela riu de mim.

— Não é engraçado. Os calorões seriam improváveis para você, mas eu podia mesmo estar, precocemente, com cabelos grisalhos.

Ela se sentou na cadeira ao meu lado.

— E isso seria tão ruim?

— Estou com trinta e poucos anos e aparecem cabelos grisalhos? Sim. É a segunda pior coisa para acontecer com o seu cabelo. A primeira é ficar careca.

— Você é tão vaidoso, que provavelmente acha que essa música é sobre você. — Ela cantarolou alegremente. — Pode colocar sua crise precoce de meia-idade de lado para eu poder lhe contar uma boa notícia?

— Farei o máximo que puder, mas não prometo nada.

Ela levantou o telefone.

— O que estou olhando?

— Acabou, Dorian. — Ela respirou fundo. — Paguei tudo. Estou livre. Graças a você, posso finalmente deixar tudo aquilo para trás.

— Uau. — Foi a única palavra que me veio à mente quando olhei para o comprovante de sua transferência bancária para uma conta no exterior. Por incrível que pareça, me incomodou o fato de ela ter pago a essa escória, mesmo que já tivesse entregado a eles cada pedaço seu.

— Sua boca diz “uau”, mas seu rosto diz “que saco”.

— Desculpa. É uma coisa boa. Eu só queria que não precisasse ter sido...

— Eu sei, mas agora acabou, e estou tão feliz que minha vontade é dançar. — Ela já estava dançando, bem ali na minha cozinha. Apertou os botões do celular e uma música começou a tocar. — Vem.

— Obrigado, mas não.

— Você tem que comemorar comigo. — Ela me puxou da cadeira.

— Eu só sei dançar valsa.

— Não pense, apenas enlouqueça. — Ela estalou os dedos e girou, e parecendo um adolescente desajeitado no baile da escola, eu balancei para frente e para trás.

— Isso não é ficar maluco, Dorian.

— Para mim é.

— Então fique mais louco. Ninguém vai julgar você. Dance como se ninguém estivesse olhando.

Copiei seus movimentos, girando, pulando, batendo as mãos... Dançando. Por alguma razão, não conseguia parar de rir. Quando a música desacelerou, nós também desaceleramos, sorrindo um para o outro.

— É assim que se dança quando ninguém está olhando — explicou, tentando recuperar o fôlego.

Meu coração estava acelerado e não era por causa da dança. Eu segurei sua mão, puxei-a para perto e a beijei.



LUELLA

Meu corpo inteiro estava em chamas quando finalmente chegamos ao quarto dele. Ele me encarou como se eu fosse a pessoa mais importante do mundo. Seus lábios pairaram sobre os meus, mas ele não me beijou. Eu me inclinei na sua direção e ele me levantou. Deitando-me no meio da cama, ele beijou a lateral do meu pescoço. Estremeci quando ele segurou meus seios e esfregou o polegar nos mamilos. Foi descendo e beijando minha barriga. Ele se sentou, deslizando a mão entre as minhas coxas, dois dedos já dentro de mim.

— Você é a mulher mais linda que eu já vi — sussurrou.

Eu me mexi contra a sua mão, atrás do prazer. Outro dedo entrou em mim. E não consegui ficar de olhos abertos.

— Você me impressiona. — Nós nos beijamos fervorosamente.

Muito cedo, ele se afastou, e sua língua circulou os mamilos mais uma vez antes de ir para o meio das minhas pernas. Ele as abriu e beijou o clitóris. Envolvi sua cabeça com as pernas e agarrei a cabeceira da cama enquanto sua língua me explorava. Gemi alto e mordi os lábios. Era tão bom. Ele era bom demais. Quando ele me lambeu e chupou, meus dedos do pé enrolaram e, conforme fazia aquilo, não queria que continuasse.

Puxando-o pelos cabelos, ele levantou e lambeu os lábios, aquele maldito

sorriso me provocando. Eu o empurrei o mais forte que pude até que ele caiu de costas. A sobrancelha subiu e eu beijei seu peito assim como ele tinha feito comigo.

— Ah... — gemeu quando mordi seu mamilo suavemente, suas mãos acariciando minhas costas. Mas não parei por aí. Fui beijando até chegar na cintura. — Lulu...

Eu o ouvi respirar fundo enquanto beijava o comprimento de seu pênis e depois o lambia. Ele estava quente em meus lábios, e quanto mais eu beijava, mais ele pulsava. Lambi a ponta, e ele empurrou para frente. Eu apenas sorri, repetindo aquilo de novo e de novo, movendo tão devagar que deu para perceber que ele estava frustrado.

— Cacete, Lul... Oh.

Eu olhei para ele conforme o colocava na boca, e indo o máximo que conseguia, até no fundo da garganta, sua boca abriu. Senti sua mão na minha cabeça, empurrando, incapaz de se controlar. Logo, ele estava fodendo a minha boca avidamente, comigo acariciando o que não cabia na boca.

— Porra... — xingou, gozando na minha boca. — Você está me deixando louco.

— Ótimo, o sentimento é mútuo — sussurrei, me limpando.

Seus olhos estavam cheios de luxúria e alguma outra coisa, algo a mais. Ele me puxou e me beijou, e saber que ele estava provando a si mesmo nos meus lábios me excitou mais do que deveria.



DORIAN

Nossa, ela era linda demais. Não tinha outra palavra para descrevê-la além de a epítome da beleza.

— Ah... — ela gemeu de joelhos, segurando na cabeceira da cama, sua bunda batendo nos meus quadris enquanto eu a pegava por trás.

— Caralho — gemi, ela era tão apertada que não dava mais para me segurar. Agarrei seu peito com uma das mãos e deslizei a outra entre as pernas dela até tocar na sua boceta molhada.

— Dorian! — gritou e gozou, a cama inteira balançando com a gente. Queria ouvi-la gritar, pedindo mais. Ela era minha e só minha.

— Lulu! — gemi em seu pescoço quando gozei dentro dela. Respirando com dificuldade, ela descansou a cabeça contra a cabeceira ao mesmo tempo em que eu saía dela lentamente.

Parecia que meu peito ia explodir quando eu deitei na cama.

— Isso foi incrível — disse ela devagar, deitando em cima de mim. A maldita raposa teve pena de mim e sorriu. Ela não percebia que, quando sorria, eu voltava a ser fraco?

— Lulu, me beija — pedi.

E ela beijou, eu a abracei e ela me apertou. Sem nos separarmos, nós nos beijamos e rolamos em nossa cama antes de precisarmos nos afastar para respirar.

— Uau — disse ela, respirando fundo ao deitar em cima de mim.

— Uau — repeti, acariciando suas costas.

— Parece que estou pegando fogo. E você? — perguntou, sentando em cima de mim.

Seu cabelo estava uma bagunça, os mamilos duros. A pele cor de oliva implorava para ser tocada, e aqueles lindos olhos me deixavam com vontade de me afogar nela.

— Você não quer descansar, quer? — Dei um largo sorriso.

Ela mordeu o lábio.

— Não.

— O que eu vou fazer com você?

— É só me amar mais.

CAPÍTULO 15

Sonhe sua vida do jeito que as crianças fazem



LUELLA

Meu telefone tocou e fiz o melhor que pude para ignorá-lo.

— Lulu, seu telefone — murmurou Dorian antes de se aconchegar no meu pescoço.

— Para eu poder atender, você precisa me soltar.

Ele suspirou, mas levantou um braço, permitindo que eu me sentasse.

— Nova regra, nada de ligações pela manhã depois de me deixar acordado a noite toda.

— Eu não deixei você dormir?

— Você está negando?

— Um não deixou o outro dormir. — Eu dei uma risada quando ele beijou minhas costas.

Eu me inclinei por cima dele para pegar o telefone e olhei na tela. Era Eva.

— A-Alô? — Estremeci quando Dorian começou a beijar minhas costas de baixo para cima.

— Você está bem? — perguntou Eva. Eu estava prestes a me afastar dele quando seu telefone tocou. Parecia que o mundo real não ia permitir que ele fizesse o que queria.

— Droga — sussurrou, rolando para pegá-lo.

— Estou bem, como você está?

— O que está acontecendo? Você parece desatenta. — Deixarei que ela descubra, mesmo através do telefone. Não estava bem, eu estava maravilhosa.

— Desculpa, muita coisa andou acontecendo. — Principalmente Dorian e eu transando em cada oportunidade que aparecia.

— Precisa que eu...

— Não se preocupe, Alaric e eu estamos bem. Não precisa se preocupar comigo.

Ela bufou.

— Se não for eu, quem irá? Estou ligando para perguntar quando voltarão para casa. Alaric tem escola na segunda, lembra?

Era sábado. Dorian estava sentado com a expressão séria e irritada.

— Goldie, não me importo se ele ligar dez vezes. Não atenda. Melhor ainda, libere as ações que já possuímos. — Ele saiu da cama, não ligando por estar pelado.

— Lulu?

— Hã? Não sei quando estaremos em casa — respondi, mais preocupada com a conversa de Dorian.

— Alaric precisa de uniforme novo?

Merda.

— Vou comprar pela internet agora.

— Eu compro na loja.

Eu a amava.

— Obrigada. Eu te mando o dinheiro.

— Qualquer dinheiro que tenha, devia estar economizando...

— Eu paguei a dívida, Eva. — Eu me recostei na cabeceira da cama. — Estou livre e tenho mais do que o suficiente para finalmente resolver qualquer outra coisa.

— Uau. Quando foi que isso aconteceu? Por que não me contou?

Dorian entrou no banheiro e sussurrei:

— Porque as coisas entre Dorian e mim meio que...

— Lulu!

— Eu sei o que vai dizer, mas parece tão certo, e não quero lutar contra isso.

Eu a ouvi suspirar antes que alguém chamasse o nome dela ao fundo da ligação.

— Preciso ir, conversamos depois. Te amo.

— Também te amo, obrigada mais uma vez pelo uniforme dele. Providenciarei qualquer outro material que ele precisar enquanto estivermos aqui — respondi, não percebendo o que tinha dito até então.

Desligando, respirei fundo e caí de volta nos travesseiros.

— Tudo bem? — Dorian saiu do banheiro com uma toalha em volta da cintura. Sorri, olhando cada pedaço dele.

— Eva me lembrou que a semana está quase acabando. Não quero ir embora, mas Alaric precisa se preparar para a escola.

— Podemos voltar amanhã à noite. Prometi levar Alaric para jogar golfe, mas talvez tenha que atender a ligações o dia todo. Ele se aproximou da cama e eu me sentei, deixando que os lençóis se amontoassem na minha cintura. Eu estava nua da cintura para cima.

Sua sobrancelha subiu.

— E você disse que não foi a razão pela qual eu não dormi a noite passada.

— É uma via de mão dupla, Sr. Rhys-Gallagher. — Eu fiquei de joelhos na frente dele.

Seu olhar viajou pelo meu corpo.

— Dá pra conviver com isso.

Ele me acariciou dos ombros até as coxas, e eu segurei seu pau. Seus olhos azuis se encheram de luxúria e os lábios se abriram ligeiramente quando sua mão cobriu a minha boceta. Eu o acariciei e ele colocou um dedo em mim.

— Mamãe? — Alaric chamou do quarto dele e pude ouvir passos.

— Merda. — Eu o soltei e ele me passou uma camisa sua.

— Teremos tempo mais que suficiente juntos em breve.

— Tudo b...

— Mamãe?

Fui para o quarto dele. Ele estava com o pijama do Thor e olhando para Hércules.

"Querido, o que foi..."

Ele ergueu a mão.

"Pare."

"O que aconteceu?"

"Hércules teve um acidente e eu pisei em cima." Vi uma mancha úmida no tapete. *"Papai vai ficar bravo?"*

"Não. Por que não vai tomar banho? Eu cuido do Hercules."

Ele abraçou o cachorro, depois a mim, e começou a tirar a roupa.

— Alaric — chamei alto e sinalizei para chamar sua atenção. *"Hoje vamos comprar seu material escolar. Pense em tudo que precisa."*

"Um celular?", sinalizou ele, fingindo inocência.

"Engraçadinho. Continue pensando."

Ele fez beicinho, indo para o banheiro. Eu me agachei na frente de Hércules.

— Você é o único cachorro que sobrou, Hércules. Sei que é muita pressão, mas você precisa ser forte.

Ele latiu.

— Não levante a voz...

— Está conversando com o meu cachorro? — Dorian estava na porta do quarto, de calça de moletom e camiseta.

— Pensei que ia tomar um banho?

— Eu ia, mas queria ter certeza de que Alaric estava bem. Mesmo não a vendo logo de manhã, ele nunca grita. — Ele olhou ao redor.

— Ele está indo tomar banho, mas queria me avisar que o Hércules teve um acidente. — Eu me levantei, apontando para a mancha no tapete. Hércules ganiu e olhou triste para Dorian com aqueles grandes olhos, como se estivesse pedindo desculpa.

Dorian deu um tapinha na cabeça dele.

— O que está acontecendo, garoto?

— Ele não está doente, né?

— Vou mandá-lo ao veterinário. Vá cuidar de Alaric. Deixa que eu cuido disso.

— Depois me avise, qualquer coisa. — Comecei a sair e ele me parou. — O quê?

— Lulu, me beija.

— Eca — Alaric nos observava do banheiro, pelado. Revirando os olhos, ele voltou para dentro e fechou a porta.

Depois de um instante de susto, caímos na gargalhada.



DORIAN

De banho tomado e vestido, sentei-me atrás da mesa do escritório, enquanto Goldie se preparava para me colocar em uma videoconferência com os membros da diretoria da Edmund Enterprises.

— Sr. Rhys-Gallagher, você está pronto?

— Sim. — A tela apareceu e, mais uma vez, eu estava olhando para todos aqueles idiotas. — Vocês queriam falar comigo, aqui estou eu. Lembrem-se de que a declaração que fiz na semana passada sobre desperdiçar meu tempo ainda está em vigor.

— Sr. Rhys-Gallagher, queríamos ver se você poderia atrasar alguns cortes até o próximo trimestre — perguntou uma mulher.

— E por quê?

— Recebemos uma ligação do governador...

— O governador agora é o CEO da Rhys-Gallagher National?

— Não, senhor, mas...

— Então por que diabos eu daria a mínima para o que ele quer?

Alguns deles sussurravam entre si.

— Sr. Rhys-Gallagher — a mulher mais velha começou. — A Edmund Enterprises supervisiona mais de uma centena de lojas de departamento e hotéis, fechar metade deles...

— Parece ruim? — terminei. — Além disso, fica pior para o governador,

já que ele está concorrendo à reeleição?

Nenhum deles disse nada.

— Já que todos vocês preferem negociar favores com governadores do que fazer o trabalho de vocês ou usar a cabeça, deixe-me lembrá-los do porquê que estou fechando quarenta e sete lojas, doze só nesta cidade. Foram suas escolhas que levaram a prateleiras vazias, lugares terríveis e mercadorias decepcionantes. Tem vídeos no YouTube de funcionários andando de skate porque não há mais nada a fazer. Continuar com essas lojas pode parecer legal, mas não continuarei pagando pela fracassada tentativa que é a E&E. Não custará só bilhões, mas prejudicará a economia. Diga isso ao governador quando voltarem para puxar o saco dele. Minha resposta é "não". Fui claro? Excelente. Tenham um bom dia, senhoras e senhores. — Encerrei a ligação.

— Gostaria que eu ligasse para o gabinete do governador, senhor? — perguntou Goldie, ainda na linha.

Eu tirei a gravata que tinha colocado para esta reunião.

— Não, apenas o ignore por enquanto.

— Igual estou fazendo com o Sr. Sinclair?

— Goldie — resmunguei, não querendo pensar naquele idiota velho.

— Sr. Rhys-Gallagher, por favor, me explique o que aconteceu com o Sr. Sinclair?

Fechei os olhos, esfregando as têmporas.

— A negociação com Sinclair acabou. Eu costumava pensar que ele tinha uma boa visão, apesar de suas falhas, mas não confio mais nele, nem quero fazer negócios com ele. Não deu certo com o meu pai e não dará comigo. É tudo o que vou dizer sobre o assunto.

— Pois não, senhor. Tenha um bom dia. — Ela desligou.

Abri a gaveta do armário para pegar uma aspirina.

— Você está bem? — perguntou Luella. Ela estava de short e com uma blusa branca enorme.

— Sim, só o trabalho.

Ela se aproximou e sentou na mesa, os pés descalços balançando para frente e para trás.

— Você gosta do seu trabalho?

— Se eu gosto do meu trabalho? — repeti devagar, sem saber como responder.

— Vou entender isso como um "não".

— Não posso pensar? — Eu segurei sua perna.

— Não, porque quando você gosta do que faz, quando ama, não precisa pensar. Mesmo nos dias ruins ou difíceis, você ainda ama tudo.

— Você ama cozinhar?

— Sim. Eu amo comida. Estou secretamente com ciúmes de Anthony Bourdain. Na verdade, isso é uma mentira, estou declaradamente com ciúmes de Anthony Bourdain. Seria incrível viajar pelo mundo, degustar e aprender sobre diferentes culturas através de sua comida. Na minha vida dos sonhos, é isso que eu estaria fazendo.

— Sua vida dos sonhos?

— Todo mundo tem uma.

— Eu não.

— Que *mentira* — disse ela com o pior sotaque do sul que eu já ouvi, o que provavelmente fez com que soasse bem fofo.

— Eu realmente não tenho uma...

Ela pulou da mesa e deu a volta por trás da minha cadeira, cobrindo os meus olhos com as mãos.

— O que estão fazendo? — perguntou Alaric.

Ela levantou as mãos e sinalizou:

"Estamos procurando o sonho do seu pai."

"Posso ajudar?"

"Claro." Abri os braços para ele, e ele correu na minha direção. *"O que você quer ser quando crescer, Alaric?"*

"Quero ser jogador de futebol." Ele até fingiu chutar uma bola.

— Tente falar, Alaric — pedi.

— Eu... eu quero ser jogador de futebol quando for mais velho.

— Quando isso mudou? Pensei que queria ser piloto? — perguntou Luella.

Ele a olhou como se não tivesse entendido a pergunta.

— Vou fazer isso nos finais de semana.

Senti muita vontade de acrescentar um "dã" mental. Era engraçado e inspirador como as crianças acreditavam que poderiam fazer qualquer coisa, e aquilo me fez pensar em quando foi que nós paramos de acreditar também.

— Alaric acabou de me lembrar qual era meu sonho.

— Qual? — Ele ficou animado. — Também queria jogar futebol?

— Eu queria ser fotógrafo — confessei.

— Sério? — Luella encostou-se à mesa.

— Adorava tirar fotos, mas meu pai me disse que não era um trabalho de verdade, e que eu deveria esquecer disso. — E porque vivi para agradar meu pai, foi o que eu fiz. Quase completamente.

— Não vai me dizer para esquecer do futebol? — perguntou Alaric.

— Jamais. Você será até melhor do que o Lionel Messi.

Ele assentiu orgulhosamente, como se já pudesse ver isso acontecendo.

— Quem é Lionel Messi?

Alaric e eu arfamos com o desconhecimento de Luella.

— Diga a ela, Alaric.

— Ele é só o melhor jogador de futebol de todos os tempos. — Ele abriu os braços o máximo que pôde para mostrar o quão importante ele era.

— Pensei que era David Beckham? — perguntou ela para seu horror.

Alaric deu um tapa na testa.

— Eu sei, o que vamos fazer com ela? — Tentei ficar tão sério quanto ele, mas não consegui, estava tremendo de tanto rir.

"Ensiná-la." Ele fechou o punho no ar. *"Vamos assistir a todos os jogos."*

— Vamos? — Luella cruzou os braços.

Ele fitou-a fixamente.

— Por favor.

— Depois de comprarmos seu material escolar. O que me lembra por que viemos aqui, Quer vir com a gente?

— Quero, mas vou dirigir dessa vez.

— Você faz parecer que tem algo de errado com o jeito que eu dirijo. — Alaric e eu fomos para o hall de entrada.

— Sabe, mamãe...

Tampei a sua boca.

— Ei! — Ela correu atrás de nós.

Quem diria que esta seria a minha vida?



RAFAEL

Eu parei do lado de fora do quarto do hospital, olhando para a minha família através do vidro. Se não fosse pelos jornais, nunca teria ficado sabendo que meu pai teve um infarto. Ele sempre achou que era durão, como se nada pudesse machucá-lo. Ele precisava desacelerar, mas o Chefe Gonzalo Morales sempre tinha que provar que podia fazer tudo. Vendo que agora ele estava sendo forçado a relaxar por um tempo e vê-lo jogando xadrez com minha irmã era prova de que estava bem. Colocando as flores no carrinho do lado de fora do quarto, virei para sair.

— Rafael?

Minha avó apareceu, mancando com uma bengala e um pedaço de chocolate na mão, como sempre.

— *Abuela?* — sussurrei.

Ela levantou as flores que eu coloquei, sacudindo-as como se fosse um bastão.

— Rafael Felipe Esteban Diego Alejandro Morales, depois de um ano não pode nem me abraçar? Você e seu pai são dois cabeçudos. O mínimo que poderia ter feito era ter vindo até mim. Eu não sabia onde você estava ou se estava vivo. Ah, se você soubesse o quanto fiquei preocupada.

Antes que ela terminasse de reclamar comigo – em espanhol –, eu a puxei para os meus braços. Sabia que ela estava tentando não chorar.

— Fiquei tão preocupada com você, *mi hijo*. — Ela sempre me chamava de "meu filho".

Pelo menos havia uma pessoa que se importava comigo.

— Estou bem, *Abuela*.

— Não se trata de você, mas de mim. — Ela bateu nas minhas costas.

Eu ri. Sim, se houvesse alguém com quem eu me identificava, era com a Abuela.

Ela me olhou.

— Você está muito magro.

— Estou bem, e você está bem, também — acrescentei antes que ela me batesse de novo.

— Venha. Vamos ver seu pai.

— Você sabe tão bem quanto eu que ele não quer me ver. — Enfiei as mãos nos bolsos. — Sou homossexual.

— Parabéns, agora venha. — Ela me puxou para o quarto.

Eu realmente queria que ela não tivesse feito aquilo. Podia aguentar vê-los felizes sem mim. O que me deixou doente foi perceber como tudo esfriou e ficou desconfortável quando entrei no quarto, como se eu fosse a morte.

— Tira ele daqui. — Meu pai olhou para longe.

— *Mi hijo*...

— Mãe, eu quero ele fora daqui! — gritou meu pai em espanhol, e cuspiu nos meus pés.

— Fico feliz em ver que ainda está bem o suficiente para odiar. — Sorri e desviei do alcance de *Abuela* quando ela tentou pegar minha mão. Balançando a cabeça, caminhei até a porta.

— Pensa que eu quero odiar meu único filho? Acha que estou feliz em virar as costas para você? Tinha tantos sonhos, tantas esperanças...

— Esse foi o problema — retruquei. — Seus sonhos de alguma forma significavam mais que os meus. O que você queria deveria prevalecer sobre quem eu sou. Sobre o que eu quero. Sinto muito. Eu me amo demais para deixar

que planeje os meus sonhos por mim. Eu amo você, papai. E sempre amarei, mas nada vai mudar quem eu sou.

— Rafael, você deveria ir...

— Naturalmente — cortei a minha mãe antes que ela pudesse me machucar mais. Meu pai gritava e ela sempre apenas desviava o olhar.

— Tchau, Paulina. — Acenei para minha irmãzinha, correndo o mais rápido que pude. Acabei na escada. Gritei, batendo na parede até minha mão queimar. Eu finalmente me sentei.

Pegando meu telefone para ligar para Goldie, vi que havia perdido uma mensagem de Dorian. *Mas que merda você fez agora?* Apertei no correio de voz.

"Rafael, neste exato momento, estou dentro de uma loja chamada Materiais Escolares Tio Esteban porque meu filho precisa de material escolar. Não tenho ideia de como minha vida ficou assim." Ele suspirou, mas parecia feliz. *"Enfim, estava recebendo um sermão de Russell ontem à noite, e ele me falou de você. Disse que você liga para sua família todo fim de semana, só para que seu pai o insulte. Eu o aconselho a parar. Sempre busquei a aprovação de meu pai também, e mesmo depois que ele morreu, uma parte minha está sempre em busca da aprovação dele. A verdade é que nem você, nem eu, precisamos disso. Você, Rafael – eu diria seu nome completo –, mas é muito comprido, é uma boa pessoa e um bom amigo. Se o Chefe não pode ver isso, a culpa é dele, não sua. Nós conversaremos mais quando eu voltar. Agora, apague essa mensagem, porque eu juro que se isso..."*

Beep.

Eu dei risada. O que aconteceu com ele, fez um retiro espiritual? Estiquei a mão para limpar o olho e meu braço doeu.

— Ah, merda. — Arfei ao ver como minha mão estava vermelha. — Muito bem, Rafael, acha que é o Super-Homem agora e pode bater nas paredes?

Estou perdendo a cabeça.

Mandei uma mensagem para a única outra pessoa que entenderia como eu estava me sentindo.

Preciso de ajuda. Acabei de visitar meu pai no hospital.

Sua resposta foi:

A vida é uma merda, né?

Oh, Senhor, obrigada pelos meus amigos. Eles geralmente compensam pela ausência da minha família.

CAPÍTULO 16

Pessoas erradas ao seu redor



LUELLA

— Seja bem-vindo ao Clube de Campo e Golfe Clamores, Sr. Rhys-Gallagher. — A mulher atrás do balcão, vestida toda de branco, sorriu para Dorian.

Ele pegou um cartão branco e entregou a ela.

— Por favor, acrescente Luella e Alaric à conta. Também fiz reservas no spa.

"Spa?", sinalizei e me virei para ele. *"Pensei que estávamos aqui para jogar golfe?"*

Nós vamos jogar golfe. Ele apontou para Alaric, que sorriu. Coisas de pai e filho. Você irá para o spa.

— Tudo bem. — Eu beijei a cabeça de Alaric. — Finnick não precisa me acompanhar. Ele pode ir com vocês.

Ao longo da semana, Finnick tinha sido nossa sombra. Agora ele era nosso motorista, chefe da equipe de segurança da casa e guarda-costas pessoal. Eu me perguntava quando o homem dormia. Ficava agradecida por sua vigilância, mas você pensaria que éramos da realeza ou estrelas do rock.

Eva apareceu de calça jeans, blusa vermelha e chapéu de sol, e Alaric a abraçou.

"Oh, você está ficando tão grande", sinalizou ela e bagunçou o cabelo dele.

— Só tem alguns dias. — Eu olhei para ela, carinhosamente. — Mas sentimos sua falta.

"Exatamente como deveria, os dois." Ela bufou. *"Divirta-se jogando golfe, e quando digo "divirta-se", quero dizer vença."*

"Ei, vencer não é tudo." Eu sorri. *"Apenas dê o seu melhor."*

"E ganhe", acrescentou Eva, e eu dei uma cotovelada nela.

— Tudo bem, vamos indo. Veremos as senhoras, mais tarde — disse Dorian.

Alaric acenou, depois arrumou a viseira e foi com Dorian para o campo de golfe. Reparei que sozinho com Dorian, estava falando menos com as mãos e

mais com a boca.

— Ele está falando usando a voz. — Os olhos de Eva se arregalaram.

— Ele pediu para Dorian ajudá-lo a falar melhor, porque estava sendo intimidado na escola por causa da voz, e ele não queria me preocupar isso.

— Ele está sendo intimidado? — perguntou com tanta raiva quanto eu.

— Não consegui acreditar, também...

— Sra. Rhys-Gallagher. — A mulher no balcão acenou para mim.

Sacudi a cabeça.

— Nós não somos casados. É apenas Thorne. Luella Thorne.

Sua boca fez um "O" quando ela deslizou as chaves.

— São as chaves para os armários, onde podem guardar as coisas pessoais e vestir um roupão.

— Obrigada.

— Sra. Rhys-Gallagher? — Eva me deu aquela olhada quando lhe entreguei uma chave.

— Foi um erro inocente.

— E você gostou que ela errou, porque significa que ela pensou que pareciam uma grande família feliz.

Quando entramos no vestiário, parecia mais uma suíte no palácio de Buckingham.

— Isso é ruim? — murmurei, abrindo o armário. — Eu me sinto bem. Isso me faz sentir bem. Ele, eu, Alaric. Esta semana foi perfeita. Mesmo quando não foi, ainda pareceu incrível.

— Estou feliz por você. — Ela me abraçou. — Estou mesmo. Por outro lado, você o vê como Dorian ou como Donovan? Como pode se recuperar por completo ou seguir em frente se tudo o que enxerga é Don todos os dias?

— Não importa o que aconteça, jamais deixarei de vê-lo. Tudo o que tenho que fazer é olhar para o rosto de Alaric. Então, por que essa deveria ser uma das razões para eu me afastar? Ele gosta de ficar conosco. Nós gostamos de ficar com ele. Não podemos simplesmente fazer o que queremos?

Ela suspirou e concordou.

— Eu só não quero que tenha esperanças e se entregue por inteiro nisso. Acabou de escapar de uma pessoa. Não corra direto para outro. Não confie nele cegamente, você ainda não o conhece o suficiente. Ouvi dizer que ele é implacável nos negócios e, pior ainda, com as empresas que assume. Eles o chamam de Dorian Rhys-Gallagher, "O Carniceiro".

Ela estava apenas tentando me proteger. Eva não confiava em homens e não podia culpá-la. Normalmente eu também não confiava, mas Dorian me fazia sentir tão confortável o tempo todo. Ele era diferente. De certo modo, simples.

Ele foi claro sobre o que queria e como se sentia. Um parte minha já sabia que ele sempre me contaria a verdade. Dorian Rhys-Gallagher, “O Carniceiro”, era alguém em quem ele se transformava quando vestia terno. Não era ele o tempo todo. Assim como quando eu era acompanhante. Ele estava executando um trabalho. Um trabalho honesto.

— Eu confio nele, Eva. Pelo bem de Alaric e meu, por favor, dê uma chance para ele? — Não queria que ela ficasse contra ele.

Ela puxou o cabelo para cima.

— Tudo bem... vou *tentar*.

— Obrigada. Agora vamos tomar um banho de lama. Sempre quis experimentar um desses.

— Depois de você, Sra. Rhys-Gallagher. — Eu a olhei feio. — Estou só praticando.



DORIAN

Mostrei a Alaric como segurar o taco de golfe corretamente.

— Tenho que bater forte? — perguntou, animado para dar a primeira tacada.

— Não se trata de força. Mas de jeito.

Ele inclinou a cabeça.

— Jeito?

— Você se lembra de como os golfistas ficam?

Ele pensou por um instante e depois se aproximou da bola, levantando os pés sem motivo, para cima e para baixo, ao lado da bola.

— Eles fazem isso.

— Sim, mas é só para ter certeza de que estão no mesmo nível. Toda vez que estiver prestes a dar uma tacada, faça assim...

— Ora, vejam só.

Eu olhei para cima para ver ninguém menos que Sinclair e sua filha, Portia.

— Que surpresa. — Ela sorriu. — Quem é esse mocinho?

Alaric virou a cabeça para ver o que chamou a minha atenção.

“Alaric. Meu filho”, disse e sinalizei. *“Alaric, diga oi.”*

Ele fez o sinal de oi, então me perguntou:

“Eles também irão jogar?”

“Não. O Sr. Sinclair e a família estão apenas de passagem.” Eu olhei para o senhor. *“Continue treinando a postura.”*

— Vamos jogar juntos — sugeriu Portia a Alaric, embora ninguém tivesse pedido sua ajuda ou companhia.

— Ouvi dizer que não está mais interessado no Grupo Sinclair — disse o Sr. Sinclair

— Te incomoda não ter mais nada para usar contra mim? — perguntei.

Ele riu, se afastando de Alaric e Portia.

— Por quê? Porque o Hugh teve um pequeno contato físico com a mãe do seu filho? Ah, pensou que eu não sabia? Primeira regra dos negócios: saiba tudo sobre seus amigos e ainda mais sobre os inimigos. Você fez um estrago e tanto em Hugh, no entanto, Portia acha que ele está viajando a trabalho para mim.

— Como é que você ainda pode olhar para aquele mer...

— Não seja idiota, Dorian. Você é o mais adequado para o Grupo Sinclair. É jovem, brilhante, determinado, costumava pensar que você talvez fosse muito certinho. Mas os acontecimentos recentes mostraram que não é tão maçante quanto aparenta ser. A única razão pela qual não lhe passei a empresa é porque vi sua família cometer muitos erros bobos. Você conseguiu superar todos, só para que uma mulher qualquer o destrua.

— Se uma mulher pode me destruir, então, não tenho que estar no comando de nada — retruquei.

— Que nobre. — Ele tirou um fiapo invisível da camisa. — Mas ela não sabe como o nosso mundo funciona. Você a ouviu no jantar. O coração mole dela vai impedi-lo de ser o filho da puta imundo que precisa ser para liderar. Você superou seu pai de maneiras que ele não teria sonhado. Pode vestir essa mulher e fazê-la parecer desse meio, mas no final das contas, ela não vale a pena. Dê dinheiro a ela. Mande-a para Boston, Chicago, L.A. Melhor ainda, mande-a para o exterior. Case-se com uma moça educada e bonita que aceitará receber seu filho para as férias.

Ele gesticulou para a filha, que estava tentando se comunicar com Alaric. Por alguma razão, meu pai me veio à mente, e eu precisava saber o que realmente havia acontecido naquela época.

— Por que você e meu pai brigaram?

— Não importa...

— Importa sim. O que aconteceu?

Ele franziu a testa, as rugas explícitas no rosto.

— Seu pai recusou as maiores fusões de nossas carreiras, nem mesmo conversou comigo sobre isso. E ele fez isso porque sua mãe tinha o coração mole. Ela veio da mesma cidadezinha de onde nossas fábricas estavam localizadas. Ela conhecia as pessoas e implorava ao seu pai. Nós perdemos

milhões e, dois anos depois, a fábrica teve que fechar de qualquer jeito. A razão pela qual nos casamos com pessoas iguais a nós é porque elas entendem que o dinheiro só vem se fizermos as escolhas certas, independente de mais ninguém. Acha que qualquer um pode viver como nós? O mundo está ao nosso alcance porque sabemos a verdade. Você não pode salvar todo mundo, então salve-se. Por que acha que esses clubes de campo existem? Se quiséssemos, poderíamos ter qualquer coisa que quiséssemos enviadas para nós. Mas não, todos nós viemos aqui. Nós estamos no topo da cadeia alimentar. Negociamos e fechamos negócios, e fazemos o melhor por nós. Você é o melhor da sua família. Não repita os mesmos erros que seu pai. Acha que Portia não sabia que Hugh dá as puladas de cerca dele? Ela sabia. Todas as esposas sabem. Mas novamente, para viver esta vida, você tem que fechar os olhos. Ela não repararia...

— Enquanto estivesse sendo tratada bem?

Ele colocou a mão no meu ombro quase como um pai faria.

— Você pode se divertir, manter sua imagem e...

— Seja infeliz. — Eu ri e dei de ombros. — Você conhece o ditado: “nem tudo que reluz não é ouro”? Deve ser o lema da família Rhys-Gallagher. Nós tínhamos tudo; nome, boa educação, todo o dinheiro do mundo. No entanto minha família inteira está morta. Você calculou mal, Sr. Sinclair. Não penso da mesma maneira que você. Não quero as mesmas coisas que você. Não importa o que eu faça com a minha empresa, quem eu escolher para mim, eu o farei por mim, pela minha felicidade, não por dinheiro. E não me arrependerei disso. Passar bem, Sr. Sinclair. — Bati nos ombros de Alaric. — Vamos para outro buraco.

— Não contrarie o meu pai — sussurrou Portia por trás de uma das mãos. — Ele sempre consegue o que quer.

Peguei a bolsa com os tacos.

— Você está apaixonada pelo Sr. Jacobs, um dos homens que trabalhou para a Edmund Enterprises, né?

Sua boca abriu e fechou, tentando pensar em algo para dizer.

— Amor significa que você é pobre e que sofre. Foi o que ele me disse e está certo. Tenho sorte. Se eu tivesse me casado com Hugh quando você assumiu as empresas, eu seria motivo de piada. Preferia morrer a viver desse jeito. — Ela olhou para o pai, que estava ao telefone.

— Como sabe disso se nunca esteve morta? — perguntei. — Por mais que se sinta assim, deve avisar seu pai para ficar longe de mim, porque se ele não fizer isso, juro que vou acabar com a raça dele e de toda a sua família.

— Você se arrependerá. Meu pai pode expor todos os seus segredos, mesmo aquele sobre a mãe do seu filho. Quer mesmo que ela passe por isso?

Eu a fitei fixamente, e percebi que o negócio ia ficar muito feio antes que melhorasse.

— Aconteça o que acontecer, farei as coisas do meu jeito e enfrentarei as consequências como achar melhor.

— Você é um tolo — disse ela. Eu a ignorei e fui até Alaric.

— O que aconteceu? — perguntou Alaric em voz alta, olhando para mim.

— Acho que precisaremos acabar com o jogo mais cedo. — Eu sorri para ele, então acenei para Finnick, que estava alguns passas atrás dos caddies, os carregadores de taco.

Eu conhecia Sinclair. Ele adorava jogar sujo. Parecia uma criança. Se não conseguisse as coisas do jeito dele, não só pegava a bola e ia para casa, como faria de tudo para que ninguém mais pudesse jogar novamente.

A única coisa que ele tinha contra mim era Luella e Alaric, e era exatamente do que ele queria que eu me livrasse, o que significava que ele muito provavelmente ia nos expor. Como descobriu? Hugh? Mas isso não importava mais. Ele ia tentar acabar com o pequeno paraíso que eu tinha.

Maldito idiota.



LUELLA

— Eu me sinto completamente diferente. — Eu me espreguicei languidamente. Eva resmungou alguma coisa, ainda deitada na maca, embora tivéssemos terminado a massagem com pedras quentes.

Eu espiei seu rosto por baixo no buraco da maca.

— O que você disse?

— Mais cinco minutos, por favor.

— Mais cinco minutos aqui nos custará mais do que o aluguel.

Aquilo fez com ela abrisse os olhos e se levantasse.

— Que diabos? Que exploração! Nem foi tão bom assim.

— O que aconteceu com aquele olhar de euforia?

— Não sabe que meu rosto sempre fica assim? — Ela deu tapinhas leves no rosto. — Vamos nos vestir.

O vestiário estava mais cheio do que quando chegamos e todos olhavam para o celular.

A voz de uma mulher flutuou sobre os armários atrás de nós.

— Portia, meu Deus, eu sinto muito.

Portia? Dei a volta pelo armário e vi Portia Sinclair sentada em um

banco, lágrimas escorrendo pelo rosto com um grupo de mulheres reunidas ao seu redor.

— Os homens são uns porcos e, além disso, Hugh não vale nada.

— Eu sei, mas como ele pôde? Uma acompanhante de luxo — gritou ela, e eu congelei no lugar, sentindo o estômago revirar.

Uma mulher olhou para mim.

— Precisa de ajuda?

— Luella? — Portia se levantou, enxugando as lágrimas de crocodilo.

— Senhoras, esta é Luella Thorne, a mãe do filho de Dorian Rhys-Gallagher. — Ela apertou minhas mãos. — Nossa, você deve ter ficado com muito nojo dele, também.

— P-Por quê? — Tentei firmar a voz para não tremer.

Ela me mostrou seu telefone.

— Alguém divulgou uma lista de clientes desse serviço de acompanhantes chamado “House of L”, ele está nela. Disseram que ele pagou cerca de duzentos e cinquenta mil por uma mulher.

Conhecia vários nomes na lista. Os nomes das acompanhantes não foram mencionados, só de alguns dos clientes. Quando li o nome dele, parecia que alguém estava espremendo as minhas costelas... Eles estavam falando de mim – de nós.

— Querida, você fez o certo de só ter o filho dele. Isso lhe dá acesso ao dinheiro. Dá para acreditar neles? Nós ficamos ao lado deles, e eles vão e pegam prostitutas — uma das mulheres disse fervendo de raiva, jogando o cabelo loiro escuro sobre os ombros.

— Por que vocês estão surpresas? — Eva encostou-se nos armários casualmente. — Homens como eles são todos iguais. Peguem o dinheiro de vocês, senhoras, e não se apeguem emocionalmente.

— Por favor, nos deem licença. — Devolvi o telefone a Portia enquanto Eva se vestia rapidamente. Se os nomes das acompanhantes vazassem, a última coisa que eu queria era estar perto de qualquer uma delas. Pegando a minha bolsa, eu saí. Finnick estava parado do lado de fora, esperando.

— Sr. Rhys-Gallagher já está no carro, senhora — avisou.

— Lulu, eu a encontro em casa. — Eva estava com o celular na mão, fazendo uma ligação.

— Aonde você vai?

— Ver o diabo. Trabalhei muito para que a incompetência dela destruísse a minha vida.

Finnick a observou sair antes de se virar para mim.

— “O diabo”, senhora?

Dorian me contou que foram Rafael e Finnick que me encontraram, e que ele não apenas sabia de tudo, mas também podíamos confiar nele.

— É a senhora que administra a “House of L”. — Eu o segui até o carro.

— Sabe alguma coisa sobre essa mulher?

— Não, sinto muito. Ao longo dos anos, eu só a vi algumas vezes, e a última foi quando ela me disse para sair com Dorian. Eu nem sei o nome dela. — Cheguei na Mercedes preta e Dorian saiu, recebendo alguns olhares. Com a postura altiva, imperturbável, ele me ajudou a entrar no banco de trás. Não havia necessidade, ele podia ter ficado dentro do carro, mas imaginei que se tratava muito mais de orgulho do que de qualquer outra coisa para ele.

— Não se desculpe. — Seu telefone tocou e ele o desligou.

Alaric estava viajando no próprio mundo, assistindo a desenhos em um tablet. Ele encostou no meu lado, mas não disse nada.

— Dorian...

— Lulu, isso não é culpa sua. Roman Sinclair está tentando me dar uma lição. — Sua expressão estava brava.

— Como ele descobriu?

— É o que eu gostaria de saber, Finnick. — Ele olhou bravo para a parte de trás da cabeça de Finnick.

— Vou verificar a respeito, senhor — comentou ele, acelerando em direção à casa. O clube de campo ficava a poucos minutos da casa de praia de Dorian.

— Será que vai dar muito problema? — perguntei.

Ele olhou pela janela, sem responder.

— Dorian...

— Luella — disse ele com raiva antes de respirar fundo. — Vou resolver isso. Não se culpe, e não fale com ninguém, entendeu?

— Não.

— Como?

— Não vou ficar sentada de braços cruzados. Não é entre você e eles, é entre nós e eles. Então converse comigo. Qual é a gravidade da situação?

Ele esfregou a têmpora.

— Dois detetives estão no meu escritório. Isto é apenas o começo.

Quando o carro parou, ele não esperou que Finnick abrisse a porta. Goldie estava esperando, vestida com um terninho azul claro. Seu olhar caiu sobre mim, e o respeito que ela tinha pela minha pessoa se foi. Ela sabia que Dorian havia pago por mim. Ela me olhou igual a muitos outros – com repulsa. Dorian entrou na casa e ela o seguiu rapidamente, nos deixando para trás.

— Finnick?

— Sim, senhora?

— Sei que você deveria ser leal somente a ele, e sei também que quem paga pelos seus serviços é ele, mas por favor, me mantenha informa, tá bom?

Ele obviamente não gostou de ser colocado naquela posição.

— Deixa pra lá. Não ia querer que ele pensasse que não pode confiar em você. Vamos, Alaric. — Demos só alguns passos quando Finnick me respondeu.

— Não passei uma informação ao Sr. Rhys-Gallagher até que eu tivesse mais provas.

— E que informação é essa?

Ele aprumou a postura, as mãos atrás das costas.

— Quando estava verificando sobre a “House of L”, encontrei algumas informações de como ela é gerenciada.

— Através da Madame L. — Gesticulei para que ele continuasse. Parecia que ele não sabia o que dizer. — O que foi?

— É administrado por duas mulheres, uma das quais você chama de Madama L e alguém não muito mais velho do que você, que a ajuda a recrutar mais mulheres para o negócio.

Analisei suas palavras cuidadosamente, não entendendo muito o que estava ouvindo. Eu falava em voz alta para que Alaric não visse meus lábios.

— Do que você está falando?

Ele limpou a garganta nervosamente.

— O quanto você conhece a Sra. Sotiropoulos?

— O quê? — Eu ri, sem acreditar e balançando a cabeça. — Eva esteve comigo desde o início, ela me protegeu...

— Ela colocou você no negócio, arranjou seu primeiro cliente, e como você acha que Madame L sabe tudo a seu respeito? Tinha que ter alguém contando para ela. Existe outra pessoa mais próxima a você?

— Não. — Eu me recusei a acreditar. — Eva... Ela trabalhou nisso também.

— Foi o que ela contou para você, mas como sabe que era verdade? Onde ela está agora? Aqui do seu lado é que não é.

Achei que que ia passar mal.

— Como eu disse, ainda tenho que encontrar provas, mas tenho certeza de que a Sra. Sotiropoulos não é tudo que finge ser.

Alaric se cansou de esperar e correu para a casa. Não conseguia pensar direito. Eva? Ele obviamente não sabia do que estava falando, eu não poderia acreditar de jeito nenhum que Eva podia ter feito aquilo.

Mas por que não estava aqui comigo, dando apoio? Onde ela estava? E por que precisou sair do clube tão depressa?



DORIAN

— É ela? É a Luella? — perguntou Goldie quando entramos no escritório.

Sentei atrás da mesa. Ia enfrentar milhares de ligações na porcaria da tarde toda.

— Senhor, posso consertar isso, mas preciso saber...

— Sim, é ela.

— E o garoto? Tem certeza de que ele é...

— Sim.

— Fez um teste de DNA...

— Se eu fizer um teste de DNA, dirá que ele é 99,2% meu, mesmo sendo filho biológico do meu irmão gêmeo. Além de algumas pessoas, ninguém mais saberá disso. Alaric é meu filho, ponto final, e direi isso até o último dia da minha vida. Então, antes de fazer sua próxima pergunta e me deixar irritado, vou responder agora e dizer "não". Luella não está atrás de dinheiro. Ela não me procurou porque ficou com medo de que eu tirasse o filho dela. Ela virou acompanhante para pagar a dívida que meu irmão deixou e para cuidar de Alaric. Eu paguei para que ela saísse. Não a trate de outra maneira que não como da família. Fui claro?

— Sim. — Ela andava de um lado para o outro. — Nosso próximo passo deve ser descobrir como reverter isso. Se dissermos a todos o que ela passou e transformá-la em uma mãe batalhadora sem escolhas, podemos sair dessa. O dinheiro que você pagou foi usado para pagar sua dívida, certo? Posso conseguir entrevistas...

— Não.

Ela apertou o telefone com força.

— Como?

Ela não estava errada. Na verdade, foi a mesma coisa que eu disse a Hugh. Mas as coisas eram diferentes agora, e quanto mais eu pensava nisso, menos eu gostava.

— Não vou expô-la para que o mundo a julgue pelas escolhas que fez simplesmente porque sou uma figura pública. Além disso, Alaric pode não entender agora, mas quando crescer, não quero que ele escute isso sobre sua mãe.

— Mas prefere que ele escute sobre o *pai*... sobre você.

— Não estou preocupado, faça o seu trabalho e descubro outra saída.

— Sr. Rhys-Gallagher? — Russell parou na porta.

Eu olhei para cima.

— Diga a Lulu que vou para a cidade esta noite...

— Vim na hora certa. Ela queria que eu lhe avisasse que está fazendo as malas — disse ele, um pouco divertido.

— A cidade não é o melhor lugar para ela.

— Ela também disse para avisar que não vai ficar aqui e se esconder, e deixar que enfrente tudo sozinho.

Santo Deus, ela ia me dar dor de cabeça. Acenei, dispensando-o. Isso seria um maldito pesadelo. Porra, Roman Sinclair.

— Se serve de consolo, gosto muito mais dela agora.

— Adeus, Russell.



GOLDIE

Luella estava sentada na cozinha, com uma tigela de sorvete na sua frente, assistindo ao noticiário que, pela décima vez, mostrava a porcaria da lista de clientes. Sempre chegavam no nome de Dorian, paravam para enfatizar o quão poderoso ele era e quantas empresas administrava, tentando conectar seus negócio com as carteiras das pessoas.

— Ele está bem? — perguntou ela, colocando a colher na tigela.

— Não, e por que estaria? Sua reputação está sendo arrastada para essa sujeira. A Rhys-Gallagher National sempre foi uma empresa livre de escândalos. Agora ele está envolvido com...

— Comigo? — Ela se encostou no balcão e tomou outro punhado de sorvete.

Como podia estar tão relaxada quando estava destruindo a vida de um homem?

— Dá para sentir a raiva emanando de você, Goldie, diga logo de uma vez e assim poderemos superar isso.

— Você sabia quem ele era, não sabia? Por que não o procurou? Isso podia ter sido evitado se tivesse aparecido anos atrás. Em vez disso, você virou uma... — Eu parei.

— Prostituta? — Ela riu amargamente.

— Estava disposta a vender o próprio corpo, mas seu orgulho não deixou que você pedisse ajuda? Dorian teria ajudado o sobrinho.

Ela me encarou, e eu permaneci firme.

— Você é mãe?

— Não.

— Então não pode me julgar. Não tem ideia do que uma mãe faria para que seu filho tenha uma vida melhor. Está perguntando por que não deixei o bem-estar do meu filho nas mãos de um homem que eu não conhecia, cuja família tinha um histórico de alcoolismo e abuso de drogas? Eu era jovem e boba, e talvez sabendo o que sei agora, teria feito uma escolha diferente, mas eu não sabia que ele era uma boa pessoa. Não sabia se ele amaria meu filho. Só sabia que ele era rico. Está me perguntando por que não o procurei? Não confiava no dinheiro. Vi pessoas ricas e pobres fazerem coisas terríveis. Então, não me importo que ele seja rico. Eu me perguntei, ele amaria meu filho e ajudaria? Eu não sabia e não ia me arriscar.

— Tem a adoção...

Ela riu sarcasticamente, revirando os olhos.

— Por favor, não me fale de adoção. Que diabos você entende sobre ser deixado para o sistema de adoção? Aqui uma novidade pra você, uma adoção feliz acontece para um grupo muito seleto, e menos ainda se portar alguma deficiência.

— Então esta foi a sua saída? Olhe em volta. Olhe para todos os problemas...

— Não posso mudar meu passado! — esbravejou ela comigo. — Você está me atacando porque agora pensa que sou indigna. Porque agora não tenho o direito de estar com um homem feito o Dorian. Ele deveria estar com você, não é?

Paralisei por apenas um segundo antes de sacudir a cabeça.

— Você está enganada...

— Por favor, me poupe dessa conversa fiada. Tem sido fácil ler suas expressões desde o primeiro dia. Não se trata das minhas escolhas. É sobre as dele. Você quer perguntar a ele porque não lhe escolheu, certo? Esteve ao lado dele e quer saber por que ele não a ama. Eu não sei porque, mas consigo entende-la porque eu sei como é essa sensação. Você pode falar brava comigo ou me olhar feio o quanto quiser, mas não posso responder a essas perguntas. Eu estou aqui, e não irei embora até ele me peça — anunciou ela corajosamente, nunca desviando o olhar do meu.

Tudo o que eu pude fazer foi me afastar dela e da cozinha.

— Tenho trabalho a fazer. Desfrute do seu sorvete, Sra. Thorne — falei antes de sair, sentindo como se ela tivesse me aberto de dentro para fora e me deixado completamente exposta.

Não conseguia nem respirar.

CAPÍTULO 17

Um porto-seguro na tempestade



LUELLA

Guardei as roupas de Alaric na bolsa enquanto ele tirava uma soneca no meio da cama de Dorian. Meus pensamentos estavam a mil por hora. Queria voltar vinte e quatro horas no tempo, quando tudo parecia estar caminhando a nosso favor, quando não parecia que o chão estava desmoronando debaixo de mim. Minha vontade era de me esconder. De dormir. E o mais importante, não queria atrapalhar a vida de Dorian.

— Tem certeza de que não quer ficar aqui? Eu posso ir sozinho. — Eu ouvi a voz dele atrás de mim, mas não consegui olhar em seus olhos. Em vez disso, virei para a gaveta, peguei mais algumas roupas e as dobrei lentamente, colocando-as na bolsa. Antes que eu pudesse pegar outra peça, ele pegou minha mão. — Lulu, diga alguma coisa.

Olhando para ele, pude ver como estava tranquilo. Seus olhos azuis apenas fitaram os meus, um pequeno sorriso nos lábios.

— Não me peça para ficar aqui escondida enquanto vai sair para enfrentar tudo. — Ele pegou a camisa da minha mão e a colocou de lado. Envolveu-me com os braços, descansando a cabeça sobre a minha. — Estou falando sério, Dorian, não quero que resolva isso sozinho.

— Não estou pedindo para você ficar porque a responsabilizo. Estou pedindo porque não quero que nenhum de vocês se machuque — murmurou.

— Palavras não me machucam... Bem, não mais — respondi e o abracei de volta.

— Mas não são apenas palavras, Lulu. São a mídia e a polícia, seus vizinhos e todos na rua. Se descobrirem, vão acabar com você, e eu não quero que isso aconteça.

Eu recuei para olhar em seus olhos.

— E quanto a você?

— E quanto a mim? — perguntou como se realmente não parecesse entender. — Na pior das hipóteses, direi a verdade e chegarei a um acordo com o promotor-geral...

— Dorian. — Suspirei, não sabia se devia beijá-lo ou gritar com ele. —

Você não precisa se sacrificar o tempo todo. Pode ser egoísta. Até agora, ninguém sabe o meu nome, mas conhecem você e, como disse, é todo o resto. Todo mundo precisa de um porto seguro. Se estivermos longe de você, como terá isso? A menos que eu esteja sendo muito presunçosa e você não precise...

Ele me beijou.

— Você não está sendo presunçosa. Vou dar um jeito em tudo e fazer o máximo que eu puder para manter seu nome fora disso.

— Se meu nome for atirado no meio da confusão, eu sobreviverei. Apenas faça o que for preciso e não me afaste. Não foi culpa sua, foi minha...

— A culpa é do Sinclair.

Sacudi a cabeça, confusa.

— Por que ele faria isso?

— Ele sabia sobre você e Alaric. Eu me sinto um idiota por subestimá-lo — resmungou. — Ele está fazendo isso para me afastar de você, para que eu faça o que ele quer. Eu o vi no clube de golfe, e quando rejeitei a oferta dele, ele fez o que todos os velhos touros fazem: ficou enfurecido e atacou. É por isso que estou tentando garantir que você e Alaric não se machuquem mais por causa disso. Estou certo de que o problema é comigo, não com você.

— Iremos mesmo continuar discutindo sobre quem é culpa? — Eu dei risada, e ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Não. — Negou com a cabeça. — Já ficou claro que é minha.

— É metade culpado — insisti, e desta vez ele riu, balançando a cabeça para mim.

— Você está realmente brava por causa disso.

— Estou. — E, por mais leve que o clima tenha ficado, ainda não fazia muito sentido para mim. — Madame L, “O diabo”, não entregaria a lista de clientes assim, era ouro para ela. Mas como foi que o Sr. Sinclair conseguiu acessá-la?

— Meu palpite é que foi pelo Hugh. Coloquei Finnick para descobrir isso.

Meus ombros cederem, e eu respirei fundo, querendo que Hugh simplesmente desaparecesse da minha vida para sempre. Toda vez que seu nome surgia, era como um mau presságio.

— Só pra constar, você está fazendo uma cara muito bonitinha agora — brincou Dorian, tentando não rir.

— Cale a boca. — Ela deu risada, cobrindo o rosto quando de repente bateram na porta.

— Sr. Rhys-Gallagher. — Finnick parou na porta com a postura de sempre. — Podemos conversar por um instante?

— Essa conversa tem alguma coisa a ver comigo? — perguntei, percebendo o olhar que dividiram.

— Senhora...

— Vou entender isso como um “sim”. Vamos sair do quarto, senhores — sugeri, colocando as roupas que eu estava segurando na cômoda antes de sair junto com eles.

No corredor, cruzei os braços, não porque estivesse com raiva, mas porque estava me preparando para o que ele ia dizer.

— Você descobriu como Sinclair teve acesso a lista? — perguntou Dorian.

— Eva Sotiropoulos que passou a ele.

E assim, meus braços se soltaram e eu olhei para ele como se tivesse se transformado em um monstro verde de duas cabeças. Não fazia sentido.

— Finnick, você é incrível no seu trabalho, mas já conversamos sobre isso. Não foi Eva. Ela nem conhece Sinclair...

— Senhora, ele é pai dela — ele me interrompeu. Mesmo que tenha falado aquilo de forma gentil, não diminuiu o impacto do que acabara de dizer.

Como é que é? Eu não consegui nem começar a processar o que ele estava dizendo. Mas meu coração acelerou com cada palavra que ele falou a seguir.

— Um teste de DNA foi feito vinte anos atrás para a criança de uma de suas empregadas. O nome da mulher é Georgina Sotiropoulos. Ela foi demitida pouco tempo depois. Acredito que a “House of L” foi fundada pela Sra. Sotiropoulos e a mãe dela, que tinha contatos da época em que trabalhou na casa de Sinclair. Ele provavelmente usa a lista de clientes para chantagear e ameaçar as pessoas a fazerem o que ele quer. Isso também explica alguns de seus negócios mais sombrios nos últimos anos. Eles estão todos conectados, e ninguém teria associado tudo, se não soubéssemos que Eva Sotiropoulos tinha se tornado sua amiga, senhora.

Minhas pernas amoleceram e, antes que eu percebesse, o chão finalmente desmoronou, e não havia nada que me impedisse de cair.

— Lulu? — Dorian se ajoelhou ao meu lado. — Finnick, nos dê um momento.

Eu estava mal. Quanto mais pensava em como a conheci, o jeito que ela me deixou ficar em seu apartamento, então me atraiu dizendo que era bastante simples, que eu não teria que me preocupar com dinheiro e Alaric teria todos os cuidados necessários, pior eu ficava. Tanto que comecei a tremer.

— Lulu, respire — sussurrou Dorian.

Minha garganta começou a arder e vacilar conforme tentava falar com

ele, tentando entender.

— Dorian, ela é minha melhor amiga. Ela é madrinha de Alaric. Preciso que Finnick esteja errado. Porque se não estiver, sou a maior idiota da face deste planeta. Por favor, me diga que ele está errado.

Ele me segurou apertado.

— Você não é idiota. Tiraram vantagem de você.

Meu corpo todo doía. Não podia sequer...

— Preciso falar com ela antes de imaginar o pior, antes de fazer qualquer julgamento. Tenho que ouvir o lado dela, é o que os amigos fazem. — Levantei tão rápido que quase caí, mas não me preocupei. Enfiei a mão no bolso, tirei o celular e liguei para ela. Tocou e tocou.

— Ela não está atendendo.

— Ela vai atender. Eva sempre me atende. — Mandei uma mensagem para ela: 190. Era o nosso jeito bobo de dizer que era uma emergência, porque uma cuidava da outra. Era isso que a gente fazia. Segurei o telefone com força, esperando, dando a ela mais alguns segundos antes de discar novamente.

Meu telefone tocou e eu atendi, colocando no viva-voz.

— Lulu, você está bem? — perguntou ela.

— Sim... — Minha voz falhou e eu engoli em seco. — Estou bem. E você?

— Você parece fora do ar. Acabei de voltar para a cidade, e o escritório está cheio de pessoas procurando advogados por causa dessa lista de clientes. Você não vai acreditar em quem...

— Você é filha de Roman Sinclair? — deixei escapar, porque se ela fosse, então tudo o que estava dizendo agora era mentira. Rezei para que ela negasse, mas ficou em silêncio por muito, muito tempo.

— Eva, você deveria dizer: “Que merda é essa, Lulu? Quem diabos é esse homem? Quer droga é essa que você está falando”?

— Luella...

— Quem é você?

— Como foi que descobriu? — perguntou friamente como se não tivesse percebido que tinha acabado de arrancar um pedaço do meu coração sem avisar e se importar.

Meu Deus!

— Está mesmo me perguntando isso? — gritei e solucei no telefone. Como ela pôde fazer isso? — Eu pensei que você fosse minha melhor amiga, minha irmã e, na verdade, você é a filha do diabo! Você me enganou, mentiu para mim!

E mais uma vez veio o silêncio enquanto eu tremia.

— EVA!

— Você sabe por que continua se machucando, Lulu? Por que está sempre sofrendo? — perguntou com a voz fria e vazia e nem um pouco parecida com a mulher que eu conhecia há anos. — Porque é transparente o tempo todo. Eu avisei desde o começo, confie apenas em si mesma. Este mundo não recompensa os bons ou honestos. Eu espero que entenda isso agora. Adeus, Lulu. — Ela desligou.

Ela me apunhalou pelas costas, e isso era tudo que ela tinha para dizer. Nem mesmo um “me desculpa”. Nada de desculpas. Apenas “eu avisei” e “adeus”.

Eu queria conversar com Dorian, mas tudo o que saiu foram soluços. *Eu sou uma idiota. Eu sou uma idiota fraca e estúpida.*

Ele me segurou enquanto eu me contorcia, murmurando:

— Tudo bem... você está bem.

Se eu nunca tivesse confiado nela... Se eu nunca a tivesse deixado entrar em minha vida... Se tivesse feito tudo diferente, isso não teria acontecido.

Eu estrago tudo.



DORIAN

Ela acabou com Luella.

O jeito que ela chorou e desmoronou me fez lembrar de mim e de como me senti quando Don morreu. Quando ele me deixou sozinho, eu me senti traído. Eva Sotiropoulos era como a irmã de Luella e, em um piscar de olhos, com um telefonema, a mulher que ela conhecia e amava se foi. Eva Sotiropoulos podia muito bem ser considerada como morta para ela, e ela fez isso basicamente ao admitir que tudo que ela fez por Luella, todas aquelas vezes em que se apoiaram uma na outra, era apenas um truque, uma farsa.

Senti vontade de matá-la por magoar Luella e Deus sabe quantas pessoas mais. Matá-la junto com seu pai cretino e a mãe igualmente desprezível. Todos eles pagariam caro por essa merda.

— Lulu? — sussurrei, tentando chamar sua atenção. Ela olhou para mim, seus olhos inchados e vermelhos. Eu passei seus óculos de sol para ela. Ela soltou Alaric apenas para coloca-los e depois voltou a abraçá-lo enquanto ele dormia. Eu tinha certeza de que o garoto acordaria só para respirar. Ela cochilou e acordou o tempo todo em que voltávamos para a cidade, e ela conseguiu disfarçar muito bem para os empregados antes de sairmos. Ela sorriu e os abraçou, mas garanto que Russell sabia que tinha algo de errado com ela. Era

como se ela estivesse numa espécie de piloto automático bizarro. Quando Alaric pediu para trazer Hércules, ela respondeu “sim” sem hesitar. Tenho certeza de que ela não o ouviu.

Eu não sabia o que dizer, então apenas segurei sua mão livre.

Finnick dirigiu e chamou minha atenção para fora da janela.

— Senhor, a imprensa.

Passamos pela minha cobertura no Van Thorp. Eles estavam aglomerados na porta feito urubus que pairavam sobre uma carcaça em decomposição... como se não houvesse mais nada acontecendo no maldito mundo.

— Pode mos leve pr...

— Por favor, nos leve para o meu apartamento, Finnick — pediu Luella em voz baixa.

— Lulu?

— Não tem nada a ver com o Van Thorp, mas pode ficar conosco. Acho que quero ficar na minha casa. — Ela apertou minha mão e a apertei de volta.

Nós três nos amontoamos no banco de trás em uma espécie de declaração subconsciente “nós contra eles”. Parecia que tudo estava saindo de controle lentamente e, no entanto, com ela e Alaric ao meu lado, podia fechar os olhos e descansar.

Quando chegamos no apartamento dela, mandei Finnick ir descansar, e subimos. Enquanto estava sentado no sofá, notei uma sacola de papel marrom na mesa. Quando passamos aqui uma semana atrás, lembro claramente que ela guardou tudo antes de irmos embora.

— O que é isso? — perguntei.

Ela estava voltando da cozinha com duas canecas na mão.

— Do que você está falando?

— Dessa sacola. Não me lembro de estar aqui da última vez.

Ela colocou as canecas na mesa e abriu a sacola.

— Eva deixou o uniforme de Alaric para a escola, amanhã. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Estou tão brava, Dorian. Queria machucá-la tanto, mas acima de tudo, estou com raiva de mim por ter confiado nela.

— Ela enganou a todos. Não tinha como você saber. — Nem eu pude imaginar. Ela sentou e me abraçou apertado.

— Como não confiar nas pessoas? Eu deveria ser má? Impiedosa? Eu deveria usar pessoas? Como jogar meu coração fora? — Seu olhar me lembrou do meu, depois que Donovan morreu, como se estivesse caindo em um vazio. — Estou cansada de ser fraca. A menina boba que continua acreditando em tudo e acaba se dando mal.

Eu a beijei porque não suportava ouvi-la ou vê-la assim. Mas ela não

retribuiu o meu beijo. Olhei em seus olhos castanhos esverdeados e fiquei surpreso por ela não parecer tão desesperada quanto um minuto atrás.

— Há pessoas cruéis e impiedosas nesse mundo. Eles não são mais felizes do que você ou eu. Você faz as pessoas sorrirem. Ainda não conheci alguém que tenha conhecido você e não gostou. Você faz as pessoas se sentirem bem consigo mesmas. Se tem que jogar seu coração em qualquer lugar, jogue-o para mim.

Ela riu baixinho.

— Você é tão brega.

— Sou romântico.

Ela se animou, consideravelmente.

— Nesse ritmo, nunca serei capaz de deixar você.

— Faz tudo parte do meu plano.



LUELLA

— Mamãe... mamãe, está acordada? — Alaric cutucou meu braço.

Rolando de lado, virei-me e o encontrei de pé na beirada da cama, com banho tomado e vestindo seu uniforme escolar. Eu me sentei.

“Estamos atrasados?”, sinalizei, olhando para o despertador.

“Não, papai me ajudou.”

“Papai te ajudou?”

— Já se esqueceu de mim? — Dorian estava encostado no batente da porta do quarto, sexy demais para ser de verdade, vestindo só boxers azul escuro e uma camiseta branca.

“Ainda precisa preparar sua lancheira, Alaric”, sinalizou Dorian perfeitamente.

— Tá bom.

Notei que ele não estava respondendo com os sinais. Ele pulou na cama, me abraçando antes de correr para a cozinha, Dorian chegou para o lado para ele passar.

— Estou um pouco devagar esta manhã, mas nós não dormimos no sofá?

— Sim. Eu a trouxe para o quarto. Pensei em tirar sua roupa, mas acabei tirando só as joias e os sapatos. — Ele apontou para meu relógio e brincos na mesa de cabeceira.

— E arrumou Alaric esta manhã?

— Tive a impressão de que você precisava dormir. Não sou um cozinheiro muito bom, mas ele não achou ruim comer cereais e torrada; um

pouco queimada. No entanto, ele disse que eu deveria pedir que você me desse umas aulas de culinária. Como está se sentindo?

Eu saí da cama.

— Estou bem. Você não precisava...

— Mas eu quis. Além disso, nos deu tempo para um papo de pai e filho sobre valentões.

— E o que você disse a ele?

— Vamos apenas dizer que ele fará o máximo para falar mais em voz alta.

Escutamos uma batida na porta da frente e as luzes brilharam.

— Deixa que eu abro! — Alaric gritou

— Alaric! Espera! — gritei. — Eu abro.

— Lulu, tudo bem, é para mim. — Dorian viu pelo olho mágico antes de abrir a porta.

Era um homem de calça branca, camisa xadrez, gravata borboleta e suspensórios. Ele ainda usava um chapéu *Fedora*. Tinha pele morena clara e olhos castanhos escuros. Estava segurando um daqueles sacos com zíper que cobrem a roupa pendurada em um cabide e uma caixa de sapatos. Ele deu um enorme sorriso.

— Obrigado. — Dorian pegou as roupas. Ainda sorrindo, o homem jogou as coisas em Dorian.

— Por favor, desculpe meu amigo, ele é horrível com apresentações. Sou Rafael Felipe Esteban Diego Alejandro Morales, mas, por favor, me chame de Rafael — apresentou-se ele em uma só respiração, tirando o chapéu e se curvando como se fosse algum tipo de artista.

Alaric deu uma espiada nele por trás de mim.

Ele está falando rápido demais.

— Você consegue Alaric — disse Dorian para ele.

Alaric suspirou, voltando-se para Rafael, levantando as mãos como se estivesse tentando pedir para ir mais devagar.

— Você pode, por favor, falar mais devagar?

Rafael arregalou os olhos e ele se agachou.

— Desculpe, rapazinho. Meu nome é Rafael. Gostei da sua gravata borboleta.

Alaric sorriu, ajeitando a gravata.

— Obrigado. Gostei da sua também. O que é isso?

Rafael puxou um de seus suspensórios.

— Estes são o epítome do legal.

— Não dê ouvidos a ele. Ele se acha o único legal. — Dorian bufou e

sinalizou: — *Viu? Se alguém falar algo rápido demais, ou se você não entender direito, não tem problema em perguntar.*

— Sim-ah, eu esqueci do Hércules. — Ele correu para seu quarto.

Sinceramente, eu também havia me esquecido de Hércules. Quem ia ficar com ele quando eu fosse trabalhar? Merda. *Trabalho*.

— Foi um prazer conhecê-lo, Rafael, mas tenho que me arrumar para o trabalho. Por favor, sinta-se em casa. Nós deveríamos marcar um jantar em breve — disse eu antes de voltar para o meu quarto, tirando a camisa e a calça.

Odeio segundas-feiras.

CAPÍTULO 18

Dane-se, segunda-feira



DORIAN

Luella nunca esteve tão certa quando disse que todos precisamos de um porto seguro. Com toda a franqueza, acordar esta manhã no seu apartamento simples depois que dormimos na sala, tendo que correr para arrumar Alaric a tempo para escola, já que todos nós perdemos a hora, vê-lo correr para tomar banho e se despir enquanto corria para o banheiro e ela correr para fazer café da manhã foi a coisa mais natural do mundo. Eu teria ficado só os observando se Luella não tivesse me dito para ir com Alaric. Quando saímos, depois de termos tomado o café da manhã juntos, tive a sensação de ter feito aquilo milhares de vezes, como se tivéssemos vivido sempre assim. Para mim, aquilo dava mais sensação de realidade do que quando Finnick deixou Luella no restaurante e Alaric na escola. Eu, honestamente, não queria que eles fossem porque o trabalho parecia um pesadelo.

— Podemos usar a entrada privada, senhor — Finnick me lembrou quando paramos do lado de fora do Rhys-Gallagher National.

Não tinha apenas repórteres, mas também manifestantes de uma das muitas empresas Edmund Enterprises que estão fechando na cidade. As placas diziam: *"Pelo menos pague se vai nos foder"*. Eles até entoavam aquilo, também.

Inteligente.

— Sr. Rhys-Gallagher, as alegações são verdadeiras?

— Sr. Rhys-Gallagher, você já pagou por sexo?

— Alguma das garotas era menor de idade?

Dava para ouvi-los gritando do lado de fora, e eu só tinha que me lembrar de que Luella e Alaric eram reais, e esse era o meu pesadelo.

— Senhor...

— Não são os culpados que se escondem? — perguntei a ele, abrindo a porta. Ele desceu do carro rapidamente enquanto eu abotoava o paletó.

Não falei com ninguém, nem perguntei nada conforme saía do carro e continuava andando. Finnick me empurrou para não ser pego pelo tomate que bateu em seu ombro.

— Seu cretino maldito! — um manifestante gritou antes que o segurança o empurrasse para trás. Ele continuou gritando. — Alguns de nós estão imaginando como darão conta das despesas, e você gastando milhares de dólares com prostitutas!

Um repórter enfiou um microfone na minha cara.

— Algum comentário, Sr. Rhys-Gallagher?

— Senhor, continue andando — avisou Finnick, contendo-os.

Nós não paramos até entrarmos no prédio, onde nenhum deles poderia entrar. No entanto, a julgar pelos olhares que recebi dos funcionários, eu não estava mais seguro aqui.

Goldie já estava me esperando e entregou meu tablet com as últimas notícias na tela. O New York Post já mostrava um vídeo vazado do governador sendo espancado por uma dominadora.

— Parece que não vamos ter que nos preocupar com ele, por enquanto — murmurei, devolvendo-o para ela no caminho para o elevador.

— Não temos tempo para nos preocupar com mais ninguém além de você. O conselho está tentando convocar uma reunião para ver se existe...

— Alguma coisa sobre código de conduta no meu contrato? Não, não há, então eles não podem me expulsar, e não tem como tomarem minhas ações majoritárias. Rhys-Gallagher National me pertence, fim da história. No entanto, isso me deixará com a imagem ruim e fará com que outras pessoas descartem ações, e podemos até perder alguns clientes. É inteligente da parte deles e uma dor de cabeça para mim. — Entrei no elevador, mas impedi Finnick de entrar. — Obrigado, mas você deve ir para casa e se trocar.

— Não posso fazer isso, não nessas condições. — Ele entrou no elevador.

Às vezes, eu me perguntava se ele era tão leal assim porque eu o pagava muito bem ou se ele realmente se importava. De qualquer maneira, merecia um aumento.

— Tenho uma camisa extra se quiser, Sr. Washington — acrescentou Goldie, verificando o telefone.

— Obrigado, senhora.

— Não por isso — respondeu ela antes de se virar para mim e me entregar uma cópia da declaração que ela elaborara. — Precisamos que nossa mensagem seja clara e que não confirme, nem negue nada

— Por que já não liberou? — perguntei, pegando o primeiro pedaço de papel que ela me deu.

— Quis conferir.

— Não está segura disso, Goldie?

— Está bom. Estou sendo apenas cuidadosa.

Saímos do elevador e Rafael já estava esperando.

— Nós temos um problema.

Droga. Essa era a última coisa de que eu precisava.

— O que poderia ser pior do que manifestantes jogando tomates em mim e os repórteres perguntando se sou uma porra de um pedófilo?

— A polícia quer fazer mais perguntas — acrescentou Rafael, apontando para a minha sala. — Tem dois detetives esperando lá dentro, e mandei um estagiário ficar com eles.

Detetives? Sério? Tinha que reconhecer, quando Sinclair queria incendiar o mundo, fera rápido e eficiente.

Vou te matar, Sinclair.

— Cancele minhas reuniões...

— Foram canceladas — Rafael me interrompeu. — Eles disseram que voltarão a entrar em contato depois que esse "contratempo" estiver resolvido.

Deu para ler nas entrelinhas. Agora eu estava com a corda no pescoço e eles não iam vir me defender. Ainda não tinham certeza do que esse caos significava, e por isso não atacariam também. Pelo menos não publicamente.

— Tudo bem — murmurei, entrando na minha sala para ver os detetives nas minhas cadeiras. — Detetives, em que posso ajudá-los?

Um deles era jovem, com cabelo loiro curto, e o segundo era mais velho, careca e com rugas, levantaram-se quando eu entrei.

O mais novo falou primeiro.

— Sr. Rhys-Gallagher, sou o Detetive Kane e este é meu parceiro, o Detetive James. Tenho certeza de que sabe que seu nome foi encontrado na lista de clientes...

— Sim, estou ciente. Eu também estou muito ocupado, detetives, então mais uma vez, como posso ajudá-los? — Eu me recostei na cadeira.

— Talvez devesse ligar para o seu advogado? — sugeriu Detetive Kane um pouco presunçosamente, como se sentisse orgulhoso de saber que me tinha na mira dele.

— Ele é muito caro. Eu só ligo para ele quando estou preocupado. — Fiz um gesto para as cadeiras, oferecendo para que se sentassem novamente.

— Tudo bem, então, vamos direto ao assunto — disse o Detetive Kane. — Você já pagou por sexo, Sr. Rhys-Gallagher?

— Não.

Eles não pareciam convencidos.

— Você disse que sabia que seu nome estava em uma lista de clientes pertencentes à "House of L", um serviço de acompanhantes baseado aqui em

Nova York — Detetive Kane pressionou. Percebi que o segundo detetive não ia fazer nenhuma pergunta. Em vez disso, o velho me observava igual a um falcão.

— Eu já disse que sabia que meu nome estava na lista e sei o que é a "House of L".

— Mas não usou seus serviços?

— Não.

— Então, por que seu nome está na lista?

Dei de ombros.

— Acredito que eles os chamam de detetives, porque o trabalho de vocês é descobrir as coisas. Como eu disse, nunca paguei por sexo, então, se não houver mais nada, senhores, gostaria de voltar ao trabalho agora.

— Estou achando muito difícil de acreditar, Sr. Rhys-Gallagher. Porque, até agora, todos os nomes estão sendo verificados.

— Então meu nome também será, e você não precisaria estar no meu escritório fazendo perguntas. — Eu o lembrei.

— Entraremos em contato, Sr. Rhys-Gallagher. Espero que não tenhamos que lhe dizer para não sair da cidade — disse o detetive mais velho, levantando-se.

— Acredito que isso ficou bem claro. Mas não se preocupe. Estarei aqui. — Assim que que eles saíram, Goldie e Rafael entraram.

— Goldie, esqueça a declaração. — Nada do que eu dissesse melhoraria a situação e eu não divulgaria o nome de Luella por motivo algum.

— Dorian...

— Não. Por que agora tenho que repetir as coisas? — indaguei rispidamente. Ela costumava fazer tudo sem questionar.

Ela cruzou os braços, olhando para mim. Rafael tentou pegar o braço dela, mas ela se afastou.

— Goldie...

— A razão pela qual tem que repetir as coisas é porque não consigo entendê-lo. Você não está pensando direito. Ela realmente vale a pena? Você sempre diz a verdade, sempre, mesmo quando as pessoas não querem ouvir, e também espera a verdade de nós. Só porque gosta dela, não tem que fazer isso.

— Sim, preciso — eu a interrompi, levantando-me. — Esta é a minha empresa, e se eu quiser explodi-la pelos ares, eu posso, e irei. Se minhas escolhas são inteligentes ou não, sou eu quem decide. Fui sido claro desde o começo. Você é minha assistente, não minha esposa ou namorada. Seja qual for o colapso emocional que está tendo, fale logo ou saia da minha frente. Já tenho muitos problemas para resolver.

Sua mão fechou em um punho.

— Por que ela? Eu estou aqui há nove anos. Por que ela?

— Porque você sempre gostou de mim do jeito que eu sou, e eu não — respondi.

Ela olhou para mim por um segundo, com lágrimas nos olhos, mas se segurou.

— Vou voltar ao trabalho, Sr. Rhys-Gallagher. — Ela ainda saiu de cabeça erguida. Isso era a Goldie.

— Não comece, Rafael. — Fui até a janela para olhar os repórteres e manifestantes que ainda gritavam palavras de ordem. Tinha que reconhecer, eles sabiam como aproveitar uma situação ruim.

— Já estava mais do que na hora de vocês falarem sobre isso. Eu não sabia que você tinha percebido os sentimentos por você.

— Não sou idiota. — Bem, não na maior parte do tempo.

Ele se juntou a mim na janela.

— Por que permitiu que ela continuasse trabalhando para você, já que sabia disso?

— Ela é inteligente e eu precisava da ajuda dela quando assumi o comando das empresas. Além disso, ela não está apaixonada por mim, não me conhece como pensa. Ela é uma boa pessoa e gosto dela como amiga, como gosto de você.

— Onde foi parar o carniceiro demoníaco mal-humorado e de olhos mal-encarados, Sr. Rhys-Gallagher?

— E foi aí que eu me arrependi de te chamar de amigo — murmurei, levantando os papéis da mesa.

— Isso logo acabará.

— Sim, assim que eu descobrir como me livrar de Sinclair. — Pausei enquanto ele voltava para a mesa dele. Quando Rafael saiu, eu me inclinei para trás, descansando a cabeça no encosto. Só precisava de um maldito segundo para pensar, mas fui interrompido por sua voz novamente quando me chamou no telefone.

— Dorian, tem alguém na linha com o nome de Eva Sotiropoulos que diz conhecer você e Luella.

Exatamente o que eu precisava naquela manhã, a cria do diabo.

— Passe a ligação.

Querido Deus, espero que Lulu esteja tendo um dia muito melhor do que o meu.



GOLDIE

Respire. Basta respirar. Ele não disse nada que já não soubesse. Recomponha-se, Goldie. Argh, mas que droga tem de errado comigo?

— Sra. Tate?

— Só um segundo. — Tirei os óculos e limpei meus olhos. Finnick estava sem terno e sua camisa cheia de tomate podre. — Ah, a camisa.

— Você está bem, Sra. Tate?

— Quem, eu? — Eu ri sem jeito, abrindo a gaveta de baixo da mesa. — Levei o pé na bunda, oficialmente, de um homem que eu nem estava namorando, então, não, não tem nada de errado. Aqui. — Eu entreguei a ele uma camisa limpa. — Deve servir. Comprei por engano o tamanho errado para o Sr. Rhys-Gallagher, mas deve ficar bem em você.

— Obrigado. — Ele a pegou e depois me olhou nos olhos. — Qualquer homem que a dispense é um maluco. Obrigado novamente pela camisa.

Ele saiu e Rafael entrou na minha sala.

— Preciso sair, mas queria ter certeza de que você estava bem. Pela aparência da maquiagem, eu diria "não". — Ele fez uma careta.

Enfiei a mão na bolsa e tirei um espelho. Mas é claro, eu tinha olhos de guaxinim. Meu rímel e delineador tinham borrado.

— Droga. Será que hoje pode ficar ainda pior?

Vai se foder, segunda-feira. Vai se foder.



LUELLA

Era a inauguração do Hibiscus, o restaurante onde eu trabalhava, e o lugar já estava lotado por volta do meio-dia. Nosso *chef* aparentemente não esperava por isso, então não só estávamos com falta de pessoal, como também estávamos sem o chefe da cozinha, que estava gripado. Foi ótimo para mim porque foi a minha vez de brilhar. Eu me senti como uma super-heroína.

Meu chefe, Jerry, correu para a cozinha enquanto eu salpicava cebola em um prato.

— Nossa, podia te dar um beijo agora, Lulu.

— Isso é loucura — comentei e me virei para o cozinheiro. — Gente, preciso de gengibre.

— Gengibre — disse Kevin, que me entregou um punhado.

Não sorrir foi impossível. Eu era uma *chef*, caramba. Bem, pelo menos uma segunda *chef* interina.

— Continue liberando os pratos, vai ser um dia agitado — avisou Jerry, ajeitando o paletó enquanto voltava para atender os convidados.

— Lulu. — Um dos lavadores de louça se aproximou, com as mangas da camisa enroladas, segurando meu celular. Nem percebi que meu telefone não estava no bolso. — Ligaram duas vezes. O identificador de chamadas diz que é a escola do seu filho.

Abaixando o fogo e limpando a mão, peguei o telefone quando ele voltou a tocar.

— Alô, Luella Thorne falando.

— Sra. Thorne, aqui é a Sra. Hudson, professora do Alaric na Ford Academy.

— Sim, eu sei. Está tudo bem?

— Infelizmente não, Alaric se envolveu em uma briga e está na sala do diretor agora, mas acho que seria melhor para ele se você o levasse para casa.

— Meu Alaric? Ele não briga...

— Bem, ele brigou, ele deu um soco no rosto de outro aluno, e por causa disso, levou uma suspensão de dias.

— O que aconteceu?

— Aparentemente, Alaric acredita que Dorian Rhys-Gallagher, da Rhys-Gallagher National, é o pai dele...

— Alaric acredita nisso, porque Dorian Rhys-Gallagher *é* o pai dele — retruquei, não gostando de como ela disse aquilo.

Ela ficou em silêncio por um instante.

— Bem, um aluno disse algo sobre o Sr. Rhys-Gallagher, e é por isso que Alaric bateu nele, ele disse. Alaric não quer pedir desculpas e não está se acalmando. Sra. Thorne, na Ford Academy, temos uma política rigorosa de não-violência. Se puder vir buscá-lo...

— Estou no trabalho agora, ele não pode só...

— Sinto muito, Thorne, não será possível, ele está muito aborrecido e está fazendo escândalo. — Quanto mais ela falava, mais frustrada eu me sentia, especialmente sabendo muito bem que Alaric estava sendo intimidado.

— Vou arrumar alguém para buscá-lo.

— Sra. Thorne, você conhece a nossa política, somente as pessoas autorizadas na lista podem buscar as crianças.

— Pelo amor de Deus, por... — Eu respirei fundo. — Sra. Hudson, sei que muitos dos seus alunos vêm de famílias bastante ricas, e não precisam se preocupar com seus empregos, mas eu não posso... — Parei de falar. A única outra pessoa autorizada a buscar Alaric era Eva.

— Já estou indo, Sra. Hudson.

— Estou...

Eu a cortei, desligando.

— Tenho dois pedidos de sopa de cebola francesa e uma tartiflette. Falei isso certo? — A garçonete entrou, colocando os pedidos para os outros cozinheiros.

Mas que droga!

— Eu sinto muito, pessoal, um imprevisto surgiu com meu filho — avisei, tirando meu avental. — Diga ao Jerry que peço desculpas por isso.

Tinha a sensação de que meu remorso não seria o suficiente para ele.



DORIAN

Finnick abriu a porta de trás do carro e Eva entrou, um salto de cada vez. Seu cabelo castanho estava amarrado, uma pequena bolsa na mão e óculos grandes cobriam seus olhos.

— Você ligou, eu vim, agora me dê uma razão para eu não acabar com você.

— Use-me para se vingar do meu pai — respondeu ela friamente.

— Que tipo de jogo está jogando agora? Se vingar dele? Uma parte minha tem certeza de que foi você que vazou a lista para ele.

— Isso não é verdade. — Ela tirou os óculos. Havia uma contusão roxa em volta do olho direito. — Ele roubou a lista depois de seduzir minha mãe. Você não fazer nada vai me atrapalhar. Eu cuido da minha família e você cuida da sua.

— Não confio em você...

— Eu sei que não. Você não tem motivos para isso, mas acredite em mim mesmo assim. Eu não quero complicar mais ainda as suas vidas. Quero que sua história com Luella e Alaric seja simples, leve e feliz. Ela merece isso. Luella e Alaric são as coisas mais próximas que já tive de família.

— O lema da família Sinclair é ferir a própria família? Perdoe-me se não acredito em você.

Ela rangeu os dentes.

— Você não precisa acreditar. Mas é a verdade. No começo, eu a usava como todo mundo, mas com o tempo, passei a me importar com eles.

— Não sinto compaixão por você, Sra. Sotiropoulos. Você mentiu para ela por anos. Vá contar a sua história triste para outra pessoa.

— Se eu quisesse sua compaixão, Sr. Rhys-Gallagher, começaria explicando minha vida, mas não iremos por esse caminho. Eu serei a vilã nessa

história. — Ela colocou os óculos de volta. — Sinto muito que esteja sendo arrastado nessa sujeira, não posso consertar ou desfazer todos os danos que causei, mas pelo menos me deixe ajudá-lo.

— Passar bem, Sra. Sotiropoulos — respondi, indicando para ela sair.

— Se mudar de ideia. — Ela me entregou seu cartão antes de sair graciosamente. Ela parecia muito mais fria do que antes. Quase como se tivesse morrido e outra pessoa estivesse no seu lugar.

— Devo ir atrás dela? — perguntou Finnick, voltando para o carro. Eu olhei para o cartão na minha mão.

— Fique de olho nela, mas à distância. — Eu não confiava nela, mas acreditava que ela tinha contas a ajustar com o pai. Não sabia exatamente o que fazer com ela, ainda.

— Sim, senhor — disse ele. A viagem de volta ao escritório pareceu mais longa do que o normal e, com toda a franqueza, não queria voltar. Não queria estar aqui. Queria voltar para os Hamptons. Voltar um pouco antes de tudo ir pelos ares. Mas, ao mesmo tempo, sabia que Sinclair não me deixaria simplesmente fazer o que eu desejava. Ele era o tipo de homem que queria tudo e todos aos seus pés. Ele era obcecado pelo poder que aquilo dava.

Mesmo se contássemos a verdade, não o impediria, nem acabaria com os rumores. A verdade nem sempre era aplaudida e as únicas pessoas que sentiriam qualquer vergonha seriam Luella e Alaric.

Trimmmm.

Pegando o telefone, sorri, o único momento que me sentia capaz de fazer isso.

— Por favor, me diga que está tendo um dia melhor do que o meu.

— Eu vi as notícias. Você está bem? — perguntou ela suavemente.

— Estou bem. Um pouco irritado com todo mundo, mas bem. Adivinha quem quis me ver hoje?

— Quem?

— Eva...

Ela exalou brava e não disse nada.

— Lulu?

— O que ela fez agora? Qual é o problema dela? Por que diabos não nos deixa em paz? Não entendo.

— Acho que não se trata só de você — expliquei, saindo do carro quando Finnick parou nas portas privadas dentro da garagem. — Parece que ela guarda rancor do pai.

— Ou ela poderia ser uma cachorra de duas caras.

Dei risada.

— Sim, essa é uma possibilidade também.

— Sr. Rhys-Gallagher!

Eu me virei para a voz gritando meu nome, e só vi uma onda de pó branco bater no meu rosto.

— PARE! — Finnick pegou o cara e o jogou no capô do carro, prendendo-o antes de ligar para alguém no telefone.

— DORIAN?

Fiquei ali paralisado, completamente coberto com sabe-se lá o que, tentando ficar calmo. *Tentando* era a palavra-chave nessa frase.

— Dorian?

— Eu te ligo depois, Lulu. — Desliguei rapidamente enquanto limpava o rosto.

— Sr. Rhys-Gallagher! — Finnick gritou para mim enquanto outros seguranças desciam as escadas. — Leve-o! LEVE-O! Sr. Rhys-Gallagher, precisamos ir ao hospital, entre!

— Estou bem!

— Nós não sabemos o que é isso, me desculpe, senhor, mas entre no carro! — gritou ele, já segurando a porta aberta para mim.

Lá dentro, joguei o celular de lado e soquei a porra do banco.

— Mas que porra! Puta merda!

Mas que cacete de dia era hoje? Por que parece que as portas do inferno foram abertas?

Caralho!

CAPÍTULO 19

Que destino era esse?



DORIAN

— Sr. Rhys-Gallagher, sou o Dr. Delanoy. Fizemos alguns exames e, felizmente, a substância branca era Lauril Sulfato de Sódio, igual a sais de banho, e não é prejudicial...

— Obrigado, doutor — agradeci, abotoando a camisa nova que Finnick tinha comprado para eu me trocar. Eu estava mais do que pronto ir embora. O último lugar que eu queria estar era em um hospital. — Como pode imaginar, preciso que mantenha a discrição.

— Sr. Rhys-Gallagher, espere!

Eu parei, olhando para o médico idoso atrás de mim.

— Pra quê?

— Você sentiu algum peso no escroto? Uma dor continua no abdômen ou na virilha?

— Não, não senti — respondi, virado de frente para ele agora. — E por que está me perguntando isso?

— Por favor, sente-se, Sr. Rhys-Gallagher. Existe algum histórico de câncer na sua família?

— Não, não existe. E eu prefiro ficar de pé — respondi, sem entender o que estava acontecendo. Não, eu sabia, dava para ver pela expressão neutra, mas calma em seu rosto. No entanto, eu me recusei a acreditar no que ele estava tentando me dizer. — Você está tentando me dizer que eu tenho câncer? Eu? Dr. Delanoy, eu não bebo, não fumo, corro e me exercito quatro vezes por semana, me alimento de forma tão saudável que chega a ser triste. É impossível que eu tenha câncer.

— Por favor, sente-se, Sr. Rhys-Gallagher — ele repetiu, sentando-se do outro lado da mesa. Ele esperou que eu finalmente me sentasse para continuar.

— A boa notícia, e mesmo que não pareça boa, acredite, descobrimos bastante cedo, o que nos dá uma chance melhor de combater a doença. O câncer de pâncreas precisa ser tratado rápida e agressivamente... — Ele continuou, me mostrando as radiografias que tinham feito quando eu cheguei, junto com o exame de sangue. Ele falou e falou, e eu o ouvi, mas não consegui entender o

que estava dizendo.

— Quais são as minhas chances com a cirurgia? — perguntei. Parecia que eu estava me ouvindo falar, como uma experiência extracorpórea. Eu estava entorpecido.

— O primeiro estágio do câncer pancreático A1 significa que está completamente dentro do pâncreas e tem mais ou menos dois centímetros de tamanho. A taxa de sobrevivência para pessoas com este tipo de câncer é de cerca de vinte e sete por cento, no entanto, ainda precisamos fazer mais exames e...

Tudo depois dos "vinte e sete por cento" parecia um ruído ao fundo. Fiquei esperando para acordar, para que esse pesadelo acabasse, para ir para casa ficar com Luella e Alaric.

Porra. O que eu ia dizer a eles?

O que eu ia dizer para Alaric? Quantas vezes ele me implorou para não ficar doente? Mas eu não sentia nada. Eu me sentia bem. Não conseguia entender. Então como poderia esperar que um garotinho entendesse? E quanto a Luella? Outro Rhys-Gallagher doente. Ela teve que tomar conta de Donovan e agora precisa cuidar de mim também? Que tipo de vida era essa? Que tipo de destino era esse? Destino existia mesmo? Quando ela descobrisse, desmoronaria, e tudo que eu conseguia enxergar era ela e Alaric chorando. Eu estava causando sofrimento a eles. Queria que eles experimentassem só alegria, e eu ia acrescentar mais dor ao que já viveram. Eu tinha vinte e sete por cento de chance de estar aqui, com eles, vivo, por cinco anos. Então, se eu tivesse sorte, veria Alaric chegar aos dez anos? Mas e se eu não tivesse sorte? Poderia morrer dentro de meses.

Durante todos esses anos, lutei para ser saudável, para evitar os erros que minha família cometeu e, ainda assim, eu ia morrer jovem? Talvez sejamos simplesmente amaldiçoados. Talvez não fosse para nós envelhecermos. Mas eu queria. Queria tanto crescer com ela, com eles.

— Sr. Rhys-Gallagher, chegamos.

Olhei de relance para fora do carro e vi o prédio de apartamentos de Luella e Finnick me observou atentamente, mantendo a porta aberta. *Como é que vim parar aqui dentro? Quando foi que saí do hospital?*

— Obrigado — sussurrei, saindo.

— Desculpe, senhor, mas você está bem?

— Não se preocupe com o amanhã, Finnick.

— Boa noite, senhor — respondeu ele, e eu apenas assenti, subindo as escadas. Digitei o código para entrar e a porta da frente abriu.

Subindo as escadas, não sabia o que fazer ou dizer. Tentei pensar no que

viria a seguir, mas continuei vendo o rosto de Donovan quando ele assinou aquela ordem de não ressuscitação enquanto estava morrendo. Como ele parecia fraco e doente. Era assim que eu ia ficar quando fizesse a quimioterapia? Ela teria que olhar para mim desse jeito?

Eu não queria.

Era estranho ter que bater na porta do apartamento dela. Não conseguia me lembrar da última vez que tive que bater em uma porta. Assim que bati, ela a abriu com um grande sorriso naquele rosto bonito.

— Olá, seja bem-vindo! — Ela sorriu.

— Oi...

— Papai! — Alaric correu, abraçando-me apertado. Ele pareceu uma pequena bola de boliche quase derrubando as minhas pernas. Coloquei a mão em sua cabeça, e ele sorriu quando olhou para mim. Foi só então que notei um curativo no queixo e alguns nas mãos.

— O que aconteceu? — perguntei rapidamente, me inclinando para olhá-lo.

"Conta para ele." Luella cruzou os braços, com a expressão brava olhando para ele.

Ele abaixou a cabeça e sinalizou.

"Briguei na escola."

— Ele o quê? — Eu olhei para ela.

Franzindo a testa, ela confirmou.

— Alaric. — Eu bati no ombro dele, forçando-o a olhar para mim. *"Por quê?"*, sinalizei

Seu lábio tremeu, e ele abriu a boca para falar, mas simplesmente não conseguiu, deixando que Luella traduzisse.

"Eu fui para a escola e disse a todos que você era meu pai, e eles não acreditaram em mim. Continuei dizendo isso, e eles continuaram me chamando de mentiroso. Então Andy disse que o pai dele te chamou de porco imundo, então eu bati nele, e..."

Ele parou, tentando limpar o rosto, e eu passei meu lenço para ele. Eu nem sequer me encolhi quando ele limpou o nariz escorrendo no tecido.

Ele entrou em uma briga me defendendo. Não pude deixar de me orgulhar dele.

"Alaric, por que está chorando?"

"Estou com raiva e triste." Ele bateu as mãos uma na outra com mais força do que precisava.

"Sou seu pai e não sou um porco imundo. Então você estava certo. E quando se está certo, você não chora."

Ele pensou sobre o que eu disse e um sorriso brotou lentamente em seu rosto.

"Eu estava certo."

Luella tossiu.

— A briga.

"Mas você não precisa usar seus punhos para provar isso", acrescentei.

— Desculpe — murmurou, embora ele não parecesse estar arrependido.

— Só porque está suspenso, não quer dizer que não tem lição de casa. Diga boa noite e vá fazê-la — disse Luella.

— Boa noite. — Ele nos abraçou e correu para seu quarto.

— Ele foi suspenso? E o garoto que começou? — perguntei, depois de entrar na sala.

— Ah, confie em mim, a mãe do garoto e o maldito diretor ficaram de orelhas quentes. — Ela caiu no sofá. — Eu também fui demitida.

— Demitida? — perguntei, sentando ao lado dela.

— Alaric estava aborrecido, e sua professora estava sendo uma... Precisei sair do trabalho. Pretendia usar meu intervalo, mas quando cheguei lá, tive que me sentar para uma reunião. Quando voltei, meu chefe estava bravo. Vou esperar um dia antes de ir implorar para ele me aceitar de volta.

— Por que não me ligou?

Ela pegou o controle remoto, ligando a televisão.

É claro que fontes estão dizendo que Dorian Rhys-Gallagher, CEO da Rhys-Gallagher National, não estava apenas na lista de clientes que usavam acompanhantes da "House of L", mas também tinha um filho. Isso aconteceu logo após o fechamento de doze lojas da E&E na cidade, os manifestantes agora estão se reunindo do lado de fora de sua...

Eu desliguei a TV.

— Parece que você está cheio de problemas — disse ela sem rodeios. — Se quiser contar que...

— Logo tudo isso acaba.

— Não parece. Está com cara de avalanche mesmo.

Segurando suas mãos nas minhas, eu as beijei.

— Tudo vai ficar bem. Nós vamos superar isso e seguir em frente com nossas vidas.

Ela encostou a cabeça na minha.

— Nossas vidas. Eu gosto do som disso. É cedo demais para te dar uma gaveta na cômoda ou algo assim?

— Aceitarei alegremente qualquer coisa que você me der — sussurrei, beijando o topo de sua cabeça. Não ia contar para ela. Não hoje, pelo menos.

Muita coisa aconteceu e eu não queria que ela olhasse para mim de forma diferente. Agora, a única coisa que me mantinha são era ela e Alaric. Sentir seus

braços ao meu redor, saber que ela dependia totalmente de mim, fez com que eu me agarrasse ao que tínhamos.

— Vamos fazer um passeio amanhã — sussurrei.

Ela olhou para mim.

— Um passeio?

Eu assenti.

— Lembra que você queria me levar para passear pela cidade? Vamos amanhã. Você, eu e Alaric.

— Você tem certeza? E o trabalho...

— Tenho certeza.

CAPÍTULO 20

A Destruidora de Corações



LUELLA

Dorian colocou Alaric sentado nos ombros dele enquanto atravessávamos a ponte. Com seu nome e rosto espalhados pela mídia, fiquei preocupada que alguém o reconhecesse. No entanto, pude perceber porque ninguém fez isso. Vestido com jeans e uma camisa casual, boné e óculos de sol, ele parecia uma pessoa completamente diferente. Apenas um pai comum. Bem, um pai muito gostoso, mas não deixava de ser um pai.

— Seu sorvete está derretendo. — Ele apontou para o copo na minha mão.

— Estou cheia — respondi, mas tomei mais um pouco.

— Divida então.

— Ah, é?

Ele não disse nada e abriu a boca. Rindo, coloquei uma colher de sorvete na sua boca.

— *Ugh*... Que sabor é esse. — Ele estremeceu ao engolir.

— Maçã, kiwi e pistache.

— Três coisas que nunca devem ser misturadas em um sorvete. — Ele fez careta, tentando se livrar do gosto da boca.

Tomei mais e revirei os olhos.

— O quê? Tem o gosto bom.

— Tem gosto de coisa errada. — Ele riu, fazendo Alaric acenar para mim, sem saber o que era tão engraçado.

"Papai não gosta do meu sorvete", expliquei através dos sinais.

— Quero experimentar — disse ele em voz alta.

Eu o olhei feio. Ele tomou seu sorvete, metade do sorvete do Dorian, e agora estava atrás do meu.

— Que foi, tem medo que ele não goste? — Dorian parou, e não consegui ver seus olhos através dos óculos escuros, mas, pelo sorriso na boca, deu para perceber que estava zombando de mim.

— Abaixe-se e se prepare para cair do cavalo. Meu filho ama todas as comidas — ironizei, já pegando a colher.

Ele se abaixou e Alaric se inclinou, abrindo a boca. Ele tomou um monte e sorriu. Eu esperei.

“E aí?”

Ele fez a mesma cara que Dorian, sacudindo a cabeça para mim.

“É ruim, mamãe.”

Dorian riu e levantou a mão para fazer um “*high-five*” com ele.

— Vamos nos limitar aos clássicos. Baunilha, chocolate, e se estivermos nos sentindo muito loucos, morango. Mas nada de maçã, kiwi e pistache.

Eu zombei, balançando a cabeça.

— Vocês dois precisam ampliar seus horizontes! O mundo é grande e cheio de gostos maravilhosos.

Dorian levantou a mão para que Alaric pudesse ver, copiando o sinal que Alaric havia feito antes.

“Baunilha, por favor.”

“Sim, mamãe. Baunilha, por favor”, sinalizou Alaric, rindo.

“Esta é a última vez que divido meu sorvete”, eu disse antes de, feliz da vida, dar outra mordida.

Eles deram risada de mim outra vez, e eu parei, olhando para o horizonte.

— Rapaz, eu nunca me canso de ver isso.

— Eu sei como é — respondeu Dorian, e quando olhei de volta para ele, é claro que ele estava olhando para mim e não para o horizonte.

— Cafona!

— E você ama isso.

Amava.

Ele estendeu o cotovelo para mim, e eu o segurei, colocando o queixo em seu ombro só para poder sussurrar:

— E eu amo você.

Ele congelou, e quando me olhou, eu estendi a mão, tirei os óculos escuros e beijei seus lábios rapidamente.

— A gente devia tirar uma foto antes de ir para o outro lado da ponte — sugeri, colocando seus óculos de volta. Enfiei a mão dentro da bolsa e peguei meu celular antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

Educadamente, eu pedi a alguém que passava para tirar uma foto nossa e, depois que entreguei o celular, fui para o lado de Dorian.

— Tudo bem... Um, dois e três...

Assim que a mulher disse “três”, ele se inclinou e beijou minha bochecha.

— Haha, legal, vocês são fofos — comentou ela, me devolvendo o telefone.

— Obrigada — respondi, olhando para Dorian. Ele desceu Alaric, que virou e sorriu para ele.

Dorian bagunçou seu cabelo, e eu tirei pelo menos uma dúzia de fotos até os dois olharem para mim.

— Para onde agora? — perguntou.

— Que tal... — parei quando senti uma gota de água no nariz.

Foi uma. Depois, outra, e então a chuva desabou sobre nós feito uma cachoeira.

— Vamos! — disse Dorian. Ele pegou Alaric com um braço, segurou a minha mão e começou a correr a curta distância da ponte.

A água caía forte, ensopando meus sapatos e me fazendo tremer, mas apertei mais forte a mão dele e ri. Fizemos o que a maioria das pessoas fizeram e procuramos abrigo em um dos bares. Só quando entrei e ouvi uma antiga música e vi a velha *jukebox* contra a parede de tijolos, que me virei, olhando por cima da porta, e encontrei a palavra “Shameless” no topo.

— Nós deveríamos ir...

Ouvi a voz dele atrás de mim.

— Ora se não é A Destruidora de Corações.

Merda.

Girando, vi o homem alto, de cabelos grisalhos, com óculos escuros de armação grossa, chapéu de corte reto e a camisa preta que era sua marca registrada, em pé atrás do bar, servindo uma bebida para o homem à sua frente.

— Chefe.

Ele olhou por cima do meu ombro.

— Faz tempo que não te vejo, Dorian.

Fiquei boquiaberta e olhei para Dorian quando ele tirou o boné molhado.

— Louden — ele o cumprimentou.

— Vocês já se conhecem?

Dorian assentiu.

— No funeral.

Ah. Eu me esqueci completamente disso. Louden levou todos os amigos de Donovan ao funeral, claro que se conheciam.

— Mamãe.

Olhei para Alaric quando ele me chamou, tentando limpar seu rosto. Foi então que me lembrei de que ainda estávamos todos encharcados. Eu me abaixei e tentei tirar a água do rosto dele.

— Não fique aí parada, Destruidora de Corações, pegue toalhas lá nos fundos — Louden gritou para mim. — Estão no lugar de sempre.

— Por favor, pare de me chamar assim — murmurei para ele antes de

virar para Dorian. — Vou buscar algumas toalhas. Sentem-se.

— Uma vez Destruidora de Corações, sempre Destruidor de Corações. — Louden riu enquanto eu dava a volta pelo bar, indo para os fundos.

De todos os bares, acabamos no... “Shameless”? Não vinha aqui havia anos. Embora não desse nem para notar. Tudo era exatamente igual, até os recados escritos à mão na parede de tijolos. Parei quando vi meu nome escrito ao lado dos toalheiros e, bem ao lado, uma flecha indicando as palavras: “deveria ligar para Don”, seu número antigo ainda ali, com linhas pontudas.

Pegando as toalhas, saí rapidamente. Não queria que Dorian se sentisse desconfortável. Donovan e eu estávamos em todo este lugar porque passávamos muito tempo aqui. Não tinha certeza do que ele podia ver, mas não queria arriscar. No entanto, porque estava com uma onda de azar, quando saí Dorian olhava algumas fotos Polaroid penduradas na parede. Alaric, o verdadeiro monstro da comida, já tinha um cardápio nas mãos, todo animado.

— Nós podemos ir embora se você quiser — ofereci, entregando uma toalha antes de colocar na cabeça de Alaric. Ele apontou para waffles, e aquilo me lembrou de Donovan. A hora que fosse, ele vinha comer waffles.

— Acho que Alaric teve uma boa ideia — Dorian riu, tirando os óculos e enxugando o rosto. Ele sorriu para Alaric e sinalizou. *Está com fome?*

— Você não precisa...

— Lulu, eu estou bem — afirmou ele e olhou em volta. — Na verdade, melhor do que bem. Estou com um pouco de ciúmes.

— Eu...

— Meu irmão sempre teve mais amigos. — Ele riu, apontando a parede. — A alegria da festa.

— Sim — respondi baixinho quando Alaric levantou o cardápio de novo. Eu olhei para ele, e ele fez beicinho, apoiando a cabeça na mão, obviamente, não gostando de não ser o centro das atenções. Se pudesse me concentrar só na vontade, eu queria comer.

— É verdade, Lulu, estou feliz. Vamos comer. Além disso, ainda está chovendo. — Dorian pegou o cardápio. Eu olhei ao redor do bar. Estava quase vazio, com exceção de nós, Louden e dois homens assistindo a um velho jogo de beisebol na TV. Eles estavam completamente imersos no próprio mundo.

— Louden, vai anotar nosso pedido? — eu o chamei quando ele balançava a cabeça para frente e para trás ao som da música.

Ele parou e olhou para mim.

— Esse é o trabalho da garçonete.

Voltei a olhar através do bar.

— Não tem garçonete.

— Sim, porque foi embora e desistiu de mim. Se ela e seu convidado estão com fome, ela sabe o que fazer. Quero dizer, é o mínimo que poderia fazer depois de me deixar com o quadro de funcionários reduzido.

— Já faz quatro anos!

— Exatamente, você deveria se sentir ainda pior! Perdi metade dos meus clientes por sua causa.

— Por minha causa? — Eu levantei. — Mas o que foi que eu fiz?

— Todos os rapazes bonitos que só vinham para te ver pararam de vir. Devia ter visto a cara deles quando eu contei que tinha me deixado, Destruidora de Corações. — Ele suspirou mais alto que o necessário.

— Você é ridículo. — Eu revirei os olhos. — E pare de me chamar assim.

— Rá. — Dorian tentou não rir, mas aparentemente alguma coisa era hilária, e ele riu com o coração. Quando eu olhei para ele, fingiu estar tão interessado no cardápio quanto Alaric, e até mostrou algumas sugestões para ele.

Era tudo tão bobo, mas não pude deixar de rir. Quero dizer, quais eram as chances? Depois de todo esse tempo, eu estava de volta onde eu comecei – em um bar chamado “Shameless” com um Rhys-Gallagher.



DORIAN

Luella e Donovan tinham o mesmo talento. Eles podiam facilmente entrar nas conversas e se relacionarem com as pessoas. Mesmo depois de quatro anos, ela se enturmava muito bem, nunca perdendo o ritmo. À medida que a tarde seguia, mais e mais pessoas entravam no bar. Todos eles se lembravam dela e todos ainda me davam condolências, dizendo o quanto sentiam falta do meu irmão. Eu não estava mentindo para ela quando disse que estava com ciúmes.

Todos eles ainda gostavam dele. Ainda se lembrando, relembrando das histórias do meu irmão. Quando eu morresse, não teria isso. Eu construía e derrubava empresas, mas nunca construí relacionamentos verdadeiros. Eu os evitei, enquanto Donovan mergulhava de cabeça. Talvez seja por isso que ele ainda parecia vivo aqui. Fotos dele rindo, cercado por pessoas que realmente se importavam, estavam por toda parte.

— Dorian?

Tirando meu olhar das fotos, olhei para Luella, A Destruidora de Corações, segurando um Alaric adormecido no colo. Ela estendeu a mão e tocou meu braço.

— Vamos para casa — sussurrou.

Concordei com a cabeça, levantando junto com ela.

— Louden, te vejo daqui a quatro anos! — Luella acenou para o homem atrás do balcão, só que agora muito mais ocupado do que antes.

— A porta está sempre aberta! — Ele piscou para ela.

Ela balançou a cabeça, mas não disse mais nada, não que fosse capaz com a música. Nós saímos, e eu acenei para um táxi, segurando a porta aberta para ela entrar quando parou no meio-fio. Assim que me sentei, senti meu celular vibrar. Peguei-o do bolso e vi quatro chamadas não atendidas da Goldie, além de outras nove de acionistas e, por último, um lembrete do hospital. Deletei tudo e recostei-me no assento. Torcia para que por um dia, só um dia, pudéssemos ser apenas uma família normal. Mas quanto mais nós ríamos, e quanto mais eu a via e Alaric sorria e falava, menos queria contar a ela. Não queria destruir tudo. Com a gente.

Tantas coisas passaram pela minha cabeça.

Não dizer nada a eles.

Mentir e sair para fazer o tratamento.

Não fazer o tratamento e passar os últimos meses que eu tinha vivendo como fizemos hoje.

Ficar longes deles.

Não falar por mais alguns dias.

Eu pensei nisso tudo. Então ela disse aquelas três palavras. Disse que me amava, e foi como se ela me puxasse de volta para ela.

— A porta — disse ela, me pedindo ajuda quando voltamos para o prédio. Segurei a porta aberta para ela entrar e a segui pelas escadas, em direção à porta da frente. — Vou trocar a roupa dele e o deixarei dormir um pouco. Você deveria se trocar, também.

Eu olhei para a minha camisa enrugada e úmida. Indo para o banheiro dela, tirei a camisa e parei para olhar meu reflexo no espelho.

Como podia estar doente?

Eu não sentia nada de errado!

Não parecia doente!

Tentei falar, mas minha garganta ardia, tudo doía. Queria fugir disso, mas para onde eu podia ir quando meu próprio corpo estava me atacando?

— Droga! — gritei, descontando no espelho à minha frente sem pensar. A força do meu soco o estilhaçou, e o vidro cortou meu punho. — Mas que idiota — murmurei sozinho, puxando minha mão para trás e me abaixei para procurar qualquer coisa que pudesse parar o sangramento.

— Dorian!

Antes que eu tivesse a chance de piscar, Luella estava no banheiro, com

uma toalha rosa escura na mão. Ela envolveu meu punho.

— O que aconteceu? O que foi?

Sentei no chão do banheiro, colocando a mão por cima da dela que estava sobre o meu punho. Não é assim que eu queria contar a ela. Não queria que me visse assim.

— Estou cansado, Lulu — sussurrei. — Estou tão cansado.

Ela se ajoelhou na minha frente e abriu a boca para falar, mas depois a fechou. Ela fez mais uma vez antes de finalmente falar.

— De mim? Está cansado de mim? Foi o que eu disse na ponte? Peço des...

— Não. Não. Não — respondi, aborrecido por fazer com que ela pensasse isso. — De você não. E, definitivamente, não tem nada a ver com o que disse na ponte. Você seria a última coisa de quem eu me cansaria.

— Dorian, fale comigo, não estou entendendo. O que aconteceu? — implorou ela. Ela só não percebeu o que estava implorando. A verdade não ajudaria a nenhum de nós.

— Não quero te fazer sofrer. Não quero que chore por minha causa.

— Agora você está me assustando.

— Eu também te amo, Lulu. — Precisava que ela soubesse disse primeiro, pelo menos. — É porque eu te amo e porque ainda estamos apenas no começo, que não sei como te dizer...

— Dizer o que?

Eu não falei.

— Dorian, seja o que for, estarei bem aqui. Fale comigo, querido, por favor, porque agora você está me as...

— Estou com câncer, Lulu.

Olhando em seus olhos castanhos esverdeados, vi seu coração partir.

Ela ficou imóvel só por um segundo antes de se concentrar na minha mão.

— Precisamos limpar isso.

Ela se levantou e abriu o armário ao lado da porta, retirando um kit de primeiros socorros. Silenciosamente, ela voltou e se sentou na minha frente, abrindo a caixa. Eu não disse nada e nem ela, que tirou a toalha devagar antes de pegar um cotonete e um pouco de álcool, passando por cima da minha pele. Doeu, mas o olhar em seu rosto doía mais. Estendendo a mão, segurei seu rosto e a aproximei até que ela apoiou a testa na minha.

— Eu sinto m...

— Só lamente se não estiver disposto a lutar contra isso — murmurou ela, olhando nos meus olhos. — Nós vamos lutar contra isso, tá bom? Nós

podemos lutar contra isso, certo?

Nós vamos... Nós... Se ela soubesse como era reconfortante e doloroso ouvir essas palavras dela.

— Não quero que você me veja assim...

— Como te vejo agora é tudo o que importa. Não pode me dizer que me ama e depois me deixar. É cruel.

Ela mordeu o lábio para conter as lágrimas em seus olhos, e eu, também.

— Você realmente sabe como escolher um companheiro, Sra. Thorne.

Tentei brincar, mas as palavras não saíram. Em vez disso, quando eu pisquei, as lágrimas caíram. Eu não queria partir.

— Dorian — Ela me abraçou, beijando meu rosto.

Passei os braços ao redor dela e apertei com força.

— Vou lutar, eu juro.

CAPÍTULO 21

Nunca me deixe



LUELLA

Dorian segurou a mão de Alaric enquanto subíamos as escadas da escola. Alaric geralmente se arrastava quando ia estudar pela manhã. No entanto, hoje ele parecia ser o único a arrastar Dorian. Nada, nem ninguém estragaria este momento para ele. Seu pai estava o levando para a escola. Era algo importante. Era ainda mais para os outros pais cujas babás estavam nos observando de seus carros. Queria poder sentir mais satisfação com o olhar em seus rostos, mas sabia que eles provavelmente tinham visto as notícias nos últimos dias. Ser o filho de Dorian Rhys-Gallagher serviria de mais material para fofocar. Pensei em mudá-lo de escola, mas diante dos acontecimentos atuais, a última coisa que queria fazer era perturbar ainda mais a vida de Alaric. Além disso, quando perguntei a ele, a resposta foi: “E meus amigos?”.

— Lulu? — Dorian me chamou quando parou do lado de fora da sala de aula de Alaric. Ele me deu um pequeno sorriso e segurou minha mão.

Eu a apertei firme, não porque estava nervosa, mas porque fez meu coração disparar e querer segurá-lo mais. Era como se eu estivesse me segurando a uma tábua de salvação.

— Meu pai! — Alaric proclamou em voz alta quando entramos.

Sua professora, a mesma mulher que o mandou para a sala do diretor porque achava que ele era um mentiroso, ficou olhando fixamente com os olhos arregalados para Dorian antes de olhar para mim.

— Sra. Hudson, este é Dorian Rhys-Gallagher, o pai de Alaric. — Fiz uma pausa, virando-me para ele. — Dorian, esta é a Sra. Hudson, professora de Alaric.

Ele sorriu educadamente e estendeu a mão para ela.

— Sra. Hudson, prazer em conhecê-la. Queria agradecer por tomar conta de Alaric, tivemos uma grande conversa sobre não recorrer à violência, mesmo quando as pessoas julgam ou são rudes. Espero que não tenhamos mais problemas.

— Sim... uh… Obrigada ter vindo. É sempre um prazer ter Alaric em aula. — Ela sorriu um pouco antes de apertar a mão dele.

Eu olhei para Alaric e fiz o sinal positivo para ele. Ele sorriu e correu até algumas crianças da sua classe que estavam começando a entrar. Sorri quando uma das meninas fez o sinal de “oi” para nós... Bem, para Dorian.

Dorian percebeu e respondeu com o mesmo sinal, antes de se concentrar na ruiva à nossa frente.

— Obrigado pelo seu tempo.

— Não há de quê. — Ela assentiu.

Dorian e eu fizemos tchau para Alaric, e ele acenou de volta, alegremente tirando a mochila e sentando-se a sua mesa. Dorian e eu não falamos nada quando saímos. Finnick estava do lado de fora do carro, segurando a porta aberta para nós. Eu entrei primeiro, algo que já estava me acostumando, seguida por Dorian. O silêncio entre nós não era estranho, mas pesado. Nós conversamos a noite toda sobre seguir adiante, de como o dia se desenrolaria. E assim, não havia mais nada a dizer. Tudo o que podíamos fazer era nos segurar um ao outro e atravessar aquela tempestade. Tentei me concentrar em uma coisa de cada vez, porque se eu me deixasse levar, me perdesse em meus pensamentos, meu coração começaria a sofrer, e o medo se infiltraria – e uma vez que o medo se aproximou, eu me vi pensando na taxa de sobrevivência de quem tem câncer de pâncreas.

Descansando a cabeça em seu ombro, ele apertou minha mão e beijou o topo da minha cabeça. Paramos no semáforo, e eu olhei para o outdoor, vendo as imagens mudarem, quando as palavras “citação do dia” apareceram.

“VIDA: NÃO É TÃO RUIM QUANTO VOCÊ PENSA. AFINAL, AINDA ESTÁ AQUI, E COMO ISSO É MARAVILHOSO”.

Fiquei olhando aquelas palavras até o carro começar a se mover novamente. Não sei por que, mas sorri. Estava usando roupas de grife, sapatos de salto e joias no banco de trás de um carro com motorista, dirigindo pela Times Square, com um homem que me amava. Se alguém dissesse para mim aos dezesseis anos que esta seria a minha vida, eu teria cruzado os dedos e rezado para que se realizasse.

A vida tem sido dura.

Sofri repetidas vezes.

E ainda assim aqui estava eu.

Eu sobrevivi a essa dor – briguei, me comprometi e lutei –, mas sobrevivi. Não deixaria esse medo me quebrar.

— Dorian. — Sentei direito e olhei para ele, vendo que já estava olhando para mim. —Você não teria uma casa no Hyde Park, em Nova York, não é?

— Como? — Ele riu e depois sacudiu a cabeça. — Não, não tenho.

— Ano que vem, quero ir para o Instituto de Culinária da América, mas

fica a umas duas horas de distância da minha casa. Não sei se você ou Alaric gostariam de ir e voltar da cidade todos os dias. Então, como você não tem, vou comprar um para nós. Agora eu sou rica.

Ele riu de mim.

— Se vai falar desse jeito, deve pelo menos esnobar com gosto. Qualquer um pode comprar uma casa. Vou buscá-la de helicóptero.

— Não está falando sério.

— Paga pra ver.

— E você sabe pilotar um helicóptero? — perguntei. Ele fez uma pausa e eu sorri. — Não sabe, então suponho que você vai me pegar, Finnick?

— Claro, senhora. — Finnick assentiu, encontrando meus olhos no espelho retrovisor.

— Finnick, você tem licença para ensinar? — perguntou Dorian, sem perder a batida.

— Tenho sim, senhor.

Dorian assentiu.

— Pronto, agora vou aprender.

Fiquei ligeiramente boquiaberta, e balancei a cabeça para ele antes de rir.

— Tudo bem, você aprende a voar, eu aprendo a cozinhar.

— Então abriremos um restaurante voador? — provocou.

— Agora você provoca, mas já consigo visualizar — disse eu, voltando a me recostar ao lado dele. — Quero dizer, ainda vai demorar pelo menos mais quatro anos para abrirmos, dois anos estudando e outros dois anos, cozinhando em outros lugares. Mas tenho certeza de que o grande Dorian Rhys-Gallagher pode descobrir os detalhes administrativos do negócio durante esse tempo.

— Então, daqui a cinco anos, como é mesmo que será o nome desse restaurante?

— O Carniceiro no Céu?

Ele riu tanto que se sacudia todo, e eu também.

— Soa saboroso.

— Bem, não em inglês. Tenho certeza de que soa muito melhor em francês.

— Le boucher dans le ciel? — perguntou com um sotaque francês sexy. — Na verdade, soa muito melhor.

— Mas é claro que você sabe francês! — Suspirei em voz alta e tentei repetir o que ele disse. — Le boucher dans le ciel...

— Soa ainda melhor quando você diz.

Antes que eu pudesse responder, o carro parou na frente do edifício dele. Não havia tantos manifestantes como antes, mas havia muito mais veículos de

notícias.

— Pronto? — perguntei.

— Fique perto de mim — sussurrou ele, beijando minha mão. Ele saiu primeiro quando Finnick abriu a porta.

Eu vi Eva já esperando nas portas de vidro.

Por favor, por favor, não me apunhale pelas costas outra vez. Hoje não. Hoje, eu esperava que ela fosse mais da amiga que eu sempre conheci e menos do monstro que eu via agora.



DORIAN

Olhei para as câmeras, para os repórteres e para o mar de pessoas reunidas para assistir o que seria um dos dias mais difíceis da minha vida. No entanto, não podia deixar isso transparecer. Não podia deixar nada além de confiança, do meu comportamento habitual, aparecer.

— Pedi esta conferência hoje porque ficou claro que não falar alimentou mais a raiva e a desinformação já existentes. Então, primeiro, eu escuto e vejo o medo e a raiva em muitos dos fechamentos das lojas da E&E, e embora possa parecer muito difícil de acreditar, eu entendo. Agora sei como é não saber como você vai sobreviver no futuro. Dito isso, nada poderia ser feito para salvar a E&E, e mesmo que não precisássemos, a Rhys-Gallagher National não apenas enviou planos alternativos de trabalho, mas também disse a todos os funcionários com meses de antecedência para que eles e suas famílias tivessem tempo de procurar por alternativas, e aqueles que estivessem prestes a se aposentar no momento do fechamento ainda serão pagos. Nós não podemos e não podíamos salvar a todos, no entanto, fizemos tudo que estava ao nosso alcance. — Eles digitavam em seus computadores e olhavam para o conto de onde Luella, Goldie e Rafael estavam observando. Luella parecia tão nervosa que você pensaria que ela era quem estava falando. Foi estranhamente reconfortante. Tudo nela me fazia sentir que o peso do mundo não estava mais nos sobre os meus ombros.

— Em segundo lugar, nas recentes alegações, quero ser claro. Não paguei, nem nunca paguei por um encontro sexual com ninguém. Quem me conhece pessoalmente não diria algo diferente. Não é meu perfil. No entanto, está no caráter de outros no mundo dos negócios caluniar e enganar o público para benefício próprio, como verão em breve. Mas antes de explicar, gostaria de pedir desculpas aos acionistas e funcionários da Rhys-Gallagher, que nos últimos dias enfrentaram assédio, tanto pela imprensa quanto pelo público, por

simplesmente estarem associados a essa empresa. A Rhys-Gallagher National espera o melhor de todos aqueles que trabalham aqui, e eu não sou diferente. E mesmo desejando enfrentar essa tempestade, infelizmente minha saúde não me permitirá isso neste momento. A partir de agora, estou deixando o cargo de CEO da Rhys-Gallagher National Holdings e deixo a empresa da minha família nas confiáveis mãos de Marigold Tate.

O queixo dela despencou e ela jogou as mãos para o alto como se estivesse tentando me estrangular. E apenas gesticulou com a boca: *"Mas que diabos está fazendo?"*.

Eu sorri. *Devia ter dito a ela primeiro. Ora, agora já foi.*

— Sr. Rhys-Gallagher, se não fez nada de errado, por que está deixando o seu cargo? — um repórter perguntou.

— Como eu disse, é devido à minha saúde. Nos próximos dias, a Rhys-Gallagher National divulgará uma declaração oficial — respondi.

— Você disse que os outros estão em busca de caluniar e enganar o público? — perguntou outro.

Eu olhei para onde Eva estava sentada, toda vestida de preto. Quando acenei para ela, ela se levantou e caminhou até o púlpito. Eu desci, dando espaço para ela subir.

— Meu nome é Eva Sotiropoulos, sou a filha legítima de Roman Sinclair e de Madame L, da agora, infame "House of L". Ao longo dos anos, fui responsável por encontrar mulheres para trabalhar na "House of L", e meu pai orquestrou festas e eventos para muitas das mulheres da organização. Ele fez isso com um único objetivo em mente: amarrar, chantagear e extorquir rivais comerciais do Grupo Sinclair. Muitas vezes, foi fácil envolver os homens com a "House of L", no entanto, havia alguns que não queriam saber disso, sendo um deles o Sr. Dorian Rhys-Gallagher, que sofreu uma armação e chantagem do meu pai, que ao fazê-lo, conseguiu milhares de dólares dele. Ao Sr. Rhys-Gallagher, e para aqueles que eu machuquei, manipulei e traí, — ela olhou para cima, e eu sabia que ela estava olhando para Luella, — peço desculpas. Jamais conseguirei mudar o que fiz, e um pedido de desculpas nunca será suficiente para compensar o que devem ter sentido, mas me arrependo profundamente e trabalhei com as autoridades para reparar meus erros. Obrigada.

Todos fizeram perguntas, e eu sabia que aquilo seria o começo de uma longa batalha para ela. Roman não deixaria isso passar batido. Mas todos nós tínhamos nossas batalhas para enfrentar. E eu precisava começar a encarar a minha. Fiz o máximo que pude por aqui, mas tinha certeza de que Goldie conseguiria lidar com tudo. Olhando para ela, vi Rafael a abanando com a mão enquanto ela olhava feio para mim.

Ela vai ficar bem.

Eu olhei para Luella, mas ela estava olhando para Eva.

Parecia que ainda tinham o que resolver.



LUELLA

— Você parecia muito arrependida — comentei, me sentando ao lado de Eva, perto das janelas na sala de Dorian.

Ela segurou apertado a garrafa de água na mão.

— Era esse o meu objetivo.

— Você pode... pode acabar indo parar na prisão por isso.

— Se eu acabar com a minha mãe e o meu pai, sairei por bom comportamento em pouco tempo — disse ela casualmente. Minha cabeça virou para ela tão depressa que quase machuquei o pescoço. Ela apenas riu de mim. — Brincadeira... Bem, mais ou menos, eu meio que acabei com Roman, por outro lado, ele causou isso.

— Você tem muita coragem, Eva — murmurei, balançando a cabeça, mas não pude deixar de sorrir.

— Não diga isso. Estou um pouco apavorada. — Ela respirou fundo e baixou a cabeça. — É fácil ser adulta e má quando acha que não será punida.

— Eu deveria odiá-la — afirmei. — Não deveria me importar com o que acontecerá com você. Mas eu me importo, uma parte de mim sentindo-se sente culpada por algo que eu fiz por vontade própria.

— Não é por vontade própria se não sabe toda a verdade — respondeu. — Não se responsabilize por isso também. Já entendi. Eu vou ficar bem.

Olhei em seus olhos e percebi que ela estava falando sério, embora estivesse com medo.

— Eu te mandarei cartas.

— Concentre-se em Dorian. Para o seu bem e o de Alaric, ele tem que superar essa. — Respirei fundo e senti aquela dor no coração de novo. Ela colocou a mão no meu joelho. — Quando eu era adolescente, minha mãe me dizia: “Há boas fases como o amor e a luxúria, e há fases ruins como a tragédia, que todos nós passamos na vida, a única esperança através do ruim é lembrar-se das boas e se esforçar para tê-las de volta”.

— O diabo... quero dizer, Madame L, disse isso?

Ela riu.

— Ela estava um pouco tonta na época, mas ela disse que nem sempre foi daquele jeito. Acho que ela só estava refletindo sobre a tragédia de sua vida e

isso a fez atacar a tudo e a todos. Ela foi muito ruim com todo mundo, mas nunca me deu muita folga também.

— Eu sinto muito.

— Você diz isso demais, tem certeza de que não foi adotada do Canadá? — perguntou ela, e nós rimos. Escutamos uma batida na porta, e Rafael espreitou com a cabeça, olhando entre nós. — Os detetives estão esperando, mas posso segurá-los mais um pouco.

— Pode deixar. — Eva respirou fundo e depois se levantou. — Vejo você do outro lado desta fase, Lulu.

— Sim. — Concordei com a cabeça, pegando a garrafa de água que ela jogou para mim. Ela tinha acabado de chegar à porta quando eu disse: — Dorian e eu vamos abrir um restaurante em alguns anos, estamos pensando em chamá-lo de "O Carniceiro no Céu", também conhecido como "Le boucher dans le ciel".

Ela sorriu.

— Juro que tudo soa muito melhor em francês!

— Exatamente! — Eu ri.

Nós dividimos um último olhar e então ela se foi. Mas eu sabia que ela voltaria e eu a perdoaria.

Suspirando, eu levantei quando a porta se abriu. Desta vez, Dorian entrou e atrás dele vinham Goldie e Rafael, que estavam ambos quietos – algo completamente diferente de suas características.

— Então, essa posição de CEO é apenas temporária — afirmou Goldie, olhando diretamente para Dorian. — Só irei substituí-lo até que você melhore e nem um dia a mais.

— Alguns diriam que você não está nem mesmo qualificada para a posição agora — respondeu Dorian. — Rafael, tenho certeza de que vai ajudar para que ela não deixe o poder subir à cabeça.

— Ah, bom, estou ganhando uma promoção também. — Rafael tentou sorrir, mas depois olhou para mim. — Eu estou contando com você para cuidar do meu amigo aqui.

— Quantas vezes tenho que dizer isso? Nós não somos...

— Eu cuido dele — respondi, interrompendo Dorian quando fui até ele. — Vamos para o hospital agora.

— Vamos indo. — Ele pegou minha mão. — Eu ligo mais tarde para vocês.

Eles assentiram, e quando saímos do escritório, algumas outras pessoas no andar pararam o que estavam fazendo e ficaram olhando. Em parte, torcia para que aplaudissem, mas ao invés disso, todos disseram que o veriam quando ele voltasse. Dorian parecia atordoado, como se não esperasse que algum deles o

notasse saindo ou se importasse. Mas como podiam não fazer isso?

— Eles gostam de você. Eles realmente gostam de você — comentei suavemente quando chegamos no elevador.

Ele riu e olhou para mim.

— Quem diria, hein?

— Eu. É difícil não gostar de você — afirmei quando descemos na recepção. Mesmo ali, os guardas e os funcionários da recepção desejaram suas melhoras. Tenho certeza de que ele tentou não demonstrar, mas vi o pequeno sorriso em seus lábios.

— Senhor — disse Finnick, esperando na frente do carro. Os repórteres e até mesmo alguns dos manifestantes tinham ido embora, provavelmente seguindo os policiais levando Eva.

— Finnick, seu trabalho é tomar conta do CEO da Rhys-Gallagher National, que não sou mais eu — respondeu Dorian, estendendo a mão. — Acho que quero dirigir para a minha namorada hoje.

Finnick quis argumentar, deu para perceber, mas ele deixou para lá e deu as chaves para Dorian.

— Vou preparar seu treinamento de voo para quando voltar.

— Estou ansioso por isso — respondeu Dorian, abrindo a porta do lado do passageiro para mim. No caminho para o lado do motorista, ele cumprimentou Finnick e entrou no carro.

— Por que sempre diz que Rafael não é seu amigo? — perguntei quando ele parou na rua.

Ele sorriu.

— Porque ele não é. Nem Goldie, eles estão mais para família, tipo irmãos mais novos.

— Por que contou para eles?

— Nossa, não, eles ficariam me enchendo a paciência até o fim da vida. Dá para imaginar o Rafael? Ele entraria na minha sala, me chamando de “mano”.

Eu caí na gargalhada. Ele estava certo, e quanto mais aprendia sobre ele, mais o amava.



DORIAN

Nunca pensei nisso antes: como era maluco que o único jeito de nos salvarmos, às vezes, era nos envenenando. A quimioterapia era isso, um veneno. Veneno, que eu mesmo havia escolhido para injetar nas próprias veias. Aquilo ia

me deixar enjoado e me faria vomitar, perder peso, perder o cabelo, e era só o começo. Era insanidade. Tortura e, no entanto, não havia outro caminho.

— Vocês já conversaram sobre terem filhos? — meu médico perguntou, ao pé da minha cama.

Olhei para Luella e ela assentiu.

— Se quisermos mais filhos depois, iremos adotar.

— Tudo bem, vamos começar — avisou ele, apontando para a enfermeira.

Desviei o olhar da enfermeira e me concentrei apenas no rosto de Luella. Ela beijou meus dedos, de novo e de novo.

— Deve se acostumar com isso desde já — disse ela suavemente. — Vou te segurar para sempre.

— Ótimo, nunca me deixe.

SOBRE A AUTORA



J.J. MCAVOY

Então você quer saber mais a meu respeito? Por quê? Está me perseguindo?

Acho que está... Mas vou contar mesmo assim.

Nasci em Montreal, no Canadá e me formei em Ciências Humanas na Universidade de Carleton em 2016 com um diploma de honras. Sou a mais velha de três irmãs e adoro escrever há anos. Comecei com poesia, e dela passei para os contos antes de finalmente escrever meu primeiro romance aos 19 anos de idade. No entanto, nunca os publiquei, nem acho que vou publicar.

Eu me inspiro em tudo, desde as tragédias de Shakespeare até a cultura pop moderna. Meu romance, Ruthless People, se tornou um best-seller rapidamente e agora estou viajando pelo mundo todo; escrevendo, procurando inspiração e conhecendo os fãs.

Se quiser, poderá entrar em contato comigo através das minhas redes sociais e do meu site!

E sim, eu gosto muito de coroas.



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Temos o nosso próprio evento, o The Gift Day, onde fazemos parcerias com outras editoras para trazer autores nacionais e estrangeiros, além de modelos de capas.

A The Gift também está presente no mercado internacional de eventos, com patrocínio e participação em alguns como o RARE London (Fevereiro) e RARE Roma (Junho).

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

http://www.thegiftboxbr.com
Facebook.com/thegiftboxbr.com
Instagram: @thegiftboxbr
Twitter: @thegiftboxbr

Table of Contents

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Sobre a Autora